



**INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS (ILL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM (PPGLin)
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

KELLI SCHMIGUEL

***NÓS E A GENTE: SALIÊNCIA, PERCEPÇÕES E SIGNIFICADOS SOCIAIS
NO ESTADO DO CEARÁ***

**REDENÇÃO
2022**

KELLI SCHMIGUEL

NÓS E A GENTE: SALIÊNCIA, PERCEPÇÕES E SIGNIFICADOS SOCIAIS
NO ESTADO DO CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito à obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguagem e Integração.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres.

REDENÇÃO
2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Schmiguel, Kelli.

S372n

Nós e a gente: saliência, percepções e significados sociais no Estado do Ceará / Kelli Schmiguel. - Redenção, 2022.
227f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres.

1. Linguística. 2. Linguagem e língua - Variação. 3. Sociolinguística. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 306.44

KELLI SCHMIGUEL

*NÓS E A GENTE: SALIÊNCIA, PERCEPÇÕES E SIGNIFICADOS SOCIAIS
NO ESTADO DO CEARÁ*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito à obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguagem e Integração.

Aprovada em: 28/03/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Livia Oushiro
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

A Henrique,
com a esperança de que este
país te permita viver a vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres, que tão gentilmente me aceitou como sua orientanda, que esteve ao meu lado durante toda a produção desta pesquisa, muitas vezes acreditando mais em mim que eu mesma. Muito obrigada, Professor.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UNILAB, especialmente à Prof^a. Dr^a. Leidiane Freitas e ao Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre que nos acompanharam durante os três semestres de disciplinas.

Aos colegas da turma de mestrado, por compartilharem seus conhecimentos e dividirem seus aprendizados. Às amigas Prof^a. Ma. Munirah Lopes da Cruz e Prof^a. Ma. Jainy Kelly Santos Ramos (que orgulho escrever o título de vocês), pela amizade e parceria nas aventuras à Acarape e no processo conturbado de lotação. Vocês duas foram fundamentais.

À Prof^a. Dr^a. Cláudia Ramos Carioca, minha primeira orientadora, pela liberdade que sempre me deu para descobrir meus caminhos dentro do mestrado.

A Prof^a. Dr^a. Hebe de Macedo Carvalho e ao Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio pelas contribuições na banca de qualificação do projeto.

À Prof^a. Dr^a Lorena Rodrigues da Silva e ao Prof. Dr. Sávio André de Souza Cavalcante pelos valiosos apontamentos na banca de qualificação da dissertação em andamento.

À Prof^a. Dr^a. Livia Oushiro e ao Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio pelos estudos que embasam essa dissertação, pela leitura atenta do texto e pelas importantes discussões que trouxeram para a Defesa.

Ao meu parceiro, Jhonatan Rodrigues Barros, por me apoiar sempre e compreender a minha ausência, a minha falta de paciência, os meus medos. Agradeço a serenidade com que você me ajuda atravessar os momentos mais turbulentos.

Aos meus pais, Nazário Schmiguel (*em memória*) e Terezinha Schmiguel, por nos ensinarem que o estudo é o único caminho possível. Aos irmãos, Karla, Fernando e Henrique, por torcerem e vibrarem a cada conquista. À Louise, a melhor cunhada.

Ao Raulzito e ao Tonzin, dois pacotinhos de amor que nos lembram todos os dias que a vida deve ser leve e divertida.

À Daialen, por ser Daia, a guria mais gente boa desse mundo. À toda a família do MB, Doroti, Dione, Marcelo, Luciana e Edson pelos anos de amizade, pelo acolhimento, por serem minha referência de família no Ceará. À Janina e ao Roberto que, além de tudo isso, também foram meus consultores de fala cearense.

À Débora e Mari, minhas parceiras de vida desde sempre e à Família Formigueiro que me ajuda lembrar de onde eu vim e quem eu sou.

À Maylle Freitas, por ter me enviado um e-mail logo após a banca de qualificação do projeto. Você, menina, foi fundamental para esta pesquisa. Agradeço hoje, com a certeza de que nossas trocas e compartilhamentos renderão bons frutos.

Ao diretor da E. E. M. Ana Facó, Professor Jailson Tavares Cruz e aos coordenadores Jacó Regis, Célia Gomes e Edmilria Cruz por confiarem no meu trabalho, me motivarem a ser melhor e pelas trocas de horário que me permitiram conciliar trabalho e estudo. À coordenadora Maria do Livramento, a pessoa que faz o impossível e resolve qualquer problema.

Aos colegas da Área de Linguagens: Iletícia, Ana Maria, Márcia, Clemilda Paula, Rafael, Vanessa, Assis, Suélida, Fabíola, D. Aurineide e Edson pelas agradáveis manhãs de planejamento, por nossas trocas e aprendizados. À Camila por irradiar força e serenidade em todos os momentos.

Ao Núcleo Gestor e aos colegas da E.E.M. Francisca Moreira de Souza, pela maneira gentil como me receberam e pelas parceiras que estamos consolidando.

Aos professores e alunos participantes da pesquisa pela disposição em responder mais um dos tantos formulários que circularam durante a pandemia.

Aos meus alunos, com quem aprendo muito mais do que ensino.

Obrigada!

*Lembra o tempo
em que você sentia*

*e sentir
era a forma
mais sábia de saber*

E você nem sabia?

Alice Ruiz

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo investigar os fatores envolvidos na avaliação social dos falantes, por meio de testes inspirados em Lambert *et al.* (1960), Campbell-Kibler (2006) e Oushiro (2015, 2019), com estímulos escritos acerca dos usos variáveis de *nós* e *a gente* no português do Ceará, com o propósito de traçar um perfil sociodemográfico e de personalidade de quatro *perfis sociais* que representam os membros da comunidade de prática escolar e de identificar as percepções e os significados sociais atribuídos ao uso das variantes *nós* [-mos] (*nós falamos*), *a gente* [-0] (*a gente fala*), *nós* [-0] (*nós fala*) e *a gente* [-mos] (*a gente falamos*). A fundamentação teórica baseia-se na Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, [1972] 2008; WEINREICH; LABOV, HERZOG [1968] 2006), nas contribuições de Eckert (2004, 2005, 2012), além das pesquisas acerca do fenômeno em estudo (LOPES 1998; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; VIANNA, 2006; RUBIO, 2012a; 2012b; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018). A metodologia baseia-se nos testes de reação subjetiva, inspirada em Lambert *et al.* (1960), Campbell-Kibler (2006) e Oushiro (2015, 2019). Os participantes selecionados para a pesquisa foram 40 professores e 80 alunos do Ensino Médio da rede pública de educação do Ceará, distribuídos nas 8 macrorregiões administrativas Estado. Os dados foram analisados por método quantitativo e qualitativo, utilizando-se o programa estatístico SPSS para o cálculo de distribuição de frequências. Além de permitir traçar um perfil sociodemográfico e de personalidade de quatro *perfis sociais* que representam os membros da comunidade de prática escolar, os resultados indicam que, na percepção dos participantes, (i) o emprego das formas *nós* [-mos] e *a gente* [-0] pode estar relacionado à escolarização, à faixa etária e ao contexto de formalidade/informalidade; a variante *a gente* [-0] é pouco saliente na comunidade de prática e pode ser considerada do tipo marcador (LABOV (1972 [2008])), sendo os alunos menos conscientes do uso dessa variante; (iii) as formas *nós* [-0] e *a gente* [-mos], que recebem o maior quantitativo de atribuições para os *perfis sociais* que representam alunos, especialmente os alunos homens, podem ser consideradas do tipo estereótipo (LABOV, [1972] 2008); (iv) a variante *a gente* [-mos] aparenta ser um fator de diferenciação dos professores dentro da comunidade de prática e sua associação ao verbo em primeira pessoa do plural indica traços de hipercorreção entre os alunos. Além disso, em consonância com os dados de produção, os resultados

desta pesquisa mostram que os participantes tendem a fazer maior número de menções às frases construídas com *nós* [-mos] ou *a gente* [-0] quando essas frases apresentam contextos linguísticos que favorecem a variante, como em *Nós terminamos se não me engano foi em setembro* em que o verbo empregado no pretérito perfeito do indicativo favorece a variante *nós* [-mos] e em *A gente morava aqui já naquela época* em que o verbo empregado no pretérito imperfeito do indicativo favorece a variante *a gente* [-0], confirmando a tendência apontada por Naro, Görski, Fernandes (1999).

Palavras-chave: *Nós* e *a gente*; Percepção linguística; Avaliação linguística; Variação linguística; Sociolinguística.

ABSTRACT

This master thesis objective is to investigate the factors evolved in the social evaluation of speakers using tests inspired by Lambert *et al.* (1960), Campbell- Kibler (2006) and Oushiro (2015, 2019) to better understand the use of personal first person plural *nós* and *a gente* in Brazilian Portuguese spoken in Ceará. The aim is to trace personality and a sociodemographic profile of four *social profiles* which represent members of the school's community of practice and to identify perceptions and social meanings related to Portuguese's first person plural subject pronouns variants *nós* [-mos] (*nós falamos*), *a gente* [-0] (*a gente fala*), *nós* [-0] (*nós fala*) and *a gente* [-mos] (*a gente falamos*). The theoretical basis is the Theory of Language Variation and Change (LABOV, [1972] 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968] 2006), Eckert's contribution to sociolinguistics studies (ECKERT, 2004, 2005, 2012) and studies about the phenomenon in question (LOPES 1998; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; VIANNA, 2006; RUBIO, 2012a; 2012b; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018). The methodology is based on evaluation reactions tests, inspired in Lambert *et al.* (1960), Campbell-Kibler (2006) and Oushiro (2015, 2019). The informants were students and teachers in public high schools in Ceará/Brazil. The sample contains 80 high school students and 40 high school teachers distributed along the 8 macro-regions from Ceará. The analyses follow qualitative and quantitative methods, using SPSS for computing frequencies and distributional patterns. The results have shown that the test was capable to collect important data which allow to trace personality and a sociodemographic profile of four *social profiles* which represent members of the school's community of practice. Considering the linguistic variants on informants' perception, (i) the use of *nós* [-mos] and *a gente* [-0] forms may be related to education, age group, and formality/informality contexts; (ii) *a gente* [-0] is slightly salient in the community of practice and may be considered a marker (LABOV (1972 [2008])) and students were less sensitive to this variant use; (iii) the forms *nós* [-0] and *a gente* [-mos] receive major attribution to students' *social profile*, especially male students, and may be considered stereotypes (LABOV, [1972] 2008); (iv) the variant *a gente* [-mos] seems to be a distinctive factor of teachers inside the community of practice and that the plural first-person verbal tense indicates traces of hypercorrection by students. Beyond that, according to linguistic production data, the results show that the participants tend to apport a major number of selections on sentences that contain *nós*

[-mos] or *a gente* [-0] when these sentences exhibit linguistic contexts that favor the variant at stake, as the sentence: *Nós terminamos se não me engano foi em setembro*, composed within a past perfect verb, which favors the *nós* [-mos] variant, as well the sentence: *A gente morava aqui já naquela época* is composed within a past continuous verb, which favors the *a gente* [-0] variant. These phenomena act in accordance with Naro, Görski and Fernandes (1999) pointed tendency.

Keywords: *Nós* and *a gente*; Linguistic perception; Linguistic evaluation; Linguistic variation; Sociolinguistics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	– Nomeação da língua pelos participantes.....	92
Imagem 2	– Pré-teste 1 – Características da forma de falar.....	93
Imagem 3	– Estímulos de texto 1 e 2 e porcentagem de respostas à pergunta: Você já respondeu sobre este texto?	94
Imagem 4	– Pré-teste 2 – Q1B1 – <i>Perfil social 1</i> – homem – respostas ao primeiro Quarteto – Pergunta com a estrutura <i>Campos de calor</i>	97
Imagem 5	– Pré-teste 2 – Bloco 3 – Questão 4 – atribuições de valor negativo ou positivo às palavras.....	98
Imagem 6	– Pré-teste 2 – Bloco 3 – Questão 4 – Nuvem de palavras com valor negativo/valor positivo.....	99
Imagem 7	– <i>Layout</i> da apresentação dos <i>perfis sociais</i>	101
Imagem 8	– Disposição dos <i>perfis sociais</i> no questionário	102
Imagem 9	– Apresentação dos Quartetos aos participantes – Vista computador e vista celular.....	103
Imagem 10	– Seção 5 - Caracterização sociodemográfica do <i>perfil social</i> – vista celular.....	104
Imagem 11	– Seção 5 - Caracterização sociodemográfica do <i>perfil social</i> – vista celular	105
Imagem 12	– Classificação dos participantes – visão do editor – vista computador.....	107
Imagem 13	– Seção 10 e Seção 11 – Dados Sociodemográficos – Alunos(as) e Professores(as) – Questão 1 – Idade – vista computador.....	107
Imagem 14	– Seção 10 – Classificação dos participantes – visão do editor – vista computador.....	107
Imagem 15	– Seção 11 Dados Sociodemográficos - Disciplina que leciona – vista computador.....	108

Imagem 16 – Seções 10 e 11 - Dados Sociodemográficos – Alunos(as) e Professores(as) – Questões 3 e 4 – Identificação de gênero e autodeclaração de cor/raça /etnia – vista computador.....	108
Imagem 17 – Seção 10 e 11 – Dados Sociodemográficos - Tempo de contato do participante com o vernáculo cearense e – Cidade de residência – vista computador.....	109
Imagem 18 – Seções 10 e 11 – Crenças sobre o emprego dos pronomes na fala e na escrita.....	109
Imagem 19 – Mensagem de confirmação e agradecimento – vista computador.....	110
Imagem 20 – Distribuição dos participantes no Estado do Ceará.....	117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Número de participantes segundo o porte das cidades cearenses...	118
Gráfico 2	– Percentual de matrículas por cor/raça segundo as etapas de ensino – Ceará– 2020.....	121
Gráfico 3	– Número de docentes do Ensino Médio segundo a faixa etária e sexo – Ceará 2020.....	121
Gráfico 4	– Atribuição de características de personalidade ao <i>perfil social 1</i>	124
Gráfico 5	– Atribuição de características de personalidade ao <i>perfil social 2</i>	125
Gráfico 6	– Atribuição de características de personalidade ao <i>perfil social 3</i>	126
Gráfico 7	– Atribuição de características de personalidade ao <i>perfil social 4</i>	127
Gráfico 8	– Comparação etária P1 <i>versus</i> P3.....	129
Gráfico 9	– Comparação etária P2 <i>versus</i> P4.....	129
Gráfico 10	– Comparação cor/raça/etnia – 4 perfis sociais (em %)	130
Gráfico 11	– Características de personalidade - 4 <i>perfis sociais</i>	131
Gráfico 12	– Dedicção aos estudos – 4 <i>perfis sociais</i>	133
Gráfico 13	– Capacidade de comunicação – 4 <i>perfis sociais</i>	136
Gráfico 14	– Aceitação social – 4 <i>perfis sociais</i>	138
Gráfico 15	– Q1a – Quantitativo total de menções.....	142
Gráfico 16	– Q1a – Menções para as 4 frases.....	144
Gráfico 17	– Q1aF1 (<i>nós [-mos]</i>) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	147
Gráfico 18	– Q1aF2 (<i>a gente [-o]</i>) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	148
Gráfico 19	– Q1aF3 (<i>nós [-o]</i>) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	149
Gráfico 20	– Q1aF4 (<i>a gente [-mos]</i>) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	150

Gráfico 21 – Q1b – Quantitativo total de menções.....	152
Gráfico 22 – Q1b – Menções para as 4 frases.....	153
Gráfico 23 – Q1bF1 (<i>a gente</i> [-0]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	156
Gráfico 24 – Q1bF2 (<i>nós</i> [-0]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	157
Gráfico 25 – Q1bF3 (<i>nós</i> [-mos]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	158
Gráfico 26 – Q1bF4 (<i>a gente</i> [-mos]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	159
Gráfico 27 – Q2a – Quantitativo total de menções.....	161
Gráfico 28 – Q2a – Menções para as 4 frases.....	163
Gráfico 29 – Q2aF1 (<i>nós</i> [-mos]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	165
Gráfico 30 – Q2aF2 (<i>a gente</i> [-0]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	166
Gráfico 31 – Q2aF3 (<i>nós</i> [-0]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	167
Gráfico 32 – Q2aF4 (<i>a gente</i> [-mos]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> Quantitativo de menções (N).....	168
Gráfico 33 – Q2b – Quantitativo total de menções.....	169
Gráfico 34 – Q2b – Menções para as 4 frases.....	171
Gráfico 35 – Q2b – Q2bF1 (<i>nós</i> [-mos]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções (N).....	173
Gráfico 36 – Q2bF2 (<i>a gente</i> [-0]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções	174
Gráfico 37 – Q2bF3 (<i>nós</i> [-0]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções (N).....	175

Gráfico 38 – Q2bF4 (<i>a gente</i> [-mos]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções (N).....	176
Gráfico 39 – Q3a – Quantitativo total de menções.....	178
Gráfico 40 – Q3a– Menções para as 4 frases.....	179
Gráfico 41 – Q3aF1 (<i>a gente</i> [-0]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções (N).....	181
Gráfico 42 – Q3aF2 (<i>nós</i> [-0]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções (N).....	182
Gráfico 43 – Q3aF3 (<i>nós</i> [-mos]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções (N).....	183
Gráfico 44 – Q3aF4 (<i>a gente</i> [-mos]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções (N).....	184
Gráfico 45 – Q3b – Quantitativo total de menções.....	185
Gráfico 46 – Q3b – Menções para as 4 frases.....	187
Gráfico 47 – Q3bF1 (<i>a gente</i> [-0]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções (N).....	189
Gráfico 48 – Q3bF2 (<i>nós</i> [-0]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções (N).....	190
Gráfico 49 – Q3bF3 (<i>nós</i> [-mos]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções (N).....	191
Gráfico 50 – Q3bF4 (<i>a gente</i> [-mos]) – Expectativa proporcional (E) <i>versus</i> quantitativo de menções (N).....	190

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estudos de ocorrência das variantes <i>nós</i> e <i>a gente</i> por região do Brasil.....	53
Tabela 2 – Tempo e tipo de paradigma verbal das amostras da Baixada Cuiabana (BC), Vitória (VIT) e Fortaleza (FOR).....	70
Tabela 3 – Alternância pronominal e concordância em quatro amostras analisadas por Freitag (2016)	74
Tabela 4 – Perfil sociodemográfico dos informantes.....	119
Tabela 5 – Estratificação dos Dados Q1a.....	146
Tabela 6 – Estratificação dos Dados Q1b.....	154
Tabela 7 – Estratificação dos Dados Q2a.....	164
Tabela 8 – Estratificação dos Dados Q2b.....	172
Tabela 9 – Estratificação dos Dados Q3a.....	180
Tabela 10 – Estratificação dos Dados Q3b.....	188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Realizações pronominais e formas correlatas e padrões de conjugação verbal em variedades da língua portuguesa.....	52
Quadro 2	Contraste entre os dados de produção e o julgamento dos falantes...	77
Quadro 3	Variáveis independentes linguísticas - Organização dos quartetos....	84
Quadro 4	Frases dos Quartetos.....	85
Quadro 5	Organização das variáveis independentes extralinguísticas.....	88
Quadro 6	Etiqueta <i>perfis sociais</i>	141
Quadro 7	Etiqueta <i>quartetos</i>	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CONEP	Conselho Nacional de Ética em Pesquisa
CEP	Conselho de Ética em Pesquisa
CREDE	Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
MS	Ministério da Saúde
NBR	Norma Brasileira Regulamentar
PUCP	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PB	Português Brasileiro
Pr.	Peso relativo
SECNS	Secretária do Conselho Nacional de Saúde
SEDUC	Secretaria de Educação do Ceará
SIBI	Sistema Integrado de Bibliotecas
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Trad.	Tradutor
Unilab	Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
2	REFERENCIAL TEÓRICO	29
2.1	Língua e sociedade	29
2.2	O problema da avaliação	30
2.3	As Três Ondas da Sociolinguística: os modelos de agrupamentos sociais e comunidades linguísticas	33
2.4	Identidade e significados sociais	37
2.5	Os estudos pelo viés da percepção linguística	39
3	O FENÔMENO EM ESTUDO	49
3.1	<i>Nós e a gente</i>: considerações iniciais	49
3.2	Estudos variacionistas pelo viés da produção	53
3.3	<i>Nós e a gente</i>: fatores que favorecem o emprego das formas	55
3.3.1	<i>Sujeito expresso</i>	55
3.3.2	<i>Referência genérica X Referência específica</i>	56
3.3.3	<i>Paralelismo</i>	57
3.3.4	<i>Ordem canônica</i>	58
3.3.5	<i>Saliência fônica</i>	58
3.3.6	<i>Tempo verbal</i>	61
3.3.7	<i>Tipo de verbo</i>	63
3.3.8	<i>Escolaridade</i>	63
3.3.9	<i>Faixa etária</i>	64
3.3.10	<i>Sexo/gênero</i>	66
3.4	<i>Nós e a gente</i>: estudos pelo viés da produção no Ceará	67
3.5	<i>Nós e a gente</i>: estudos pelo viés da percepção	73
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	81
4.1	Variáveis independentes linguísticas - os <i>quartetos</i>	82
4.2	Variáveis independentes extralinguísticas – <i>perfis sociais</i> e dados dos participantes	87
4.3	Pré-testes do questionário	89
4.4	Construção do questionário da pesquisa	99
4.5	Seleção e Abordagem dos participantes – procedimentos éticos	110

5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	116
5.1	Perfil dos participantes	117
5.2	Caracterização dos perfis sociais	122
5.2.1	<i>Perfil social 1 – Cearense, mulher, estudante do Ensino Médio</i>	123
5.2.2	<i>Perfil social 2 – Cearense, mulher, professora de português do Ensino Médio</i>	124
5.2.3	<i>Perfil social 3 – Cearense, homem, estudante do ensino Médio</i>	125
5.2.4	<i>Perfil social 4 – Cearense, homem, professor de português do Ensino Médio</i>	127
5.3	Comparação entre os perfis sociais	128
5.3.1	<i>Comparação de dados sociodemográficos dos perfis sociais</i>	128
5.3.2	<i>Comparação das características de personalidade</i>	131
5.3.2.1	<i>Dimensão de personalidade dedicação aos estudos</i>	132
5.3.2.2	<i>Dimensão de personalidade capacidade de comunicação</i>	135
5.3.2.3	<i>Dimensão de personalidade aceitação social</i>	137
5.4	Variáveis linguísticas – os quartetos	140
5.4.1	<i>Quarteto 1a (Q1a)</i>	142
5.4.2	<i>Quarteto 1b (Q1b)</i>	151
5.4.3	<i>Quarteto 2a (Q2a)</i>	160
5.4.4	<i>Quarteto 2b (Q2b)</i>	169
5.4.5	<i>Quarteto 3a (Q3a)</i>	177
5.4.6	<i>Quarteto 3b (Q3b)</i>	185
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
	REFERÊNCIAS	199
	APÊNDICE A – PRÉ-TESTE 1 – APLICADO A ALUNOS DE LETRAS DA UNILAB	207
	APÊNDICE B – PRÉ-TESTE 2 – APLICADO A PÓS-GRADUANDOS	211
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA – APLICADO A PROFESSORES DE PORTUGUÊS E REDAÇÃO E ALUNOS DA REDE PÚBLICA DO CEARÁ	215
	ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética	223

1 INTRODUÇÃO

Nós pega o peixe. Essa frase escrita em um livro didático destinado ao ensino de jovens e adultos deu início, em 2011, a um dos mais acalorados debates linguísticos do país. De um lado, jornalistas, colunistas, a grande imprensa, políticos e a população, revoltados com o “assassinato” da Língua Portuguesa, advogavam em favor da norma culta. No outro campo do embate, sociolinguistas e professores tentavam explicar a diversidade linguística do país. Rapidamente, as opiniões, os argumentos e as posições, de ambos os lados, ganharam contornos políticos, ideológicos e econômicos, destacando no fenômeno linguístico suas implicações sociais.

No Português Brasileiro (PB), *nós* e *a gente* são as duas formas utilizadas para a expressão de primeira pessoa do plural¹. O pronome *nós* associado ao verbo na primeira pessoa do plural, indicado pela desinência [-mos] (*nós falamos*) é a variante padrão da língua portuguesa, já a forma *a gente*, associada ao verbo na terceira pessoa do singular com desinência [-0] (*a gente fala*) é a variante inovadora para a expressão de primeira pessoa do plural. Essas duas formas são amplamente difundidas entre os falantes do PB e os estudos sociolinguísticos pelo viés da produção indicam que elas são as formas prestigiadas. Há ainda, duas variantes alternativas: o pronome *nós* com a desinência [-0] (*nós fala*) e a forma pronominal *a gente* com a desinência [-mos] (*a gente falamos*), para essas duas variantes há indícios de estigma.

A alternância pronominal de primeira pessoa do plural do PB e a covariação com as possibilidades de concordância verbal (*nós* [-mos] / *a gente* [-0] / *nós* [-0] / *a gente* [-mos]) talvez seja um dos fenômenos mais estudados do Português Brasileiro (FREITAG, 2016). Trabalhos como os de Omena (1986, 1996, 2003), Lopes (1998, 2002), Zilles (2005) e Zilles e Batista (2006) investigaram a inserção da expressão *a gente* sob a ótica da gramaticalização. Quanto à frequência de uso, estudos como os de Lopes (1998), Naro, Görski e Fernandes (1999), Vianna (2006), Rubio (2012a), Araújo (2016), Scherre, Yacovenco e Naro (2018), Carvalho, Freitas e Favacho (2020) entre outros, buscaram investigar, além da inserção do pronome *a gente* na fala culta

¹Os estudos de produção indicam ainda haver variação fonética na expressão das formas *nós* ([ˈnɔi], [ˈnɔɪs]) e *a gente* ([aˈʒɛtʃi], [aˈʒɛti], [aˈhɛtʃi], [aˈhɛti]).

e popular do PB, os contextos de produção e variáveis linguísticas e extralinguísticas que restringem ou favorecem o emprego das formas.

De maneira geral, os estudos de frequência de uso dos pronomes *nós* e *a gente* “trazem indícios da regularização da forma *a gente* no paradigma pronominal, apontam para uma mudança em curso e, a partir do critério de frequência e pelo viés da escolarização, infere-se que a forma não é estigmatizada” (FREITAG, 2016, p. 891). Esses mesmos estudos, no entanto, apontam que a frequência das combinações *nós* [-0] (*nós fala*) e *a gente* [-mos] (*a gente falamos*) são baixíssimas em todo o país. Essa baixa taxa de ocorrência das combinações não padrão talvez seja um caminho para explicar a avaliação negativa da expressão *nós pega* que gerou tantos embates e discussões.

No sentido oposto, a prevalência da variante inovadora *a gente* em combinação com a concordância verbal de terceira pessoa [-0] é amplamente documentada no país em estudos sociolinguísticos pelo viés da produção. Vianna e Lopes (2015) apresentam um panorama dos estudos dedicados a essas variantes em todo o território nacional. No Estado do Ceará, essa mesma tendência é observada. O estudo conduzido por Araújo (2016), utilizando o banco de dados Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), aponta prevalência de uso de 66% da variante *a gente* contra 34% de uso da variante *nós*. No mesmo sentido segue o estudo conduzido por Carvalho, Freitas e Favacho (2020) com a base de dados do projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) que indica taxa de emprego de 62% para a variante *a gente* [-0] e 37,8% para a variante *nós* [-mos]. Neste estudo, as variantes *nós* [-0] e *a gente* [-mos] totalizam apenas 0,2% das ocorrências.

Para Labov ([1972] 2008), a avaliação social das variantes é fator relevante para o progresso ou barramento da mudança linguística. Assim, formas avaliadas positivamente tendem a ser incorporadas ao vernáculo e empregadas até que os falantes não tenham mais consciência de significados sociais atribuídos a elas, quando, então, a mudança linguística se completa. Já as variantes avaliadas negativamente tendem a ser barradas na mudança linguística ou se restringir a determinados estratos sociais. Quando se analisam as taxas de emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural em covariação com a concordância verbal no PB, confirma-se a assertiva de que “a grande generalização é: faça mais concordância, seja ela plural, por meio do morfema verbal expresso associado ao sujeito *nós*; seja

ela singular, por meio de morfema verbal zero associado ao sujeito *a gente*” (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018, p. 18).

Se por um lado os estudos sociolinguísticos pelo viés da produção (LOPES, 1998, 2002; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; OMENA, 2003; RUBIO, 2012a; ARAÚJO, 2016, 2020; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020) vêm demonstrando uma clara tendência do predomínio da forma *a gente* [-0] sobre a forma *nós* [-mos]; por outro, os estudos pelo viés da percepção têm se dedicado a tentar entender quais valores são atribuídos às variantes e, por que, mesmo informantes com 100% de produção da variante *a gente*, creem utilizar mais a forma *nós*, como demonstrou Freitag (2016). As respostas para essas perguntas podem estar na avaliação que os falantes fazem dessas formas e nos significados sociais a elas atribuídos. Nesse sentido, a rede pública de educação do Estado do Ceará poderia ser entendida, aproximando-se do termo de Eckert (2012), como uma grande *comunidade de prática*², e parece ser um ambiente propício para a difusão e consolidação desses significados sociais, especialmente quando relacionados aos *perfis sociais* que compõem esse ambiente de indivíduos engajados em prol de um empreendimento comum – a educação.

Investigar os fatores envolvidos na avaliação social dos falantes quanto ao emprego das formas *nós* [-mos]/*a gente* [-0]/*nós* [-0] e *a gente* [-mos] é importante para se compreender o processo de mudança ou barramento das variantes. A fim de reunir dados sociolinguísticos relevantes para esta pesquisa, foram escolhidos como participantes professores e alunos do Ensino Médio da rede pública estadual cearense.

Assim, esta pesquisa busca, principalmente, responder à pergunta: quais são as percepções de professores e de alunos do Ensino Médio da rede pública do Estado do Ceará acerca das características sociais, de personalidade e linguísticas de quatro *perfis sociais* (*cearense, mulher, aluna do Ensino Médio/cearense, mulher, professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio/cearense, homem, aluno do Ensino Médio/cearense, homem, professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio*) que constituem a comunidade de prática escolar?

² Eckert (2012) emprega o termo *comunidade de prática* em referência a agrupamentos de falantes específicos como jocks e burnouts, por exemplo. A rede de educação básica do Estado do Ceará é mais ampla e abrangente que a delimitação feita pela autora. Como não há um termo consagrado academicamente que faça referência a um agrupamento tão amplo, optou-se, neste trabalho, pelo emprego do termo *comunidade de prática* ainda que não exatamente como descrito pela autora.

Além dessa, a pesquisa também busca responder: i) quais relações existem entre as percepções dos participantes acerca das características sociais e de personalidade atribuídas aos *perfis sociais* e as percepções para as variantes linguísticas *nós* [-mos], *a gente* [-0], *nós* [-0] e *a gente* [-mos]?; ii) quais são os dados disponíveis das pesquisas pelo viés de produção das variantes *nós* [-mos], *a gente* [-0], *nós* [-0] e *a gente* [-mos] no Brasil e no Ceará e quais fatores sociais e linguísticos favorecem ou desfavorecem o emprego de cada uma das quatro variantes?; iii) há semelhança entre as percepções dos participantes da pesquisa acerca do emprego das variantes *nós* [-mos], *a gente* [-0], *nós* [-0] e *a gente* [-mos] pelos *perfis sociais* que representam membros da comunidade de prática escolar com os dados de produção dessas variantes no Brasil e no Ceará?

O objetivo central desta investigação é identificar as percepções de professores e alunos do Ensino Médio da rede pública do Estado do Ceará acerca das características sociais, de personalidade e linguísticas de quatro *perfis sociais* (*cearense, mulher, aluna do Ensino Médio / cearense, mulher, professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio / cearense, homem, aluno do Ensino Médio / cearense, homem, professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio*) que constituem a comunidade de prática escolar.

Como objetivos secundários, tem-se: i) relacionar as percepções dos participantes acerca das características sociais e de personalidade atribuídas aos *perfis sociais* com as percepções linguísticas das variantes *nós* [-mos], *a gente* [-0], *nós* [-0] e *a gente* [-mos]; ii) fazer um levantamento das pesquisas pelo viés de produção das variantes *nós* [-mos], *a gente* [-0], *nós* [-0] e *a gente* [-mos] no Brasil e no Ceará que visa identificar quais fatores sociais e linguísticos favorecem ou desfavorecem ou o emprego de cada uma das quatro variantes; iii) contrastar as percepções dos participantes acerca do emprego das variantes *nós* [-mos], *a gente* [-0], *nós* [-0] e *a gente* [-mos] pelos *perfis sociais* que representam membros da comunidade e prática escolar com os dados descritos pelos estudos pelo viés da produção dessas variantes no Brasil e no Ceará.

A hipótese que norteia este estudo é a de que professores e alunos têm percepções diferentes sobre as características sociais, de personalidade e linguísticas de quatro *perfis sociais* (*cearense, mulher, aluna do Ensino Médio/cearense, mulher, professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio/cearense, homem, aluno do*

Ensino Médio/cearense, homem, professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio) que constituem a comunidade de prática escolar.

Como hipóteses secundárias, têm-se: i) a relação que existe entre as percepções dos participantes acerca das características sociais e de personalidade atribuídas aos *perfis sociais* e as percepções para as variantes linguísticas *nós* [-mos], *a gente* [-0], *nós* [-0] e *a gente* [-mos] se estabelece para além dos fatores sociodemográficos e está associada ao *status* social do falante dentro da comunidade de prática; ii) os dados disponíveis das pesquisas pelo viés de produção das variantes *nós* [-mos], *a gente* [-0], *nós* [-0] e *a gente* [-mos] no Brasil e no Ceará indicam fatores relevantes também para a identificação das percepções linguísticas das variantes em estudo; iii) há semelhanças entre as percepções dos participantes acerca do emprego das variantes prestigiadas *nós* [-mos], *a gente* [-0] com os dados de produção dessas variantes no Brasil e no Ceará e discrepâncias entre os dados de produção e de percepção para as variantes não padrão *nós* [-0] e *a gente* [-mos].

Dessa maneira, este trabalho justifica-se à medida que contribui para a compreensão dos significados sociais atribuídos ao uso dos pronomes *nós* e *a gente* em posição de sujeito e suas covariações com a presença ou ausência de marcas morfológicas na concordância verbal. Além disso, desvelar esses significados sociais pode ser um indicativo para explicar as discrepâncias entre os dados da fala e as crenças os falantes têm sobre esses usos. Para além disso, esta pesquisa pode indicar o papel do contexto escolar e das práticas linguísticas dessa comunidade de prática no favorecimento ou barramento de uma mudança em curso.

Considerando que as pesquisas de avaliação e percepção sociolinguísticas ainda não possuem tradição no Brasil, com destaque para os trabalhos de Zilles (2007), Oushiro (2015, 2019), Freire (2016), Freitag (2016), Freitag *et al.* (2016), Freitag *et al.* (2018), Correia (2021) e, no estado do Ceará, Freitas e Carvalho (2020), Freitas, Rodrigues, Santos (2021) a ampliação dos estudos de avaliação e percepção linguística acerca dos fenômenos variáveis do PB pode trazer novos indícios de significados sociais atribuídos às variantes, que possivelmente influenciam a mudança linguística. Do ponto de vista teórico-metodológico, por aplicar uma metodologia que busca investigar, para além de variantes fonéticas (OUSHIRO, 2015, 2019; FREIRE, 2016; CORREIA, 2021) e da alternância pronominal (ZILLES, 2007; FREITAG, 2016; FREITAS; CARVALHO, 2020), também as avaliações e as percepções acerca da combinação pronome + concordância verbal na primeira pessoa do plural do PB esta

pesquisa pode indicar novas possibilidades de estudos futuros por pesquisadores da Unilab e do Estado do Ceará e contribuir para um quadro mais amplo dos estudos variacionistas no país. Como benefício social, esta pesquisa poderá possibilitar a compreensão de aspectos relevantes da variedade do português brasileiro falado no Ceará.

Este trabalho está organizado em 6 capítulos, incluindo-se a introdução e as considerações finais. O segundo capítulo faz um levantamento teórico sobre o processo de variação e mudança linguística, abordando a relação entre língua e sociedade, os estudos sociolinguísticos pelo viés da produção e pelo viés da percepção, além dos métodos de investigação já desenvolvidos, especialmente os testes de reação subjetiva. O terceiro capítulo trata do fenômeno em investigação e, nesse capítulo, são apresentados os dados de estudos recentes no país sobre a alternância pronominal de primeira pessoa do plural e as possibilidades de covariação com as formas verbais. Também são discutidas as variáveis linguísticas e extralinguísticas que favorecem ou desfavorecem o emprego das formas. A última seção do terceiro capítulo faz um levantamento dos estudos acerca das variantes *nós* e *a gente* no Estado do Ceará pelo viés da produção e pelo viés da percepção.

O quarto capítulo dedica-se a detalhar os procedimentos metodológicos da pesquisa. Nesse capítulo, são apresentados os métodos empregados para a construção dos *quartetos*, dos *perfis sociais* e do *questionário* da pesquisa. Também é no capítulo 4 que se detalham a seleção e a abordagem dos participantes e os procedimentos éticos adotados na coleta de dados. Por fim, o quinto capítulo trata dos resultados da pesquisa. Nesse capítulo é apresentada a caracterização demográfica e de personalidade construído a partir dos dados coletados de cada um dos quatro *perfis sociais* investigados, além de um comparativo entre esses perfis. Nesse capítulo também são apresentadas e discutidas as percepções dos participantes acerca do emprego das quatro variantes em estudo e como essas percepções se aproximam ou distanciam dos dados de produção.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta os pressupostos teóricos que dão suporte a esta pesquisa. Na primeira seção, discute-se a relação fundamental entre língua e sociedade. Na segunda seção, são apresentadas discussões acerca do problema da avaliação conforme proposto por Labov ([1972] 2008) como fator relevante para a variação linguística. Na sequência, é abordada a relação entre as identidades dos sujeitos e os significados sociais atribuídos às variantes. Na quarta seção, discute-se a relação dos modelos de agrupamento social, segundo a perspectiva das Três Ondas da Sociolinguística proposta por Eckert (2012). Por fim, são apresentados estudos que visam investigar as percepções dos falantes acerca das variantes.

2.1 Língua e Sociedade

A Sociolinguística Variacionista surge dos estudos conduzidos na ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts (EUA), por William Labov (1963), em que o pesquisador investigou a elevação do núcleo dos ditongos /ay/ e /aw/ (como em *right* e *house*) no inglês dessa região. Esse estudo compõe um ensaio escrito em parceria com Uriel Weinreich e Marvin Herzog que foi apresentado em 1966, no congresso intitulado *Directions for Historical Linguistics* no Texas (EUA) e publicado em 1968. Além desse estudo inicial, o texto *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança e variação linguística* (WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968] 2006) também apresenta o estudo de Labov sobre a estratificação do /r/ nas lojas de departamento da Cidade de Nova York, o estudo do iídiche no norte da Polônia realizado por Herzog e o Atlas linguístico e cultural dos judeus asquenazes produzido por Weinreich, foram compilados e encaixados em uma visão mais ampla da história das línguas (Labov ([1972] 2008)). Na sequência, em 1972, Labov publica *Padrões Sociolinguísticos*.

A partir da publicação dessas duas obras, a concepção linguística de Weinreich, Labov, Herzog ([1968] 2006) começa a se contrapor às concepções e modelos de análise anteriores, como o estruturalismo, que propõe ser a língua uma estrutura homogênea, e o gerativismo chomskyniano, que prevê um falante ideal em uma estrutura linguística abstrata, estável e homogênea. Labov, inspirado nas

reflexões de Weinreich, propõe um modelo de análise que considera a língua a partir do seu uso social e que as escolhas linguísticas dos falantes são condicionadas por fatores extralinguísticos que interferem nessas escolhas. No modelo proposto por Labov, é impossível separar a língua de seu contexto de uso e os falantes dos fatores sociais em que estão inseridos. A perspectiva laboviana de que a língua é uma estrutura heterogênea, socialmente dinâmica, influenciada por fatores linguísticos e extralinguísticos vem suprir lacunas deixadas pelo Estruturalismo e pelo Gerativismo, e a Sociolinguística passa a ser sinônimo do estudo da variação e da mudança linguística.

No estudo sobre os ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, Labov ([1972] 2008) constatou que a variante não-padrão predominava entre parte dos falantes nativos como forma de manter uma identidade local, enquanto a variante padrão predominava entre os turistas. Então, se há variantes e se “duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com o mesmo valor de verdade, i.e., com o mesmo significado” (COELHO *et al.*, 2010, p. 21), não é possível dizer que o emprego do falante por uma ou outra forma seja aleatória.

Os estudos variacionistas apontam uma forte vinculação entre o uso de uma variante e fatores sociais. Assim, as macrocategorias sociodemográficas, como localização geográfica, idade, sexo, escolaridade e situação socioeconômica são fatores de interesse nos estudos sociolinguísticos, pois permitem mapear o emprego das variantes linguísticas pelos falantes em suas interações comunicativas.

Para Labov ([1972] 2008), é somente a partir das interações sociais e do uso coletivo que a língua pode ser estudada. Labov rejeita os modelos propostos por Saussure e Chomsky de se entender a língua a partir do indivíduo, do idioleto e da gramática individual. Na perspectiva laboviana, “produções e interpretações de *um falante* não são o lugar primário da investigação linguística nem as unidades finais da análise” (COAN; FREITAG, 2010 p.174, grifo nosso). O falante seria, nesse modelo, parte de uma estrutura maior de interesse da Sociolinguística: a comunidade de fala.

2.2 O problema da avaliação

O nível de consciência social que permite o julgamento do falante acerca de uma variante é fator importante para a mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006). A avaliação social de uma variante é determinante para a

constituição da identidade linguística dos falantes e os valores atribuídos a elas estratificam as variáveis linguísticas em três níveis de apreciação social: os estereótipos, muito sensíveis à avaliação social; os marcadores, razoavelmente sensíveis à avaliação; e os indicadores, pouco sensíveis à avaliação social (LABOV, [1972] 2008). Na tradição da sociolinguística variacionista, a avaliação social das variantes linguísticas “costuma ser inferida a partir de padrões de uso decorrentes da estratificação sociodemográfica da amostra” (FREITAG, 2016, p. 900).

Os estudos da primeira onda, sob a perspectiva laboviana, permitiram traçar uma correlação direta entre a estratificação social na qual uma variante ocorre com maior frequência e o valor social atribuído a ela. A hierarquia socioeconômica dos falantes seria, então, um fator determinante para a mudança linguística. Para Labov (2001), a mudança na língua pode ocorrer como “mudanças de cima” e “mudanças de baixo”:

Mudanças de cima são introduzidas pela classe social dominante. Normalmente, representam empréstimos de outras comunidades de fala que têm maior prestígio na visão da classe dominante. Esses empréstimos não afetam imediatamente os padrões vernáculos da classe dominante ou de outras classes sociais, mas aparecem principalmente no discurso monitorado [...].

As *mudanças de baixo* são mudanças sistemáticas que aparecem primeiro no vernáculo, e representam a operação de fatores linguísticos internos. No início e durante a maior parte de seu desenvolvimento, eles estão completamente abaixo do nível de consciência social [...] É apenas quando as mudanças estão quase concluídas que membros da comunidade tomam conhecimento deles. (LABOV, 2001, p. 78-79, tradução nossa, grifo do autor)³

Dessa maneira, a Sociolinguística Laboviana entende que existem variantes dotadas de prestígio – aquelas usadas e aceitas pelas classes sociais mais altas - e variantes estigmatizadas – aquelas usadas pelas classes sociais mais baixas. Para as mudanças ocorridas “de cima”, não haveria estigma, uma vez que o domínio linguístico dessa variante está associado às classes com maior prestígio social. Já para as mudanças “de baixo”, o nível de consciência dos falantes acerca do uso

³Texto original: “*Changes from above* are introduced by the dominant social class. Normally, they represent borrowings from other speech communities that have higher prestige in the view of the dominant class. Such borrowings do not immediately affect the vernacular patterns of the dominant class or other social classes, but appear primarily in careful speech [...]. *Changes from below* are systematic changes that appear first in the vernacular, and represent the operation of internal, linguistic factors. At the outset and through most of their development they are completely below the level of social awareness [...] It is only when the changes are nearing completion that members of the community become aware of them”.

dessas variantes é que determinaria seu grau de inserção na língua. A variação linguística “de baixo” então, ocorreria em três níveis:

Mudanças de baixo começam como *indicadores*, estratificados por faixa etária, região e classe social. Nesta fase, eles mostram grau zero de consciência social e são difíceis de detectar tanto por linguistas quanto por falantes nativos. À medida que avançam para a conclusão, essas mudanças adquirem reconhecimento social como *marcadores* linguísticos, geralmente na forma de estigma social, que é refletida na grande estratificação social da produção da fala, em uma curva de mudança de estilo e reações negativas em testes de reação subjetiva. Por fim, as variantes podem se tornar *estereótipos*, objeto de comentário aberto, com rótulo descritivo que pode ser distinta o suficiente da produção real de modo que os falantes não percebam que eles mesmos as usam (LABOV, 2001, p. 196, tradução nossa, grifo do autor)⁴.

O nível de consciência social acerca de uma variante é um aspecto relevante para a variação linguística. A avaliação social de uma variante pode indicar fatores cognitivos que trazem consigo dimensões ideológicas subjacentes. A partir da terceira onda dos estudos sociolinguísticos, a variação passa a considerar, para além dos indicadores sociodemográficos, também a variação pela perspectiva estilística de filiação ideológica e de grupo do falante. As escolhas feitas pelos indivíduos podem ser diversas nas diversas comunidades em que o indivíduo está inserido, denotando, assim, os significados sociais de suas práticas.

Dessa maneira, um estereótipo linguístico que em uma determinada comunidade é estigmatizado, em outra pode ser apropriado pelo grupo como marca identitária de diferenciação do grupo. Coelho (2006), ao investigar um *corpus* constituído por 24 entrevistas gravadas com falantes de grupos representativos de um subdistrito, de origem periférica, do bairro Brasilândia (Jardim Paulistano - zona norte da cidade de São Paulo), constatou indícios de que a concordância verbal com plural [0], como em “nóis é / nóis vai” é marca identitária dos jovens dessa comunidade. Oushiro (2015, 2019), em seu estudo com falantes de diversas regiões da capital paulista, confirma a tendência indicada por Coelho (2006). Segundo a autora, “os

⁴Texto original: “Changes from below begin as *indicators*, stratified by age group, region, and social class. At this stage, they show zero degrees of social awareness, and are difficult to detect for both linguists and native speakers. As they proceed to completion, such changes usually acquire social recognition as linguistic *markers*, usually in the form of social stigma, which is reflected in sharp social stratification of speech production, a steep slope of style shifting, and negative reactions on subjective reaction tests. Ultimately, they may become *stereotypes*, the subject of overt comment, with a descriptive tag that may be distinct enough from actual production that speakers do not realize that they use the form themselves”.

jovens de periferia, assim, parecem se destacar em seu uso de CV-0 e esboçar um quadro de mudança em direção dessa variante” (OUSHIRO, 2015, p. 195). Porém, para a autora, o padrão de mudança em progresso não se mantém nos outros grupos investigados, indicando que “os resultados enfatizam que a constatação de variação estável na comunidade como um todo não significa que todos os grupos sociais seguem um mesmo padrão em tempo aparente” (OUSHIRO, 2015, p. 196).

Da mesma forma, uma variante linguística pode ser atribuída como estereótipo a um determinado grupo ou comunidade sem que, na prática, ele ocorra. Corrêa (2021) demonstra que variante /r/ em *onset* vibrante alveolar múltipla (como em *carro* e *rua*) constitui o imaginário da identidade gaúcha, no entanto, os dados de produção indicam praticamente 100% de realização da variante fricativa em Porto Alegre. A autora afirma que “o padrão da realização de /r/ em *onset* entre os porto-alegrenses nativos é a forma fricativa. A vibrante múltipla alveolar atingiu um patamar de relíquia na capital gaúcha e não indexa o falar desta comunidade de fala” (CORRÊA, 2021, p. 20). Já Freitag (2016) apresenta uma entrevista em que o informante afirma preferir a forma *nós*, no entanto, seus dados de produção são de 100% da forma *a gente*. Esses dois exemplos apontam essa possibilidade de atribuição de estereótipo como sendo muito mais reflexos de uma construção do imaginário de uma identidade, que propriamente uma constatação do uso, mostrando que, nem sempre, a avaliação do falante condiz com os dados de frequência de uso mensurados nos estudos pelo viés da produção.

2.3 As Três Ondas da Sociolinguística: os modelos de agrupamentos sociais e comunidades linguísticas

A proposta das três ondas dos estudos da Sociolinguística apresentada por Eckert (2012) vem recebendo atenção no cenário sociolinguístico atual. A distinção entre esses três momentos perpassa essencialmente pelos modelos e conceitos de agrupamentos sociais e comunidades linguísticas. Vale ressaltar que as três vertentes não se substituem, ao contrário, elas se complementam, já que tratam o fenômeno da variação sob diferentes perspectivas e com práticas metodológicas distintas.

Dessa maneira, para Eckert (2012), a primeira onda se inicia com os estudos de Labov sobre a estratificação do inglês na cidade de Nova York. Nesse

momento, o foco da investigação está na revelação de correlações entre as variáveis linguísticas e as categorias socioeconômicas em sentido “macro”. Nessa perspectiva, variáveis como sexo, classe social, idade e escolaridade permitiram estabelecer padrões regulares de estratificação socioeconômica das formas linguísticas. Percebe-se que “[n]o desenvolvimento desses estudos, as macrocategorias por vezes passam a se confundir com identidades dos falantes, sem levar em conta sua relevância para os próprios indivíduos em seu cotidiano” (OUSHIRO, 2015, p. 22).

Nesse primeiro momento dos estudos sociolinguísticos, o entendimento de agrupamentos sociais e das comunidades linguísticas orientam os estudos labovianos, sob o conceito de *comunidade de fala*. Assim,

a *comunidade de fala* não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; essas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (LABOV, [1972] 2008, p. 150, grifo nosso).

Nessa primeira onda de estudos, portanto, os critérios para se definir uma comunidade de fala são o *compartilhamento de normas* - mesmo que inconscientes – e a *uniformidade linguística*. Essa uniformidade não é sinônimo de homogeneidade, e sim, a heterogeneidade ordenada da língua; esses fatores podem ser definidores de um padrão possível de ser descrito e mensurado quantitativamente. Dessa forma, mesmo que haja discrepâncias entre indivíduos e intraindivíduo (estilo), pode-se verificar se a variação é estruturada e se as normas são compartilhadas. Um indivíduo ou um grupo de pessoas faz parte de uma comunidade de fala caso haja o compartilhamento de normas e uniformidade linguística. “Dentro desse quadro, a constatação de uma *comunidade de fala* é resultado da pesquisa, não seu ponto de partida” (OUSHIRO, 2015, p. 21).

A grande maioria dos estudos sociolinguísticos atuais estão ancorados na perspectiva da comunidade de fala e, a partir do fenômeno linguístico, buscam identificar quais estratos sociais, dentro das macrocategorias sociodemográficas, e quais variáveis linguísticas favorecem ou desfavorecem as variantes. Como exemplos sobre a alternância pronominal de primeira pessoa do plural no PB, é possível citar Lopes (1998, 2002), Vianna (2006, 2015); Zilles (2005, 2007); Rubio (2012a); Araújo (2016), dentre outros. Esses autores utilizam modelos estatísticos que permitem identificar quais fatores favorecem ou desfavorecem o emprego das formas. Os dados

obtidos por esses estudos são capazes de revelar o contexto de inserção da variante inovadora e em quais estratos sociais as variantes são mais produtivas.

Os estudos da segunda onda também têm caráter quantitativo, mas divergem da primeira onda na abordagem metodológica, uma vez que “se volta para métodos etnográficos visando a se aproximar da dinâmica local da variação”⁵ (ECKERT, 2012, p. 90, tradução nossa). Devido ao seu caráter etnográfico, os estudos da segunda onda possibilitam estudos mais locais dos fenômenos da variação, pois “enfocam comunidades menores por períodos de tempo relativamente longos com o objetivo de descobrir as categorias sociais localmente mais salientes” (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 921).

Nesse tipo de abordagem, o foco recai sobre o conceito de *redes sociais*. Uma rede social pode ser entendida como o conjunto de laços que ligam um indivíduo (âncora) a outras pessoas, por mais remotas que sejam tais ligações. Para os estudos sociolinguísticos, no entanto, são considerados os laços de primeira ordem, ou seja, as interações diretas e a depender dos objetivos do estudo também os laços de segunda e terceira ordem.

A abordagem da segunda onda é útil para investigar as práticas e dinâmicas linguísticas de pequenos agrupamentos, como por exemplo o estudo conduzido por Eckert (1989) em que ela investiga dois grupos antagônicos, em uma escola de ensino médio: os *jocks* e os *burnouts*. Esse estudo revela que variantes linguísticas de cada um desses grupos coocorrem com condutas e recursos semióticos na criação e na manutenção da identidade desses dois grupos. No Brasil, como exemplo de estudos com redes sociais é possível citar Lara (2013), que investiga o fenômeno do vozeamento/desvozeamento das oclusivas bilaterais em uma comunidade de imigração alemã em Estrela/RS, e Battisti (2014), que investiga a palatalização das oclusivas alveolares na comunidade de imigração italiana na cidade de Antônio Prado, também no Rio Grande do Sul.

Os estudos da terceira onda combinam os postulados da primeira e segunda onda, mas a perspectiva se inverte. Enquanto na primeira e na segunda onda, a variação é vista como um reflexo das categorias sociais, na terceira onda, ela é vista

⁵Texto original: The second wave of variation studies turned to ethnographic methods to get closer to the local dynamics of variation.

Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

como práticas por meio das quais os faltantes se posicionam no mundo social. Nessa perspectiva, o sentido social não é apenas veiculado pela linguagem, mas construído pela linguagem e a “variação constitui um sistema semiótico social capaz de expressar toda a gama de preocupações sociais de uma comunidade” (ECKERT, 2012, p.94, tradução nossa)⁶.

Os estudos de primeira e segunda ondas têm como foco a descrição da estrutura – um retrato estático. Os estudos de terceira onda incorporam a dinamicidade da estrutura, ou seja, como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 922).

Nos estudos da terceira onda, um conceito de agrupamento social bastante utilizado é o conceito de *comunidades de prática*, entendidas como “um agregado de pessoas que se juntam para engajar-se em algum empreendimento comum” (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 923).

Comunidades de prática podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas; elas nascem e morrem, podem sobreviver a muitas mudanças de membros e podem estar intimamente articuladas a outras comunidades. As pessoas participam de múltiplas comunidades de prática e a identidade individual é baseada nesta participação. Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como um membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos enfocar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p.102-103).

Diferente do que se observa nas *comunidades de fala* e nas *redes sociais*, a participação nas *comunidades de prática* é consciente. Nos estudos da terceira onda, o interesse se volta para o indivíduo em interação com os seus grupos sociais e a variação linguística é vista sob a ótica do significado social que assume em cada uma dessas interações. Eckert (2003, 2005, 2012) propõe que se analise a variação na prática linguística cotidiana em que variantes assumem significados sociais específicos de acordo com o posicionamento e identidade de quem as usa nas diversas interações sociais. Por isso, a proposta central desse modelo de análise é

⁶Texto original: Variation constitutes a social semiotic system capable of expressing the full range of a community's social concerns.

“identificar categorias relevantes para seus membros e enfatizar o papel do indivíduo na construção ativa de sua identidade social” (OUSHIRO, 2015, p. 17).

Nessa perspectiva, os conceitos de estilo, identidade e significado social são fundamentais para a investigação sociolinguística. O estilo ultrapassa a ideia de monitoramento – formalidade – prestígio, no modelo proposto por Labov ([1972] 2008). Aqui, estilo é entendido como uma prática “na qual as pessoas vão associar os recursos linguísticos em questão a uma série de outros recursos existentes para a manifestação do estilo (como vestimenta, postura, entre outras coisas)” (VELOSO, 2014, p. 1744). Para Eckert (2003), a linguagem, como estilo, é uma prática em que os indivíduos manifestam significados sociais, ou seja, o estilo é a manifestação visível de significados sociais atribuídos a determinada variante. Nesse sentido, é por meio do estilo que os indivíduos constroem sua identidade social ou *persona*.

2.4 Identidade e significados sociais

Segundo Battisti (2014), “nossas identidades são fruto de nossa filiação social, das posições que ocupamos nos grupos de que fazemos parte, esses estruturados em relação aos campos ou classes sociais distintas” (BATTISTI, 2014, p. 81). Ou ainda, pela perspectiva de Wenger (1998), que elucida que as nossas identidades “não são apreendidas somente pelas nossas práticas sociais, são também relativas à nossa posição e à posição de nossas comunidades na estrutura social mais ampla” (BATTISTI, 2014, p. 81). É na relação social, na interação, no fazer cotidiano que a identidade social do indivíduo se constrói e a linguagem é parte dessa identidade.

Por ser uma representação semiótica socialmente construída, a identidade não pode ser entendida como “um atributo pessoal, tampouco uma posse, mas uma criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo pessoal e coletivo” (OUSHIRO, 2015, p. 24). Ou seja, os significados sociais atribuídos às práticas, estilos ou *habitus*, conforme Bonnewitz (2003), são compartilhados e reconhecidos socialmente dentro de uma comunidade de prática, seja atribuindo-os aos seus membros, seja atribuindo-os aos membros de fora da sua comunidade. Assim, os paulistanos pesquisados por Oushiro (2015, 2019), por exemplo, compartilham entre si os significados sociais do

que é ser “patricinha” e “o cara da Mooca”, mesmo que essas *personas* sejam atribuídas ao outro, não a si.

Oushiro (2015), inclusive, menciona que “é interessante notar que, na grande maioria dos casos, a nomeação de uma categoria social se refere ao ‘outro’, e não ao ‘ego’” (OUSHIRO, 2015, p. 29). A identificação do conjunto de práticas sociais – o estilo - é importante para a construção da *persona* do indivíduo pela distinção em relação ao outro, por aquilo que ele não é. “As práticas de um agente são sistemáticas por serem produto de aplicação de esquemas idênticos e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas constitutivas de outro estilo de vida” (BOURDIEU, 2007, p. 164). Em outras palavras, o conjunto de práticas sociais identifica o indivíduo com um grupo e, ao mesmo tempo, o diferencia dos demais grupos.

Estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, o *habitus* é também estrutura estruturada: o princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social e, por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais. Cada condição é definida, inseparavelmente, por suas propriedades intrínsecas e pelas propriedades relacionais inerentes à sua posição no sistema das condições que é, também, um *sistema de diferenças*, de posições diferenciais, ou seja, por tudo o que a distingue de tudo que ela não é e, em particular, de tudo o que lhe é oposto: a identidade social define-se e afirma-se na diferença (BOURDIEU, 2007, p. 165, grifo do autor).

Assim, segundo Wenger (2010), a constituição dessa identidade dentro de uma comunidade de prática seria um aprendizado social em que os significados das experiências pessoais são negociados. Segundo a autora, “a experiência da pessoa em todos esses aspectos é constituída, moldada e interpretada por meio do aprendizado”⁷ (WENGER, 2010, p. 2, tradução nossa). Considerando também a linguagem como uma prática social e, por tanto, parte constitutiva da identidade dos indivíduos, Oushiro (2015) conceitua identidades linguísticas como:

categorias sociais discursivamente elaboradas às quais os indivíduos podem ou não pertencer e com as quais desejam ou não se filiar, e que são relevantes para a diferenciações socioletais em suas avaliações, produções e percepções linguísticas (OUSHIRO, 2015, p.30).

Assim, as identidades, dentro de uma comunidade de prática, são a posição (simbólica e linguística) de cada indivíduo nas relações internas da comunidade e a posição da comunidade dentro da estrutura social geral.

⁷Texto original: “The experience of the person in all these aspects is actively constituted, shaped, and interpreted through learning”.

Partindo desse princípio, a interação em uma comunidade de prática cria uma história social de aprendizagem, que combina o individual e o coletivo. Wenger (2010) afirma que uma comunidade se constitui à medida que os participantes definem um *regime de competências*, um conjunto de critérios e expectativas pelos quais reconhecem a adesão ao grupo. Essas competências podem ser resumidas em i) compreender o que é importante para a comunidade, qual é o seu empreendimento e qual seu papel perante o mundo, ii) ter a habilidade de se envolver de forma produtiva com outras pessoas na comunidade e iii) usar apropriadamente o repertório de recursos que a comunidade acumulou através da sua história de aprendizagem.

Para este trabalho, os conceitos de *comunidade de prática*, *identidade* e *significados sociais* são fundamentais, pois, para esta pesquisa, toma-se a rede básica de educação do Estado do Ceará, nos termos propostos por Eckert e McConnel-Ginet (2010), como uma grande *comunidade de prática*, dividida em comunidades menores - as unidades escolares - em que os membros estão engajados em prol de um empreendimento comum: a educação formal. E é no fazer cotidiano dessa comunidade que as *identidades* dos membros são constituídas pela aproximação e oposição em relação ao outro. Assim, professores e alunos, homens e mulheres, jovens e adultos (dentre outras macrocategorias sociodemográficas) assumem papéis social e historicamente constituídos dentro do ambiente escolar, cada qual negociando os *significados sociais* de suas práticas com os demais membros da comunidade e com outras comunidades.

Tendo a perspectiva de Eckert (2003, 2005, 2012) de estilo como um conjunto de práticas que constituem a identidade e que são permeadas por significados sociais compartilhados pelos membros da comunidade, a linguagem seria, também, uma desses elementos constitutivos dos *perfis sociais* dentro do ambiente escolar. Assim, as percepções e crenças que os membros têm acerca do emprego das variantes *nós* e *a gente* e suas possibilidades de covariação com a concordância verbal podem ser indicativos dos *significados sociais* que esses membros da comunidade atribuem à sua identidade e à identidade do outro.

2.5 Os estudos pelo viés da percepção linguística

Amplamente consolidados no Brasil, os estudos sociolinguísticos pelo viés da produção têm contribuído para o mapeamento linguístico brasileiro com a

descrição dos fenômenos variáveis das diferentes regiões e estratos sociais do país. Esses estudos permitem identificar em quais contextos se empregam certas variantes e quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem seu uso (FREITAG *et al.*, 2016). Os dados oriundos de bancos de dados de fala constituídos em todo o território nacional permitem comparar geográfica e historicamente o falar brasileiro e fazer previsões, com certa segurança, acerca do futuro da língua.

No entanto, considerando que o nível consciência social que permite o julgamento do falante acerca de uma variante é fator importante para a mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968] 2006), “não basta saber como o brasileiro fala; é preciso também conhecer ‘como o brasileiro acha que fala’, seguindo pela perspectiva da sociolinguística da percepção” (FREITAG, *et al.* 2016, p. 66). Até recentemente,

a questão de como a variação na língua é percebida, processada e codificada por ouvintes tinha sido amplamente ignorada tanto por pesquisadores da fala como por sociolinguistas (HENRIQUE; HORA, 2016, p.149).

Os estudos que abordam a percepção sociolinguística têm sido tendência recente no cenário de pesquisa internacional. No Brasil, no entanto, os estudos são incipientes e majoritariamente voltados para os fenômenos fonológicos⁸ (FREITAG, 2018).

Na tradição das pesquisas sociolinguísticas, mesmo que o problema da avaliação seja considerado e eventualmente testes de avaliação subjetiva sejam aplicados, esse modelo de análise parece não dar conta de explicar situações como as descritas em Freitag (2016), quando informantes afirmam preferir usar a forma *nós*, mas em suas entrevistas, o registro é categórico para a forma *a gente*. Para a autora, “apenas a identificação da avaliação social das formas, nos termos de Labov (1972), não é suficiente” (FREITAG, 2016, p. 900). Assim, estudos que busquem mensurar a saliência, as crenças, as atitudes, a avaliação e a percepção linguística dos falantes podem indicar caminhos para identificar quais significados sociais permeiam essas variantes, como as identidades sociais estão vinculadas a esses significados e como ambos influenciam as escolhas e julgamentos dos falantes.

Nos estudos pelo viés da percepção, os termos— *saliência*, *crença*, *avaliação*, *atitude* e *percepção* – apresentam uma diversidade de conceituação e,

⁸Como exemplo desses estudos é possível citar Freire (2016), Henrique e Hora (2016), Araújo e Borges (2018) e Corrêa (2021).

provavelmente, por se tratar de uma área de estudos ainda em processo de desenvolvimento e consolidação, os autores tendem a adotar a conceitualização que melhor se alinhe aos objetivos da pesquisa. É necessário, portanto, delimitar as definições que nortearão os encaminhamentos deste trabalho. Assim, para esta pesquisa, assumem-se os conceitos apresentados por Oushiro (2015, 2019) e Freitag (2016, 2018). Têm-se, portanto, para este trabalho:

- i) **avaliação**: [o termo] “é empregado para fazer referência ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes, o que constitui um objeto de estudo em si” (OUSHIRO, 2015, p. 32).
- ii) **crença**: “pressupõe uma manifestação verbalizada sem reações afetivas” (FREITAG, 2016, p. 901).
- iii) **percepção**: “inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante que podem ou não ser conscientes - e que, portanto, podem não ser objeto de comentário metalinguístico” (OUSHIRO, 2015, p.32).
- iv) **atitudes**: “podem se manifestar de modo não verbalizável, mas permeadas por reações afetivas em relação ao objeto em questão” (FREITAG, 2016, p. 901).
- v) **saliência**: “está relacionada aos gradientes de consciência social da variação e mudança, nos termos da proposta de Labov (1972)” (FREITAG, 2018, p. 2).

Além da delimitação e da articulação dos diversos conceitos necessários para os estudos sociolinguísticos pelo viés da percepção, determinar quais inferências são feitas pelo ouvinte, a fim de julgar uma variante como mais ou menos aceita ou como mais ou menos válida, é o principal desafio metodológico para as investigações das percepções sociolinguísticas, uma vez que uma gama de variáveis pode interferir nesse julgamento. De modo geral, as investigações acerca das percepções dos falantes / ouvintes têm se desenhado em duas vertentes:

as abordagens podem ser de forma direta (perguntar aos falantes o que pensam sobre determinado fato da língua), mais propícia a captar a dimensão cognitiva, ou indireta (submeter os falantes à apreciação de características

linguísticas e pedir que as associem a traços psicossociais atribuídos aos seus falantes, e, por tabela, à variante em questão), mais propícia a captar a dimensão afetiva (FREITAG, *et al.* 2016, p. 66).

O primeiro modelo, de abordagem direta, tem buscado incluir, aos bancos de dados sociolinguísticos já existentes e aos novos bancos que busquem a descrição das tendências da variação linguística, novas possibilidades de estratificação das macrocategorias sociodemográficas como ocorre, por exemplo, com o banco de dados VarX e o banco de dados Português Paulistano. Outra estratégia é a inclusão de diversidade de gêneros textuais e níveis de formalidade na coleta de dados como acontece com o banco de dados Iboruna. Há, ainda, a possibilidade de inserção de questões relativas a atitudes linguísticas ao fim das entrevistas sociolinguísticas como ocorre com o banco de fala culta de Itabaiana/SE, o banco Falares Sergipanos e o banco FALA-Natal (FREITAG *et al.*, 2012).

A investigação de abordagem direta também é utilizada em alguns estudos brasileiros. Como exemplo, é possível citar a investigação conduzida por Freitag *et al.* (2016) que é parte do projeto *Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil*. Neste estudo, as autoras apresentam os resultados de uma pesquisa acerca do componente cognitivo e ideológico das atitudes linguísticas sobre o português falado no Brasil. A amostra de informantes da pesquisa é composta de estudantes de Letras de duas áreas dialetais brasileiras – 119 informantes do Nordeste e 96 informantes da região Sul do país. Utilizando a ferramenta eletrônica *Google forms*, após a caracterização do perfil dos informantes, as pesquisadoras apresentam perguntas como: *Como você descreve a língua que você usa no dia a dia? Que nome você dá a ela? e Que características você acha que permitem reconhecer a forma de falar da sua região?* Nesta abordagem, que permite respostas abertas, os informantes têm a liberdade de escrever – e revelar – suas opiniões e crenças acerca da língua. Como respostas, as palavras *informal* e *coloquial* foram as mais citadas para a primeira pergunta, já para a segunda as mais citadas foram as palavras *sotaque* e *gírias*. Sobre os resultados, as pesquisadoras consideram que no pequeno recorte avaliativo investigado “ressoa uma representação linguística fortemente influenciada pela forma como a instituição escolar tem produzido discursos sobre a língua portuguesa (e os diversos falares presentes no Brasil)” (FREITAG *et al.*, 2016, p. 81).

Outros exemplos de investigação com abordagem direta e perguntas abertas aos informantes são o estudo conduzido por Araújo e Marques (2018) com 60 informantes da Universidade Federal de Sergipe, *Campus Prof. Alberto Carvalho – Itabaiana/SE* que investigou o fenômeno da monotongação, e a investigação realizada por Rocha e Sousa (2020) com 17 informantes escolarizados do Sertão da Ressaca/BA e que teve como objetivo principal "provar que não existe estigma no que diz respeito ao uso da variante *cê* na comunidade em foco" (ROCHA; SOUSA, 2020, p. 214). Esse tipo de abordagem, entanto, apresenta certos riscos que precisam ser considerados, tais como

respostas de aquiescência (pessoas podem dar a resposta que elas sentem que o pesquisador quer) ou respostas socialmente desejáveis (pessoas verbalizam as atitudes que elas pensam que deveriam ter, ainda que sejam de fato barradas) (FREITAG, 2016, p. 901).

Além da técnica de abordagem direta, há ainda a possibilidade de se fazer uma investigação de forma indireta e com avaliação objetiva. Nessas abordagens, os métodos podem consistir, por exemplo, em apresentar perguntas com respostas de múltipla escolha ou em uma escala de níveis de avaliação. Na maioria das pesquisas que adotam essa abordagem, o método empregado consiste em apresentar um conjunto de frases aos informantes e questioná-los quanto ao seu uso ou adequação. São exemplos desse encaminhamento metodológicos o estudo conduzido Cardoso e Freitag (2018) e o estudo de Freitas e Carvalho (2020). O primeiro investigou os efeitos do monitoramento e do encaixamento linguístico das formas *nós* e *a gente* com 183 informantes, sendo 117 alunos e 66 professores do ensino básico, distribuídos em 135 informantes da capital e 48 do interior do estado de Sergipe. Já o segundo buscou investigar a avaliação linguística e os significados sociais atribuídos às variantes *nós* e *a gente* por meio de um formulário aplicado a 65 estudantes do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

Freire (2016), ao investigar a variação, estilo, atitude e percepção linguística das laterais (como em *melhorando/meiorando/miorando*) no falar paraibano alia a técnica de abordagem direta e perguntas abertas – realizadas em entrevistas sociolinguísticas – à abordagem indireta.

Assim sendo, elaborou-se um instrumento de avaliação, atitude e percepção linguísticas que possibilitasse, no primeiro momento da sua aplicação, respostas em escalas bipolares construídas com pares de adjetivos positivos

e negativos; e, em um segundo momento, a partir de questões de múltipla escolha, ainda, no mesmo instrumento, permitisse que a escolha dos aspectos diversos fossem associados aos falantes examinados ou quanto à sua variedade linguística, vinculando a isso, traços de personalidade dos informantes. Ou, ainda, uma questão que permitisse o avaliador comparar o que ouviu com sua própria variedade falada (FREIRE, 2016, p. 82).

Esse modelo, abordagem indireta e respostas subjetivas, também conhecido como *teste de reação subjetiva*, é oriundo da Psicologia Social e compõe-se de trabalhos que utilizam estímulos escritos ou orais. O trabalho de Pear (1931 *apud* CAMPBELL-KILBER, 2006) é considerado pioneiro nessa área. Em seu experimento, o autor pediu que ouvintes de uma rádio atribuíssem características de personalidade às vozes que ouviam. “Em certo sentido, essa pesquisa foi um fracasso, pois revelou conexões pouco consistentes entre a fala e a personalidade real do falante”⁹ (CAMPBELL-KIBLER, 2006, p. 64, tradução nossa). No entanto, o autor descobriu que havia um surpreendente grau de concordância dos ouvintes a respeito dos traços de personalidade atribuídos a cada uma das vozes.

Partindo do pressuposto de que as avaliações de personalidade baseadas exclusivamente na voz podem ter pouca ou nenhuma confiabilidade, Lambert *et al.* (1960) desenvolveram uma investigação em Montreal, no Canadá, que tinha como objetivo “determinar os significados atribuídos ao idioma falado, analisando as reações de ouvintes ao inglês e ao francês (LAMBERT *et al.*, 1960, p. 44, tradução nossa)”¹⁰. Para isso, os pesquisadores utilizaram um texto originalmente escrito em francês e, na sequência, traduzido para o inglês. O texto foi lido e (re)gravado nas duas línguas por quatro homens bilíngues. A essas oito leituras, os autores adicionaram mais duas leituras como estímulos distratores – essa técnica ficou conhecida como estímulos pareados¹¹ (*matched guise*). Os estímulos, então, foram apresentados a 130 ouvintes falantes de inglês e francês. Para cada uma das leituras, os ouvintes avaliaram os leitores quanto a características pessoais (altura, boa aparência física, liderança, senso de humor, inteligência, religiosidade, autoconfiança, confiabilidade, jovialidade, bondade, ambição, sociabilidade, caráter e simpatia). Como resultado, os pesquisadores imaginavam que os ouvintes julgariam os textos

⁹Texto original: “In one sense this research was a failure, as it revealed little in the way of consistent connections between speech and actual personality of the speaker” (CAMPBELL-KIBLER, 2006, p.64).

¹⁰Texto original: “determine the significance spoken language has for listeners by analyzing their evaluational reactions to English and French” (LAMBERT *et. al.*, 1960 p.44).

¹¹Termo empregado por Oushiro (2015). Na tradução de Labov (1972), Marcos Bagno utiliza o termo *falsos pares*.

lidos em seu idioma mais favoravelmente que os textos lidos no outro idioma. A surpresa proporcionada pelos resultados foi a descoberta de que, entre os dois grupos de ouvintes, as leituras feitas em inglês foram mais bem avaliadas em relação às características comumente relacionadas ao sucesso social e econômico, como autoconfiança, liderança, ambição e aparência. Já para os textos lidos em francês, o grupo francófono atribuiu características como confiabilidade, inteligência e bondade. As conclusões dos autores indicam que os estereótipos sociais e culturais atribuídos a falantes do inglês e do francês na comunidade de Montreal também se refletem nas percepções e avaliações acerca do idioma e de falantes em particular.

Desde então, a técnica de estímulos pareados (*matched guise*) tem sido aplicada e apurada em uma série de outros estudos. Oushiro (2015)¹² cita como exemplo estudos sobre a discriminação de potenciais locatários de imóveis (PURNELL; IDSARDI; BAUGH, 1999), a avaliação de professores sobre a performance escolar de crianças (SELIGMAN; TUCKER; LAMBERT, 1972; CHOY; DODD, 1976), o julgamento da culpabilidade quanto a diferentes tipos de crimes (SEGGIE, 1983) e o processo de seleção de candidatos em entrevistas de emprego (HOPPER; WILLIAMS, 1973).

Campbell-Kibler (2006) adapta e amplia a técnica dos estímulos pareados desenvolvida por Lambert *et al.* (1960). A autora analisou as percepções referentes à variável de (ING), utilizando a técnica dos estímulos pareados, e seu estudo apresenta várias inovações quando comparado aos estudos anteriores. Além da coleta da fala natural, em vez de leituras, para a construção dos estímulos e da aplicação de entrevistas prévias para se verificar que tipos de significados sociais surgem naturalmente após o informante ouvir os excertos, o estudo de Campbell-Kibler (2006) também apresenta a possibilidade de manipulação digital de áudio para a criação dos estímulos e o uso de ferramentas digitais para a elaboração e aplicação de questionários.

Em estudo posterior, Campbell-Kibler (2010) utilizou os mesmos estímulos, alterando, no entanto, a forma como esses foram apresentados aos ouvintes-julgadores. Os 137 participantes do estudo foram recrutados nas redes sociais de quatro universidades norte-americanas e tinham média de idade de 19,6 anos. Os

¹²Tivemos acesso a esses estudos por meio de Oushiro (2015), que por sua vez teve acesso a eles por meio de Gilles & Billings (2004).

estímulos foram apresentados aos ouvintes como sendo entrevistas de rádio com especialistas em determinados assuntos, com cargos que os descreviam como professores, candidatos políticos ou profissionais experientes em áreas relevantes. Os resultados indicam que os professores foram os avaliados como mais conhecedores nos estímulos que empregavam [iŋ], enquanto os profissionais experientes foram julgados como mais bem informados nos estímulos que empregavam [iŋ]. Sobre essa aparente contradição nos resultados, a autora pondera que “a profissão, aqui, indica não apenas informações sobre o palestrante, mas também sobre seu papel na situação de fala, redefinindo as bases do seu posicionamento como autoridade”¹³ (CAMPBELL-KIBLER, 2010, p. 218, tradução nossa). Já quanto aos políticos, a hipótese de que os falantes seriam percebidos como mais progressistas nos estímulos com a forma [iŋ] não se confirmou.

Kathryn Campbell-Kibler mostrou que os ouvintes não interpretam as variantes coronal e dorsal de (ing) da mesma forma em todos os contextos. Em vez disso, sua interpretação no momento decorre em função de seu humor e de sua percepção social do falante (ECKERT; LABOV, 2017, p. 470, tradução nossa)¹⁴.

Recentemente no Brasil diversos trabalhos buscaram investigar as percepções linguísticas utilizando a técnica de *matched guise* proposta por Lambert *et al.* (1960). Canever (2017) investigou as percepções acerca do emprego do infinitivo flexionado (*as disciplinas que precisam serem abertas*) entre 411 participantes (61% do estado de São Paulo) e os resultados apontam que a presença do infinitivo flexionado em contextos não facultativos pela gramática normativa levou a percepções de menor “inteligência”, menor “escolaridade” e menor “formalidade” do falante, especialmente entre os participantes mais velhos.

Mendes (2018) analisou os efeitos da concordância nominal de número (*as casas/as casa*) e da pronúncia e /e/ nasal (*fazenda/fazeinda*) na percepção e na performance de masculinidade de membros da comunidade paulistana. Os resultados apontam que as ocorrências com concordância nominal não padrão podem estar associadas à percepção de características de mais masculinidade e as ocorrências

¹³Texto original: “Profession here indicates not only information about the speaker, but also about their role in the speech situation, by redefining the basis for their positioning as an authority” (CAMPBELL-KIBLER, 2010, p.218)”.

¹⁴Texto original: “Kathryn Campbell-Kibler has shown that hearers do not interpret the coronal and dorsal variants of (ING) in the same way on every hearing. Rather, their interpretation in the moment is a function of their mood and of their social perception of the speaker” (ECKERT; LABOV, 2017, p.470)”.

com ditongação de /e/ pode estar associada a características de mais feminilidade e de menos masculinidade. Quanto à performance o estudo revelou que as entrevistas sociolinguísticas parecem ter um alcance limitado para a construção de uma *personae*, ainda que em alguns momentos os entrevistados empreguem a concordância verbal e a pronúncia de /e/ nasal no sentido de se aproximar ou se afastar do estereótipo hegemônico de masculinidade.

Santos (2020) analisou as percepções de residentes em São Luís (MA) e São Paulo (SP) para orações no modo subjuntivo e indicativo. Os estímulos foram preparados com orações subordinadas adverbiais com *embora* ou *talvez* (*embora estivesse/estava aqui, a oportunidade foi dada a outro candidato*) e substantivas introduzidas por querer ou acreditar (*ele acredita que todos façam/fazem a sua parte*). Os resultados revelam que, quando ouvidos com frases no subjuntivo, os falantes foram julgados, tanto por paulistanos quanto por ludovicenses, como mais competentes e antipáticos. Os falantes paulistanos foram percebidos como mais paulistanos pelos ludovicenses quando ouvidos no subjuntivo e pelos paulistanos quando ouvidos no indicativo. Os resultados sugerem que a percepção das formas é socialmente estratificada em São Luís, mas não em São Paulo.

O estudo conduzido por Oushiro (2015, 2019), que investigou quatro variáveis sociolinguísticas na cidade de São Paulo: a realização de /e/ nasal como monotongo ou ditongo (*fazenda/fazêinda*), a pronúncia de /r/ em coda silábica em tepe ou retroflexo (*porta*), a concordância nominal de número (*as casas / as casa*) e a concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural (*nós fomos/nós foi/eles foram/eles foi*), é um dos pioneiros a utilizar a abordagem metodológica proposta por Campbell-Kibler para identificar as percepções e os significados sociais atribuídos à pronúncia de /r/ em coda silábica, como tepe ou retroflexo. A partir de entrevistas sociolinguísticas realizadas exclusivamente para esse fim, a pesquisadora selecionou recortes individuais da fala de quatro paulistanos que continham a variante de interesse para a investigação. A esses participantes, então, foi solicitado que gravassem novamente esses trechos tentando aproximar ao máximo da gravação original, fatores como a entonação, a duração dos segmentos a altura da voz etc. Nessas novas gravações a alteração deveria se dar apenas na pronúncia do /r/ em coda silábica. Essas gravações foram manipuladas digitalmente e, por fim, obteve-se oito estímulos controlados, um par para cada falante. Esses estímulos são idênticos entre si, exceto pela pronúncia de /r/.

Os oito estímulos pareados foram apresentados a 30 ouvintes-julgadores durante entrevistas abertas, que tiveram como objetivo fazer um levantamento das percepções dos ouvintes acerca do que ouviram. As percepções e avaliações que surgiram das 30 entrevistas foram sistematizadas e organizadas em um questionário de percepção. O questionário da pesquisa foi aplicado de forma presencial e *online* a 185 ouvintes residentes na cidade de São Paulo. Após as análises quantitativas e qualitativas, os resultados indicam que o significado social das variantes tange principalmente a identidades geográficas (*capital vs. interior*; *centro vs. periferia*) e estendem-se para o *status* relativo do falante na comunidade e caráter do indivíduo, este de maneira mais discreta (OUSHIRO, 2015, 2019).

Oushiro (2015, 2019) identifica que as diferenças de percepção quanto às variantes são influenciadas pela Região de Residência e Origem dos ouvintes: os resultados indicam que “os habitantes de regiões mais periféricas são mais tolerantes quanto à ‘paulistanidade’ do retroflexo, bem como os imigrantes de outros estados, para quem o retroflexo é tão paulistano quanto o tepe” (OUSHIRO, 2015, p. 320). Essa diferença de percepção em função do contexto e da posição social do ouvinte é fator relevante para as investigações pelo viés da percepção, por isso é necessário considerá-las no encaminhamento metodológico da pesquisa. As abordagens metodológicas e de análise de dados desenvolvidas por Campbell-Kibler (2006, 2010) e Oushiro (2015, 2019) são as referências para este trabalho.

3 O FENÔMENO EM ESTUDO

A alternância pronominal de primeira pessoa do plural do Português Brasileiro (PB) e a covariação com as possibilidades de concordância verbal talvez seja um dos fenômenos mais estudados do Português Brasileiro (FREITAG, 2016). Trabalhos como de Omena (1986, 1996, 2003), Lopes (1998, 2002), Zilles (2005) e Zilles e Batista (2006) investigaram a inserção da expressão *a gente* sob a ótica da gramaticalização. Quanto à frequência de uso, estudos como Lopes (1998) Vianna (2006), Rubio (2012), Scherre, Yacovenco e Naro (2018), entre outros, buscaram investigar, além da inserção do pronome *a gente* na fala culta e popular do PB, os contextos de produção e variáveis linguísticas e extralinguísticas que restringem ou favorecem o emprego de cada forma.

Este capítulo se dedica a apresentar os dados mais relevantes dos estudos acerca dos pronomes de primeira pessoa do plural e suas possibilidades de covariação com concordância verbal. Para isso, a primeira seção traz uma breve discussão sobre as características dos pronomes *nós* e *a gente*. Na sequência são apresentados os estudos variacionistas em território nacional sob o viés da produção. Em seguida, é feito um levantamento sobre os estudos de percepção acerca das variantes investigadas e, por fim, são apresentados os estudos sob o viés da produção e da percepção no Estado do Ceará.

3.1 *Nós* e *a gente*: considerações iniciais

O pronome *nós* é usualmente identificado no quadro de pronomes pessoais do PB como primeira pessoa do plural – o que corresponderia ao plural da primeira pessoa do singular *eu*. Essa classificação, no entanto, não é exatamente correta, uma vez que a forma não pode ser assumida como mero plural de *eu*, pois essa seria uma impossibilidade.

a forma *nós* é proposta como plural do pronome de 1PS, *eu*, embora não represente, como ocorre com segunda e terceira pessoas, um conjunto formado por vários “eus”, mas sim a indicação de *eu* mais outras pessoas, conforme ressalta Bechara (2002), ou de um “eu-ampliado”, segundo Benveniste (1988). (RUBIO, 2012a, p. 116, grifo do autor).

Assim, *nós* não é a junção de *eu + eu*, e sim de elementos de naturezas distintas, como *eu + tu / você*, *eu + ele / ela*, *eu + vós / vocês*, *eu + eles / elas*, ou *eu*

+ *todos*. Esses cinco graus de amplitude do *eu* partem do pressuposto de que as formas de referência à primeira pessoa do plural nem sempre terão o mesmo referente, podendo variar de acordo com o grau de determinação do sujeito, ou seja, vai de um *continuum* de referentes [+determinados] para referentes [-determinados], tendo, esse *continuum*, pontos de favorecimento de uma ou outra forma (LOPES, 1998).

Existe no PB uma forma concorrente ao pronome pessoal de primeira pessoa *nós*, o *a gente*. Essa forma é oriunda do substantivo latino *gens* que, devido ao processo de gramaticalização, passa a integrar o quadro de pronomes na língua portuguesa. Entende-se por gramaticalização a mudança linguística por meio da qual ocorre a atribuição de *status* gramatical a um item lexical previamente autônomo e a itens linguísticos que já tenham caráter gramatical e que possam gramaticalizar-se ainda mais (ZILLES, 2007). A inserção da variante *a gente* no sistema pronominal do PB ilustra um caso de gramaticalização. A gramaticalização sofrida pelo substantivo *gente* no PB foi lenta e gradual: o nome sofreu um esvaziamento do seu significado original, sendo reinterpretado, em alguns casos, como “um grupamento de seres humanos” ou “um grupamento de seres humanos, incluindo o falante”. Somente a partir do século XX, a forma *a gente* assume interpretação mais nítida, perdendo propriedades características da forma fonte e assumindo, em função da mudança categorial, características de pronome (VIANNA, 2006).

Hopper (1991) elenca cinco princípios que poderiam diagnosticar o processo de gramaticalização nos seus primeiros estágios. São eles: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *deategorização*.

O princípio da *estratificação* preconiza que novas formas possam surgir sem que as formas antigas deixem de existir. Assim, as duas formas coocorrem, exercendo funções semelhantes ou idênticas. Neste sentido, estudos de ocorrência e produção indicam um favorecimento da forma *a gente* na fala (VIANNA, 2006; LOPES, 2015; ARAÚJO, 2016) e da forma *nós* na escrita (VIANNA, 2006; BRUSTOLIN, 2009), além da percepção dos falantes da forma *nós* como mais formal e da forma *a gente* como mais informal (FREITAG, 2016).

O princípio da *divergência* pode ser confirmado pela não aceitabilidade de inserção de itens lexicais entre o determinante e *a* e *gente*. Quando *gente* é tomado no sentido de pessoas (nome), é possível construções como “A bela gente da cidade é fresca”. No entanto, quando *a gente* é tomado como pronome pessoal, a inserção de um item entre *a gente* é impossível. Isso mostra que a forma está gramaticalizada

e, portanto, cristalizada (VIANNA, 2006). Já a maior frequência de uso na fala da variante *a gente* (ARAÚJO, 2016, 2020a, 2020b; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; FREITAG, 2016; LOPES, 1998; RUBIO, 2012a; VIANNA, 2006; SCHERRE; YAOVENCIO; NARO, 2018) pode exemplificar o princípio da *especialização* conforme propõe Hopper (1991).

Quanto ao processo de *persistência*, como costuma acontecer nos processos de gramaticalização, *a gente* conserva o traço generalizador e é mais comumente usado em contextos de maior indeterminação e com maior número de referentes. Além disso, “enquanto o pronome *nós* permite ser modificado por quantificadores, numerais, especificadores, o mesmo não se dá com a forma *a gente*; todo, cada um, nenhum podem modificar *nós*, mas não *a gente*” (OMENA; BRAGA, 1996, p. 81 *apud* VIANNA, 2006, p. 32, grifos nossos).

Quanto à forma *a gente*, percebe-se que, com a gramaticalização, essa variante não permite mais ser modificada por quantificadores, determinantes, possessivos, locuções prepositivas. Também, diferente de sua forma-fonte *gente* que apresenta a mobilidade dos substantivos, a forma *a gente* passa a integrar o quadro de pronomes e aparece em posição de sujeito e posição pré-verbal. Essas mudanças estruturais da forma exemplificam o processo de *de categorização* (VIANNA, 2006).

O processo de gramaticalização da forma *a gente* acarretou perdas e ganhos em termos das suas propriedades semântico-formais primitivas na mudança categorial de nome para pronome. Assim, nem todas as propriedades de substantivo foram perdidas, também, nem todas as propriedades dos pronomes foram incorporadas. Isso poderia explicar a divergência na concordância verbal entre as formas *nós* e *a gente* (VIANNA, 2006).

Embora alguns gramáticos mencionem a forma *a gente* como possibilidade de pronome pessoal da primeira pessoa do plural (KATO; NASCIMENTO, 2009; PERINI, 2010; CASTILHO, 2010), a gramática normativa tradicional não costuma incluí-la em suas prescrições (CEGALLA, 2008; CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2009). Tem-se, portanto, o paradigma prescrição gramatical *versus* língua em uso. Na língua portuguesa atual, o quadro de pronomes pessoais e suas possibilidades de concordância verbal se configura da seguinte maneira:

Quadro 1 – Realizações pronominais e formas correlatas e padrões de conjugação verbal em variedades da língua portuguesa

Variedades pessoa	PADRÃO		ESTUDOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ⁸³		PORTUGUÊS EUROPEU – CRPC		PORTUGUÊS BRASILEIRO – IBORUNA	
	Pronome/ correlato	conjugação /ex.	Pronome/ correlato	conjugação /ex.	Pronome/ correlato	conjugação /ex.	Pronome/ correlato	conjugação /ex.
1PS ⁸⁴	<i>Eu</i>	1PS	<i>Eu</i>	1PS x (3PS)	<i>Eu</i>	1PS	<i>Eu</i>	1PS
	<i>Eu</i>	<i>jogo futebol</i>	<i>Eu</i>	<i>joga x (joga) futebol</i>	<i>Eu</i>	<i>jogo futebol</i>	<i>Eu</i>	<i>jogo futebol</i>
2PS	<i>Tu</i>	2PS	<i>Tu</i>	2PS x 3PS	<i>Tu</i>	2PS	<i>Você</i>	3PS
			<i>Você</i>	3PS	<i>Você</i>	3PS		
	<i>Tu</i>	<i>joga futebol</i>	<i>Tu</i>	<i>joga x joga futebol</i>	<i>Tu</i>	<i>joga futebol</i>	<i>Você</i>	<i>joga futebol</i>
			<i>Você</i>	<i>joga futebol</i>	<i>Você</i>	<i>joga futebol</i>		
3PS	<i>Ele/a correlatos e</i>	3PS, 3PP ⁸⁵	<i>Ele/a correlatos e</i>	3PS x (3PP)	<i>Ele/a correlatos e</i>	3PS x 3PP	<i>Ele/a correlatos e</i>	3PS x (3PP)
	<i>Ele/a; Maria; menino O povo; pessoal</i>	<i>a joga futebol</i>	<i>Ele/a; Maria; menino O povo; pessoal</i>	<i>a joga futebol</i>	<i>Ele/a; Maria; menino O povo; pessoal</i>	<i>a joga futebol</i>	<i>Ele/a; Maria; menino O povo; pessoal</i>	<i>a joga futebol</i>
	<i>o joga x jogam pessoal</i>	<i>o joga x jogam futebol</i> ⁸⁶	<i>o joga x jogam pessoal</i>	<i>o joga x jogam futebol</i>	<i>o joga x jogam pessoal</i>	<i>o joga x jogam futebol</i>	<i>o joga x jogam pessoal</i>	<i>o joga x jogam futebol</i>
1PP	<i>Nós correlatos e</i>	1PP	<i>Nós correlatos</i>	1PP x 3PS	<i>Nós correlatos e</i>	1PP	<i>Nós correlatos e</i>	1PP x 3PS
			<i>A gente</i>	3PS x 1PP x (3PP)	<i>A gente</i>	3PS x 1PP	<i>A gente</i>	3PS x 1PP
	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e tu</i>	<i>jogamos futebol</i>	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e você/tu</i>	<i>jogamos x joga futebol</i>	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e você/tu</i>	<i>jogamos futebol</i>	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e você</i>	<i>jogamos x joga futebol</i>
			<i>A gente</i>	<i>joga x jogamos x jogam futebol</i>	<i>A gente</i>	<i>joga x jogamos futebol</i>	<i>A gente</i>	<i>joga x jogamos futebol</i>
2PP	<i>Vós</i>	2PP	<i>Vocês</i>	3PP x 3PS	<i>Vós</i>	2PP	<i>Vocês</i>	3PP x 3PS
			<i>Vocês</i>		<i>Vocês</i>	3PP x 3PS		
	<i>Vós</i>	<i>jogais futebol</i>	<i>Vocês</i>	<i>joga x joga futebol</i>	<i>Vós</i>	<i>jogais</i>	<i>Vocês</i>	<i>joga x joga futebol</i>
					<i>Vocês</i>	<i>joga x (joga) futebol</i>		
3PP	<i>Eles/as correlatos e</i>	3PP	<i>Eles/as correlatos e</i>	3PP x 3PS	<i>Eles/as correlatos e</i>	3PP x (3PS)	<i>Eles/as correlatos e</i>	3PP x 3PS
	<i>Eles; Elas; as pessoas; as homens</i>	<i>jogam futebol</i>	<i>Eles; Elas; as pessoas; as homens</i>	<i>joga x joga futebol</i>	<i>Eles; Elas; as pessoas; as homens</i>	<i>joga x (joga) futebol</i>	<i>Eles; Elas; as pessoas; as homens</i>	<i>joga x joga futebol</i>

Fonte: Rubio (2012a, p. 207).

Têm-se, assim, no caso da concordância verbal de primeira pessoa do plural PB para o pronome *nós*, registradas duas possibilidades: (i) a variante padrão – com marca morfêmica na expressão do verbo: *nós pegamos* (*nós* [-mos]) e (ii) a variante inovadora – com apagamento da marca morfêmica na expressão do verbo:

nós pega (*nós* [-0]). Da mesma maneira a variante concorrente *a gente* apresenta duas possibilidades quanto à concordância com o verbo: (i) a variante padrão - com o apagamento da marca morfêmica na expressão do verbo: *a gente pega* (*a gente* [-0]) e (ii) a variante inovadora – com marca morfêmica na expressão do verbo: *a gente pegamos* (*a gente* [-mos]).

3.2 Estudos variacionistas sob o viés da produção

Sob a perspectiva da produção, os modelos de investigação da variação pronominal de primeira pessoa do plural no PB são diversos tanto na abordagem, quanto na estratificação da amostra e no método. Vianna e Lopes (2015) e Araújo (2016) apresentam os dados dos trabalhos realizados no Brasil que buscaram investigar o fenômeno da variação pronominal de primeira pessoa do plural no PB. Apesar de as variáveis controladas, de a abordagem da coleta de dados e de o grupo de informantes serem bastante diversos entre esses estudos, é possível identificar que a tendência geral no território brasileiro é da prevalência da frequência de uso da forma *a gente* sobre a forma *nós*. A Tabela 1 compila os dados dos principais estudos apresentados por Vianna e Lopes (2015) e Araújo (2016).

Tabela 1 – Dados de frequência dos pronomes *nós* e *a gente* em estudos realizados no Brasil

REGIÃO SUDESTE			
Estudo	Corpus	Nós	A gente
Rodrigues (1987)	Entrevistas nas Favelas de São Paulo (SP)	46%	54%
Freitas (1991)	Projeto NURC (Rio de Janeiro - RJ)	76%	22,4%
Machado (1995)	Atlas Etnolinguístico (APERJ) (RJ)	28%	72%
Omena (1996)	Censo Linguístico do Rio de Janeiro (RJ)	22%	78%
Naro (1999)	Entrevistas - fala popular do Rio de Janeiro (RJ)	39%	61%
Omena (2003)	Censo Linguístico do Rio de Janeiro (RJ)	21%	79%
Maia (2003)	Entrevistas em Pombal e Belo Horizonte (MG)	46%	53%
Callou e Lopes (2004)	Projeto NURC (RJ) Dados anos 70 e 90	58% / 25%	42% / 75%
Vianna (2006)	Censo-Peul (RJ) Dados anos 80 e 2000	27% / 21%	73% / 79%
Rocha (2009)	Proj. Desc. Sócio-Histórica (Belo Horizonte - MG)	37%	63%

Mendonça (2010)	Projeto Português Falado de Vitória (ES)	29%	71%
Rubio (2012a)	Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP) (SP)	26,2%	73,8%
REGIÃO NORDESTE			
Estudo	Corpus	Nós	A gente
Alban Freitas (1991)	DID (Salvador - BA)	27%	73%
Fernandes (2004)	Projeto VALPB (João Pessoa – PB)	21%	79%
Mendes (2007)	Entrevistas (Santo Antônio de Jesus - BA)	7%	93%
Nascimento (2013)	Projeto NURC (Salvador – BA)	51,8%	48,2%
Santana (2014)	Programa PEPP (Salvador - BA)	24%	76%
REGIÃO SUL			
Estudo	Corpus	Nós	A gente
Seara (2000)	Projeto VARSUL (Florianópolis - SC)	28%	72%
Silva (2004)	Entrevistas (Blumenau - SC)	35%	65%
Borges (2004)	BDS Pampa (Jaguarão – RS) Projeto VARSUL (Pelotas – RS)	48% 27%	52% 73%
Zilles (2007)	Projeto NURC (Porto Alegre – RS) VARSUL (Porto Alegre – RS)	44% 28%	56% 72%
Tamanine (2010)	Projeto VARSUL (Curitiba - PR)	46%	54%
REGIÃO NORTE			
Estudo	Corpus	Nós	A gente
Silva (2011)	Projeto VALUNORTE (Belém – PA)	45,5%	54,5%
REGIÃO CENTRO-OESTE			
Estudo	Corpus	Nós	A gente
Muniz (2007)	Observação de informantes capital (GO) Observação de informantes interior (GO)	31% 57%	69% 43%
Matos (2013)	Entrevista do falar goiano (GO)	23%	77%

Fonte: adaptado de Vianna e Lopes (2015) e Araújo (2016).

Do contrastes entre as pesquisas mencionadas, vale destacar que a forma *a gente* é predominante em todo o território nacional. As exceções apontadas nos estudos de Freitas (1991), Callou e Lopes (2004) e Nascimento (2013) utilizam dados do Projeto NURC que tem como base informantes cultos da década de 70. Esse resultado, contrastado com bancos de dados mais recentes, confirma a tendência de mudança em curso na alternância pronominal de primeira pessoa do plural do PB.

3.3 Nós e a gente: fatores que favorecem o emprego das formas

Ainda que no nível semântico haja uma equivalência entre as formas *nós* e *a gente*, uma vez que são variantes de uma mesma variável, a escolha de uma ou outra forma é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Assim, nesta seção, serão listados os principais fatores que influenciam o uso de cada uma das variantes.

3.3.1 Sujeito expresso

No caso do pronome *nós*, sujeitos não expressos/nulos/desinenciais/elípticos, ou seja, sujeitos não realizados foneticamente podem ser identificados pela desinência verbal número pessoa (*falamos* = *nós falamos*), pois a marca morfológica [-mos] na expressão do verbo é única na identificação da pessoa do discurso. Já no caso da forma *a gente*, por sua concordância padrão ser feita com a conjugação verbal de terceira pessoa do singular (*ele fala / a gente fala*), o apagamento da expressão do sujeito gera ambiguidade quanto à pessoa do discurso. Nesse sentido, a expressão do sujeito nas orações parece favorecer sobremaneira o emprego da forma *a gente*, enquanto o sujeito nulo indica o favorecimento da forma *nós*. Em Araújo (2016), das 1014 ocorrências com sujeito expresso, 70,1% delas eram da variante *a gente*.

O sujeito preenchido é franco aliado da forma *a gente* (70,1% e peso relativo 0,575), o que pode colaborar para a validação da hipótese da mudança no parâmetro do sujeito. Já o sujeito nulo inibe a aplicação da regra (6,4% e pr. 0,020) (ARAÚJO, 2016, p. 82).

Em texto subsequente, o autor também afirma que “estudos realizados no Brasil que levam em consideração essa variável, como o trabalho de Costa (2003), apontam que o sujeito preenchido é cada vez mais uma característica da nossa língua” (ARAÚJO, 2020, p. 157). Essa constatação pode ser explicada por ao menos duas hipóteses, e ambas consideram o predomínio da forma *a gente* como fator determinante para o aumento das ocorrências de sujeito preenchido no PB. A primeira delas diz respeito à variável faixa etária. Por serem os jovens os que mais utilizam a variante *a gente* e o fazerem de maneira mais contundente, o peso dessa categoria sociodemográfica (idade) influencia também na expressão do sujeito do PB (DUARTE, 1995).

A outra possibilidade que pode justificar a tendência à expressão do sujeito em primeira pessoa do plural do PB está descrita em Scherre, Yacovenco e Naro (2018) e se relaciona com o estigma social associado à concordância não padrão *nós* [-0]. Segundo os autores,

a implementação de uma variante não estigmatizada - *a gente* sem *-mos* -, com concordância singular, se dá para evitar uma variante estigmatizada - *nós* sem *-mos*, sem concordância plural (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018, p. 24).

Seja pela maior realização da forma *a gente* entre os jovens, seja pela tentativa de se evitar o uso de uma forma estigmatizada entre os falantes, o fato é que os estudos até aqui indicam a tendência da prevalência da forma *a gente* e na maior expressão do sujeito em primeira pessoa do plural.

3.3.2 Referência genérica X Referência específica

Como já mencionado na seção 3.1 deste trabalho, a referência ao sujeito quando do emprego da forma *nós* abarca um *continuum* que vai de referentes [+determinados] para referentes [-determinados]. Assim, conforme Lopes (1998), é possível considerar que as formas de *nós* e *a gente* podem se referir ao *eu + tu/você* [+ determinado], até um grau máximo de indeterminação e generalidade como *eu + todo mundo* ou *eu + qualquer um*. Nesse sentido, Lopes (1998) considera para o que chama de "eu-ampliado" os níveis situados entre dois extremos; o primeiro considera o grau máximo de inclusão do "eu" e, o último, o grau mínimo de inclusão do "eu" (LOPES, 1998).

Os resultados do estudo conduzido pela autora mostraram que o uso da forma *nós* se dá preferencialmente para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (*eu + tu/você* ou *eu + ele*) tendo assim o referente [+determinado]. Já no caso de referência mais ampla [-determinada] (*eu + alguém* ou *eu + todo mundo*), há favorecimento para a forma *a gente*.

no uso de *a gente* em função do maior grau de amplitude do *eu* [-determinado], percebe-se a configuração de graus, partindo de *eu+você(s)* [+determinado] aumentando gradativamente a generalização até atingir o maior nível de indeterminação *eu+você(s)+ele(s)* ou *eu + todos*. No caso de *nós*, o processo é inverso: quanto maior a delimitação do "eu-ampliado" (*eu+vocês*), maiores são os índices percentuais, que vão decrescendo na medida em que se parte para a generalização (*eu+você(s)+ele(s)*) (LOPES, 1998, p. 416).

Estudos mais recentes também evidenciam o favorecimento da forma *a gente* em contextos [-determinados] em referência genérica e da forma *nós* em contextos [+determinados] com referência específica. Araújo (2016) afirma: “verificamos que, quando o referente é específico, o pronome nós é favorecido” (ARAÚJO, 2016, p. 163). O mesmo estudo também confirma que:

Apesar de o número expressivo de ocorrências de *a gente* no contexto específico, esse fator inibe a aplicação da regra (0,457). Já o pronome na referência genérica, embora apresente um número mais contido de ocorrências, privilegia a aplicação de *a gente* (0,656) (ARAÚJO, 2016, p. 163).

Nesse mesmo sentido, Carvalho, Freitas e Favacho (2020) apontam o favorecimento do emprego da forma *nós* em contextos de referência mais específica [+determinada] e do emprego da forma *a gente* em contextos de referência mais genérica [-determinada]. Nas palavras das autoras, “o uso do *a gente* é preferencialmente selecionado quando o sujeito apresenta algum grau de indeterminação, traço mais genérico (0,574)” (CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020, p. 41). Essa tendência pode indicar resquícios da forma original *gente* (uma massa indeterminada de pessoas), que, pelo processo de gramaticalização, passou a integrar o quadro dos pronomes pessoais do PB.

3.3.3 Paralelismo

O paralelismo “consiste na tendência de o falante repetir uma mesma forma numa sequência discursiva, seja dentro de um sintagma, seja entre orações, por influência, dependendo do fenômeno, de fatores pragmático-discursivos” (LOPES, 1998, p. 413). Assim, ao iniciar uma série, o falante pode tanto usar *nós* como *a gente*, mas ao utilizar uma das formas, essa escolha influenciará o uso das formas subsequentes (LOPES, 1998).

Contextos em que a forma precedente é o pronome *a gente* explícito [...] ou a forma verbal de 3PS (*a gente* não-explícito) [...] favorecem o emprego de *a gente*. No PB, apresentaram-se pesos relativos de 0,744 e frequências de 92,1% de uso de *a gente*, em contextos de *a gente* explícito e de 0,897 e de 96,7% para contextos com forma verbal de 3PS. [...] Por outro lado, contextos precedidos do pronome *nós* explícito [...] ou não-explícito (sujeito desinencial de 1PP) [...] favorecem o emprego de *nós*, pois apresentaram pesos relativos de 0,901 e 0,742 e frequências de 75,6% e 56,1%, respectivamente, no PB [...] O emprego alternante das formas *nós* e *a gente* em uma sequência de

cláusulas [...] é menos frequente, prevalecendo o princípio do paralelismo linguístico discursivo [...] A tendência verificada, que confirma totalmente as hipóteses para esse grupo de fatores, é de que a forma anterior influencia o emprego da forma subsequente e, em uma sequência de usos de um dos pronomes, há a manutenção da forma que inicia a série (RUBIO, 2012a, p. 233-236)¹⁵.

Nesse mesmo sentido, seguem estudos como o de Araújo (2016) que apresentou *nocaut*¹⁶ na variável paralelismo. Apesar de essa variável ter sido excluída da análise do pesquisador, vale mencionar aqui que “os fatores manutenção de *nós* e manutenção de *a gente* tiveram 100% das ocorrências para os seus respectivos pronomes” (ARAÚJO, 2016, p. 79). Lopes (1998) afirma que o paralelismo se mostrou uma variável determinante para a escolha do uso das formas *nós* e *a gente*. “Os fatores de natureza discursiva controlados - determinação do referente, mudança da referência, tipos de discurso - foram dominados pelo paralelismo, que se revelou o condicionador mais poderoso” (LOPES, 1998, p. 414).

3.3.4 Ordem canônica

A posição do sujeito em relação ao verbo também parece ser fator de grande influência no emprego das formas *nós* e *a gente*. Araújo (2016) aponta que em contextos de pronome posposto ao verbo, a prevalência da ocorrência é da variante *a gente*, com peso relativo de 0,761. “Esse dado confirma os resultados de Santos (2010, p. 107), ao afirmar que “quando o sujeito aparece depois do verbo, a probabilidade de o falante usar a variante não-padrão em vez da variante padrão é bem maior” (ARAÚJO, 2020, p. 165).

3.3.5 Saliência fônica

Os estudos variacionistas apontam que a saliência fônica do verbo é um fator com forte influência para o emprego das formas *nós* ou *a gente*. Neste sentido,

¹⁵O Português Brasileiro (PB) mencionado por Rubio (2012) refere-se ao Banco de Dados Iboruna. A menção ao PB foi empregada como oposição ao PE, variedade também investigada no estudo.

¹⁶Na análise estatística, em pesquisas variacionistas, ocorre *nocaut* quando não há ocorrência de uma variante relacionada a um fator específico. Para mais detalhes consultar: GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria. **Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

Naro, Görski e Fernandes (1999)¹⁷ apresentam uma escala com cinco níveis de saliência fônica. No nível 1 estão os verbos com grau mínimo de saliência fônica em que a distinção entre a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural ocorre apenas com o acréscimo da desinência [-mos], sendo a sílaba tônica a mesma nas duas formas verbais. O nível 1 de saliência ocorre especialmente no pretérito imperfeito (*falava – falávamos*).

No nível 2 estão os verbos em que, da mesma maneira que no nível 1, ocorre apenas o acréscimo da desinência [-mos], porém nos verbos de nível 2 não há coincidência entre a sílaba tônica das duas formas verbais. O nível 2 de saliência fônica ocorre especialmente entre as formas do presente do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo (*fala – falamos*). O fato de as formas do presente e do pretérito perfeito do indicativo serem idênticas nesse nível de saliência também é fator relevante para o emprego das formas *nós* ou *a gente*. Esse assunto será discutido no item 4.2.6 deste capítulo.

O nível 3 engloba os verbos monossílabos tônicos ou oxítonos na terceira pessoa do singular e que, na conjugação de primeira pessoa do plural, recebem a desinência [-mos] e tornam-se paroxítonos. O nível 3 de saliência fônica ocorre especialmente no presente do indicativo (*tem - temos / está – estamos*). Já no nível 4, além do acréscimo da desinência [-mos], a vogal temática do verbo em terceira pessoa do singular desaparece na forma da primeira pessoa do plural. O nível 4 de saliência fônica ocorre nos tempos presente e pretérito perfeito do indicativo, porém, diferente do que ocorre no nível 2, a similaridade é muito menor entre as formas verbais nesses dois tempos (*vai – vamos / comeu - comemos*).

O nível 5 é o que apresenta o mais alto grau de saliência fônica. Nesse nível estão os verbos que têm formas de terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural completamente diferentes. A maioria das formas do nível 5 de saliência fônica ocorrem no pretérito (*foi / foram*), mas não exclusivamente (*é – somos*). Além desses cinco níveis, Omena (1986) propõe mais dois níveis de saliência fônica. Assim, no nível 6 estão as formas de infinitivo com acréscimo da desinência [-mos] (*cantar – cantarmos*) e no nível 7 as formas iguais para a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, como é o caso dos verbos no gerúndio (*cantando*). Os

¹⁷A escala de níveis de saliência fônica apresentada por Naro, Görski e Fernandes (1999) é baseada em estudos anteriores de Naro e Lemle (1976) e Fernandes e Görski (1986).

níveis 6 e 7 apresentam, assim como o nível 1 apresentam baixo grau de saliência fônica.

Lopes (1998) constata que quanto maior saliência fônica entre as formas de singular e plural, maior é a probabilidade de emprego do pronome *nós*. Da mesma maneira, nos níveis mais baixos de saliência fônica (níveis 1 e 2), há maior probabilidade do emprego da forma *a gente* (LOPES, 1998). Nesse mesmo sentido, seguem outros estudos como Scherre, Yacovenco e Naro (2018), Lopes (2003), Vianna (2006) e Carvalho, Freitas e Favacho (2020) dentre outros.

Rubio (2012a, 2012b) propõe outra classificação para a saliência fônica dos verbos. O autor divide a saliência fônica em quatro categorias. São elas:

- i) saliência esdrúxula - a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição vogal/vogal-mos não é tônica nas duas formas. Ex. cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos ((11.a) e (11.e));
- ii) saliência máxima - ocorre mudança no radical e a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou duas formas. Ex.: é/somos, fez/fizemos, veio/viemos ((11.b) e (11.f));
- iii) saliência média - ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição vogal/vogal-mos é tônica nas duas formas. Ex.: comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos, vai/vamos ((11.c) e (11.g));
- iv) saliência mínima - a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex.: assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/ damos está/estamos, fazer/fazemos, faz/fazemos, lê/lemos, será/seremos, trouxe/trouxemos, tem/temos ((11.d) e (11.h)) (RUBIO, 2012b, p. 768).

Em consonância com os estudos de Naro, Görski e Fernandes (1999), a hipótese do autor para a atuação do fator saliência fônica era de que os maiores níveis de saliência fônica levariam a maiores usos da forma *nós*. A exceção seria feita apenas para os contextos em que a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona, o que, nessa situação, favoreceria o emprego da desinência (-0), mesmo em conjunto com o pronome *nós*. Os dados do estudo com o *corpus* Banco de Dados Iboruna confirmam as hipóteses do autor.

Para verbos com saliência esdrúxula, a taxa de emprego do pronome *nós* foi de 24,2% e para o pronome *a gente* foi de 75,8%. Para verbos com saliência mínima, a taxa de emprego de *nós* foi de 11,2% e de *a gente* foi de 88,8%. Com os verbos de saliência média, a taxa de emprego de *nós* foi de 40,9% e de *a gente* foi 59,1%. Já para aqueles de alta saliência fônica, o percentual de uso de *nós* foi de

41,8%, enquanto de *a gente* foi de 58,2%. Esses dados demonstram que o fator da saliência esdrúxula foi "desfavorecedor da aplicação de desinência de 1PP, juntamente com o fator saliência mínima. As categorias saliência média e máxima favorecem a aplicação de marcas de CV de 1PP" (RUBIO, 2012b, p. 771).

A saliência fônica é fator relevante na escolha do falante pelo emprego de uma ou outra variante pronominal de primeira pessoa. Em Rubio (2012a, 2012b), esse fator foi o segundo mais importante, atrás apenas do paralelismo discursivo. É fundamental, no entanto, compreender que a complexidade da saliência fônica está intimamente ligada aos tempos e modos verbais e que esses dois fatores parecem atuar conjuntamente.

3.3.6 *Tempo verbal*

Os estudos variacionistas acerca da alternância pronominal entre as variantes *nós* e *a gente* demonstram também que a marca morfêmica [-mos] em primeira pessoa do plural vem adquirindo função de morfema de pretérito, em oposição à (-0) como marca morfêmica de tempo presente (LOPES, 1998; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; VIANNA, 2006; RUBIO, 2012a; ARAÚJO, 2016; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; ARAÚJO; ARAÚJO; PEREIRA, 2020). Naro, Görski e Fernandes (1999) afirmam que "é possível prever um período futuro em que (-mos) pode ser categoricamente pretérito e zero categoricamente não pretérito na primeira pessoa do plural" (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p. 210, tradução nossa)¹⁸. Essa tendência pode indicar que

A gente estaria relacionado a tempos menos definidos, como o Presente (que pode expressar ação presente, futura, tempo indefinido, atemporalidade e habitualidade) e o Pretérito Imperfeito, que denota ação passada inconclusa. Tempos verbais de valores mais definidos, como o Pretérito Perfeito (que denota ação passada conclusa), estariam mais ligados ao emprego do pronome nós (VIANNA, 2006 p. 168).

Estudos como de Scherre, Yacovenco, Naro (2018)¹⁹, que analisam dados da Baixada Cuiabana e de Vitória, apontam três grandes tendências para a variação

¹⁸Texto original: "It is possible to foresee a future period in which -mos may come to be categorically preterit and 0 categorically non-preterit in the 1st person plural".

¹⁹O estudo de Scherre, Yacovenco e Naro toma como base trabalhos anteriores de Naro / Görski / Fernandes (1999), remodelados por Naro et al. (2017) e Scherre et al. (2014).

da concordância verbal das variantes *nós* e *a gente*: a primeira diz respeito à resolução da ambiguidade potencial causada por verbos com formas iguais no pretérito perfeito e no presente (*nós dormimos*) que levaria ao uso preferencial de [-mos] para o pretérito perfeito e a ausência da marca morfológica de primeira pessoa do plural para o presente. A segunda refere-se ao uso preferencial de [-mos] tanto para o pretérito perfeito quanto para o presente quando se trata de verbos com formas diferentes (*nós fomos / nós vamos*), já que não causam ambiguidade. Já a terceira trata do uso preferencial por [-0] para a redução de proparoxítonas e a manutenção do padrão fonológico do PB (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018).

Os resultados obtidos pelos autores confirmam essa tendência.

Uma primeira questão que salta aos olhos é que o morfema -mos é preferencialmente marca de pretérito perfeito independentemente da ambiguidade potencial: mais de 80,0% dos casos de pretérito perfeito nas duas amostras são de alta saliência fônica na escala proposta por Naro / Görski / Fernandes (1999: 203). Há um processo de iconicidade: o tempo mais marcado, o pretérito perfeito, recebe preferencialmente a marca explícita, o -mos. [...] Embora o pretérito perfeito não se realize categoricamente por meio de -mos nestas duas amostras, ele se expressa preferencialmente por meio deste morfema, quando usado o pronome nós (*nós dormimos/nós fomos*). Em outras palavras, o pretérito perfeito também pode ser expresso por meio de *a gente* sem -mos (*a gente dormiu/a gente foi*), só que não preferencialmente. [...]

A segunda questão que também salta aos olhos com a análise ternária é o entendimento da porta de entrada de *a gente* sem -mos, pelo imperfeito e pelo presente, em especial pelo presente que pode ter a mesma forma do pretérito. Na possibilidade real de produção de *nós* sem -mos, seja por força natural da prosódia do português brasileiro, que evita construções proparoxítonas, seja para desfazer ambiguidade potencial e assegurar uma leitura de tempo presente, [...] a ampliação e a expansão dos usos de *a gente* sem -mos, com especial força em áreas urbanas mais amplas, se apresentam como uma estratégia intuitiva, que permite resolução de conflitos sociolinguísticos, por meio de mais usos de estruturas com concordância (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018, p. 23).

A tendência geral apontada por Naro, Görski e Fernandes (1999) do emprego de [-mos] em referência ao pretérito e do emprego de [-0] em referência ao presente também se confirma em diversos outros estudos, como de Rubio (2012), em que os dados apontam que “há maior tendência de uso da forma *a gente* com verbos no presente [...] (83,7% e pr. 0,551) e maior tendência de uso da forma *nós* com verbos no pretérito perfeito [...] (43,6% e pr. 0,636)” (RUBIO, 2012, p. 246). O mesmo estudo também aponta, em relação ao pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo, um “leve favorecimento do emprego de *a gente*, com peso relativo de 0,536 e frequência

de 75,3%, para o pronome *a gente*, e peso relativo de 0,464 e frequência de 24,7%, para o pronome *nós*” (RUBIO, 2012, p. 246).

No mesmo sentido, segue o trabalho de Lopes (1998) com dados que indicam que “as maiores probabilidades para o uso de *nós* ocorreram com o pretérito perfeito (94%, .90) [...] Os pesos relativos maiores para o uso de *a gente* ocorreram em formas nominais (infinitivo 0.65 e gerúndio 0.75) e presente do indicativo 0.60” (LOPES, 1998, p. 416-417).

3.3.7 Tipo de verbo

Araújo (2016) parte dos dados apresentados por Tamanine (2002) que apontam serem “os verbos de estado como os de menor aplicação para o emprego de *a gente* (0,39)” (ARAÚJO, 2020, p. 160). Além dos verbos de estado, também foram incluídos na análise os verbos *dicendi*, os epistêmicos, os de ação e o verbo *ter*. Os resultados da pesquisa apontam que determinados tipos de verbo favorecem a variante *a gente* “como o verbo *dicendi* (0,939), epistêmico (0,600) e de ação (0,531) [...]. Já os verbos *ter* (0,464) e os verbos de estado (0,280) atuam de forma a desfavorecer a aplicação desse pronome” (ARAÚJO, 2016, p. 85).

3.3.8 Escolaridade

Quanto à entrada da forma *a gente*, a tendência geral dos estudos pelo viés da produção indica não haver diferença relevante do percentual de uso da forma *a gente* entre falantes mais ou menos escolarizados. Neste sentido, Vianna (2006), citando Fernandes (1996), afirma que “não há diferenças significativas em relação ao emprego da forma variável e os diferentes graus de escolarização” (VIANNA, 2006, p. 95). O estudo conduzido pela autora com estudantes de 5º e 8º série do Ensino Fundamental e de 1º e 3º ano do Ensino Médio traz como resultados uma taxa de realização da forma *a gente* de 41% (pr. 0,34) entre os alunos de 5º série, 40% (pr. 0,60) entre os de 8º série, 32% (pr. 0,59) entre os alunos de 1º ano do Ensino Médio e 23% (pr. 0,42)²⁰ entre os estudantes do 3º ano do Ensino Médio.

²⁰Para mais detalhes, consultar Vianna (2006 p.97).

Nesse mesmo sentido, no que se refere à alternância pronominal no PB, o estudo conduzido por Rubio (2012a) obtém taxas de ocorrências muito próximas para o uso de *a gente* na faixa de escolarização de 1 a 4 anos de estudos e na faixa de 12 ou mais anos de estudos (61,5% e 66,9%, com pesos relativos de 0,426 e 0,400, respectivamente). O que chama a atenção no estudo de Rubio (2012a) é a tendência das faixas extremas de escolarização para o uso da forma *nós* (38,5% e 33,1%, com pesos relativos de 0,574 e 0,660, respectivamente) e das faixas intermediárias para o uso da forma *a gente* (84,4% e 81,6%, com pesos relativos de 0,621 e 0,559, respectivamente). Com isso, o autor pondera que o comportamento assemelhado apresentado pelas faixas mais e menos escolarizadas da amostra pode ser explicado por meio da consideração dos fenômenos de concordância verbal com os pronomes *nós* e *a gente* no PB (RUBIO, 2012a).

Confirmando a hipótese de que o aumento do emprego da variante padrão ensinada no ambiente escolar é proporcional aos anos de escolarização, na pesquisa conduzida por Rubio (2012a), a escolaridade se mostrou o critério social mais relevante para o emprego da variante *nós* em combinação com a concordância verbal de primeira pessoa do plural. Já com o emprego da variante *a gente*, esse critério social não se mostrou relevante. Assim, os dados do estudo com amostra do português brasileiro do interior paulista indicam porcentagem de uso da forma *nós* [-mos] de 72% (pr. 0,161) para a faixa de 1 a 4 anos de escolarização, 81% (0,245) para a faixa de 5 a 8 anos de escolarização, 90,9% (pr. 0,685) para a faixa de 9 a 11 anos de escolarização e 95,8% (pr. 0,852) para a faixa de 12 anos ou mais de escolarização.

Tem-se, portanto, que, no que se refere à alternância pronominal, a escolarização parece não ser fator determinante para a tendência de emprego de uma ou outra variante de primeira pessoa do plural no PB. Essa tendência se estabelece por outros fatores, “diferentemente do fenômeno variável de AP *nós* e *a gente*, o fenômeno variável de CV de 1PP é influenciado diretamente pelo fator social escolaridade” (RUBIO, 2012a, p. 265).

3.3.9 Faixa etária

Zilles (2007) apresenta dados de três estudos em que a faixa etária se mostra relevante para o emprego da forma *a gente*. O primeiro deles, com 39

informantes do banco de dados da década de 90 do projeto Variação Linguística Urbana no Sul do País (VARSUL), aponta taxa de uso de 78% (pr. 0,66) da variante *a gente* entre os falantes mais jovens (25 a 49 anos) e de 65% (pr. 0,42) entre os falantes acima de 50 anos.

O segundo estudo apresentado pela autora compara duas amostras: uma com 20 falantes do projeto NURC gravada na década de 70 e outra com 16 falantes do projeto VARSUL gravada na década de 90. O objetivo dessa comparação é verificar a tendência da mudança linguística. Os informantes das duas amostras analisadas foram classificados em duas faixas etárias: os “jovens”, com idades entre 25 e 44 anos, e os “velhos”, com idades entre 45 e 69 anos. Nos dados gerais, os “jovens” apresentam taxa de uso da variante *a gente* de 73% e os “velhos” de 54% com pesos relativos de 0,64 e 0,32, respectivamente. Já na comparação das amostras, os falantes da década de 70 apresentam taxa de uso de 76% (pr. 0,31) da forma *a gente* contra 72% (pr. 0,67) para os informantes da década de 90. Sobre essa discrepância, a autora afirma:

Chamam atenção [...] as enormes diferenças, tanto em percentuais quanto em pesos, entre as faixas etárias (0,64 dos jovens versus 0,32 dos mais velhos) e as duas décadas (0,67 nos anos 1990, versus 0,31 nos anos 1970), revelando o quanto este processo se acelerou na segunda metade do século XX, por força, principalmente do incremento produzido pelo uso dos mais jovens. Além disso, considerando que a maioria (32/36) dos falantes dessas amostras são pessoas com instrução universitária, depreende-se dessa análise que o uso de *a gente*, na fala, não é estigmatizado (ZILLES, 2007, p.35).

Rubio (2012a) ressalta a relevância da comparação entre os extremos das faixas etárias nos estudos sociolinguísticos, pois “a chamada mudança em progresso se mostra mais visível nessas faixas, quando há elevada diferença de comportamento entre essas faixas” (RUBIO, 2012a, p. 280). Nesse sentido, o estudo conduzido por Rubio (2012a) aponta comportamentos muito semelhantes entre os falantes mais jovens e os falantes mais velhos no que se refere à concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *nós*, com frequência de 83,8% entre os falantes de 16 a 25 anos e 81,8% entre os falantes com 55 anos ou mais. No mesmo sentido, seguem os resultados para a concordância verbal de terceira pessoa do singular com o pronome *a gente* com frequências de 95,6% (pr. 0,608) entre os falantes da primeira faixa etária e 95,9% (pr. 0,599) entre os falantes da faixa etária mais elevada.

Ainda na pesquisa conduzida por Rubio (2012a), chama a atenção o comportamento dos falantes da faixa etária de 26 a 35 anos. Os falantes dessa faixa

etária apresentaram a menor taxa de emprego da concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *nós* (78% com peso relativo de 0,340). Foram eles também os que apresentaram a menor taxa de emprego da concordância verbal de terceira pessoa do singular com o pronome *a gente* (90% com peso relativo de 0,303), revelando, segundo o autor, que essa faixa etária é “a mais favorável ao emprego de verbos em 3PS junto ao pronome *nós*” (RUBIO, 2012a, p. 280) e “que essa faixa atua como favorecedora do uso de desinências de 1PP junto do pronome *a gente*” (RUBIO, 2012a, p. 303). Esses dados parecem indicar que é na faixa etária de jovens adultos em que há a maior probabilidade de haver o uso das concordâncias não padrão *nós* [-0] e *a gente* [-mos].

3.3.10 Sexo/ Gênero

Nos mesmos três estudos que demonstram a relevância da faixa etária para inserção da forma *a gente* no quadro pronominal do PB, Zilles (2007) apresenta a influência da variável sexo/gênero para o emprego da forma. Assim, o estudo comparativo, que reúne 36 amostras com dados do projeto NURC da década de 70 e do projeto VARSUL da década de 90, apresenta índices de 59% (pr. 0,46) para os homens e 69% (pr. 0,63) para as mulheres quanto ao emprego do pronome *a gente*. Já os dados do projeto VARSUL com 39 informantes exclusivamente da década de 90 indicam taxas de uso da variante *a gente* 62% (pr. 0,41) para os homens e 72% (pr. 0,55) para as mulheres, indicando que o processo de mudança teve continuidade nas duas décadas analisadas.

Lopes (1998), ao analisar um *corpus* com 18 entrevistas do tipo DID com falantes cultos reunidas a partir do Arquivo Sonoro do Projeto NURC/Brasil (6 de cada capital – Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador), identificou as variáveis sexo / gênero e faixa etária como o segundo fator mais relevante para o emprego *a gente* pelos falantes. Dentre os fatores que favorecem o uso do pronome *a gente*, o sexo feminino da faixa etária entre 25 a 35 anos apresenta taxa de uso de 82% (pr. 0,85) e, dentre os fatores que favorecem o emprego de *nós*, o sexo masculino da faixa etária acima de 56 anos apresenta taxa de uso de 87% (pr. 0,81).

Em Araújo (2016), ao se analisar apenas os informantes mais jovens (faixa etária de 15 a 25 anos), a simetria entre os informantes (mesma faixa etária e mesmo gênero) favoreceu o uso da forma *a gente* com taxa de emprego de 85% (pr. 0,634)

enquanto os informantes parcialmente simétricos (mesma faixa etária e gênero diferente) tiveram taxa de empregos de 18,2% (pr. 0,011).

Ainda no que se refere à alternância ao emprego da variante inovadora *a gente*, na pesquisa conduzida por Rubio (2012a), o fator gênero não foi selecionado como significativamente correlacionado no *corpus* do português brasileiro do interior paulista por apresentar índices muito próximos para homens e mulheres (72,6% e 74,7%, respectivamente). Da mesma forma, para a análise da concordância verbal tanto de *nós* [-mos] quanto de *a gente* [-0], a variável gênero, por apresentar frequência de uso muito próximas para homens e mulheres (85,6% e 85,3% para *nós* e 93,1% e 94,6% para *a gente*), não foi considerada significativa.

3.4 Nós e a gente: estudos pelo viés da produção no Ceará

As investigações mais relevantes acerca da alternância pronominal de primeira pessoa do plural no Estado do Ceará resultam de dois bancos de dados de fala, ambos custodiados na Universidade Estadual do Ceará (UECE). O primeiro banco de dados, o Português Oral Culto Fortaleza (PORCUFORT), “foi realizado, no período de 1993 a 1995, empregando técnicas e métodos de coleta de dados moldadas e implementadas pelo Projeto NURC - Norma Linguística Urbana Culta do Brasil” (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018, p. 181), e conta com 73 informantes, fortalezenses natos, filhos de pais cearenses, com escolaridade de nível superior e com residência fixa em Fortaleza²¹ (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018). O segundo, o Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NOPORFOR) “foi iniciado em agosto de 2003 e estendeu-se até julho de 2006” (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2020, p. 17) e conta atualmente com 196 informantes estratificados em quatro níveis de escolarização (1-4 anos; 5-8 anos; 9-11 anos; e mais de 11 anos)²². Partindo desses bancos de dados, estudos buscaram investigar, segundo a perspectiva da Teoria Variacionista, a ocorrência dos pronomes *nós* e *a gente* na fala fortalezense sob o viés da produção. Nesse sentido, Araújo (2016) investiga o fenômeno na fala popular de Fortaleza (NOPORFOR), já Carvalho, Freitas e Favacho (2020) e Freitas, Rodrigues e Santos (2021) utilizam os dados da fala culta (PORCUFORT).

²¹Para mais detalhes sobre o banco de dados PORCUFORT, consultar Araújo, Viana e Pereira (2018).

²²Para mais detalhes sobre o banco de dados NOPORFOR, consultar Araújo, Araújo e Pereira (2020).

Araújo (2016) utilizou uma amostra composta por 53 informantes provenientes do banco de dados Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR) com inquéritos do tipo D2 (Diálogo entre Dois informantes). Em uma primeira rodada, com o uso do programa GoldVarb X, foram consideradas as ocorrências das variáveis *nós* e *a gente* em todas as funções sintáticas. As variáveis linguísticas controladas nessa análise foram: a função sintática, a referência do pronome, a marca morfêmica, o tempo verbal, tipo de verbo, estrutura do verbo, paralelismo, preenchimento do sujeito, posição do pronome em relação ao verbo e simetria entre os interlocutores, e como variáveis extralinguísticas: sexo, faixa etária e escolaridade (ARAÚJO, 2016). Após serem retiradas as variáveis que sofreram nocaute, os resultados gerais dessa rodada indicam 1262 ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*, sendo 66% das ocorrências para *a gente* e 34% para *nós* na rodada que analisou a alternância pronominal em todas as funções sintáticas. Quanto ao preenchimento do sujeito, os dados revelam o favorecimento da forma *a gente* com 70,1% das ocorrências de sujeito preenchido. A escolaridade é o segundo fator analisado pelo pesquisador; “os mais escolarizados tendem a favorecer o uso da forma inovadora *a gente* (pr. 0,564) já os informantes de escolaridade baixa e média tendem a favorecer a forma *nós* (pr. 0,497 e pr. 0,411 para *a gente*, respectivamente)”.

A pesquisa de Araújo (2016) também aponta que determinados tipos de verbo favorecem a variante *a gente* “como o verbo *dicendi* (pr. 0,939), epistêmico (pr. 0,600) e de ação (pr. 0,531) [...]. Já os verbos *ter* (pr. 0,464) e os verbos de estado (pr. 0,280) atuam de forma a desfavorecer a aplicação desse pronome” (ARAÚJO, 2016, p. 85). Quanto à função sintática, os dados apontam que a maioria absoluta das ocorrências acontecem na função de sujeito e, das 999 ocorrências em função de sujeito, 657 são de *a gente*. Nas demais funções sintáticas as ocorrências são baixas, no entanto, chama a atenção a função de adjunto com 94% das ocorrências para *a gente*. Em relação à referência genérica ou específica, a referência genérica privilegia a aplicação do pronome *a gente* (pr. 0,656), já a referência específica inibe a aplicação da regra (pr. 0, 457). A simetria entre os informantes também é apontada como fator relevante para a manutenção de uma forma pronominal. Os dados apontam que interlocutores muito simétricos e parcialmente simétricos favorecem sutilmente a utilização de *a gente* (pr. 0,549 e pr. 0,530, respectivamente), já informantes totalmente assimétricos ou parcialmente assimétricos beneficiam o uso da variável *nós* (pr. 0,439 e pr. 0,411, respectivamente).

Os dados gerais da fala popular de Fortaleza indicam que o pronome *a gente* é favorecido (pr. 0,761) em contextos em que ele é empregado após o verbo. Já nos contextos pré-verbais, o pronome *a gente* é desfavorecido (pr. 0,464). A faixa etária também é um fator relevante para o favorecimento do uso da forma inovadora *a gente*, já que os dados gerais mostram que entre os informantes de 15 a 25 anos, 78% (pr. 0,681) das ocorrências são de *a gente*. Esses valores são de 57,8% (pr. 0,357) e 63,7% (pr. 0,492) para os informantes de 26 a 49 anos e acima de 50 anos, respectivamente. A última variável importante nessa primeira rodada é o tempo verbal. O pretérito imperfeito do indicativo e o presente do indicativo favorecem a forma *a gente* (pr. 0,541 e pr. 0,507, respectivamente), enquanto o pretérito perfeito do indicativo favorece a forma *nós* (pr. 0,382 para a aplicação de *a gente*). Os resultados dessa análise, que considera as ocorrências das variantes *nós* e *a gente* em todas as funções sintáticas, foram posteriormente compilados e publicados em formato de capítulo de livro (cf. ARAÚJO, 2020).

Na segunda análise do estudo de Araújo (2016), posteriormente também compilado e publicado em parceria em formato de capítulo de livro (cf. ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020), se consideram apenas as ocorrências em que as variantes *nós* e *a gente* aparecem em função de sujeito. Para essa análise são controladas seis variáveis: o preenchimento do sujeito, o tipo de verbo, a referência *nós/ a gente*, a posição do pronome em relação ao verbo e simetria entre os interlocutores. Os dados apontam consistência na alternância de uso das formas com 66% para *a gente* e 34% para *nós*. Quanto ao preenchimento do sujeito, o pronome preenchido favorece a ocorrência da forma *a gente* (pr.0,586) enquanto o pronome nulo desfavorece o uso da forma (pr. 0,015). Em relação à faixa etária, quando se analisa o emprego das formas *nós* e *a gente*, exclusivamente em posição de sujeito, os mais jovens (faixa etária de 15 a 25 anos) “são os únicos que favorecem o uso da variante *a gente* e o fazem de maneira bem expressiva, com peso relativo de 0,705” (ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020 p. 115), as outras duas faixas etárias – 26 a 49 anos e acima de 50 anos – apresentam pesos relativos de 0,356 e 0,488, respectivamente.

Quanto ao tipo de verbo, os verbos que mais favorecem a forma inovadora são: verbos *dicendi* (pr. 0,981) e verbos epistêmicos (pr. 0,587). Já os verbos de estado desfavorecem o uso da forma *a gente* (pr. 0,297), os verbos de ação (0,516) e o verbo *ter* (pr. 0,512) apresentam pesos relativos muito próximos ao ponto neutro. O

pronome posposto ao verbo também favorece o emprego da forma *a gente* com peso relativo de (pr. 0,825). Quanto à simetria dos informantes, os informantes totalmente simétricos – mesma faixa etária e mesmo sexo – favorecem o uso de *a gente* (pr. 0, 546) enquanto os informantes parcialmente simétricos (pr. 0,412) e os assimétricos (pr. 0,385) privilegiam a forma *nós*.

O segundo estudo sobre as variantes *nós* e *a gente* pelo viés da produção no Estado do Ceará foi conduzido por Carvalho, Freitas e Favacho (2020). Nesta pesquisa, as autoras replicam o estudo conduzido por Scherre, Yacovenco e Naro (2018) com 35 falantes graduados da base de dados do projeto Português Oral Culto de Fortaleza – Porcufort. As variáveis linguísticas controladas foram tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo e a referência – genérica ou específica – do pronome. As variáveis extralinguísticas foram sexo, faixa etária e tipo de registro (D2 e DID). Devido à baixa ocorrência de combinações *a gente* [-mos] e *nós* [-0], para a análise foram consideradas apenas as ocorrências *a gente* [-0] e *nós* [-mos].

Os dados gerais de frequência de uso apontam que, das 1001 ocorrências identificadas no estudo, 62% delas são de *a gente* [-0] e 37,8% de *nós* [-mos]. As ocorrências *a gente* [-mos] e *nós* [-0] totalizam 0,2%. Quanto ao tempo e tipo de paradigma verbal, “as formas no presente do indicativo iguais às do pretérito perfeito do indicativo (levamos/leva; cantamos/canta; falamos/fala) favorecem o uso de *a gente* (0,615)” (CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020, p. 37). Esse resultado confirma a tendência apontada nos estudos anteriores. A tabela abaixo compara os resultados da análise dos *corpora* da Baixada Cuiabana e de Vitória apresentados por Scherre, Yacovenco e Naro (2018) com os resultados obtidos da fala culta fortalezense por Carvalho, Freitas e Favacho (2020).

Tabela 2 – Tempo e tipo de paradigma verbal das amostras da Baixada Cuiabana (BC), Vitória (VIT) e Fortaleza (FOR)

VARIÁVEIS				
FATORES	Amostras	Nós com [-mos] Concordância plural	Nós sem [-mos] Sem concordância	A gente sem [-mos] Concordância singular
		Variante sem estigma com registro padrão preferencial	Variante com estigma sem registro padrão	Construção sem estigma com registro padrão marginal
(1a) Pretérito perfeito igual ao	BC VIT	74,3% 66,7%	2,6% 1,7%	23,1% 31,6%

presente	FOR	46,4%		53,6%
(1b) Presente Iguual ao pretérito Perfeito	BC VIT FOR	11,4% 7,7% 27%	35,6% 1,2%	53,0% 91,1% 73%
(2a) Pretérito perfeito diferente do presente	BC VIT FOR	61,0% 62,5% 60%	2,4% 0,9%	36,6% 36,6% 40%
(2b) Presente diferente do pretérito perfeito	BC VIT FOR	44,8% 25,6% 48,2%	12,1% 1,9%	43,1% 72,5% 51,8%
(3) Imperfeito	BC	6,7%	47,0%	46,3%
	VIT	4,7%	12,9%	82,4%
	FOR	28,4% (Indicativo) 25% (Subjuntivo)		71,6% (Indicativo) 75% (Subjuntivo)
TOTAL	BC	26,0%	28,7%	45,3%
	VIT	26,5%	3,8%	69,7%
	FOR	39,3%		60,7%

Fonte: adaptado de Scherre, Yacovenco e Naro (2018) e Carvalho, Freitas e Favacho (2020).

A partir dos dados do estudo, Carvalho, Freitas e Favacho (2020) concluem que a tendência geral identificada por Scherre, Yacovenco e Naro (2018) se confirma. Assim, os resultados apresentados são:

- 1) o presente com forma igual ao pretérito favorece a forma *a gente* (0,615), indicando que, em contexto de ambiguidade potencial, o *nós* com *-mos* é desfavorecido. A oposição singular/plural nesses casos mostrou-se em verbos menos salientes (leva/levamos; procura/procuramos; conta/contamos). [...]
- 2) o presente de forma diferente do pretérito favorece a presença de *nós* com *-mos* (0,637). Nesses casos, não há ambiguidade entre pretérito e presente. A oposição singular/plural é mais saliente (tem/temos; é/somos) [...]
- 3) o pretérito perfeito (cf. 2a e 2b na tabela 2) favorece a concordância *nós* com *-mos* quer a forma de 1PP seja igual ao presente (0,547) quer sua forma seja diferente (0,729) [...]
- 4) o imperfeito do indicativo (0,687) e o imperfeito do subjuntivo (0,609) favorecem o *a gente*, sendo uma das razões ser o fato de ambas serem proparoxítonas, acentuação pouco frequente no português, daí serem utilizadas na 3ª pessoa do singular, que são formas paroxítonas (falava x falávamos; falasse x falássemos) (CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020 p. 38-39).

Quanto à referência do pronome, as autoras distribuíram as ocorrências em dois grupos: referência genérica e referência específica. Os dados indicam 64,5% em referência genérica para a ocorrência *a gente [-0]*, com peso relativo de 0,574 e 56,8% para a referência específica, com 0,425 de peso relativo. Esses resultados seguem a tendência geral apontada em outros estudos (LOPES, 1998; RUBIO, 2012a; ARAÚJO, 2016). A variante extralinguística *faixa etária* foi estratificada em três níveis (22 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima de 55 anos) e os dados apontam que os mais jovens são

os que favorecem a forma *a gente* (88% e peso relativo de 0,828), já os falantes de 36 a 55 anos e acima de 55 anos desfavorecem a variante inovadora com 59,4% (0.468) e 43,7% (0.296), respectivamente.

A pesquisa de Freitas, Rodrigues e Santos (2021) apresenta um estudo em tempo real com dados dos *corpora* sociolinguísticos Porcufort I e II com dados da década de 1990 e 2010. As variáveis linguísticas consideradas para o estudo foram i) o nível de referência do pronome ([+ específico] e [- específico]), ii) tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo. As variáveis extralinguísticas consideradas foram: i) faixa etária, ii) sexo e iii) fase (dados de 1990 / dados de 2010). Para o estudo, foram analisadas 71 entrevistas sociolinguísticas realizadas em 1990 e 2010 estratificados em gênero (masculino e feminino) e em três faixas etárias. A análise dos dados foi feita por meio de testes estatísticos e modelo de regressão logística utilizando-se o programa *R*.

Os dados confirmam a tendência de avanço da variante inovadora *a gente* no falar fortalezense culto com 62% de ocorrência geral em 1990 e 82% na amostra de 2010. A forma *a gente* também se mostrou predominante no falar das faixas etárias mais jovens com índices, na amostra de 1990 de 88,29% na primeira faixa etária (22 a 35 anos), 60,94% na segunda faixa etária (36 a 55 anos) e 45,61% na terceira faixa etária (56 anos ou mais) e 89,79%, 92,11% e 68,8% para as três faixas etárias, respectivamente, na amostra de 2010. Em relação à variável sexo, os índices indicam 60,63% de ocorrência de *a gente* em informantes do sexo feminino na amostra de 1990 e 79,17% na amostra de 2010, quanto aos informantes do sexo masculino, esses valores são de 67,08% na amostra de 1990 e 88,51% na amostra de 2010. Segundo os autores, a análise dos dados permite inferir que “a tendência de aumento da forma inovadora irá prosseguir também a terceira faixa etária, em um intervalo de mais uma geração, em um processo de mudança em andamento em favorecimento da forma inovadora *a gente*” (FREITAS; RODRIGUES; SANTOS, 2021, p. 13)

Quanto às variáveis linguísticas investigadas, as variantes *nós* e *a gente* apresentam índices de referência genérica de 34,31% e 65,69%, respectivamente na amostra de 1990 e de 8,93% 91,07% na amostra de 2010. Já a referência específica tem índice de 41,51% para *nós* e 58,49% para *a gente* na amostra de 1990 e 24,32% para *nós* e 75,68% para *a gente* na amostra de 2010. Em relação ao tempo e tipo de paradigma verbal, na amostra de 1990 o tempo verbal no presente com verbo igual ao passado e o pretérito imperfeito do indicativo são os tempos verbais que mais

favorecem a variável *a gente* com índices de 72,25% e 70,98%, respectivamente. Esses dois fatores também se destacam no favorecimento da forma *a gente* na amostra de 2010 com índices de 94,31% para os verbos com presente igual e 90,1% para verbos no imperfeito do indicativo. Sobre esses resultados, os autores destacam que

O pretérito perfeito ambíguo apresenta $p < 0,01$, ou seja, a forma inovadora *a gente* demonstra um avanço em seu contexto menos prototípico. Ainda que a maior força estatística do pronome *a gente* seja no favorecimento do seu uso no tempo presente, o avanço do uso nas formas de pretérito, igual ou diferente a presente, pode ser um indício favorável ao processo de mudança linguística (FREITAS; RODRIGUES; SANTOS, 2021, p. 20)

A análise da interação entre as variáveis sexo e faixa etária permite observar que “a variante inovadora avançou em todas as faixas etárias, em especial entre os homens. Já as mulheres da terceira faixa etária, ao se comparar as tendências entre as amostras, mantiveram o favorecimento da variante tradicional” (FREITAS; RODRIGUES; SANTOS, 2021, p. 23). Para os autores, esse fato pode ser explicado pela falta de prestígio da variante *a gente* que, mesmo não sendo estigmatizada, muitas vezes é associada à fala coloquial e não é validada no ensino formal.

As conclusões a que chegam os autores desses três estudos acerca das variantes *nós* e *a gente* na fala culta e na fala popular de Fortaleza indicam que, de maneira geral, os resultados seguem a tendência nacional de mudança em processo com a entrada da forma *a gente* como estratégia para se resolver a ambiguidade entre os tempos presente e pretérito perfeito do indicativo. Além disso, há o favorecimento da forma inovadora com verbos de baixa saliência fônica, com verbos *dicendi* e entre os falantes mais jovens. Essas conclusões indicam que há uma mudança em curso quanto ao uso dos pronomes de primeira pessoa no português falado no Brasil.

3.5 Nós e a gente: estudos pelo viés da percepção

Embora ainda incipientes no Brasil, os estudos da variação linguística pelo viés da percepção já apresentam dados relevantes quanto às percepções, crenças e atitudes dos falantes frente às variantes estudadas. No que se relaciona à alternância pronominal de primeira pessoa do plural e suas covariações com às formas verbais, dois trabalhos trazem resultados bastante interessantes quanto à avaliação social dos falantes acerca emprego das formas *nós* e *a gente*. Os estudos desenvolvidos por

Freitag (2016) e Freitas e Carvalho (2020), além de incrementar os dados acerca da mudança linguística observada no paradigma pronominal de primeira pessoa do PB, também apresentam abordagens metodológicas e propostas de análise que podem colaborar com a compreensão do fenômeno.

Freitag (2016) investiga quatro amostras, constituídas por metodologias de coleta diversas, a fim de se garantir um gradiente de (in)formalidade, do banco de dados Falares Sergipanos e contrasta os dados dessas amostras com uma investigação pelo viés da percepção desenvolvida a partir da inserção de perguntas como “Quando você está conversando, você usa mais o *nós* ou o *a gente*?” ao fim das entrevistas sociolinguísticas. Assim, das quatro amostras estudadas, as amostras (iii) e (iv) apresentam, além dos dados de produção, também os dados sobre as atitudes e crenças linguísticas dos informantes.

Quanto aos dados de produção, a distribuição das ocorrências por indivíduo mostra uma assimetria de comportamento entre as amostras. Alguns fatores podem explicar essa assimetria: (a) a escolarização dos informantes das amostras (i), (ii) e (iv); (b) a idade dos informantes (mais velhos na amostra (ii)) e (c) a região de moradia (mais próxima dos centros urbanos X mais distantes dos centros urbanos). A Tabela 3 sintetiza os dados de produção das quatro amostras.

Tabela 3 – Alternância pronominal e concordância em quatro amostras analisadas por Freitag (2016)

AMOSTRAS	Percentual geral de uso		Distribuição dos padrões de concordância			
	<i>a gente</i>	<i>Nós</i>	<i>nós (-mos)</i>	<i>nós (-o)</i>	<i>a gente (-o)</i>	<i>a gente(-mos)</i>
Amostra (i) Estudantes da Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana/SE	83%	17%	14%	3%	82%	1%
Amostra (ii) Comunidade de práticas Mãe da Divina Graça, povoado Açuzinho, Lagarto/SE	73%	27%	17%	10%	72%	1%

Amostra (ii) Comunidade de práticas acadêmicas (PIBID de Matemática), Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE	96%	4%	4%	0,5%	95%	0,5%
Amostra (iv) Estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, Aracaju/SE	83%	17%	15%	1,5%	83%	0,5%

Fonte: adaptado de Freitag (2016).

A primeira amostra do estudo é constituída por 20 entrevistas sociolinguísticas, além da documentação da interação de oito informantes divididos em dois grupos em função de seus laços de relacionamento. Todos os informantes da amostra (i) são estudantes da Universidade Federal do Sergipe em Itabaiana/SE com curso em nível superior em andamento ou concluído e com faixa etária entre 18 e 29 anos. Os dados dessa amostra indicam haver a prevalência do emprego da forma *a gente* com percentual de ocorrência geral de 83% (82,2% nas entrevistas e 85,5% nas interações). Dentre os informantes, apenas um utiliza o pronome *a gente* categoricamente e outros quatro privilegiam a forma *nós*. No que se refere aos padrões de concordância, a amostra (i) apresenta 82% das ocorrências para *a gente* [-0], 14% para *nós* [-mos], 3% para *nós* [-0] e 1% para *a gente* [-mos].

A segunda amostra é constituída por 6 entrevistas sociolinguísticas e a documentação de três reuniões de uma comunidade religiosa no povoado de Açuzinho em Lagarto/SE. Os informantes da amostra (ii) apresentam distribuição assimétrica de faixa etária (de 20 a 70 anos) e de escolarização (de sem escolarização a Ensino Superior). Os dados dessa amostra indicam haver a prevalência do emprego da forma *a gente* com percentual geral de 73% (75% em documentação de reunião e 66% em entrevistas). Quanto aos padrões de concordância, a amostra (ii) apresenta 72% das ocorrências para *a gente* [-0], 17% para *nós* [-mos], 10% para *nós* [-0] e 1% para *a gente* [-mos].

A amostra (iii) é constituída por 9 entrevistas sociolinguísticas e a documentação de duas reuniões de participantes de uma comunidade de prática acadêmica. Os informantes da amostra (iii) são graduandos da Universidade Federal de Sergipe, participam do programa PIBID de Matemática, residem na região metropolitana de Aracaju/SE e têm idades entre 19 e 25 anos. Os dados dessa amostra também indicam haver a prevalência do emprego da forma *a gente* com

percentual geral de 96% (93% na documentação das reuniões e 97% nas entrevistas). A distribuição das ocorrências de *a gente* entre os informantes “é quase categórica, tendo o menor percentual de uso *a gente* o informante Nyo-M, com 85% de suas ocorrências” (FREITAG, 2016, p. 893). Quanto aos padrões de concordância, a amostra (iii) apresenta 95% das ocorrências para *a gente* [-0], 4% para *nós* [-mos], 0,5% para *nós* [-0] e 0,5% para *a gente* [-mos].

A quarta amostra do estudo é constituída por 20 entrevistas sociolinguísticas, além da documentação da interação de dois grupos de estudantes. Todos os informantes da amostra (iv) são estudantes do Colégio Estadual Atheneu Sergipense em Aracajú/SE, residentes na Grande Aracajú e com idades entre 17 e 19 anos. Assim como as amostras anteriores, os dados da amostra (iv) apontam a prevalência do emprego da forma *a gente* com percentual geral de 83% (92% nas entrevistas sociolinguísticas e 79% nas interações). Dos 29 informantes registrados, 10 apresentam 100% das ocorrências para *a gente* e apenas um apresenta porcentagem inferior a 50 % (30%). No que se refere aos padrões de concordância, a amostra (iv) apresenta 83% das ocorrências para *a gente* [-0], 15% para *nós* [-mos], 1,5% para *nós* [-0] e 0,5% para *a gente* [-mos].

Como mencionado anteriormente, as amostras (ii) e (iv) apresentam, além dos dados de produção, também dados acerca das percepções e crenças linguísticas dos falantes no que se refere ao emprego das formas *nós* e *a gente*. Dos oito informantes apresentados no estudo, 4 deles foram categóricos no emprego da forma *a gente*, 3 apresentaram taxa de produção acima de 90% e um teve percentual de 57% para o uso da variante inovadora. Ao serem questionados acerca de qual das duas formas julgavam utilizar, 3 dos informantes responderam que utilizam mais a forma *nós*, 3 que utilizam mais a forma *a gente* e 2 deles afirmaram usar ambas.

As crenças dos informantes quanto ao emprego das formas variam de julgamentos de ordem emocional representados por manifestações como “estranho”, “errado”, “muito feio”, “vício de linguagem” para a variante *a gente*, passam pela questão da concordância, sendo a forma *a gente* considerada “mais fácil” e se concentram na questão da formalidade, sendo a forma *nós* julgada como mais formal e a forma *a gente* como menos formal/mais íntimo. Esses julgamentos estão organizados no Quadro 2.

Quadro 2 – Contraste entre os dados de produção e o julgamento dos falantes

Informante	ROD-M	AND-M	MAY-F	SUS-F	GKE-F	ALE-M	ROS-F	CAR-M
% uso <i>a gente</i>	100%	100%	100%	100%	96%	57%	93%	93%
Acredita usar	<i>Nós</i>	<i>Nós</i>	<i>Nós</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente</i>	ambas	ambas
Julgamentos de ordem emocional	ROD-M: não <i>a gente</i> vai é <u>muito feio</u> ((RISOS)) ROD-M: num sei acho que é mais por pelo meio que eu vivi né? ((RISOS)) o povo mangava muito desse jeito dizendo que era <u>errado</u> que era <u>errado</u> que era <u>errado</u> AND-M: <i>nós a gente</i> fica <u>muito estranho</u> fica <i>a gente</i> GKE-F: <i>a gente</i> ... eu acho que é o <u>costume</u> entendeu? <i>a gente</i> ALÊ-M acho que é <u>um vício de linguagem</u> é o <u>costume</u> de sempre falar <i>a gente a gente</i>							
	Julgamentos acerca da concordância ou adequação gramatical	ROD-M: não <u>a gente vai</u> é muito feio ((RISOS)) GKE-F: eu acho <u>mais fácil</u> falar o <i>a gente</i> GKE-F: porque o <i>nós</i> você tem que colocar o resto () nas palavras ((RISOS)) ele não vai poder <u><i>nós vai</i> é <i>nós vamos</i></u> pra tal lugar <u><i>nós iremos</i> e <i>a gente</i> é <i>a gente a gente vai</i> ou <i>a gente foi</i></u> ((RISOS)) é bem <u>mais fácil</u> CAR-M: Eu acho melhor <i>a gente</i> <u>falar corretamente</u> se der a depender da situação eu acho que o <i>nós</i> ou o <i>a gente</i> pra mim tá correto dependendo tipo o <u><i>a gente</i> separado né não junto</u>						
Julgamentos acerca da formalidade / intimidade		MAY-F: é sim pode ser mas também <u>falo <i>a gente</i> só com amigo</u> mas assim diferenciar o <i>a gente</i> () as vezes eu utilizo eu prefiro utilizar o <i>nós</i> mas não me importo não						
	SUS-F: não sei é porque assim quando eu vou falar alguma coisa se eu falar <i>nós</i> assim <u>pelo celular eu falo muito <i>nós</i></u> eu falo muito o <i>nós</i> SUS-F: eu acho que o <u><i>a gente</i> é mais informal</u> do que o <i>nós</i> mas agora eu tô <u>conversando assim normal</u> eu falo mais <i>a gente</i> eu acho que já é de costume usar o <i>nós</i> já <u><i>a gente</i> é mais informal</u> do que o <i>nós</i> mas eu acho um mais fo- não sei se é impressão minha não sei mas eu acho que é mais for- <u>mais informal o <i>a gente</i></u>							
	ALÊ-M: acho que <u>na parte mais formal</u> quando fala <u>formalmente</u> é melhor usar o <i>nós</i> do que o <i>a gente</i> o <i>a gente</i> é uma linguagem muito num presto atenção não o <u><i>a gente</i> é uma linguagem muito informal</u> então o <i>nós</i> em uma reunião se sai bem <u>melhor do que o <i>a gente</i></u>							
ROS-F: eu acho que quando eu tô assim meio <u>no meio dos amigos</u> eu uso mais <i>a gente</i> e quando eu tô assim <u>com pessoas mais não</u> que seja melhores mas <u>que eu não tenha um grau de intimidade muito grande</u> eu uso <i>nós</i>								

Fonte: adaptado de Freitag (2016).

Ao contrastar os dados de produção com os julgamentos apresentados pelos falantes acerca das variantes *nós* e *a gente*, a autora reflete que “se o critério da frequência parece corroborar a premissa de que a variação na primeira pessoa do plural se encaminha para a mudança, com a implementação da forma *a gente*, a avaliação social da variação vai na direção contrária” (FREITAG, 2016, p. 899). Nesse

sentido, segundo a autora, as avaliações apresentadas pelos falantes sugerem o barramento da forma *a gente* e, mesmo se tratando de uma configuração complexa que deve considerar a covariação com os padrões de concordância, esse cenário motiva uma investigação acerca da correlação entre crenças, atitudes e uso das variantes *nós* e *a gente* (FREITAG, 2016).

Com o objetivo de elucidar o significado social da variante inovadora *a gente* e da forma conservadora *nós*, Freitas e Carvalho (2020) buscam, por meio da aplicação de um questionário de avaliação, responder a quatro perguntas:

- (i) Existe formalidade ou informalidade associada às variantes com concordância padrão? (ii) Como é avaliado socialmente o uso da concordância não-padrão? (iii) Quais formas os informantes acreditam utilizar mais em sua escrita formal e/ou informal e o que isso significa? (iv) Qual das duas formas pronominais os estudantes de Letras avaliam que usam mais em sua fala? (FREITAS; CARVALHO, 2020, p. 125).

O questionário foi aplicado a 65 alunos matriculados nas disciplinas de *Sociolinguística e Língua Portuguesa: Vocábulo* do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. O perfil dos respondentes aponta que os informantes são majoritariamente mulheres (73%), naturais de Fortaleza (74%), com idade entre 17 e 25 anos (76,92%), oriundos de escola particular (56,92%) e com renda familiar de até quatro salários-mínimos (83,08%). O questionário foi composto por 17 perguntas, sendo 5 dedicadas a identificar a estratificação social dos informantes e 12 perguntas que buscaram investigar as avaliações sociais e linguísticas acerca das variantes *nós* e *a gente*. O questionário apresentava questões objetivas e de múltipla escolha, a depender do elemento que se estava avaliando.

Com relação ao uso das formas pronominais *nós* e *a gente*, o estudo apresenta o resultado de uma questão do formulário aplicado. Nessa questão o informante foi apresentado a um par de estímulos produzidos a partir de transcrições de excertos e falas reais retirados do Projeto do português oral culto de Fortaleza (PORCUFORT), são elas:

- (1) *Se a gente fosse viver assistindo esses filmes de segunda guerra, a gente ia viver angustiado, porque eu passei uma semana assim!*
 (2) *Se nós fôssemos viver assistindo esses filmes de segunda guerra, nós iríamos viver angustiadados, porque eu passei uma semana assim!*

Após analisar as duas orações, o informante deveria responder “qual consideravam mais formal, informal ou se consideravam que tanto o 'nós' quanto o 'a gente' e respectivas concordâncias canônicas poderiam ser usadas em qualquer contexto de (in)formalidade” (FREITAS; CARVALHO, 2020 p. 132). Os informantes poderiam assinalar uma ou mais alternativas. Das 123 respostas para essa pergunta, 44,72% das respostas indicam o estímulo formulado com *nós* como sendo mais formal, 41,46% indicam o estímulo com *a gente* como menos formal, 11,38% indicam que tanto o estímulo construído com *nós* quanto o construído com *a gente* podem ser empregados em contextos de formalidade e informalidade. O dado mais interessante dessa questão é não haver nenhuma resposta que considere o estímulo construído com *a gente* como mais adequado a contextos formais.

As perguntas seguintes do formulário buscaram investigar a autoavaliação dos informantes quanto ao emprego das variantes *nós* e *a gente*. A primeira pergunta dessa seção foi “Qual forma você acredita estar mais presente na sua fala?”. Das respostas obtidas, 46,15% dos informantes afirmaram alternar regularmente o uso das duas variantes, 38,46% afirmaram usar preferencialmente a forma *a gente*, 7,69% a forma *nós* e outros 7,69% afirmaram não saber qual das duas formas predomina na sua fala. Sobre esse resultado, as autoras ponderam que:

Contudo, os resultados desta pesquisa nos levam a inferir que a consciência de “é feio” e “é errado” constatada na entrevista de Freitag ao pronome “a gente” não seria predominante na comunidade analisada, afinal é pressuposto da autoavaliação desfavorecer formas estigmatizadas, o que não ocorreu nesta pesquisa em relação à forma inovadora (FREITAS; CARVALHO, 2020, p. 135).

No que se refere à autoavaliação dos informantes acerca do emprego das formas *nós* e *a gente* na escrita, na questão que investigou os gêneros formais (redações, artigos) 100% dos informantes afirmaram utilizar a variante *nós*. Já nos gêneros informais tais como conversas de *WhatsApp* ou bilhetes, 66,15% dos informantes afirmaram utilizar mais a forma *a gente*, 20% a forma *nós* e 13,85% referiram não saber informar quais das duas variantes mais utilizam. Já em outra questão, ao serem indagados qual das duas variantes consideram a mais correta, 83,08% dos informantes afirmaram não haver forma mais correta, 16,92% afirmaram ser a variantes *nós* a mais correta. Novamente chama a atenção nenhum informante referir a forma *a gente* como a mais correta. Sobre esses dados, as autoras refletem:

Acreditamos que o ensino formal e as fontes institucionais da língua portuguesa, como dicionários e gramáticas, podem ter contribuído para o resultado de 16,92% do “nós” como forma mais correta de uso em detrimento do “a gente”, pois essas fontes institucionais são apontadas por Zilles (2007) e Freitag (2016) como “marginalizadoras” da forma inovadora, não a incluindo no paradigma pronominal do português ou considerando o “a gente” como forma coloquial, até mesmo um “brasileirismo” (FREITAS; CARVALHO, 2020, p. 136).

Para investigar a avaliação social dos informantes em relação entre o uso das variantes *nós* e *a gente* com as concordâncias não padrão (*a gente* com [-mos] e *nós* [-0]), o questionário apresentou um par de estímulos também construídos a partir de falas reais retiradas do Projeto do português oral culto de Fortaleza (PORCUFORT). Sobre os resultados apresentados, as autoras consideram que a avaliação social dos informantes acerca do emprego das variantes *nós* e *a gente* com a concordância verbal não padrão “é mais associado a moradores do interior do estado, moradores de bairros periféricos da cidade de Fortaleza e falantes com baixa escolaridade” (FREITAS; CARVALHO, 2020, p. 140). Dos dados gerais do estudo, a conclusão é de que “o estigma social relacionado à variável de primeira pessoa do plural se resguarda às formas de concordância não-normativa” (FREITAS; CARVALHO, 2020 p. 141). As autoras apontam que a forma *a gente* ainda não é completamente aceita na norma padrão e na escrita formal. Assim “*a gente* com concordância singular se esgueira entre diversos tipos de discurso, sem grande notoriedade ou estigma, mas também sem prestígio ou reconhecimento na tradição” (FREITAS; CARVALHO, 2020, p. 140). No entanto, Freitas e Carvalho (2020) preveem que, devido a ampla aceitação da variante inovadora com concordância padrão entre os universitários do curso de Letras, a forma *a gente* [-0] ganhe espaço nos meios de educação formal e nos livros didáticos.

O contraste dos dados das pesquisas pelo viés da produção das variantes *nós* e *a gente* com as pesquisas pelo viés da percepção dos falantes apresentados neste capítulo também corroboram com as afirmações de Freitag (2016) e Freitas e Carvalho (2020) de que a forma inovadora *a gente* apresenta ampla entrada na fala dos brasileiros, no entanto, na avaliação dos falantes essa forma ainda é associada a um menor grau de formalidade, seja na fala ou na escrita. Quanto às covariações com as possibilidades de concordância não-padrão, ambas as formas pronominais apresentam um certo grau de estigma associado ao seu uso.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste trabalho tem abordagem indireta com aplicação de um teste que busca investigar a avaliação dos falantes sobre as variantes *nós* e *a gente* e suas covariações na concordância [-mos] e [-0], conforme proposto por Freitag (2016). Os métodos aqui empregados baseiam-se nos estudos de Campbell-Kibler (2006, 2010) que foram também aplicados por Oushiro (2015, 2019). As fases de desenvolvimento desta investigação podem ser resumidas em quatro etapas (i) preparação dos estímulos; (ii) construção dos questionários com as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas a serem investigadas; (iii) aplicação dos questionários; (iv) análise e discussão dos resultados.

O desafio metodológico que se impôs a este trabalho é o controle e triangulação das variantes linguísticas e extralinguísticas. Na tradição da sociolinguística variacionista, os resultados da pesquisa são obtidos por meio do cruzamento dos dados das variáveis dependentes *versus* variáveis independentes linguísticas *versus* variáveis independentes extralinguísticas, sendo essa última os aspectos sociais e demográficos que se referem aos participantes. A proposta deste trabalho, no entanto, exige, além do controle das variáveis linguísticas investigadas, também a inserção das variáveis referentes à percepção dos participantes acerca das variantes *nós* e *a gente*.

Foi necessária, portanto, em cada etapa do processo metodológico a atenção a quesitos específicos. Assim, na construção dos estímulos tanto foi necessário observar as variáveis dependentes quanto as variáveis independentes linguísticas. Já na construção dos questionários, foi necessário observar a estabilidade das variáveis independentes extralinguísticas que se referem aos participantes e às variáveis referentes às percepções dos participantes acerca das variantes investigadas.

Os participantes da pesquisa são professores e alunos da rede pública de ensino básico do Estado do Ceará, selecionados segundo critérios específicos de inclusão e exclusão. A abordagem dos participantes ocorreu dentre contatos pessoais da pesquisadora, via aplicativo de mensagem, com convite a participar da pesquisa de forma voluntária e anônima. Os questionários foram enviados somente aos participantes que manifestaram desejo de participar da pesquisa, ressaltando-se a não coleta de informações que pudessem identificar o participante.

Este capítulo está organizado de forma a detalhar os procedimentos metodológicos utilizados para a delimitação das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas, a descrição do desenvolvimento, construção, aplicação do formulário e resultados obtidos com os pré-testes da pesquisa e, por fim, os critérios metodológicos e éticos empregados na seleção de participantes.

4.1 Variáveis independentes linguísticas – os *quartetos*

Às pesquisas de sociolinguísticas de um modo geral e, em especial às desenvolvidas pelo viés da percepção, se impõe uma gama de desafios metodológicos. O controle de variáveis deve ser feito de forma a mensurar a reação do informante sobre a variável pesquisada, com o menor índice de interferências possíveis. “Portanto, descobrimos que o primeiro passo é expor cada informante a enunciados com valores contrastantes da variável e nos quais todas as outras variáveis permaneçam estáveis” (LABOV, [1972] 2008, p. 176). Para a investigação da saliência, das percepções e dos significados sociais acerca das variantes *nós* e *a gente* e suas possibilidades de covariação com a concordância verbal no PB, foi necessária a preparação de 24 estímulos contendo as ocorrências possíveis das variantes pesquisadas. Esses estímulos foram organizados em seis conjuntos com quatro frases cada. A esses conjuntos de frases optou-se por chamar *quartetos*.

A fim de garantir que o falante está julgando a variante em estudo e não as demais interferências presentes no estímulo, os 6 *quartetos* foram formulados com base em 8 variáveis independentes linguísticas identificadas nos estudos variacionistas²³ pelo viés da produção como fatores relevantes para o favorecimento da variante padrão *nós* ou da variante não padrão *a gente* na alternância pronominal de primeira pessoa do plural do PB, bem como para as possibilidades de covariação com as conjugações verbais [-*mos*] e [-*0*]. Dessas 8 variáveis independentes linguísticas, 4 delas não se alteram na composição dos *quartetos*. São elas:

- i) **Sujeito expresso** (LOPES, 1998; 2002; OMENA, 2003; RUBIO, 2012a; ARAÚJO, 2016; 2020; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018;

²³Essas variáveis foram discutidas no capítulo 3, seção 3.3.

CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020).

- ii) **Referência específica** (eu + alguém): (LOPES, 1998; RUBIO, 2012a; ARAÚJO, 2016; 2020; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020).
- iii) **Ordem canônica** do PB (ARAÚJO, 2016; 2020; ARAÚJO, M; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020;).
- iv) **Paralelismo sintático e semântico** (LOPES 1998; RUBIO, 2012a; ARAÚJO, 2016; 2020; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020).

Além dessas quatro *constant*es que se mantêm nos 3 pares de quartetos, também foram controladas outras 4 variáveis que se alteram na composição dos *quartetos*. São elas:

- i) **Tempo e modo verbal** (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020).
- ii) **Semelhança do verbo** na conjugação da primeira pessoa do plural do pretérito perfeito e do presente do indicativo (nós dormimos / nós dormimos / nós éramos / nós somos) (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020).
- iii) **Saliência fônica do verbo:** (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; RUBIO, 2012a; 2012b; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020.).
- iv) **Tipo de verbo:** (ARAÚJO, 2016, 2020; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A; PEREIRA, 2020).

O Quadro 3 está organizada de modo a sistematizar as variáveis independentes linguísticas controladas no estudo. Assim, a primeira coluna identifica os 3 pares *quartetos* (Q1a e Q1b; Q2a e Q2b; Q3a e Q3b), nas quatro colunas seguintes estão identificadas as *constant*es, ou seja, aquelas que não se alteram nos *quartetos*. Na sequência, são identificadas as variantes linguísticas que se alternam

em cada par de *quartetos* e, por fim, na última coluna da tabela, estão dispostas as formas favorecidas pela organização das 8 variáveis selecionadas para compor os *quartetos*.

Quadro 3 – Variáveis independentes linguísticas - Organização dos quartetos

QUARTETO	SUJEITO EXPRESSO	REFERÊNCIA ESPECÍFICA	ORDEM CANÔNICA	PARALELISMO	TEMPO E MODO VERBAL	VERBO PRESENTE VERBO PASSADO	SALIÊNCIA FÔNICA	TIPO DE VERBO	FAVORECE
Q1a	Sim	Sim	Sim	Sim	Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito perfeito igual ao presente.	Alta	Verbo de ação (regulares).	- mos
Q1b	Sim	Sim	Sim	Sim	Presente do indicativo.	Presente igual ao pretérito perfeito.	Baixa	Verbos dicendi ou epistêmicos (regulares).	A gente
Q2a	Sim	Sim	Sim	Sim	Pretérito perfeito do indicativo.	Pretérito perfeito diferente do presente.	Alta	Verbo ir ou verbo ter.	- mos
Q2b	Sim	Sim	Sim	Sim	Presente do indicativo.	Presente diferente do Pretérito perfeito.	Alta	Verbos ter, ir e verbos de estado.	- mos
Q3a	Sim	Sim	Sim	Sim	Pretérito imperfeito do indicativo.	Pretérito diferente do Presente.	Alta	Verbos dicendi, epistêmicos e de ação (regulares).	A gente
Q3b	Sim	Sim	Sim	Sim	Pretérito imperfeito do subjuntivo	Pretérito diferente do Presente.	Alta	Verbos dicendi, epistêmicos e de ação (regulares)	A gente

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Dessa maneira, as quatro frases que compõem o *quarteto 1a* (Q1a) são elaboradas com sujeito expresso e referência específica, mantêm a ordem canônica e o paralelismo sintático, apresentam tempo verbal no pretérito perfeito do indicativo com verbos de ação de alta saliência fônica e formas idênticas no pretérito perfeito e

presente do indicativo (nós dormimos [pretérito] / nós dormimos [presente]) – essa composição tende a favorecer o emprego de *nós* [-mos] (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018). A estrutura dos demais *quartetos* segue a mesma lógica de composição e estão descritas no Quadro 3.

Ainda quanto aos *quartetos*, considerando a afirmação de Labov ([1972] 2008) de que, para os estudos sociolinguísticos, é “preferível abordar o problema de cima, usando frases naturais de falantes nativos” (LABOV, ([1972] 2008), p.176), as frases para a elaboração dos *quartetos* foram selecionadas com base em transcrições de entrevistas sociolinguísticas realizadas no Estado do Ceará e citadas como exemplos em Carvalho, Freitas e Favacho (2020) e Araújo (2016, 2020). Tais frases foram adaptadas para os propósitos deste estudo com a finalidade de se manter os estímulos apresentados aos participantes o mais próximo possível do vernáculo cearense.

O Quadro 4 apresenta as frases originais retiradas dos exemplos dos trabalhos de Carvalho, Freitas e Favacho (2020) que tem como base as entrevistas sociolinguísticas do projeto Português Oral Culto de Fortaleza - Porcufort e Araújo (2016, 2020) que utiliza as entrevistas sociolinguísticas do banco de dados Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. No Quadro 4 também são apresentadas as frases adaptadas quanto ao conteúdo e que resultaram nos 3 pares de *Quartetos*.

Quadro 4 – Frases dos *quartetos*

Q1a	
FRASE ORIGINAL	(12) supervisão aqui da U.E.CE. <i>nós terminamos</i> se não me engano foi em s::::: setenta e:::: setenta e oito (Inq 47, D2) (CARVALHO, FREITAS e FAVACHO, 2020, p. 39, grifo do autor).
QUARTETOS	(Q1aF1) Nós terminamos se não me engano foi em setembro. (Q1aF2) A gente terminou acho que foi no meio do ano. (Q1aF3) Nós terminou se não me engano foi em março. (Q1aF4) A gente terminamos acho que foi em 2018.
Q1b	
FRASE ORIGINAL	-----
QUARTETOS	(Q1bF1) A gente pensa nos amigos de vez em quando. (Q1bF2) Nós pensa nos parentes às vezes. (Q1bF3) Nós pensamos nos vizinhos às vezes. (Q1bF4) A gente pensamos nos colegas de vez em quando.
Q2a	
FRASE ORIGINAL	(13) <i>nós tivemo:: e tivemo</i> o Cine Clubede Fortaleza (Inq 15, DID) (CARVALHO, FREITAS e FAVACHO, 2020, p. 39, grifo do autor).
	(Q2aF1) Nós tivemos um comércio naquela rua ali.

QUARTETOS	(Q2aF2) A gente teve uma lojinha uma vez. (Q2aF3) Nós teve um mercantil naquela rua lá. (Q2aF4) A gente tivemos uma mercearia uma vez.
Q2b	
FRASE ORIGINAL	(5) <i>somos</i> lá de Mossoró dá pra gentebrincar (NORPOFOR, D2, Inq. 35) (ARAÚJO, 2020, p.158, grifo nosso).
QUARTETOS	(Q2bF1) Nós somos daqui da região mesmo. (Q2bF2) A gente é daqui da comunidade mesmo. (Q2bF3) Nós é daqui da cidade mesmo. (Q2bF4) A gente somos daqui da vizinhança mesmo.
Q3a	
FRASE ORIGINAL	(14) e na época não <i>a gente</i> NÃO <i>pensava</i> nisso... quem era bem feita porque já tinha nascido bem feita aquiloo padrão:: (Inq 12, DID) (CARVALHO, FREITAS e FAVACHO, 2020, p. 39, grifo do autor).
QUARTETOS	(Q3aF1) A gente morava aqui já naquela época. (Q3aF2) Nós morava nessa rua em 2018. (Q3aF3) Nós morávamos naquela rua desde 2018. (Q3aF4) A gente morávamos aqui desde aquela época.
Q3b	
FRASE ORIGINAL	(13) <i>nós tivemos</i> :: e <i>tivemos</i> o Cine Clubede Fortaleza (Inq 15, DID) (CARVALHO, FREITAS e FAVACHO, 2020, p. 39, grifo do autor).
QUARTETOS	(Q3bF1) Se a gente precisasse de um hospital, era um problema. (Q3bF2) Se nós precisasse de alguma coisa, não tinha nada por perto. (Q3bF3) Se nós precisássemos de qualquer coisa, só lá no centro. (Q3bF4) Se a gente precisássemos de um socorro, era bem difícil

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Para essas adaptações também foram considerados os aspectos relativos ao conteúdo dos enunciados. Assim, buscou-se adaptar as transcrições de falas apresentadas nos estudos acerca dos pronomes *nós* e *a gente* no Estado do Ceará de maneira que o aspecto subjetivo do conteúdo fosse minimizado. Para isso, todas as frases, dos 6 *Quartetos* dificultam a possibilidade de inferir idade, sexo, classe social, nível de escolaridade ou qualquer outro elemento social ou demográfico dos falantes. As frases foram adaptadas de maneira a se apresentarem genéricas e abrangentes, podendo ser ditas por ampla gama de pessoas, de diversos perfis sociais. O que as diferencia dentro de cada *quarteto* é justamente alternância pronominal de primeira pessoa do plural e as possibilidades de concordância verbal padrão (*nós* [-mos] / *a gente* [-0]) e não padrão (*nós* [-0] / *a gente* [-mos]), considerando-se as variáveis linguísticas apontadas pelos estudos da produção como condicionadores dessa alternância.

4.2 Variáveis independentes extralinguísticas – *perfis sociais* e dados dos participantes

As variáveis independentes extralinguísticas controladas neste estudo foram estabelecidas de forma a manter a simetria entre as características dos participantes da pesquisa e as características dos *perfis sociais* apresentados no questionário. Tem-se, assim, 6 variáveis sociodemográficas:

- i) **tempo de contato com a fala cearense:** descrita nas características dos *perfis sociais* como “cearense” e na coleta de dados do participante como reside no Ceará há mais de 15 anos, entre 10 e 14 anos, entre 5 e 9 anos, menos de 5 anos.
- ii) **Identificação de gênero:** descrita nas características dos *perfis sociais* como mulher ou homem e na coleta de dados dos participantes como feminino, masculino ou outro.
- iii) **Escolaridade:** descrita nas características dos *perfis sociais* como Estudante do Ensino Médio - considera-se 10 a 12 anos de escolarização - e Professor de Português - considera-se acima de 16 anos de escolarização – e na coleta de dados dos participantes, subentende-se professores com formação em Nível Superior e para alunos a escolarização é estratificada em Ensino Fundamental, primeiro ano do Ensino Médio, segundo ano do Ensino Médio, terceiro ano do Ensino Médio.
- iv) **Ser professor de português ou redação:** descrita nas características dos *perfis sociais* e questionada apenas para professores.
- v) **Idade:** estratificada quando alunos em menos de 15 anos, de 15 a 18 anos, de 19 a 24 anos, de 25 a 49 anos, acima de 50 anos e quando professores em menos de 18 anos, de 18 a 24 anos, de 25 a 34 anos, de 35 a 44 anos, de 45 a 54 anos e 55 anos ou mais.
- vi) **Região de moradia:** estratificada segundo porte dos municípios (CEAS-CE) quando na atribuição de características aos *perfis sociais* – em uma cidadezinha bem pequena no interior do Ceará, em uma cidade pequena do Ceará, em uma cidade média do Ceará, em uma cidade grande do interior do Ceará, em uma cidade da Região Metropolitana do Ceará, na

capital Fortaleza – e com solicitação de informação da cidade de residência quando na coleta de dados dos participantes.

Quadro 5 – Organização das variáveis independentes extralinguísticas

VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRA-LINGUÍSTICAS	PERFIS SOCIAIS	DADOS DOS PARTICIPANTES	
		ALUNOS	PROFESSORES
Contato com a falacearense	*Cearense	* Mais de 15 anos * Entre 10 e 14 anos * Entre 5 e 9 anos * Menos de 5 anos	* Mais de 15 anos * Entre 10 e 14 anos * Entre 5 e 9 ano. * Menos de 5 anos
Identificação de gênero	* Mulher * Homem	* Feminino. * Masculino. * Outro. * Prefiro não responder.	* Feminino * Masculino * Outro * Prefiro não responder
Escolaridade	* Estudante do Ensino Médio * Professor (a) de Português	* Ensino Fundamental. * 1º Ano do E.M. * 1º Ano do E.M. * 1º Ano do E.M. * Ensino Superior.	-----
Ser professor (a) de Português / Redação	* Professora de Português * Professor de Português	-----	* Sim * Não
Idade	* Conforme estratificação da coleta de dados (alunos / professores)	* Menos de 15 anos * De 15 a 18 anos * De 29 a 24 anos * De 25 a 49 anos * Acima de 50 anos	* Menos de 18 anos * De 18 a 24 anos * De 25 a 34 anos * De 35 a 44 anos * De 45 a 54 anos * 55 anos ou mais
Cor / raça / etnia	* Branca * Preta * Amarela * Parda * Indígena * Outro * Prefiro não responder	* Branca * Preta * Amarela * Parda * Indígena * Outro * Prefiro não responder	* Branca * Preta * Amarela * Parda * Indígena * Outro * Prefiro não responder
Região de moradia	* Cidadezinha bem pequena no interior do Ceará * Cidade pequena do Ceará * Cidade média do Ceará * Cidade grande do interior do Ceará * Cidade da Região Metropolitana do Ceará. * Capital (Fortaleza)	* Solicitação da cidade de residência	* Solicitação da cidade de residência
Características de personalidade	* Dedicção aos estudos * Capacidade de comunicação * Aceitação social	-----	-----

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quanto às características de personalidade dos *perfis sociais*, nos pré-testes da pesquisa, foram disponibilizadas 20 características (alta, articulada, baixa, bonita, branca, caipira, confiável, conservadora, deprimida, descolada, estranha, gay/lésbica, ignorante, independente, irritante, ligada à família, mimada, morena, negra, nerd, tímida, prática, religiosa, simples, sincera, sofisticada, solitária, trabalhadora) para que os participantes relacionassem ao falante. Também foi deixada a opção para o participante inserir outras características que julgasse pertinente. Os resultados indicaram três conjuntos de características relevantes para a investigação: *Dedicação aos estudos, capacidade comunicativa e aceitação social*. Para se definir os adjetivos que comporiam cada um desses grupos de características de personalidade, a fala cearense foi observada informalmente durante aulas para o Ensino Médio e em conversas com falantes nativos. Assim, os conjuntos de variáveis independentes extralinguísticas que compõem as características de personalidade dos *perfis sociais* e os dados coletado dos participantes estão organizadas da seguinte maneira:

- i) **Dedicação aos estudos:** Dedicada/Inteligente/Desinteressada/Tola.
- ii) **Capacidade de comunicação:** Comunicativa/Articulada/Tímida/Confusa.
- iii) **Aceitação Social:** Divertida/Certinha/Chata/Bagunceira.

A recomendação do Artigo 5º da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, considera como dados sensíveis as questões referentes à etnia/raça/cor e identificação de gênero, por isso, como forma de assegurar as garantias éticas da pesquisa, na coleta de dados dos participantes, além das categorias pré-definidas para o estudo, são incluídas também a opção “outro” e “prefiro não responder”. Dessa maneira, assegura-se que o participante não se sinta constrangido ou tenha sua autoidentificação não contemplada.

4.3 Pré-testes

Para a construção do Questionário desta pesquisa, foram aplicados dois pré-testes com formulários construídos a partir das variáveis controladas na pesquisa. O objetivo desses pré-testes era i) definir a melhor formatação do questionário; ii) delimitar as questões mais relevantes para a investigação; e iii) coletar informações

e/ou respostas que não tivessem sido consideradas anteriormente. Assim, foram aplicados dois questionários diferentes a dois grupos distintos de participantes. Nesta seção, serão descritos brevemente os procedimentos de construção e aplicação dos pré-testes e os resultados obtidos que ajudaram a nortear a preparação do formulário da pesquisa.

O primeiro questionário de pré-teste intitulado Crenças e Atitudes sobre usos linguísticos²⁴ foi construído com a utilização da ferramenta *Google Forms* e foi organizado em 19 Seções. Os participantes selecionados para a aplicação deste pré-teste foram estudantes universitário matriculados na disciplina de Sociolinguística (2020.2)²⁵ do curso de Letras da Unilab. A esses alunos foi solicitado que, de maneira voluntária e anônima respondessem ao questionário e, se assim desejassem, compartilhassem o questionário com colegas da universidade.

As primeiras seções do questionário foram construídas de maneira a classificar os participantes em aluno universitário/aluno da Unilab/alunos de Letras. Devido às características de público da Unilab, os participantes também foram classificados em aluno brasileiro/aluno estrangeiro. As questões seguintes foram destinadas a coletar informações sociodemográficas dos participantes. Na sequência, para as questões relativas às crenças linguísticas foram usadas as duas perguntas apresentadas por Freitag *et al.* (2018). Por fim, foram apresentados dois estímulos de áudio e dois estímulos de texto que deveriam ser relacionados a características de personalidade, região de moradia e situação socioeconômica do falante.

Para este pré-teste, os estímulos de áudio foram obtidos a partir da fala natural de dois falantes nativos cearenses (uma mulher e um homem) que, de maneira voluntária e anônima, concordaram em participar da pesquisa fornecendo gravações²⁶. Os estímulos de áudio foram produzidos apenas com realização da variante *a gente* [-0]. As frases que compõem os dois estímulos de áudio são:

- **Áudio 1** (FA2R): *“Foi assim de uma hora pra outra e a gente assim, não voltou atrás em todas as situações que a gente tinha programado”*

²⁴Link para o formulário Crenças e Atitudes sobre usos linguísticos: <https://forms.gle/dEASaUvDAutzfu8n9>. Acesso em: 11 de jan. 2021.

²⁵A pesquisadora cumpriu a disciplina de Estágio em Docência no Ensino Superior na disciplina de Sociolinguística, turma 2020.2, sob supervisão do Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres.

²⁶Os estímulos de áudio usados nesse pré-teste podem ser consultados em: <https://youtu.be/57q5GdQmCNs> e <https://youtu.be/YkVVSUREoso>. Acesso em: 11 de jan. 2021.

- **Áudio 2** (MAFR): “*Se a gente olhar o edital do concurso de 2014, era tanto documento que a gente tinha que conseguir*”.

Já os estímulos de texto foram adaptados da crônica de Ricardo Azevedo publicada em agosto de 2004 na Revista Nova Escola²⁷. A adaptação foi realizada de modo que um dos estímulos contém exclusivamente a combinação *a gente* [-0] e o outro exclusivamente a combinação *nós* [-mos]. São eles:

- **Texto 1:** *Se não fosse a terra, a gente pisava onde? / Se não fosse a terra, a gente construía a nossa casa onde? / E as cidades? E as estradas? E os campinhos de futebol? / Sem a terra a gente não iria jogar bola nunca mais!*
- **Texto 2:** *Se não fosse a terra, nós pisaríamos onde? / Se não fosse a terra, nós construiríamos a nossa casa onde? / E as cidades? E as estradas? E os campinhos de futebol? / Sem a terra nós não iríamos jogar bola nunca mais!*

A construção desses estímulos buscava, além de avaliar as possibilidades e viabilidade da ferramenta *Google Forms*, identificar quais características de personalidade se mostravam mais relevantes e se a alternância pronominal era saliente para os participantes.

O questionário do primeiro pré-teste foi respondido por 16 alunos brasileiros e 13 alunos estrangeiros. Dentre essas 29 respostas obtidas, 22 delas foram de estudantes de Letras da Unilab. Foram essas as respostas consideradas para a análise de resultados.

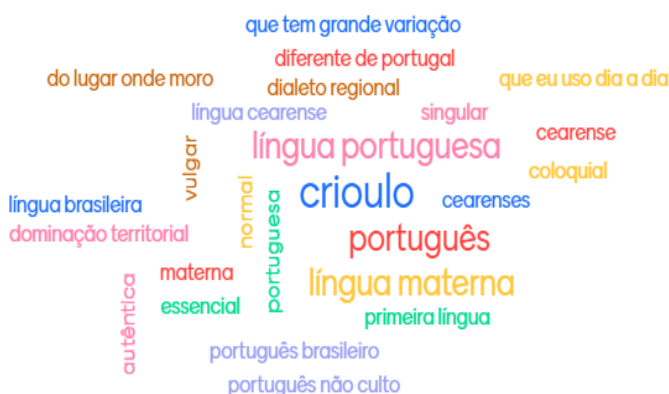
Os resultados para as duas primeiras perguntas (*Como você descreve a língua que você usa no dia a dia? Que nome você dá a ela? Que características você acha que permitem reconhecer a forma de falar da sua região?*) corroboram os dados obtidos por Freitag *et al.* (2018) e seguem as mesmas cinco tendências identificadas pelas autoras. Assim, a tendência mais produtiva foi a que busca uma denominação para a língua, no caso desse pré-teste, as palavras mais citadas foram:

²⁷A crônica de Ricardo Azevedo pode ser consultada em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3226/se-a-terra-nao-existisse-a-gente-pisava-onde>. Acesso em: 11 jan. 2021.

Língua Portuguesa, Português e Crioulo²⁸. A segunda tendência mais produtiva foi aquela que identifica a língua com o cotidiano (Língua materna, vernacular, que eu uso no dia a dia). Já a terceira tendência identificada entre as respostas é aquela em que os participantes identificam a língua como uma variante regional (Cearensês, Língua cearense, Língua do lugar onde moro). A quarta tendência é aquela que apresenta adjetivos para a língua, os participantes usaram palavras como: essencial, singular e autêntica. Por fim, a tendência que indica a percepção de um contínuo de formalidade/informalidade e culto/popular com respostas como Português não culto e coloquial. A Imagem 1 apresenta uma nuvem de palavras formada pelas palavras-chave das respostas dos participantes para a primeira pergunta.

Imagem 1 – Nomeação da língua pelos participantes

Como você descreve a língua que você usa no dia a dia? Que nome você dá a ela?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Da mesma maneira, assim como apontam os resultados de Freitag *et al.* (2018) às respostas para a pergunta “Que características você acha que permitem reconhecer a forma de falar da sua região?” foram majoritariamente Sotaque e Gírias, sucedidas por referências ao léxico e expressões regionais (Expressões, Variação

²⁸Essa menção se deve ao seguinte fato: alguns alunos estrangeiros, provenientes de Guiné-Bissau e Cabo Verde, têm o crioulo guineense e cabo-verdiano como língua materna e aprendem o português mais tarde, no processo de escolarização formal.

lexical, Povo do nordeste, Sotaque nordestino...). A Imagem 2 apresenta a nuvem de palavras gerada a partir das respostas dos participantes.

Imagem 2 - Pré-teste 1 - Características da forma de falar

Que características você acha que permitem reconhecer a forma de falar da sua região?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

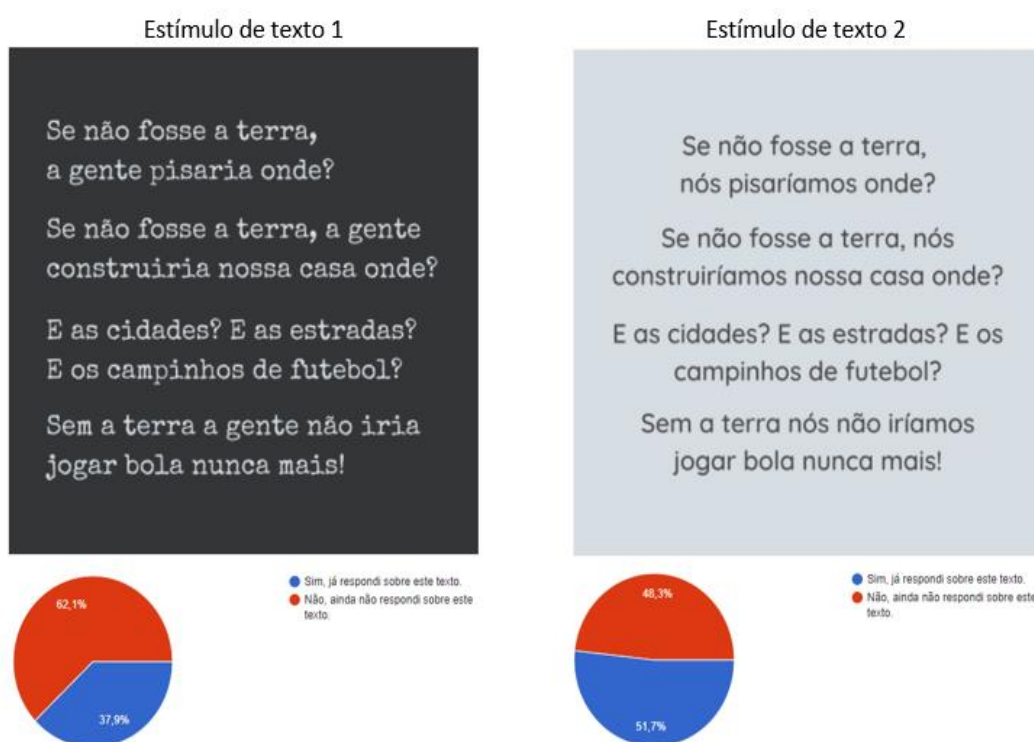
Os resultados obtidos sobre para essas duas perguntas confirmam as tendências quanto às percepções linguísticas dos estudantes de Letras também em outra região geográfica além daquelas investigadas pelas referidas autoras. As percepções dos estudantes do Curso de Letras podem se estender também para os estudantes de outros cursos. Para se confirmar essa hipótese são necessárias investigações mais amplas e detalhadas tendo em vista a diversidade cultural e linguística característica da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira.

Ainda quanto ao primeiro pré-teste, o resultado que mais se destaca diz respeito à não saliência da alternância pronominal nos textos escritos. Após a apresentação de cada estímulo, havia uma pergunta questionando se o participante já havia respondido sobre esse áudio ou texto. Na apresentação do primeiro áudio (*Foi assim de uma hora pra outra e a gente assim, não voltou atrás em todas as situações que a gente tinha programado*), 82,8% dos participantes disseram não terem respondido e 17,2% disseram já terem respondido. Quando da apresentação do segundo áudio (*Se a gente olhar o edital do concurso de 2014, era tanto documento que a gente tinha que conseguir*), 71,4% afirmaram que não haviam respondido e 28,6% que já haviam respondido sobre ele. Como as duas inserções de áudio mantinham o

mesmo layout de apresentação (vídeo com tela azul), há a possibilidade de alguns participantes nem terem ouvido o áudio e assinalado a alternativa afirmando que já haviam respondido.

No entanto, quanto aos estímulos em texto, o primeiro deles, contendo apenas a combinação *a gente* [-0], apresentava fundo cinza escuro e letras cinza claro. Já o segundo estímulo contendo apenas a variante *nós* [-mos] apresentava fundo cinza claro com letras cinza escuro. Nas respostas para a pergunta: *Você já respondeu sobre este texto?* quando referente ao primeiro estímulo, 62,1% dos participantes afirmaram ainda não terem respondido e 37,9% afirmaram já terem respondido. Já na apresentação do segundo estímulo de texto, 51,7% dos participantes afirmaram já terem respondido sobre estímulo, enquanto apenas 48,3% disseram ainda não terem respondido. Novamente, essas respostas podem indicar uma baixa pré-disposição dos participantes a participarem da pesquisa e terem assinalado as alternativas aleatoriamente. No entanto, chama a atenção a grande diferença percentual da percepção do último texto comparado com os demais estímulos. A Imagem 3 apresenta os dois estímulos de texto e a porcentagem de respostas à pergunta: *Você já respondeu sobre este texto?*

Imagem 3 – Estímulos de texto 1 e 2 e porcentagem de respostas à pergunta: *Você já respondeu sobre este texto?*



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A baixa saliência da alternância pronominal nos estímulos de texto apresentados no pré-teste 1 pode ser confirmada pelos comentários recebidos dos participantes durante as aulas da disciplina de Sociolinguística e nos comentários acerca do questionário enviados como atividade da disciplina pelos participantes. Nesses comentários, há frases como:

- i) Eu gostei de responder o questionário, mas achei que tinha muitas perguntas repetidas [MZ, aluna participante via atividade da disciplina]
- ii) Tem um erro no questionário, o mesmo texto aparece duas vezes [MB, aluna participante oralmente em aula da disciplina]
- iii) Tinha questão repetida, né? [LB, aluna participante, oralmente em aula].

O teor destes comentários acerca do pré-teste 1 indica a baixa saliência das formas quando combinadas com a conjugação verbal padrão. Esse indício é reforçado pelos resultados do pré-teste 2, aplicado a pessoas com escolaridade em nível de pós-graduação.

O segundo questionário de pré-teste intitulado Pré-teste – Percepções Linguísticas²⁹ foi construído com a utilização da plataforma *Qualtrics* e está organizado em 4 Seções. Esse questionário buscou, além de investigar variáveis linguísticas e extralinguísticas (4.1 e 4.2 deste trabalho), coletar informações relevantes sobre a estrutura do formulário, a formulação das perguntas e eficiência da plataforma escolhida. Neste questionário, são apresentadas duas imagens³⁰ de cearenses anônimos e os participantes devem relacioná-los às frases dos Quartetos em uma estrutura de pergunta denominada campo de calor que destaca em cores as áreas com maior número de toque dos participantes. Em uma outra estrutura de pergunta denominada *destaque* é solicitado ao participante que atribua valor positivo ou negativo às palavras dos quartetos. Neste questionário, não foram coletados dados sociodemográficos dos participantes.

²⁹Link para o formulário Pré-teste – Percepções Linguísticas:

https://qfreeaccountssjc1.az1.qualtrics.com/jfe/form/SV_9HPVJsqq0uyMFeu.

³⁰As imagens utilizadas no formulário são do fotógrafo cearense Mestre Júlio e estão disponíveis em: <https://arteref.com/fotografia/um-retrato-popular-do-ceara-no-sesc-belenzinho/>. Acesso em: 22 jan. 2021.

O segundo pré-teste foi aplicado a 14 pessoas com nível de escolaridade em pós-graduação. A abordagem do público foi feita entre contatos pessoais da pesquisadora e do orientador desta pesquisa. Aos participantes foi solicitado que, de maneira voluntária e anônima respondessem ao questionário.

Os resultados do segundo pré-teste da pesquisa demonstraram não ser viável, para este trabalho, a utilização de imagens para ilustrar os perfis sociais. Mesmo a escolha das imagens tendo sido feita de maneira a reduzir influências acerca das características pessoais dos retratados, os participantes referiram ter relacionado elementos da vestimenta e postura corporal identificadas nas imagens. A última seção do questionário de pré-teste 2 apresentou um campo destinado a comentários e sugestões dos participantes. A influência de elementos presentes nas imagens sobre o julgamento dos participantes pode ser confirmada pelo comentário abaixo:

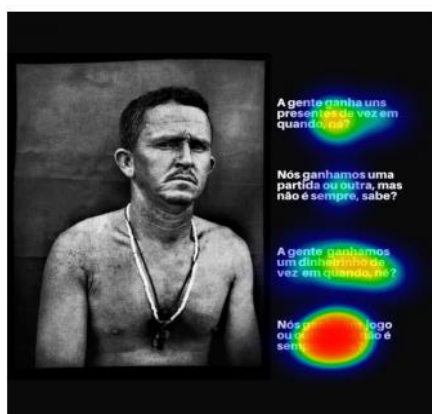
- i) *Nas imagens existem símbolos no homem que lembram a identidade umbanda, isso pode comprometer a sua pesquisa? Pense sobre isso, eu considereei isso nas minhas respostas, vc está mobilizando preconceitos (PT2/B4/INF5).*

Além disso, a estrutura de perguntas em forma de Campos de calor também se mostrou pouco produtiva. A hipótese inicial, que determinou a escolha por essa estrutura questões, era a de que os participantes, de maneira intuitiva, iriam tocar no elemento das frases que mais chamasse sua atenção (*Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar*). Essa hipótese não se confirmou, uma vez que o toque foi majoritariamente no centro das frases e não em um elemento específico.

A Imagem 4 apresenta a Questão 1 do Bloco 1 com a imagem utilizada para representar o *perfil social 1* – homem - e as respostas ao primeiro *quarteto* estruturado como campos de calor.

Imagem 4 – Pré-teste 2 – Q1B1 – Perfil social 1 – homem – respostas ao primeiro Quarteto – Pergunta com a estrutura Campos de calor

B1Q1 - Neste bloco, você será apresentado(a) a uma pessoa, um cearense comum, não famoso e anônimo. Você verá seis vezes a foto dessa pessoa. Cada vez que uma foto aparecer para você, haverá quatro frases ao lado dessa foto. Você deverá clicar nas frases que considera que a pessoa da foto poderia falar. Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Da mesma forma, a estrutura de perguntas denominada *Destaque*, da maneira como foi apresentada no pré-teste 2, não se mostrou produtiva. Essa estrutura de pergunta foi referida pelos participantes, no campo destinado aos comentários, como “confusa” e “vaga”, como se pode comprovar pelas falas abaixo:

- i) *Achei a segunda parte do questionário confusa, o que você considera positivo ou negativo? Uma palavra dissociada do seu contexto, achei estranho, tendo em vista que parece um trabalho sobre a estigmatização da ausência ou uso inadequado das desinências verbais (PT2/B4/INF5).*
- ii) *Na última fase do questionário, ficaram vagas (e por isso respondi com certa dúvida) o aspecto “visão negativa” e “visão positiva” perante algumas construções (na minha visão de cientista da linguagem), mas creio que isso seja um pano pra manga na pesquisa: visão negativa ou*

positiva para quem? Pois dependendo de um conhecimento do público essa resposta pode variar (PT2/B4/INF11).

No entanto, apesar dos problemas identificados quanto à estrutura *Destaque* para a construção do terceiro bloco de perguntas, esse modelo apresentou resultados relevantes que indicam o caráter subjetivo das respostas dos participantes. Nos 6 pares de estímulos apresentados aos participantes, a marcação como “impressão positiva” se deu majoritariamente nas frases com as concordâncias padrão *a gente [-0]* e *nós [-mos]*. Da mesma maneira, a marcação como “impressão negativa” se deu majoritariamente nas frases com as concordâncias não padrão *a gente [-mos]* e *nós [-0]*. A título de ilustração desse resultado, a Imagem 5 apresenta o par de estímulos 4 e as marcações de palavras como negativas ou positivas.

Imagem 5 – Pré-teste 2 – Bloco 3 – Questão 4 – atribuições de valor negativo ou positivo às palavras

Negativa	Positiva
Nós tivemos um comércio naquela rua ali.	Nós tivemos um comércio naquela rua ali.
A gente teve um lojinha uma vez.	A gente teve um lojinha uma vez.
Nós teve um mercantil naquela rua lá.	Nós teve um mercantil naquela rua lá.
A gente tivemos uma vendinha uma vez.	A gente tivemos uma vendinha uma vez.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Ao se analisar a nuvem de palavras formada por essas respostas, a conclusão de que a atribuição de valor positivo ou negativo às palavras se dá devido à concordância não padrão. Assim, as mesmas palavras aparecem em destaque tanto na avaliação positiva, quanto na avaliação negativa dos participantes, indicando que o que influenciou nessa avaliação foi a concordância do verbo. A Imagem 6 apresenta a nuvem de palavras gerada a partir das respostas dos participantes à Questão 4 do Bloco 3 do questionário de pré-teste 2. À esquerda, em vermelho, estão as palavras referidas negativamente pelos participantes e à direita em verde as palavras referidas positivamente.

Imagem 6 – Pré-teste 2 – Bloco 3 – Questão 4 – Nuvem de palavras com valor negativo/valor positivo



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os resultados obtidos a partir da aplicação dos dois pré-testes foram considerados para a escolha da ferramenta, a organização dos *Quartetos*, a estrutura das perguntas e a apresentação das os *perfis sociais* no Formulário desta pesquisa. As escolhas e processo de construção do Questionário serão descritos na próxima seção.

4.4 Construção do questionário da pesquisa

Campbell-Kibler (2006) analisou as percepções referentes à variável (ING) utilizando a técnica dos *falsos pares* proposta por Lambert *et al.* (1960) e seu estudo apresenta várias inovações quando comparados aos estudos anteriores. Além da coleta da fala natural, para a construção dos estímulos, e da aplicação de entrevistas prévias, para se verificar que tipos de significados sociais surgem naturalmente após o participante ouvir os áudios dos *falsos pares*, o estudo de Campbell-Kibler (2006) também apresenta a possibilidade de manipulação digital de áudio para a criação dos estímulos e o uso de ferramentas digitais para a elaboração e aplicação de questionários.

Oushiro (2015, 2019), em seu experimento sobre os significados sociais atribuídos às variantes de (-r) em coda silábica, segue os passos metodológicos de Campbell-Kibler (2006) e também utiliza questionários digitais para a coleta de informações. O uso de questionários digitais apresenta vantagens em relação aos questionários presenciais. A principal vantagem é o alcance e disseminação que esses questionários podem ter. Há de se considerar, ainda, os recursos humanos e materiais que podem ser economizados com o uso das ferramentas digitais.

Para a construção deste formulário, após a aplicação dos pré-testes, a ferramenta *Google Forms* mostrou-se a mais apropriada especialmente por ser uma ferramenta já conhecida e utilizadas pelos estudantes da rede pública cearense. A interface da ferramenta foi outro fator relevante para a escolha. Por ser de fácil utilização, permite ao usuário acessar o questionário tanto pelo computador, quanto pelo celular. Além disso, o uso dessa ferramenta amplia o alcance da investigação, permitindo que dados de regiões geográficas diferentes sejam coletados sem que haja a necessidade de deslocamento físico do pesquisador, fator inviável logisticamente e agravado pelo contexto da pandemia da Covid-19, período em que se desenvolve esta pesquisa.

Na construção do formulário, portanto, foi necessário considerar, além das especificidades da ferramenta, das variáveis linguísticas e extralinguísticas em investigação, também as especificidades de caráter ético. Assim, o formulário intitulado *Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará* (o PDF do formulário pode ser consultado nos Apêndices deste Projeto) foi estruturado em 12 seções. As seções 1 a 4 são dedicadas ao convite para a participação na pesquisa, autorização dos pais para a participação dos alunos menores de 18 anos com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aceite dos alunos menores de 18 anos com a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e aceite dos participantes maiores de 18 anos também com assinatura do TCLE, todos disponíveis nos apêndices deste trabalho.

O método de seleção e abordagem dos informantes e os procedimentos que garantem a ética em pesquisa científica estão detalhados na seção 4.5 (Seleção e Abordagem dos informantes). Aqui será feita a descrição do formulário, considerando a prévia autorização dos pais e/ou responsáveis por participantes menores de 18 anos e o aceite de todos os participantes da pesquisa.

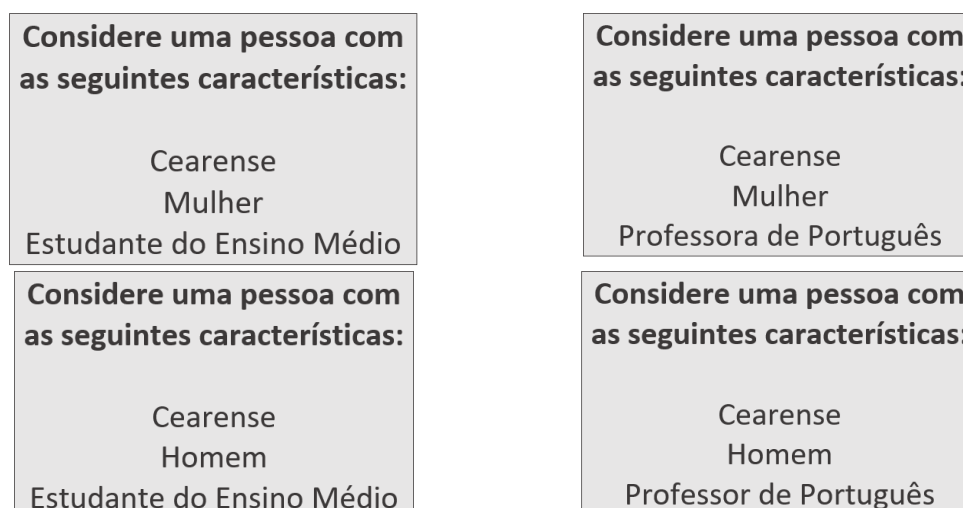
As seções 5 a 8 buscam investigar as percepções dos participantes acerca do uso dos pronomes nós e a gente e as possibilidades de concordância verbal padrão e não padrão. Para isso, o participante é convidado, em cada seção, a considerar um *perfil social*³¹ com características pré-definidas e estabelecidas a partir das variáveis

³¹ No formulário o termo empregado é "Pessoa". Essa alteração visa facilitar a compreensão do participante.

extralinguísticas em investigação. Tem-se assim: **Perfil Social 1: cearense/mulher/estudante do Ensino Médio**; **Perfil social 2: cearense/mulher/professora de português**; **perfil social 3: cearense/Homem/estudante do Ensino Médio**; **Perfil social 4: cearense/ homem/professor de Português**.

Considerando os resultados de Campbell-Kibler (2010) que apontam que a forma de se apresentar o estímulo ao participante pode interferir na sua percepção acerca das variantes, a apresentação dos *perfis sociais* para este estudo foi construída visando a manter a estabilidade das formas e minimizar a influência de fatores referentes ao layout no julgamento dos participantes (LINDWELL; BUTLER; ROLDEN, 2011; HELLER, 2013; BRINGHURST, 2018). Assim, os *perfis sociais* são apresentados em quadro de fundo cor cinza claro (padrão de cor RGB - vermelho 230 / verde 230 / azul 230 - referência #E7E6E6), com letras em fonte *Calibri* 36 de cor cinza escuro (padrão de cor RGB – vermelho 56 / verde 56 / azul 56 – referência #3B3838) e bordas contínuas de espessura 1 ½ de cor cinza escuro (padrão de cor RGB – vermelho 56 / verde 56 / azul 56 – referência #3B3838). O espaçamento entrelinhas é simples e há duplo espaço entre a orientação aos participantes e as características do *perfil social*. A fim de destacar a orientação para o participante, a frase de orientação foi destacada em negrito e as características dos *perfis sociais* têm alinhamento centralizado. O padrão se mantém na apresentação dos quatro estímulos e entre elas alteram-se apenas as características sociais dos *perfis sociais*. A Imagem 7 apresenta o *layout* dos quatro *perfis sociais* construídos para o estudo e a Imagem 8 mostra a disposição dos *perfis sociais* no questionário.

Imagem 7 – *Layout* da apresentação dos *perfis sociais*



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Imagem 8 – Disposição dos *perfis sociais* no questionário

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

*Obrigatório

Formulário construído segundo Campbell_Kibler (2006); Freitag (2016); Freitas e Carvalho (2020); Oushiro (2015); Araújo (2016); Araújo (2020); Araújo, Araújo e Pereira (2020); Carvalho, Freitas e Favacho (2020); Naro, Górski e Fernandes (1999); Scherre, Yacovenko e Naro (2018).

Pessoa 1

Considere uma pessoa com as seguintes características:

Cearense
Mulher
Estudante do Ensino Médio

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Na sequência, são apresentados ao participante cada um dos *quartetos*³² e a ele é solicitado que selecione quais das quatro frases de cada *quarteto* essa pessoa (ex: Pessoa 1 – Cearense/mulher/estudante do Ensino Médio) poderia falar. Vale ressaltar que a estrutura de respostas às questões propostas no questionário pode ser em formato de escala (LAMBERT *et al.* 1960) ou com possibilidade de mais de uma resposta (CAMPBELL-KIBLER, 2006; OUSHIRO, 2015, 2019). Partindo da metodologia desenvolvida e aplicada por Campbell-Kibler (2006) e Oushiro (2015, 2019), que estruturam seus questionários, permitindo mais de uma opção de resposta, nas perguntas que se referem aos *quartetos*, o participante tem a opção de marcar mais de uma frase.

A Imagem 9 apresenta a disposição dos *quartetos* no questionário.

³²É necessário destacar que o teste de reação subjetiva desenvolvido para esta pesquisa pode ser revisado e modificado para futuras investigações. A forma como os *quartetos* foram apresentados aos informantes possibilita a identificação das variantes em estudo, minimiza o caráter subjetivo da investigação e pode, inclusive, se aproximar de um teste de crenças linguísticas. Assim, para investigações futuras, o questionário da pesquisa pode ser reestruturado de maneira a dificultar a identificação das variantes de interesse e contar, inclusive, com distratores o que o deixaria mais próximo da técnica de *matched guise* proposta por Lambert *et al.* (1960).

Imagem 9 – Apresentação dos Quartetos aos participantes – Vista computador e vista celular

Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

- Nós terminamos se não me engano foi em setembro.
- A gente terminou acho que foi no meio do ano.
- Nós terminou se não me engano foi em março.
- A gente terminamos acho que foi em 2018.

Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

- A gente pensa nos amigos de vez em quando.
- Nós pensa nos parentes às vezes.
- Nós pensamos nos vizinhos às vezes.
- A gente pensamos nos colegas de vez em quando.

Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

- Nós terminamos se não me engano foi em setembro.
- A gente terminou acho que foi no meio do ano.
- Nós terminou se não me engano foi em março.
- A gente terminamos acho que foi em 2018.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A ordem de disposição das frases dos *quartetos* no formulário foi planejada de maneira a que a primeira frase seja a que apresenta a estrutura que tende a favorecer a variante. Assim, no quarteto 1a (Q1a), a primeira frase é a que apresenta sujeito exposto e referência específica, mantém a ordem canônica e o paralelismo sintático, apresenta tempo verbal no pretérito perfeito do indicativo com verbos de ação de alta saliência fônica e formas idênticas no pretérito perfeito e presente do indicativo (*nós dormimos* [pretérito] / *nós dormimos* [presente]) – essa composição tende a favorecer o emprego de *nós* [-mos] (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018). A segunda frase em cada um dos *quartetos* apresenta a variante alternativa com concordância padrão – no caso do Q1a, a segunda frase é a que apresenta a construção com o pronome *a gente* e verbo na terceira pessoa do singular. Visando a manter o paralelismo, a terceira frase é a que apresenta a forma favorecida pela construção do *quarteto* com a concordância não padrão e a quarta frase é a que apresenta forma inovadora com a concordância não padrão. Assim, no caso do Q1a, a terceira frase é construída com *nós* [-0] e a quarta frase com *a gente* [-mos]. Essa mesma estrutura de organização se mantém nos 6 *Quartetos*.

Após as perguntas referentes aos 6 *quartetos*, são apresentadas aos participantes as questões relativas à caracterização sociodemográfica dos *perfis*

sociais. São três questões que solicitam ao participante suas percepções quanto i) à idade do falante, ii) à cor/raça/etnia e iii) à região de moradia. Para essas perguntas, não há a possibilidade de se assinalar mais de uma opção de resposta. Apenas para a questão referente à cor/raça/etnia foi inserida também a opção de resposta “Outros” com a possibilidade de descrição de outra resposta desejada pelo participante. Essa escolha se deu como forma de garantir que todas as identificações de cor/raça/etnia possam ser contempladas na pesquisa.

Imagem 10 – Seção 5 - Caracterização sociodemográfica dos *perfis sociais* – vista celular

Essa pessoa tem: *	Essa pessoa é: *	Essa pessoa mora: *
<input type="radio"/> menos de 15 anos.	<input type="radio"/> Branca	<input type="radio"/> em uma cidadezinha bem pequena no interior do Ceará.
<input type="radio"/> de 15 a 18 anos.	<input type="radio"/> Preta	<input type="radio"/> em uma cidade pequena do Ceará.
<input type="radio"/> de 19 a 24 anos.	<input type="radio"/> Amarela	<input type="radio"/> em uma cidade média do Ceará .
<input type="radio"/> de 25 a 49 anos.	<input type="radio"/> Parda	<input type="radio"/> em uma cidade grande no interior do Ceará.
<input type="radio"/> mais de 50 anos.	<input type="radio"/> Indígena	<input type="radio"/> em uma cidade da região metropolitana.
	<input type="radio"/> Outro: _____	<input type="radio"/> em Fortaleza (capital).

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Por fim, a *Seção 5* apresenta ao participante as opções referentes às características de personalidade. Nesta questão, estão dispostas as 12 características organizadas segundo os critérios em investigação. A organização obedece à lógica: características positivas referentes à dedicação aos estudos / características negativas referentes à dedicação aos estudos / características positivas referentes à capacidade de comunicação / características negativas referentes à capacidade de comunicação / características positivas referentes à aceitação social / características negativas referentes à aceitação social, conforme os resultados apontados nos pré-testes. Nesta seção, o participante, além de ter a opção de assinalar quantas características julgar necessário para as perguntas, também tem a opção de inserir outra característica, caso deseje.

Imagem 11 – Seção 5 – Características de personalidade dos *perfis sociais* – vista celular

Essa pessoa é: *

(Assinale quantas julgar necessário)

- Dedicada
- Inteligente
- Desinteressada
- Tola
- Comunicativa
- Articulada
- Tímida
- Confusa
- Divertida
- Certinha
- Chata
- Bagunceira
- Outro:

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A escolha pela opção *Outro* na questão acerca das características de personalidade dos *perfis sociais* se deu por limitações da ferramenta. Oushiro (2015, 2019), utilizando a plataforma *Qualtrics*, utilizou 30 características distribuídas em 3 colunas, cada coluna contendo 10 características. A ferramenta *Google Forms*, no entanto, não permite a distribuição das alternativas em colunas. Assim, optou-se por apresentar 12 características de personalidade³³ e inserir a opção “Outro” para, caso o participante deseje, possa indicar outra característica.

As seções 6, 7 e 8 seguem a mesma estrutura da seção 5, alterando-se apenas o *perfil social* em cada uma delas. A seção 10, intitulada *Perfil Sociodemográfico dos Participantes*, é dedicada a classificar os participantes entre *Aluno(a) de escola pública do Ceará*, *Professor(a) de escola pública do Ceará*, *Aluno(a) de escola particular do Ceará*, *Professor(a) de escola particular do Ceará*, *Aluno(a) de fora do Ceará* e *professor (a) de fora do Ceará* e *Professor(a) de fora do Ceará*. Logo abaixo do título, há uma breve descrição que reafirma o objetivo da coleta de dados sociodemográficos e o caráter anônimo da pesquisa. Após a seleção do participante, o questionário se divide. Caso selecione uma das alternativas com a

³³O número de 12 alternativas foi definido após os pré-testes. Dentre os diversos aparelhos de celular usados para responder à pesquisa, a maioria deles contemplava em uma única tela a pergunta, as 12 alternativas e a opção “Outro”.

opção *Aluno(a)*, o participante é direcionado à *seção 10*, caso selecione uma das alternativas com a opção *Professor(a)* o participante é direcionado à *seção 11*. Vale destacar que, para a análise dos resultados, serão consideradas apenas as respostas dos participantes que assinalarem as alternativas *Aluno(a) de escola pública do Ceará* e *Professor(a) de escola pública do Ceará*. Os participantes que assinalarem as demais alternativas não são impedidos de prosseguirem na pesquisa, suas respostas, no entanto, foram descartadas na análise.

Tanto na *seção 10*, quanto na *seção 11*, solicita-se que o participante responda a algumas questões que permitem traçar seu perfil sociodemográfico. Essas informações solicitadas foram definidas com base nas variáveis extralinguísticas definidas para este estudo. Assim, na primeira questão das *seções 10 e 11*, é solicitado que o participante assinale a opção referente a idade. A diferença da questão entre as duas *seções* está na estratificação das faixas etárias conforme o participante aluno(a) ou professor(a). A questão referente à idade, nas duas *seções*, permite que o participante assinale apenas uma alternativa. A Imagem 12 apresenta a *seção 9* com a classificação dos participantes e as opções de direcionamento do formulário. Já a Imagem 13 apresenta a Questão 1 – idade - da coleta de dados sociodemográficos de aluno(a)s e professores(as).

A segunda questão nas *seções 10 e 11* tem o objetivo de estabelecer a escolaridade do participante. Assim, na *seção 10* (aluno(a)s), há a estratificação em níveis de ensino com a subdivisão nas séries do Ensino Médio. Na *seção 11*, por ser direcionada aos professores, subentende-se que todos os participantes tenham escolarização em nível superior, por isso, a questão pergunta apenas se o participante é ou não professor(a) de Português ou Redação para o Ensino Médio.

Imagem 12 - Classificação dos participantes – visão do editor– vista computador

Você é

Múltipla escolha

Aluno (a) de escola pública do Ceará

Continuar para a próxima seção

Professor (a) de escola pública do Ceará

Ir para a seção 11 (Dados sociodemográ... - professor (a).)

Aluno (a) de escola particular do Ceará.

Ir para a seção 10 (Dados sociodemográficos - aluno(a).)

Professor (a) de escola particular do Ceará.

Ir para a seção 11 (Dados sociodemográ... - professor (a).)

Aluno (a) de fora do Ceará.

Ir para a seção 10 (Dados sociodemográficos - aluno(a).)

Professor (a) de fora do Ceará.

Ir para a seção 11 (Dados sociodemográ... - professor (a).)

Adicionar opção ou [adicionar "Outro"](#)

Obrigatória

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Imagem 13 - Seção 10 e Seção 11 – Dados Sociodemográficos – Idade – vista computador

Dados sociodemográficos - aluno(a).

Você tem: *

menos de 15 anos.

de 15 a 18 anos.

de 19 a 24 anos.

de 25 a 49 anos.

acima de 50 anos.

Dados sociodemográficos - professor (a).

Você tem: *

menos de 18 anos.

de 18 a 24 anos.

de 25 a 34 anos.

de 35 a 44 anos.

de 45 a 54 anos.

55 anos ou mais.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Imagem 14 – Seção 10 – Dados Sociodemográficos – Escolaridade – vista computador

Você estuda: *

no Ensino Fundamental.

no 1º ano do Ensino Médio.

no 2º ano do Ensino Médio.

no 3º ano do Ensino Médio.

no Ensino Superior.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Imagem 15 - Seção 11 – Dados Sociodemográficos - Disciplina que leciona – vista computador

Você é professor (a) de Português ou Redação para o Ensino Médio? *

Sim.

Não.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Na sequência, as questões 3 e 4 da coleta de dados sociodemográficos solicitam ao participante que responda sobre sua identificação de gênero e autodeclaração de cor/raça/etnia. Por se tratar de questões sensíveis (artigo 5º da LGPD nº 13.709, de 14 de agosto de 2018), nessas duas questões, tanto na *seção 10* quanto na *seção 11*, além das alternativas definidas segundo as variáveis extralinguísticas em investigação, ainda são apresentadas as opções *Outro* e *Prefiro não responder*. Essa escolha se deu em virtude da legislação vigente e como forma de garantir que todas as identificações de gênero e cor/raça/etnia fossem contempladas na pesquisa.

Imagem 16 – Seções 10 e 11– Dados Sociodemográficos – Identificação de gênero e autodeclaração de cor/raça /etnia – vista computador

Qual é sua identificação de gênero? *

Feminino

Masculino.

Outro.

Prefiro não responder.

Qual é sua cor / raça / etnia? *

Branca.

Preta.

Amarela.

Parda.

Indígena.

Outra.

Prefiro não responder.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A Questão 5 das *seções 11* e *12* buscam determinar o tempo de contato do participante com o vernáculo cearense. Para isso, é solicitado que o participante responda sobre quanto tempo mora no Ceará. Já a Questão 6 das *seções 11* e *12*

solicita que o participante responda em qual cidade reside. A Imagem 17 apresenta a Questão 5 – Tempo de contato do participante com o vernáculo cearense e solicitação de cidade de residência das seções 10 e 11 – Dados sociodemográficos dos participantes.

Imagem 17 - Seção 10 e 11 – Dados Sociodemográficos - Tempo de contato do participante com o vernáculo cearense e – Cidade de residência – vista computador

Você mora no Ceará: *

Há 15 anos ou mais.

Entre 10 e 14 anos.

Entre 5 e 9 anos.

Há menos de 5

Eu não moro no Ceará.

Em qual cidade você mora? *

Sua resposta _____

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Por fim, antes de encerrar as seções 10 e 11, são feitas duas perguntas de abordagem direta ao participante. Essas perguntas buscam investigar as crenças acerca do uso das variantes *nós* e *a gente* na fala e na escrita. Na questão 7 das seções 10 e 11, é solicitado que o participante assinale se acredita utilizar mais o *nós* ou o *a gente* na fala e, na questão 8, se acredita utilizar mais o *nós* ou o *a gente* na escrita.

Imagem 18 - Seções 10 e 11 – Crenças sobre o emprego dos pronomes na fala e na escrita

Você acha que no seu dia a dia você fala mais *

"nós" (nós vamos / nós estudamos).

"a gente" (a gente vai / a gente estuda).

Você acha que na escrita você usa mais *

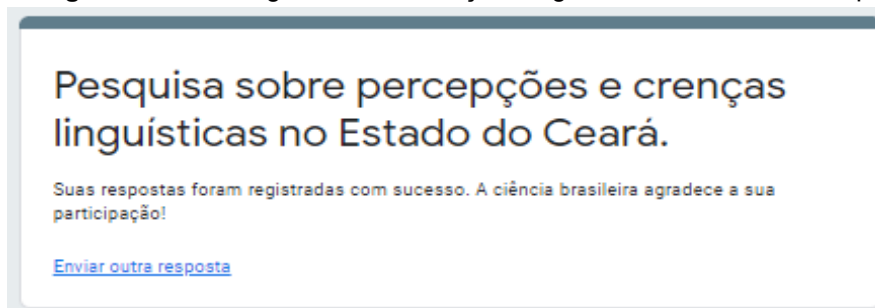
"nós" (nós vamos / nós estudamos).

"a gente" (a gente vai / a gente estuda).

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Para encerrar o questionário, é dada ao participante a opção de consultar as referências completas utilizadas na delimitação das variáveis linguísticas e na construção do formulário. Para isso é a apresentada, tanto na *seção 10* quanto na *seção 11*, uma pergunta questionando sua opção. Caso o participante deseje consultar as referências ele será direcionado para a *Seção 12* que contém a lista de referências e a opção de finalizar o questionário. Caso o participante opte por não as consultar, o formulário será encerrado. Ao encerrar o questionário, o participante visualiza a confirmação de que finalizou a pesquisa e recebe uma mensagem de agradecimento.

Imagem 19 – Mensagem de confirmação e agradecimento – vista computador



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

4.5 Seleção e Abordagem dos participantes – procedimentos éticos

Dados do Censo da Educação Básica do Estado do Ceará (2020)³⁴ revelam que o Estado conta com um total de 18.864 professores lotados na rede pública de ensino que atendem 307.194 alunos no ensino regular e 56.068 alunos na educação profissional. Os professores e alunos da rede educação básica pública cearense constituem o público de interesse para a aplicação dos questionários dessa pesquisa, primeiro porque, ampliando-se a concepção de Eckert (2012) aproximam-se de uma grande comunidade de prática, subdividida em duas outras grandes comunidades de prática (alunos e professores) que se fragmentam em comunidades menores e estão em contato com uma ampla e vasta diversidade de outras comunidades. O segundo

³⁴BRASIL, Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo da Educação Básica. Resumo Técnico do Estado do Ceará. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/resumo-tecnico-do-estado-do-ceara-2013-censo-da-educacao-basica-2020> . Acesso em: 22 ago. 2021.

interesse por esse público é o envolvimento direto com a instituição escolar, um fator importante a ser considerado na inserção ou barramento das variações e mudanças linguísticas na língua (FREITAG, 2016).

Diante deste cenário que envolve milhares de professores e centenas de milhares de alunos, estimou-se que esta pesquisa conseguiria atingir um percentual de 1,5% dos professores em exercício no Estado do Ceará, totalizando aproximadamente 288 professores. Proporcionalmente, estimou-se que o número de alunos alcançados seria de 4848 alunos, totalizando 5136 participantes. O número de participantes estimados não foi alcançado na pesquisa. Destaca-se, no entanto, que todos os percentuais e pesos da pesquisa foram calculados a partir do número de respostas obtidas aos questionários.

Para a aplicação do questionário e coleta de dados da pesquisa, os critérios de inclusão dos participantes dentro do público-alvo da pesquisa foram:

- i) Autorização dos pais ou responsáveis no caso de alunos menores de 18 anos;
- ii) A aceitação, mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no caso de participantes maiores de 18 anos ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido no caso de participantes menores de 18 anos;
- iii) Responder a todas as questões e finalizar o questionário da pesquisa e
- iv) A autodeclaração de estudante do ensino médio da rede pública do Estado do Ceará ou;
- v) A autodeclaração de professor em exercício do ensino médio da rede pública do Estado do Ceará.

Os critérios de exclusão dos participantes foram:

- i) A não autorização dos pais ou responsáveis no caso de alunos menores de 18 anos ou;
- ii) A não aceitação, mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no caso de participantes maiores de 18 anos ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido no caso de participantes menores de 18 anos ou;
- iii) A não finalização da resposta ao questionário ou;

- iv) Declarar não ser estudante do ensino médio da rede pública do Estado do Ceará ou;
- v) Não declarar ser professor em exercício do ensino médio da rede pública do Estado do Ceará.

A verificação dos critérios de inclusão e exclusão dos participantes foi realizada segundo as respostas dos participantes ao questionário. Assim, a primeira verificação foi a resposta afirmativa ao Formulário de apresentação aos pais mediante aceite ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais ou responsáveis por menores de 18 anos. A segunda verificação foi o aceite do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido por participantes menores de 18 anos e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por participantes maiores de 18 anos. A terceira etapa de verificação para inclusão do participante na pesquisa foi a condição de ter respondido a todas as seções do questionário e clicado em enviar (condição para que as respostas sejam registradas).

A quarta etapa de verificação foi a autodeclaração como aluno(a) ou professor(a) da rede pública do Estado do Ceará (*seção 9*). A última etapa de verificação foi a condição de o participante ter selecionado uma das opções quanto às séries do Ensino Médio (*seção 10* – coleta de dados dos participantes – alunos(as) – ou selecionar a opção *Sim* para a pergunta sobre ser ou não professor de Português ou Redação para o Ensino Médio (*seção 11* – coleta de dados dos participantes – Professores(as)).

Outro fator relevante na escolha desse público para a aplicação dos questionários é comunicação constituída entre professores e entre professores e alunos no Estado do Ceará. As redes de comunicação informal, via grupos de *WhatsApp* e redes sociais digitais já são realidade no ambiente escolar há anos. Devido à pandemia da Covid-19, no entanto, e à realidade imposta pelo ensino remoto, essas redes de comunicação foram ampliadas, intensificadas e formalizadas. Assim, os professores têm contato virtual direto e institucionalizado com todos seus alunos. Aqui, vale mencionar que a pesquisadora é professora de Língua Portuguesa na rede pública cearense e está lotada em duas escolas situadas na CREDE 9. Devido a isso, a pesquisadora participa de grupos e tem contatos via *WhatsApp* de colegas professores de Língua Portuguesa do Estado do Ceará.

Dessa forma, o contato para a distribuição dos questionários foi estabelecido de forma direta e individual pela pesquisadora com os professores de Língua Portuguesa dentro dos seus contatos pessoais. Nessa abordagem, o primeiro contato com os participantes foi para apresentação da pesquisa e convite ao professor para participar e compartilhar o formulário dentre seus contatos pessoais com seus alunos maiores de 18 anos; caso a resposta do professor fosse positiva, o formulário foi encaminhado junto com texto de convite aos alunos maiores de 18 anos.

Da mesma forma, foi solicitado ao professor que, de maneira voluntária, compartilhasse, entre os contatos pessoais que possui, com pais e/ou responsáveis de alunos menores de 18 anos, o *link* para um formulário de apresentação aos pais ou responsáveis³⁵ onde consta, além da apresentação da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)³⁶ para pais ou responsáveis por participantes menores de 18 anos para que esses possam autorizar a participação dos menores na pesquisa. Desde o primeiro contato com os professores, destacou-se a obrigatoriedade de autorização prévia dos pais como condição para a participação alunos menores de 18 anos.

Os pais e/ou responsáveis que autorizaram a participação dos alunos menores de 18 anos na pesquisa tiveram acesso ao *link* do formulário de coleta de dados e puderam compartilhá-lo com seus filhos menores de 18 anos. Após a autorização dos pais, os alunos menores de 18 anos tiveram acesso ao TALE e, conseqüentemente, somente os alunos que assentirem o TALE tiveram acesso às questões da pesquisa, respeitando-se, dessa forma, o que prevê o item 2.3 do Ofício No. 2/2021/CONEP/SECNS/MS, segundo o qual “quando a pesquisa em ambiente virtual envolver a participação de menores de 18 anos, o primeiro contato para consentimento deve ser com os pais e/ou responsáveis, e a partir da concordância, deverá se buscar o assentimento do menor de idade”.

Destaca-se que o convite para participação na pesquisa não foi feito com a utilização de listas que permitissem a identificação dos convidados nem a visualização dos seus dados de contato (e-mail, telefone, etc) por terceiros. Além disso, por se

³⁵O Formulário para consentimento dos pais e/ou responsáveis por participantes menores de 18 anos está disponível na seção de apêndices deste trabalho.

³⁶O TCLE para pais ou responsáveis por participantes menores de 18 anos, o TCLE para participantes maiores de 18 anos e o TALE para participantes menores de 18 anos encontram-se na seção de apêndices desse trabalho.

tratar de coleta anônima, os riscos de o participante ser identificado ou, dependendo da resposta, sofrer algum tipo de constrangimento, são muito reduzidos. Além disso, caso o participante utilizasse a rede social ou rede de contatos para comentar o próprio instrumento aplicado na pesquisa, isso não influenciou nos resultados, visto que a análise de dados se deu única e exclusivamente pelas respostas ao questionário.

Em princípio, esta pesquisa não apresenta riscos iminentes aos participantes envolvidos. Contudo, considerando a Seção V da Resolução CNS 466\2012, a qual estabelece que “toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados”, pode-se estimar que o participante em algum momento da pesquisa, sinta-se cansado, ou que o ato de responder ao questionário gerasse ansiedade frente à possibilidade de estigmatização de suas respostas. Visando reduzir esses riscos, destacam-se as seguintes medidas:

- i) Com relação ao cansaço e tempo despendido para as respostas, os pesquisadores buscaram incluir apenas as questões e variáveis de maior relevância para o estudo a fim de reduzir o tempo empregado nas respostas; também visando a praticidade e rapidez, os pesquisadores optaram pelo uso da ferramenta digital *Google Forms* que já é amplamente utilizada para a aplicação de atividades e testes pelas unidades de ensino. Considerou-se, ainda, a possibilidade de o participante suspender imediatamente o preenchimento do formulário, se assim desejasse e;
- ii) Com relação à possibilidade de estigmatização das respostas, foi informado tanto na mensagem de convite quanto nos TCLEs e TALE que o questionário não tem por objetivo obter respostas corretas ou incorretas; certas ou erradas, mas avaliações acerca dos fenômenos investigados, sobre os quais não se mensuram conhecimentos formais e/ou acadêmicos, e todas as questões propostas no questionário respeitam os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos;
- iii) Existia ainda um risco mínimo de o participante sentir-se constrangido a participar da pesquisa devido ao fato de o convite ser feito por um professor ou colega de trabalho. Visando reduzir esses riscos, o texto do convite e dos TCLEs e TALE é claro quanto à forma voluntária de participação e a não necessidade de confirmação de resposta pelo convidado.

Destaca-se que, seguindo as orientações do Ofício circular N°. 2/2021/CONEP/SECNS/MS de 24 de fevereiro de 2021, que prevê a necessidade de os participantes guardarem consigo uma cópia do Termo de Consentimento, tanto o TCLE para os pais ou responsáveis por participantes menores de 18 anos quanto o TCLE para participantes maiores 18 anos e o TALE para participantes menores de 18 anos foram enviados por e-mail aos participantes, além de estarem disponíveis para *download* em uma plataforma digital (Mega) que não exige registro nem cadastro de e-mail para que o participante possa baixar o Termo em seu dispositivo e manter uma cópia consigo. Destaca-se ainda que, no texto dos TCLE e TALE, é enfatizada aos participantes a necessidade de se guardar consigo uma cópia do Termo.

Quanto à segurança de dados dos participantes, há um risco, ainda que mínimo, de que a plataforma escolhida – *Google Forms* – utilize os dados de acesso vinculados à conta pessoal do participante. Para que esse risco seja minimizado, a pesquisa se propõe anônima e sigilosa e a configuração do questionário da pesquisa foi feita de forma que o participante não precisasse fazer *login* na plataforma com sua conta de e-mail. O e-mail dos participantes só foi solicitado para o envio de uma cópia dos TCLEs ou TALE ou faça login na plataforma.

No que se refere ao armazenamento de dados, os pesquisadores fizeram *download* para um dispositivo eletrônico local dos dados coletados logo após o encerramento do período de coleta e análise dos dados. Os dados dos formulários disponíveis em na plataforma *Google Forms* e a lista de contatos individuais utilizada na pesquisa foram todos apagados da rede.

Por fim, é importante salientar que esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Unilab (CEP/Unilab), processo CAAE: 46 600121.0000.5576, e obteve aprovação, conforme o parecer 4.889.203.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O questionário da pesquisa foi aplicado, seguindo os procedimentos descritos no item 4.5 deste trabalho (Seleção e abordagem dos participantes – procedimentos éticos), entre os dias 18 e 25 de agosto de 2021. Nesse período, foram obtidas 186 respostas, sendo 45 respostas de professores e 141 respostas de alunos. Conforme os critérios de inserção e exclusão dos participantes da pesquisa (item 4.5), dentre os alunos menores de 18 anos, foram excluídos 28 participantes cujos pais não autorizaram expressamente a participação na pesquisa e outros 15 alunos que, após a leitura do TALE, assinalaram a opção *não concordo e não gostaria de participar da pesquisa*. Dentre os alunos maiores de 18 anos, foram excluídos da análise 11 participantes que, após a leitura do TCLE, assinalaram a opção *não concordo e não gostaria de participar da pesquisa*. Já entre os professores, foram excluídos 5 participantes que declararam não serem professores (as) de Português ou Redação do Ensino Médio da rede pública cearense.

Por fim, após início da análise dos dados, observou-se que 5 alunos maiores de 18 anos e 1 aluno menor de 18 anos assinalaram sempre a primeira opção de cada questão, o que impede a diferenciação das percepções linguísticas, sociais e de personalidade entre os *perfis sociais*, o que nos levou a excluir esses participantes. Assim, o recorte amostral dessa pesquisa é constituído por 12 alunos maiores de 18 anos e 68 alunos menores de 18 anos, um total de 80 estudantes e 40 professores de Língua Portuguesa ou Redação do Ensino Médio da rede pública do Estado do Ceará, totalizando 120 respostas validadas para a análise. Para a análise dos dados, foi utilizado o *software* estatístico IBM SPSS *Statistics*³⁷. As variáveis linguísticas e extralinguísticas foram categorizadas e analisadas por suas proporções.

Esta seção de análise está organizada do seguinte modo: é apresentado, inicialmente, o perfil sociodemográfico dos participantes; na sequência, são apresentadas as caracterizações feitas pelos participantes sobre os quatro perfis sociais investigados, além da comparação entre a caracterização dos *perfis sociais* e,

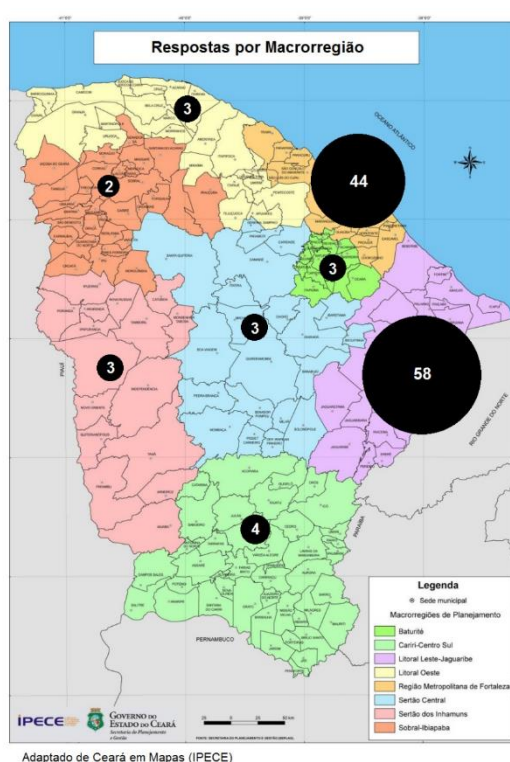
³⁷ Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/analytics/spss-statistics-software>. Acesso em: 17 dez. 2021.

por fim, são discutidos os dados referentes às variáveis linguísticas com apresentação dos resultados referentes aos *quartetos*.

5.1 Perfil dos participantes

Os estudos sociolinguísticos acerca da alternância pronominal e da concordância verbal em primeira pessoa do plural no Estado do Ceará, tanto pelo viés da produção (ARAÚJO, 2016; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; FREITAS, RODRIGUES; SANTOS, 2020), quanto pelo viés da percepção (FREITAS; CARVALHO, 2020) usam como estímulo excertos de fala advindos dos bancos de dados de fala constituídos a partir de participantes da capital cearense. Esta pesquisa, diferentemente, conta com participantes distribuídos nas 8 macrorregiões administrativas do Estado do Ceará, o que constitui uma base amostral de todo o território cearense. A Imagem 20 apresenta a distribuição e o número de participantes no Estado do Ceará.

Imagem 20 – Distribuição dos participantes no Estado do Ceará

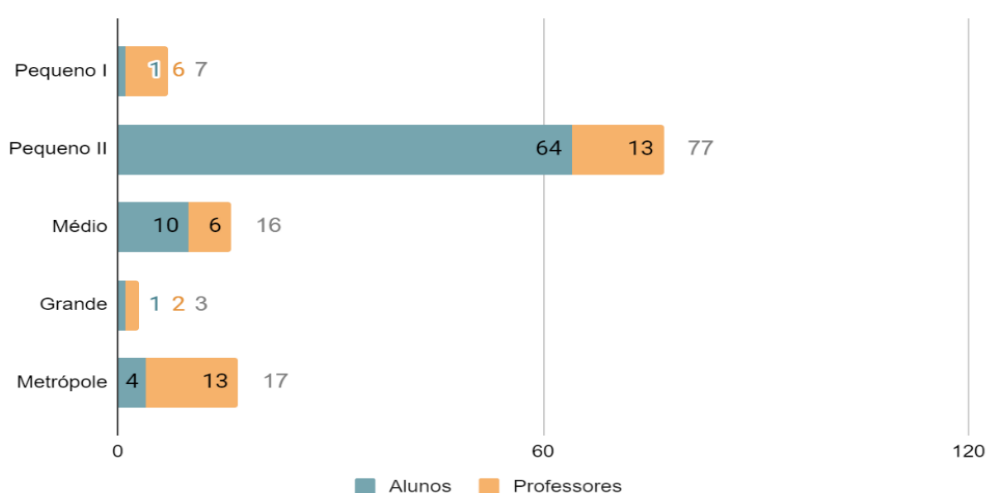


Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Dos 120 participantes, 63,3% deles estão fora da capital e região metropolitana. Essa abrangência territorial permite constituir um panorama sobre as

percepções linguísticas do cearense e amplia as investigações para o interior do estado. O alcance da pesquisa no interior do estado também é relevante quanto ao porte dos municípios de residência dos participantes. Segundo critérios estabelecidos pelo IPECE (2012) e dados do IBGE (2019), 42,4% dos municípios cearenses são considerados de Porte Pequeno I, ou seja, têm até 20 mil habitantes, 37,5% dos municípios são de Porte Pequeno II, com até 50 mil habitantes, 15,2% são considerados de Porte Médio, com até 100 mil habitantes, 4,3% são considerados de Porte Grande com mais de 100 mil habitantes e apenas a capital (0,6%) é considerada uma metrópole com mais de 2 milhões de habitantes³⁸. O Gráfico 1 apresenta o número de participantes segundo o porte das cidades em que residem.

Gráfico 1 – Número de participantes segundo o porte das cidades cearenses



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os participantes desta pesquisa estão distribuídos na metrópole, nas cidades grandes, médias e pequenas do Ceará. Dos 120 participantes validados para a análise, 70% deles residem em cidades de pequeno porte (64,2% em cidades de Porte Pequeno II e 5,8% em cidades de Porte Pequeno I), 13,3% residem em cidades de Porte Médio, 2,5% em cidades Grandes e 14,2% na capital Fortaleza.

³⁸Para mais detalhes, conferir Nota Técnica nº 52. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2012/12/NT_52.pdf e dados do IBGE Cidades disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101707>. Acesso em: 18 dez. 2021.

O perfil sociodemográfico dos participantes é constituído, quanto à identificação de gênero, por 61,7% dos participantes do sexo feminino (52 alunas e 22 professoras), 36,7% do sexo masculino (26 alunos e 18 professores) e 1,6% dos participantes que preferiu não responder (2 aluno(a)s). Já em relação à identificação de cor / raça / etnia, 58,3% dos participantes se declaram pardos (49 alunos e 21 professores), 26,7% se declaram brancos (20 alunos e 12 professores), 9,2% pretos (5 alunos e 6 professores), 5% amarelos (5 alunos e 1 professor) e 0,8% (1 aluno) preferiu não responder. Entre os alunos que participaram da pesquisa 95% (76 alunos) têm idade entre 15 e 18 anos, 1,25% (1 aluno) entre 19 e 24 anos, 1,25% (1 aluno) entre 25 e 49 anos e 2,3% (2 alunos) menores de 15 anos. Já entre os docentes, as idades dos participantes são 5% (2 professores) entre 18 e 24 anos, 45% (18 professores) entre 25 a 34 anos, 32,5% (13 professores) entre 35 e 44 anos, 15% (6 professores) entre 45 e 54 anos e 2,5% (1 professor) acima de 55 anos. A Tabela 4 resume os dados sociodemográficos dos participantes.

Tabela 4 – Perfil sociodemográfico dos participantes

DADOS	ALUNOS	PROFESSORES	TOTAL
	Nº / % grupo / % total	Nº / % grupo / % total	Nº / % total
Gênero			
<i>Feminino</i>	52 / 65% / 43,3%	22 / 55% / 17,5%	74 / 61,7%
<i>Masculino</i>	26 / 32,5% / 21,7%	18 / 45% / 14,3%	44 / 36,7%
<i>Preferiu não responder</i>	2 / 2,3% / 1,7%	-----	2 / 1,6%
Cor / raça / etnia			
<i>Parda</i>	49 / 61,25% / 40,8%	21 / 52,5% / 16,7%	70 / 58,3%
<i>Branca</i>	20 / 25% / 16,7%	12 / 30% / 9,5%	32 / 26,7%
<i>Preta</i>	5 / 6,25% / 4,2%	6 / 15% / 4,8%	11 / 9,2%
<i>Amarela</i>	5 / 6,25% / 4,2%	1 / 2,5% / 0,8%	6 / 5%
<i>Preferiu não responder</i>	1 / 1,25% / 0,8%	-----	1 / 0,8%
<i>Indígena</i>	0 / 0% / 0%	0 / 0% / 0%	
Idade			
<i>Menor de 15 anos</i>	2 / 2,5% / 1,6%	-----	2 / 1,6%
<i>De 15 a 18 anos</i>	76 / 95% / 63,3%	-----	81 / 63,3%
<i>De 19 a 24 anos</i>	1 / 1,25% / 0,8%	-----	1 / 0,8%
<i>De 25 a 49 anos</i>	1 / 1,25% / 0,8%	-----	1 / 0,8%
<i>De 18 a 24 anos</i>	-----	2 / 5% / 1,5%	2 / 1,5%
<i>De 25 a 34 anos</i>	-----	18 / 45% / 14,3%	18 / 14,3%
<i>De 35 a 44 anos</i>	-----	13 / 32,2% / 10,2%	13 / 10,2%
<i>De 45 a 54 anos</i>	-----	6 / 15% / 4,8%	6 / 4,8%
<i>Acima de 55 anos</i>	-----	1 / 2,5% / 0,8%	1 / 0,8%
Escolaridade			
<i>1º Ano do E.M.</i>	25 / 31,25% / 20,8%	-----	25 / 20,8%
<i>2º Ano do E.M.</i>	22 / 27,5% / 18,3%	-----	22 / 18,3%
<i>3º Ano do E.M.</i>	33 / 41,25% / 27,5%	-----	33 / 27,5%
<i>Nível superior</i>	-----	40 / 100% / 31,7%	40 / 31,7%

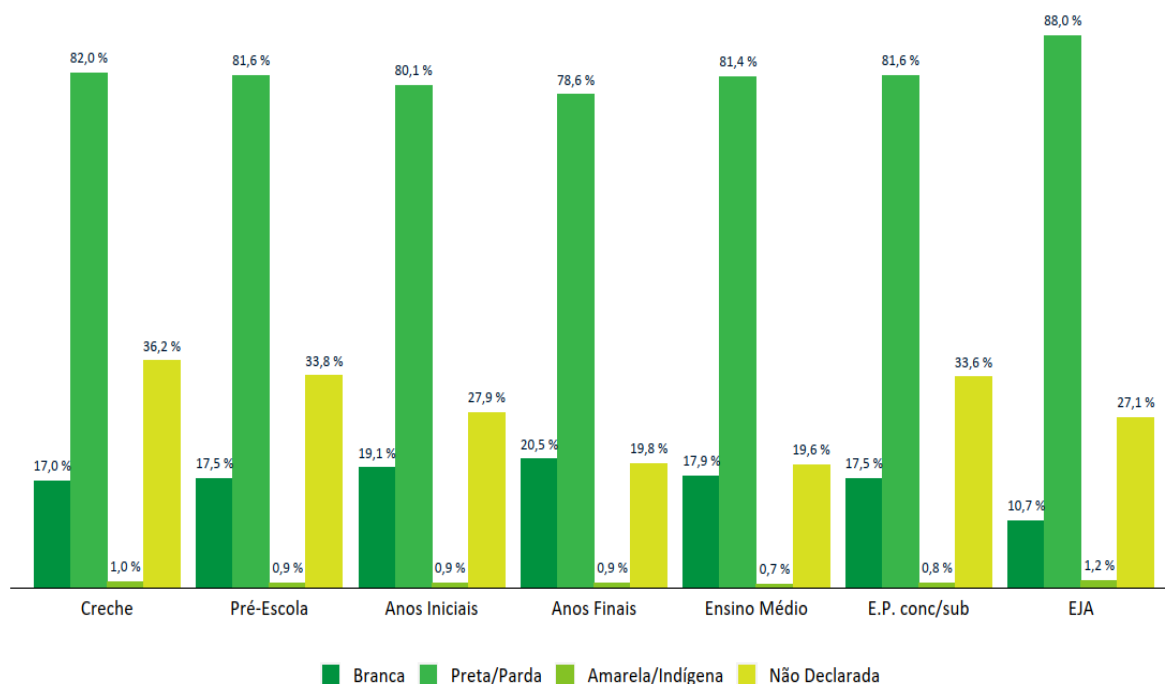
Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os dados sociodemográficos dos participantes revelam um perfil de alunos majoritariamente feminino, pardo, com idade entre 15 e 18 anos e cursando o 3º ano do Ensino Médio. Entre os professores esse perfil é majoritariamente feminino, pardo, com idade entre 25 e 45 anos e com Ensino Superior. O perfil geral dos respondentes é também feminino, pardo, com idade entre 15 e 35 anos e alta escolarização (12 anos ou mais). Em relação à escolaridade, 41,25% dos alunos participantes (33) estão cursando o 3º ano do Ensino Médio, 31,25% (25) cursam o 1º ano do Ensino Médio e 27,5% (22) o 2º ano do Ensino Médio. Entre os professores, 100% dos participantes (40 professores) têm nível superior e lecionam as disciplinas de Língua Portuguesa ou Redação no Ensino Médio da rede pública cearense.

As características de perfil dos alunos participantes seguem as mesmas tendências apontadas pelo Censo da Educação Básica 2020 do Estado do Ceará que revela o predomínio feminino (56,9% das matrículas), com menor distorção idade/série, entre as mulheres (79,1% das meninas e apenas 66,4% dos meninos chegam ao primeiro ano do Ensino Médio com idade adequada). Ocorre, no entanto, uma discrepância entre o perfil dos alunos participantes e os dados do Censo Escolar 2020 no que se refere à identificação de cor/raça/etnia. Nos dados da Educação Básica, a autoidentificação dos alunos do Ensino Médio como *parda* representa 81,4% das matrículas, já entre os participantes da pesquisa, esse número é de 61,25%. A discrepância ocorre também com a autoidentificação como *amarela* com 6,25% entre os alunos participantes e apenas 0,7% nos dados do Censo Escolar.

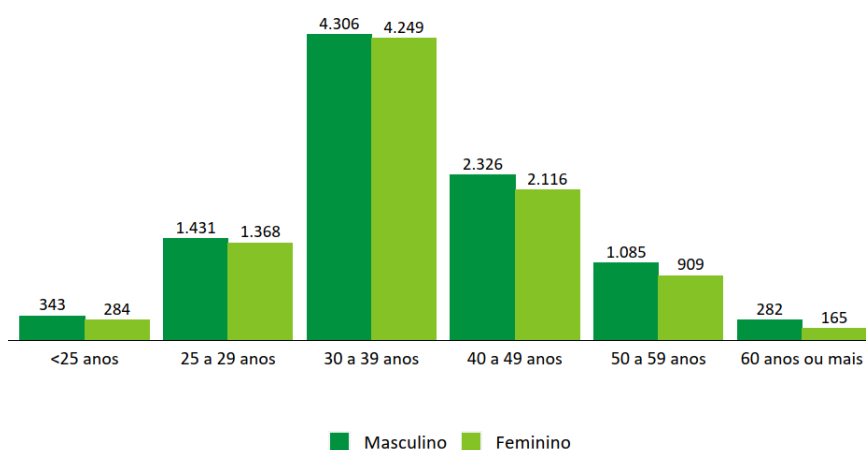
Vale ressaltar que “a ausência da informação de cor/raça ainda ultrapassa 19,0% em cada uma das etapas da educação básica” (BRASIL, 2021, p.19) e essa falta de informações precisas na coleta de dados do Censo da Educação Básica pode ser um fator de distorção dos dados.

O Gráfico 2 apresenta o percentual de matrículas por cor/raça na educação básica do Estado do Ceará.

Gráfico 2 – Percentual de matrículas por cor/raça segundo as etapas de ensino – Ceará – 2020

Fonte: Deed/Inep com base nos dados do Censo da Educação Básica no ano 2020.

Quanto aos professores, o perfil dos participantes segue a tendência apontada pelos dados do Censo quanto à faixa etária. Dentre os docentes, o maior quantitativo de profissionais se concentra na faixa etária entre 30 e 49 anos. A discrepância entre o perfil dos professores participantes e os dados do Censo ocorre quanto ao gênero dos docentes, segundo a coleta de dados do Censo, os homens são maioria no Ensino Médio. O resumo técnico não apresenta, no entanto, a distribuição por gênero em relação às disciplinas ministradas.

Gráfico 3 – Número de docentes do Ensino Médio segundo a faixa etária e sexo – Ceará 2020

Fonte: Deed / Inep com base nos dados Censo da Educação Básica no ano de 2020.

É necessário se considerar que a validação de dados desta pesquisa se deu apenas entre professores(as) de Língua Portuguesa e Redação, e que não foram encontrados dados acerca da estratificação de gênero e idade para duas disciplinas, o que explica a leve disparidade entre os dados.

5.2 Caracterização dos *perfis sociais*

A metodologia de abordagem indireta utilizada nesta pesquisa tem como inspiração a aplicação de testes de reação subjetiva conforme proposto por Lambert *et al.* (1960) e aplicado por Campbell-Kibler (2006) e Oushiro (2015, 2019). Para esta pesquisa foram selecionados 4 *perfis sociais* que compõem a comunidade de prática escolar do Estado do Ceará. O *perfil social 1* é *cearense, mulher, estudante da escola pública*. O *perfil social 2* é *cearense, mulher, professora de Língua Portuguesa da escola pública*. O *perfil social 3* é *cearense, homem, estudante da escola pública* e o *perfil social 4* é *cearense, homem, professor de Língua Portuguesa da escola pública*.

Os quatro *perfis sociais* apresentados aos participantes têm entre si dois pontos em comum. Os *perfis sociais 1* e *3* compartilham entre si o fato de serem alunas(os) do Ensino Médio; os *perfis sociais 2* e *4* são professoras(es) de Língua Portuguesa do Ensino Médio. Da mesma forma, os *perfis sociais 1* e *2* e os *perfis sociais 3* e *4* têm em comum o sexo/gênero. Assim, cada um dos *perfis sociais* tem um outro *perfil social* com a qual não compartilha características. Os *perfis 1* e *4* e os *perfis 2* e *3* não compartilham nenhuma característica comum. Essa aproximação e esse afastamento das características podem ajudar a desvelar os julgamentos e percepções dos falantes.

Na aplicação do questionário, os *perfis sociais* foram apresentados aos participantes conforme descrito na seção 4.4 deste trabalho. Os participantes deveriam relacionar, para cada um dos 4 *perfis sociais*, as frases que esse *perfil social* poderia dizer (quartetos), além de atribuir a eles características demográficas e de personalidade.

A caracterização dos *perfis sociais* feita pelos participantes da pesquisa pode revelar conceitos subjacentes que constituem o imaginário da comunidade escolar/comunidade de prática (ECKERT, 2012) sobre seus membros. Nessa caracterização, podem ser revelados os valores e os significados sociais atribuídos a alunas, professoras, alunos e professores no Estado do Ceará. No entanto, para além

disso, mais do que revelar aquilo que constitui o imaginário sobre os *perfis sociais*, essa caracterização pode revelar aquilo que *não se é* (OUSHIRO, 2015, 2019) e os elementos demográficos, sociais, estéticos e comportamentais que distinguem os membros desse grupo em relação a outros grupos e entre si (BOURDIEU, 2007).

As características de personalidade investigadas foram agrupadas em 3 dimensões de personalidade, cada uma delas com duas características positivas e duas características negativas. As três dimensões de personalidade são: *dedicação aos estudos* (dedicada, inteligente, desinteressada e tola), *capacidade de comunicação* (comunicativa, articulada, tímida e confusa) e *aceitação social* (divertida, certinha, chata e bagunceira). Os participantes poderiam assinalar quantas características desejassem e no formulário ainda havia a opção “outro” em que o participante poderia escrever alguma outra característica caso desejasse. As percepções dos participantes acerca das dimensões de personalidade relacionadas aos *perfis sociais* podem revelar o *status* de cada um deles dentro da comunidade de prática.

Esta seção dedica-se a apresentar a caracterização construída por alunos e professores acerca dos *perfis sociais* investigados. Para isso, são apresentados os dados referentes à caracterização sociodemográfica e de personalidade de cada um dos 4 *perfis sociais*.

5.2.1 Caracterização do *perfil social* 1 – *Cearense, mulher, estudante do Ensino Médio*

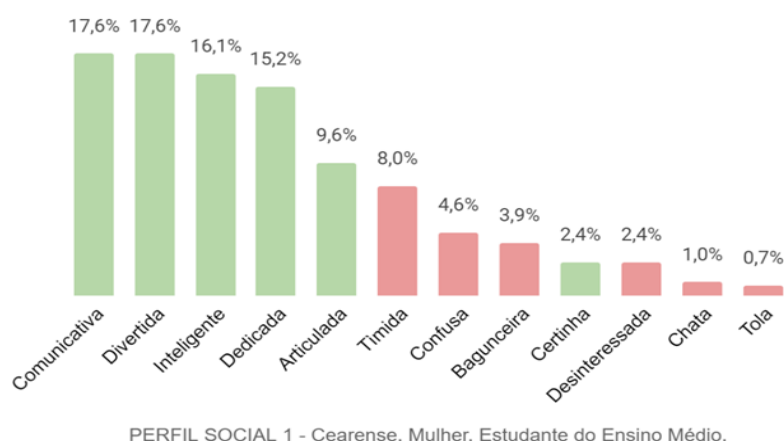
Os dados gerais apontam que, no imaginário da comunidade de prática pesquisada, as características sociodemográficas do *perfil social* 1 - *Cearense, mulher, estudante do Ensino Médio* (P1) traçam um perfil majoritariamente pardo (71,3% entre os alunos, 75% entre os professores e 72,5% dos valores totais), com idade entre 15 e 24 anos (82,5% entre os alunos, 70% entre os professores e 78,3% no total).

A percepção dos participantes quanto à cor/raça/etnia das alunas do Ensino Médio vai ao encontro dos dados gerais apresentados pelo Censo da Educação Básica do Ceará (2020). Segundo o Censo, 81,4% dos alunos do Ensino Médio são pretos ou pardos e 17,9% se autodeclararam brancos.

Quanto às características de personalidade, as 5 características com maior número de atribuições às estudantes mulheres do Ensino Médio são características definidas como positivas para este estudo. Assim, P1 é considerada *comunicativa*

(17,6%), *divertida* (17,6%), *inteligente* (16,1%) *dedicada* (15,2%) e *articulada* (9,6%). A característica positiva *certinha* só aparece em 2,4% das menções, índice menor que três características negativas. As 6 características de personalidade classificadas para este estudo como positivas totalizam 78,5% das 415 menções às características de personalidade de P1. O Gráfico 4 apresenta os dados totais dessa caracterização:

Gráfico 4 – Atribuição de características de personalidade ao *perfil social 1*



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A característica negativa com maior quantitativo de atribuições a P1 é *tímida* com 8% das menções, seguida por *confusa* (4,6%), *bagunceira* (3,9%), *desinteressada* (2,4%) *chata* (1%) e *tola* (0,7%). As características negativas atribuídas a P1 totalizam 20,6% das 415 menções. Além das características pré-definidas para este estudo, os participantes também atribuíram, espontaneamente, outras 4 características a P1, são elas: *depressiva*, *engraçada*, *extrovertida*, *alguém que usa a linguagem coloquial*. As menções a essas 4 características totalizam 1% da amostra de dados para este *perfil social*.

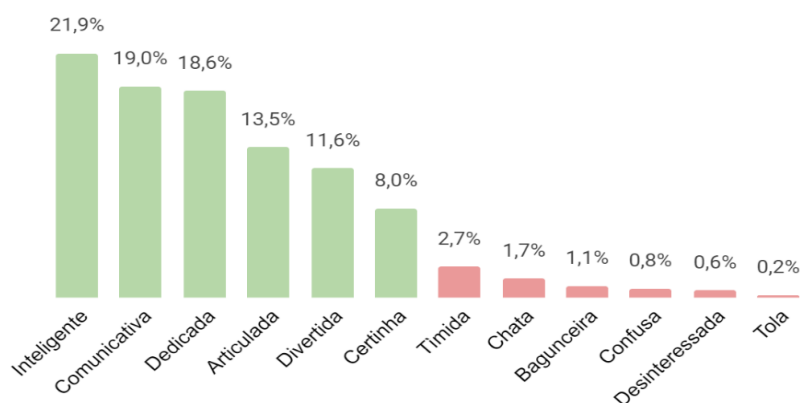
5.2.2 Caracterização do perfil de social 2 – Cearense, mulher, professora de português do Ensino Médio

A amostra de dados aponta para uma caracterização do *perfil social 2* - Cearense, mulher, professora de português do Ensino Médio (P2) com as seguintes características sociodemográficas: parda (47,5% entre os alunos, 60% entre os professores e 51,7% dos valores totais), com concentração de idade nas três faixas intermediárias da estratificação etária, sendo 19,2% na faixa de 18 e 24 anos (23,8%

entre os alunos, 10% entre os professores), 47,5% na faixa de 25 a 34 anos (43,8% entre os alunos, 55% entre os professores) e 18,3% na faixa de 35 a 44 anos (15% entre os alunos, 25% entre os professores).

Quanto às características de personalidade, as 6 características com maior número de atribuições às professoras mulheres do Ensino Médio são características definidas como positivas para este estudo. Assim, P2 é considerada *inteligente* (21,9%), *comunicativa* (19%), *dedicada* (18,6%) *articulada* (13,5%) e *divertida* (11,6%) e *certinha* (8%). As 6 características de personalidade classificadas para este estudo como positivas, totalizam 92,6% das 474 menções às características de personalidade de P2. O Gráfico 5 apresenta os dados totais dessa caracterização:

Gráfico 5 – Atribuição de características de personalidade ao *perfil social 2*



PERFIL SOCIAL 2 - Cearense, Mulher, Professora de Português do Ensino Médio.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

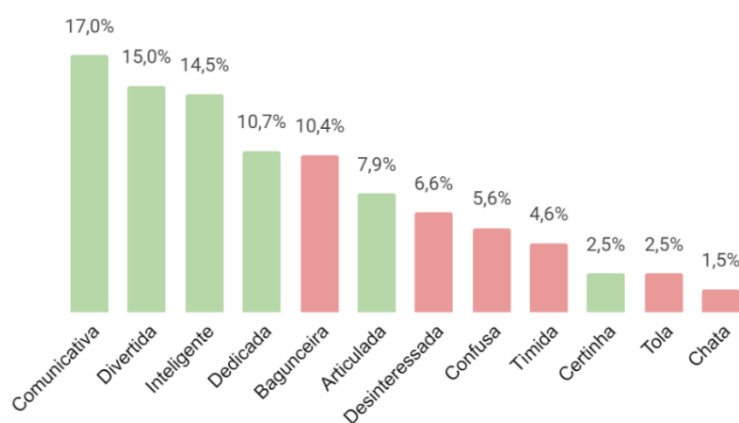
A característica negativa com maior quantitativo de atribuições a P2 é *tímida* com 2,7% das menções, seguida por *chata* (1,7%), *bagunceira* (1,1%), *confusa* (0,8%) *desinteressada* (0,6%) e *tola* (0,2%). As características negativas atribuídas a P2 totalizam 7,1% das 474 menções. Para P2 um aluno participante atribuiu, espontaneamente, a características *acolhedora*. Esta atribuição corresponde à 0,2% do quantitativo de menções.

5.2.3 Caracterização do Perfil social 3 – Cearense, homem, estudante do Ensino Médio

Os dados gerais apontam que, no imaginário da comunidade escolar cearense, as características sociodemográficas do *perfil social 3 - Cearense, homem, estudante do Ensino Médio* (P3) traçam um perfil majoritariamente pardo (50% entre

os alunos, 70% entre os professores e 56,7% dos valores totais), com idade entre 15 e 24 anos (76,25% entre os alunos, 72,5% entre os professores e 75% no total). Quanto às características de personalidade, as 4 características com maior número de atribuições aos estudantes homens do Ensino Médio são características definidas como positivas para este estudo. Assim, P3 é considerada *comunicativa* (17%), *divertida* (15%), *inteligente* (14,5%) *dedicada* (10,7%). A característica positiva *articulada* aparece na sexta posição com 7,9% das menções e a característica positiva *certinha* é a segunda com o menor número de menções (2,4%), índice maior apenas que uma característica negativa. As 6 características de personalidade classificadas para este estudo como positivas totalizam 67,6% das 393 menções a P3, configurando a menor avaliação positiva entre os *perfis sociais* pesquisados. O Gráfico 6 apresenta os dados totais dessa caracterização:

Gráfico 6 – Atribuição de características de personalidade ao *perfil social 3*



PERFIL SOCIAL 3 - Cearense, Homem, Estudante do Ensino Médio.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

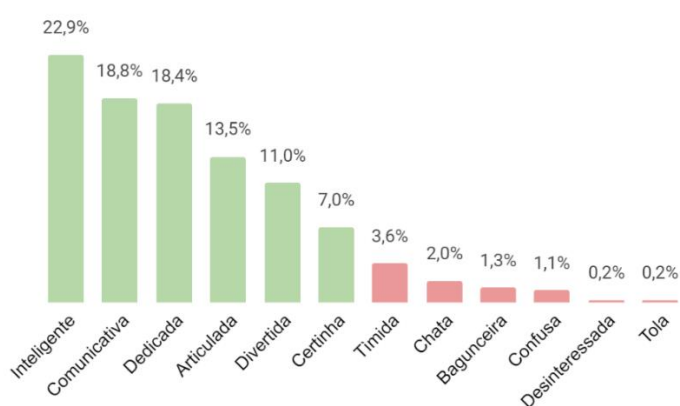
Como demonstra o gráfico, a característica negativa com maior quantitativo de atribuições a P3 é *bagunceira* com 10,4% das menções, seguida por *desinteressada* (6,6%), *confusa* (5,6%), *tímida* (4,6%) *tola* (2,5%) e *chata* (1,5%). As características negativas atribuídas a P3 totalizam 31,2% das 383 menções, a maior avaliação negativa entre os *perfis sociais*. Além das características pré-definidas para este estudo, os participantes também atribuíram, espontaneamente outras 4 características a P3, são elas: *extrovertida*, *desatenta*, *impulsiva* e *nativo*. As menções a essas 4 características totalizam 1,2% da amostra de dados para este *perfil social*.

5.2.4 Caracterização do perfil social 4 – Cearense, homem, professor de português do Ensino Médio

A amostra de dados aponta para uma caracterização do *perfil social 4 - Cearense, homem, professor de português do Ensino Médio* (P4) com as seguintes características sociodemográficas: parda (46,3% entre os alunos, 55% entre os professores e 49,2% dos valores totais), com concentração de idade nas três faixas intermediárias da estratificação etária, sendo 14,2% na faixa de 18 e 24 anos (16,3% entre os alunos, 10% entre os professores), 43,3% na faixa de 25 a 34 anos (38,8% entre os alunos, 52,5% entre os professores) e 28,3% na faixa de 35 a 44 anos (27,5% entre os alunos, 30% entre os professores).

Quanto às características de personalidade, as 6 características com maior número de atribuições aos professores homens do Ensino Médio são características definidas como positivas para este estudo. Assim, P4 é considerada *inteligente* (22,9%), *comunicativa* (18,8%), *dedicada* (18,4%) *articulada* (13,5%) e *divertida* (11%) e *certinha* (7%). As 6 características de personalidade classificadas para este estudo como positivas, totalizam 91,6% das 446 menções às características de personalidade de P4. O Gráfico 7 apresenta os dados totais dessa caracterização.

Gráfico 7 – Atribuição de características de personalidade ao *perfil social 4*



PERFIL SOCIAL 4 - Cearense, Homem, Professor de Português do Ensino Médio.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A característica negativa com maior quantitativo de atribuições a P4 é *tímida* com 3,6% das menções, seguida por *chata* (2%), *bagunceira* (1,3%), *confusa* (1,1%) *desinteressada* (0,2%) e *tola* (0,2%). As características negativas atribuídas a

P4 totalizam 8,4% das 446 menções. P4 é o *perfil social* com o menor índice de atribuições de características negativas e, também, o único *perfil social* investigado que não recebeu atribuições espontâneas dos participantes.

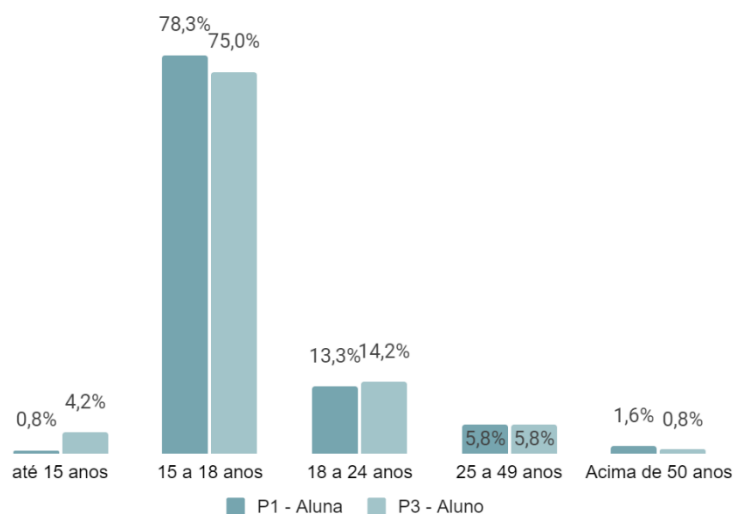
5.3 Comparação entre as caracterizações dos *perfis sociais*

Os *perfis sociais* apresentados aos participantes têm entre si dois pontos em comum. P1 e P3 compartilham entre si o fato de serem alunas (os) do Ensino Médio (P1 aluna e P3 aluno). P2 e P4 são professoras (es) de Língua Portuguesa do Ensino Médio (P2 professora e P4 professor). Da mesma forma, P1 e P2 (*mulheres*) e P3 e P4 (*homens*) têm em comum o sexo/gênero. Apesar de os dados serem bastante semelhantes na caracterização dos *perfis sociais*, algumas discrepâncias podem ser observadas.

5.3.1 Comparação de dados sociodemográficos dos *perfis sociais*

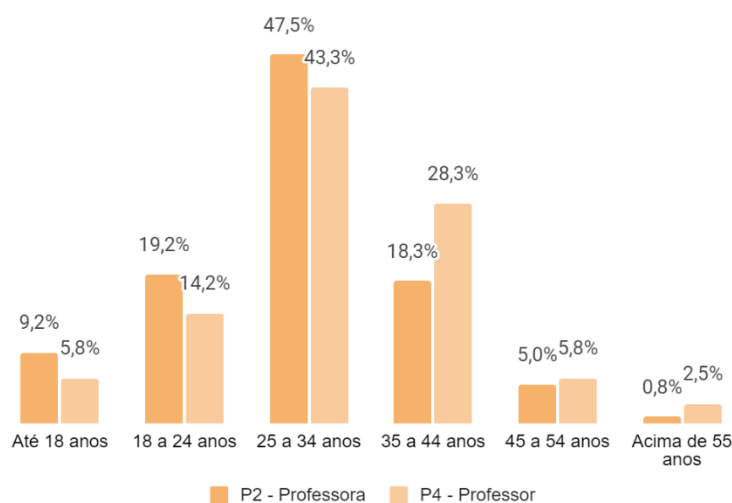
Quanto às idades, os *perfis sociais* do sexo masculino, tanto estudantes como professores são, de modo geral, caracterizados pelos participantes como mais velhos. Os estudantes homens têm 14,2% das atribuições para a faixa etária de 19 a 24 anos contra 13,3% de atribuições para as estudantes mulheres na mesma faixa etária. No entanto, para a primeira faixa etária (menor de 15 anos) os estudantes do sexo masculino recebem 4,2% das atribuições contra 0,8% para as estudantes mulheres.

Já em relação aos professores(as) de português, os homens têm 28,3% de atribuições para a faixa etária de 35 a 44 anos, contra 18,3% para as professoras mulheres na mesma faixa etária. Os professores homens também recebem 5,8% das atribuições para a faixa etária de 45 a 54 anos e 2,5% das atribuições para a faixa etária acima de 50 anos. As professoras mulheres, por sua vez, recebem, respectivamente 5% e 0,8% nessas faixas etárias. O **Gráficos 8** apresenta o comparativo de faixas etárias entre P1 e P3. O **Gráficos 9** apresenta o comparativo de faixas etárias entre P2 e P4.

Gráfico 8 – Comparação etária P1 versus P3

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

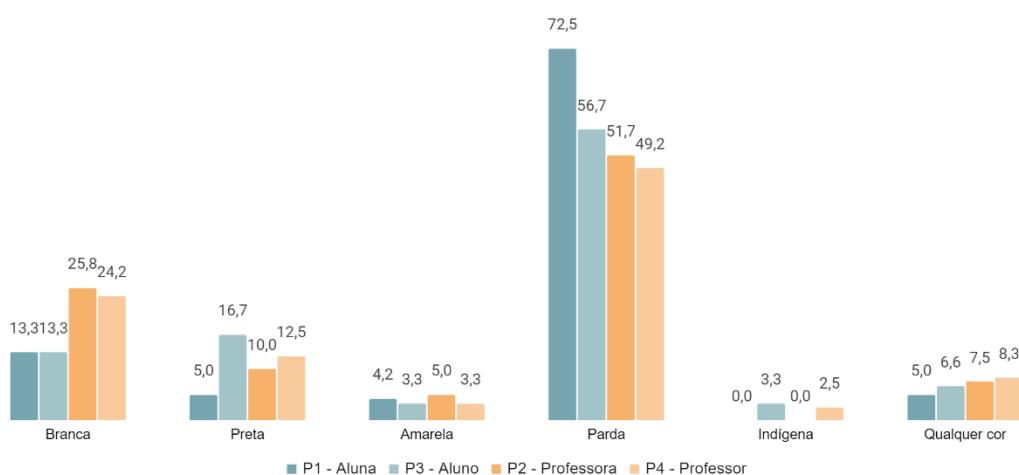
A percepção dos participantes quanto à idade dos *perfis sociais* que representam alunos corroboram com os dados do Censo da Educação Básica do Ceará. Dos alunos homens ingressantes no Ensino Médio, 29,9% estavam fora da faixa etária adequada em 2019 e 28,6% em 2020. Já entre as alunas mulheres, esse percentual era de 20% em 2019 e 19,7% em 2020. Ou seja, os alunos homens que frequentam o Ensino Médio são mais velhos que as alunas mulheres. Essa diferença nas idades se dá por diversos fatores, dentre eles, a evasão escolar e a reprovação. Os microdados do Censo da Educação Básica revelam que, no Ceará, dos 657 alunos reprovados no Ensino Médio em 2020, 62,1% são do sexo masculino.

Gráfico 9 – Comparação etária P2 versus P4

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que se refere à identificação de cor/raça/etnia, apesar de os 4 *perfis sociais* serem caracterizados majoritariamente como pardos, há diferenças de percepção entre as eles. Os professores, tanto homens como mulheres, são percebidos como mais brancos em relação aos alunos, com índices de 25,8% para as professoras e 24,2% para os professores contra 13,3% para as alunas e para os alunos. Já em relação à cor preta, os homens são os dois *perfis sociais* que recebem o maior número de atribuições, com índices de 16,7% para os alunos e 12,5% para os professores contra 5% para as alunas e 10% para os professores. Os *perfis sociais* do sexo masculino também são as únicas que recebem atribuições à identificação indígena (3,3% para os alunos e 2,5% para os professores). O Gráficos 10 apresenta o comparativo de caracterização em relação à cor/raça/etnia dos 4 *perfis sociais* investigados.

Gráfico 10 – Comparação cor/raça/etnia – 4 *perfis sociais* (em %)



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os dados de percepção dos participantes quanto à raça/cor/etnia dos *perfis sociais* apresentam certa discrepância em relação aos dados gerais da população cearense. Dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio de 2019 (PNAD) do IBGE (2020) apontam que 72,5% da população cearense se autodeclara preta ou parda e 27,4% se autodeclara branca. Entre os alunos do Ensino Médio, 81,4% se consideram pretos ou pardos e 17,9% se declaram brancos, segundo o Censo da Educação Básica 2020. Quanto aos professores, o Censo da Educação Básica não apresenta dados estratificados quanto à cor/raça/etnia.

5.3.2 Comparação das características de personalidade

Em relação às características de personalidade, os professores, homens e mulheres, são os *perfis sociais* que recebem o maior quantitativo de atribuições positivas. Das 473 menções a P2, 92,8% para características positivas e 7,2% para características negativas. Das 446 menções a P4, 91,5% delas são positivas e 8,5% são negativas. Já P1 recebeu um total de 411 menções das características de personalidade; dessas, 79,3% são para as características positivas e 20,7% para as características negativas. Por fim, P3 recebeu um total de 389 menções, sendo 68,4% para as características positivas e 31,6% para as características negativas. O Gráfico 11, em formato de nuvem de palavras, permite a comparação entre o quantitativo de menções atribuídas pelos participantes a cada uma das características de personalidade referentes aos 4 *perfis sociais* investigados.

Das 6 características positivas de personalidade investigadas, os professores são mais bem avaliados que os alunos em 5 delas, a exceção se dá na característica de personalidade *divertida*, na qual, os alunos são os *perfis sociais* que recebem o maior quantitativo de atribuições. Quanto às características de personalidade negativas, os alunos, homens e mulheres, são os *perfis sociais* que recebem o maior quantitativo de atribuições. Das 6 características positivas de personalidade, os alunos e alunas recebem o maior quantitativo de menções em 5 delas, a exceção se dá na característica de personalidade *chata*, na qual os professores são os *perfis sociais* que recebem o maior quantitativo de atribuições.

Gráfico 11 – Características de personalidade - 4 *perfis sociais*



Perfil social 2



Perfil social 4



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os dados gerais da caracterização de personalidade dos 4 *perfis sociais* destacam alguns pontos relevantes quanto à percepção dos participantes. O primeiro deles é o alto índice de avaliações negativas atribuídas a P3. Dentre os *perfis sociais* investigados, são eles, os estudantes do sexo masculino, os que recebem o menor quantitativo de menções e maior índice de menções às características negativas, com destaque para as características *bagunçeira* e *desinteressada*.

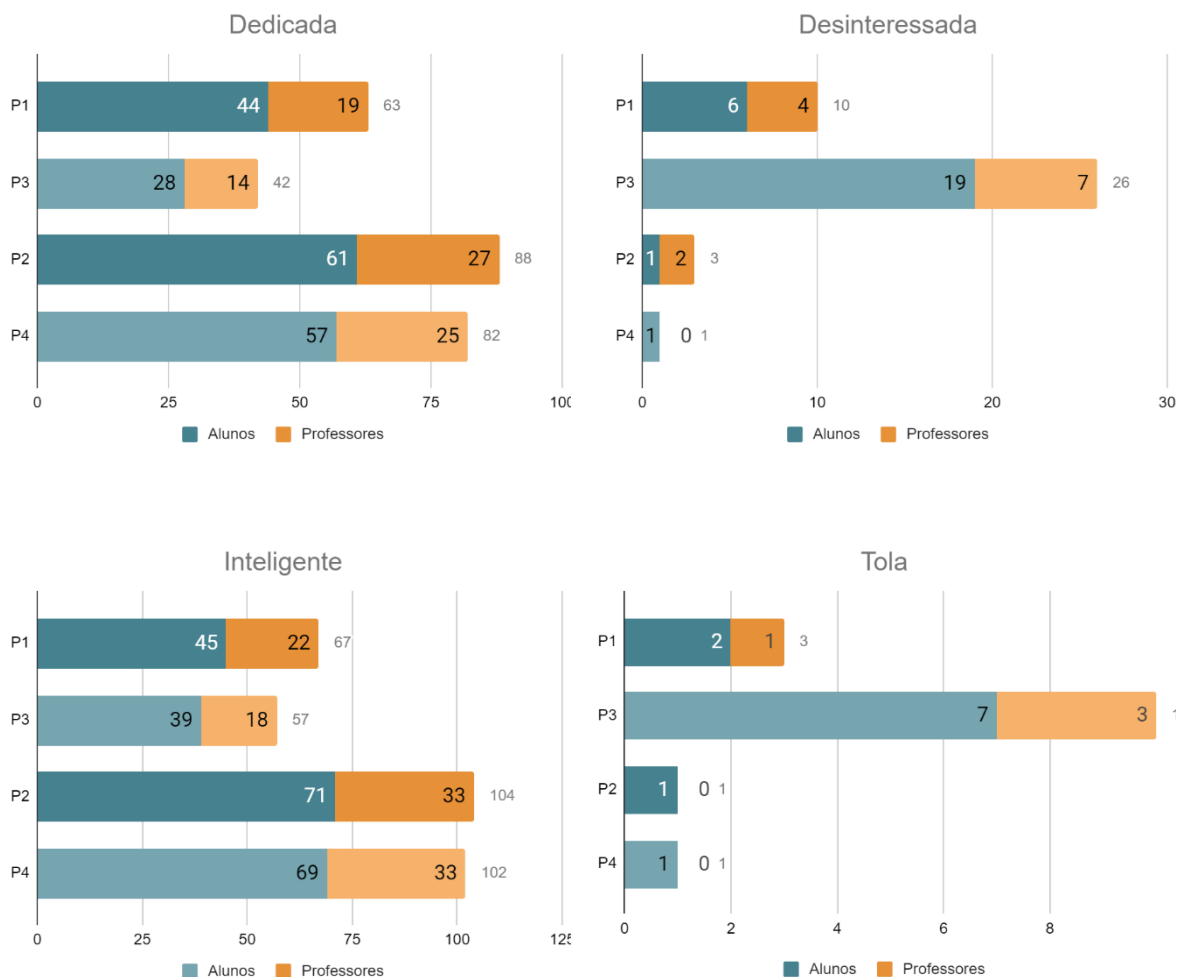
O segundo ponto relevante é o grande quantitativo de menções a P1 na característica *tímida*. Esses dados podem indicar a percepção dos participantes quanto ao protagonismo dos estudantes no ambiente escolar. Enquanto os meninos podem estar sendo percebidos como aqueles que se destacam, ainda que de forma negativa, as meninas são percebidas como aquelas que menos se manifestam, mesmo sendo bem avaliadas nas características *comunicativa* e *articulada*. Estudos futuros podem aprofundar a investigação acerca dessa percepção e buscar revelar os motivos na diferença de percepção entre os gêneros dos estudantes.

5.3.2.1 Dimensão de personalidade *dedicação aos estudos*

A investigação da dimensão de personalidade *dedicação aos estudos* visa a identificar se, na percepção dos participantes, os aspectos cognitivos e de escolarização são relevantes para o emprego das formas linguísticas. O Gráfico 12 apresenta a comparação entre o quantitativo de menções feitas por professores e

alunos participantes para os dois pares de características na dimensão de personalidade *dedicação aos estudos*.

Gráfico 12 – Dedicção aos estudos – 4 perfis sociais



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quanto à dimensão de personalidade *dedicação aos estudos*, os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) são mais bem avaliados que os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3). Quanto à característica de personalidade *dedicada*, P2 é percebida como *dedicada* por 61 dos 80 alunos participantes (76,3%) e 27 (67,5%) dos 40 professores participantes. Nessa mesma característica, P4 recebe 57 (71,3%) de menções de alunos e 25 (62,5%) de menções de professores. Dos *perfis sociais* que representam alunos, P1 recebe 44 (55%) menções de alunos e 19 (47,5%) menções de professores, quanto a P3 apenas 28 (35%) alunos e 14 (35%) professores julgam esse *perfil social* como um alguém dedicado.

A característica de personalidade *desinteressada* confirma a percepção dos participantes acerca da dedicação aos estudos entre os *perfis sociais*. Nessa característica, o maior quantitativo de menções foi para P3. Dos 120 alunos participantes, 19 (23,8%) alunos e 7 (17,5%) dos professores referem-se a P3 como alguém com pouco interesse, P1 também é mencionado nessa característica por 6 (7,5%) alunos e 4 (10%) professores. Os *perfis sociais* que representam professores têm baixíssimo índice de menções nessa característica, 3 menções para P2 e 1 menção para P4.

Dos 120 participantes, 104 (88,8% dos alunos e 82,5% dos professores) mencionaram a característica *inteligente* para P2. Para P4, esse número foi de 102 menções, sendo 69 (86,5%) feitas por alunos e 33 (82,5%) feitas por professores. Quanto aos *perfis sociais* que representam alunos, P1 foi considerado inteligente por 45 (56,3%) alunos e 22 (55%) professores participantes. P3 é o *perfil social* com pior avaliação nessa característica, são apenas 39 (48,8%) alunos e 18 (45%) professores que julgam P3 como inteligente. De maneira oposta, P3 recebe 10 menções (8,3%) à característica tola, enquanto os *perfis sociais* 1, 2 e 4 recebem, somadas, apenas 5 menções.

A percepção dos participantes da pesquisa acerca da dedicação aos estudos, segue a tendência de dados sociais e educacionais referentes aos homens jovens. Segundo dados do Censo da Educação Básica 2020, os alunos homens representam 62,1% das reprovações e 63,7% do abandono escolar em 2020. Também são os alunos homens os que apresentam maior índice de distorção idade/série, chegando a 30,3% no primeiro ano do Ensino Médio.

Outros indicadores sociais reforçam a exclusão social desse grupo. Quanto às taxas de mortalidade, por exemplo, o documento de divulgação dos Indicadores Sociais do Ceará 2019 aponta que:

a sobremortalidade da população masculina por causas externas no grupo de 20 a 24 anos foi na ordem de 9,5, em 2019. Isto é, um indivíduo do sexo masculino de 20 anos tinha, aproximadamente, nove e meia vezes mais chances de não completar 25 anos de idade do que uma pessoa do sexo feminino (IPECE, 2020).

Quanto às condições de trabalho desse grupo populacional, os homens jovens têm maior participação no mercado de trabalho que as mulheres da mesma faixa etária. Dados da PNAD-Contínua apontam que em 2019, entre os homens de 15

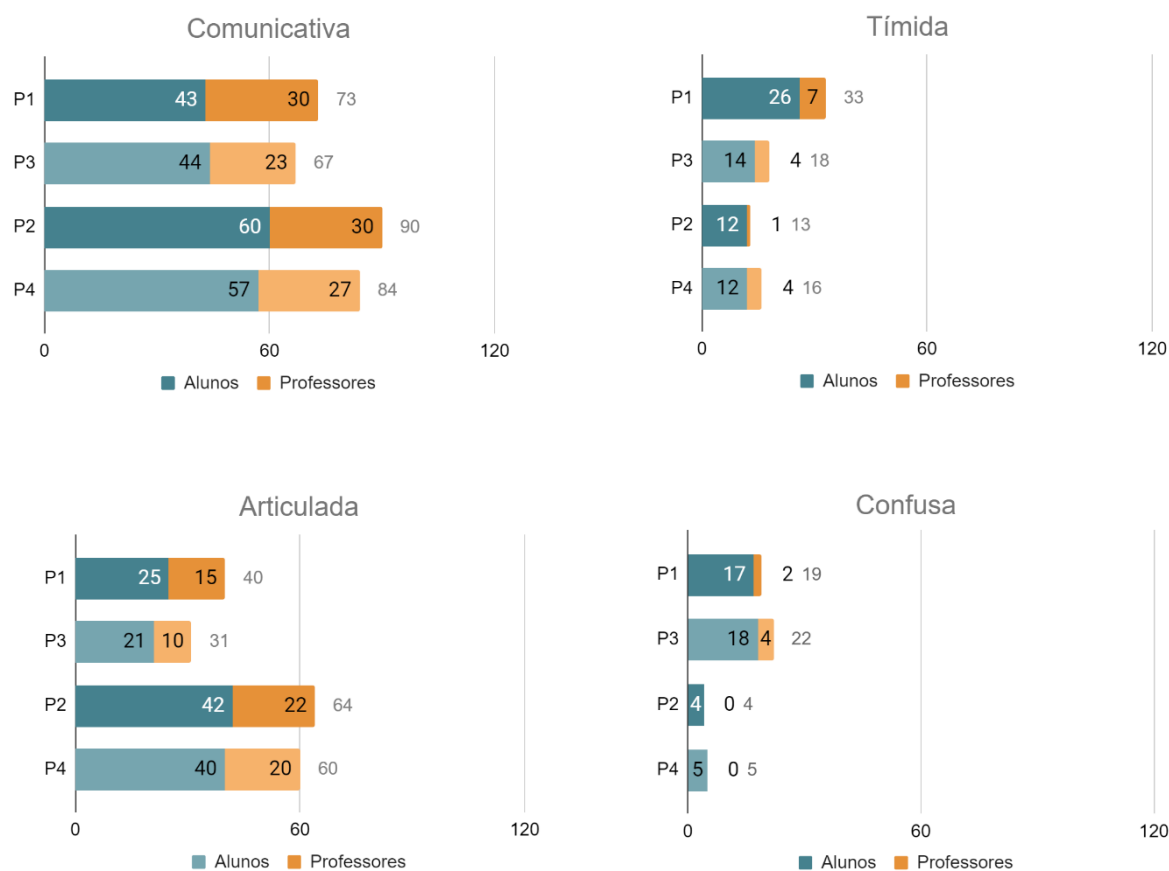
a 29 anos, 62,3% deles estavam trabalhando, em 2020 esse índice caiu para 54,8% em consequência da Pandemia da Covid-19. Entre as mulheres na mesma faixa etária os números são de 47,4% em 2019 e 39,8% em 2020. O fato de os homens serem, proporcionalmente os que mais conciliam trabalho e estudo pode ser um dos fatores que expliquem a percepção dos alunos homens como mais desinteressados. Além disso, o trabalho desempenhado por esses homens jovens é mais precarizado que o trabalho desempenhado pelas mulheres. Na faixa etária de 15 a 29 anos, 36,9% dos homens estão empregados no setor privado sem carteira assinada, entre as mulheres esse índice é de 21,4%.

Os altos índices de avaliação positiva dos *perfis sociais* que representam os professores refletem o prestígio social conferido pela escolarização na comunidade de prática escolar e na sociedade cearense. Segundo dados do Censo da Educação Básica (2020), 86,6% dos professores que ministram a disciplina de Língua Portuguesa são licenciados em Letras e apenas 2,1% dos docentes não têm formação superior. Esse dado coloca os professores no pequeno grupo de 12,1% da população cearense com formação em nível superior enquanto a média de escolarização no estado em 2020 é de 11,2 anos, segundo dados divulgados pelo Informe nº 193 do IPECE com base na PNAD-Contínua (IPECE, 2020).

5.3.2.2 Dimensão de personalidade *capacidade de comunicação*

A segunda dimensão de personalidade investigada é a *capacidade de comunicação*. Com ela se pretende identificar se, na percepção dos participantes, as escolhas linguísticas do indivíduo interferem na sua capacidade de comunicação e interação social. O Gráfico 13 apresenta a comparação entre o quantitativo de menções feitas por professores e alunos participantes para os dois pares de características na dimensão de personalidade *capacidade de comunicação*.

Gráfico 13 – Capacidade de comunicação – 4 perfis sociais



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

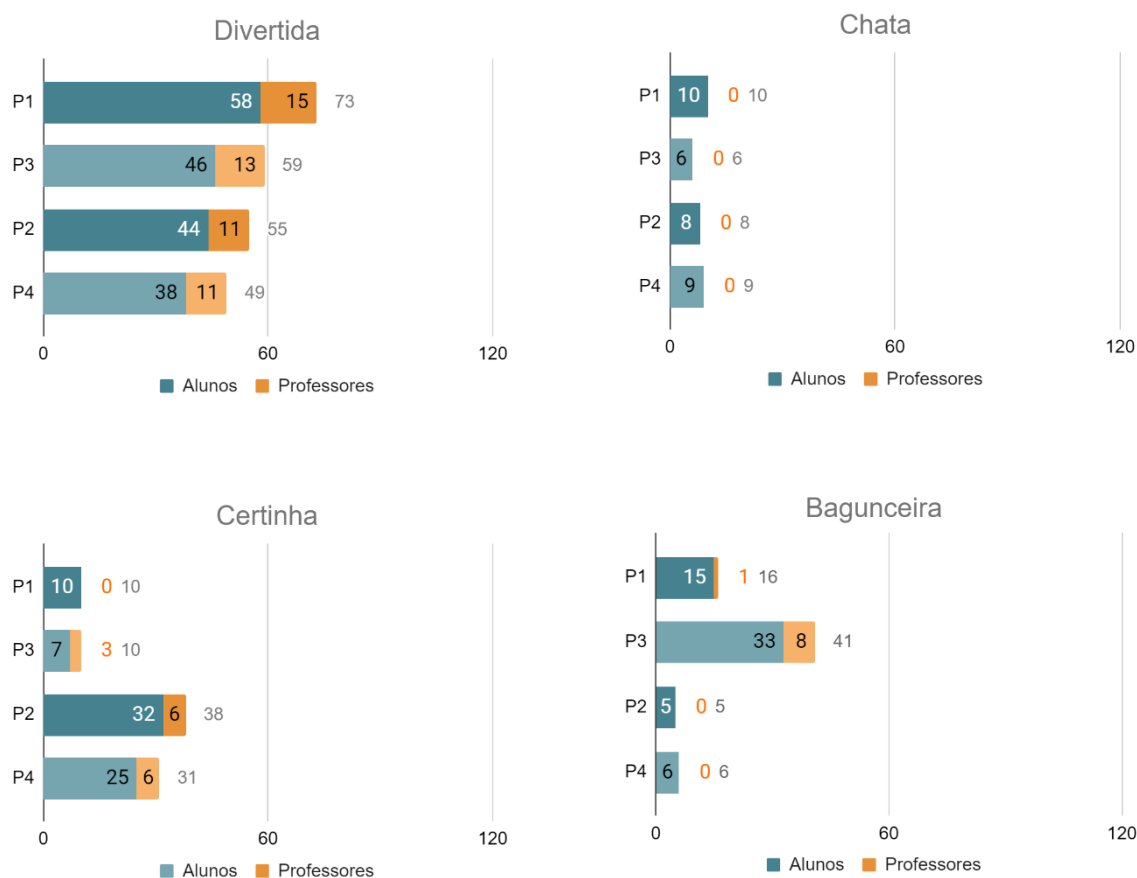
Quanto à dimensão de personalidade *capacidade de comunicação*, os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) são mais bem avaliados que os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3). Quanto à característica de personalidade *comunicativa*, P2 é mencionado por 60 dos 80 alunos participantes (75%) e 30 (75%) dos 40 professores participantes. Nessa mesma característica, P4 recebe 57 (71,3%) de menções de alunos e 27 (67,5%) de menções de professores. Dos *perfis sociais* que representam alunos, P1 recebe 43 (53,8%) menções de alunos e 30 (75%) menções de professores, quanto a P3 44 (55%) alunos e 23 (57,5%) professores julgam esse *perfil social* como alguém comunicativa. Apesar de um leve favorecimento para os *perfis sociais* que representam professores e para os *perfis sociais* do sexo feminino, a proximidade do quantitativo de menções para os 4 *perfis sociais* investigados indica que essa característica não é um fator relevante na distinção entre os gêneros ou posição social do indivíduo nessa comunidade de prática.

A característica de personalidade *tímida* é a característica de personalidade com alta discrepância entre os *perfis sociais*. Enquanto P2, P3 e P4 apresentam quantitativo de menções muito aproximados (respectivamente 13, 18 e 16), P1 é mencionado como tímida por 33 participantes (26 alunos e 7 professores). Na comparação entre posição social e gênero, esses dados apresentam um questionamento: qual fator influencia na percepção dos participantes acerca da timidez em mulheres jovens (alunas) e mulheres adultas (professoras)? Apenas a faixa etária não consegue explicar essa discrepância, uma vez que os *perfis sociais* que representam homens têm quantitativo de menções muito semelhantes para jovens e adultos. Como mencionado anteriormente, estudos futuros podem investigar de forma mais detalhada essa questão.

Em relação à característica *articulada*, dos 120 participantes desta pesquisa, 64 deles (52,5% dos alunos e 55% dos professores) mencionaram a característica *articulada* para P2. Para P4, 50% dos participantes de cada grupo mencionaram essa característica (40 e 20 feitas professores). Quanto aos *perfis sociais* que representam alunos, ambos são mal avaliados nessa característica; P1 foi considerado *articulada* por 25 (31,3%) alunos e 15 (37,5%) professores participantes e P3 por apenas 21 (26,3%) alunos e 10 (25%) professores. De maneira oposta, os *perfis sociais* que representam alunos são os que recebem o maior quantitativo de menções para a característica *Tola*; são 19 menções para P1 e 22 menções para P2, enquanto os *perfis sociais* 2 e 4 recebem, somados, apenas 9 menções.

5.3.2.3 Dimensão de personalidade *aceitação social*

Por fim, a dimensão de personalidade *aceitação social* pretende identificar a percepção dos participantes sobre as interações sociais e relações estabelecidas pelos quatro *perfis sociais* dentro da comunidade de prática. Essa dinâmica de relações pode ajudar explicar as percepções dos participantes acerca das escolhas linguísticas do indivíduo. O Gráfico 14 apresenta a comparação entre o quantitativo de menções feitas por professores e alunos participantes para os dois pares de características na dimensão de personalidade *aceitação social*.

Gráfico 14 – Aceitação social – 4 *perfis sociais*

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Diferente das outras duas dimensões de personalidade em que os *perfis sociais* que representam professores são mais bem avaliados que os alunos, na dimensão de personalidade *aceitação social*, especificamente na característica *divertida*, os *perfis sociais* que representam alunos são mais bem avaliados que os *perfis sociais* que representam professores. Para a característica *divertida*, P1 é mencionado por 58 dos 80 alunos participantes (72,5%) e 15 (37,5%) dos 40 professores participantes. Nessa mesma característica, P3 recebe 46 (57,5%) de menções de alunos e 13 (32,5%) de menções de professores. Dos *perfis sociais* que representam professores, P2 recebe 44 (55%) menções de alunos e 11 (27,5%) menções de professores; quanto a P3, 38 (47,5%) alunos e 11 (27,5%) professores julgam esse *perfil social* como alguém divertido. Já a característica *chata*, apesar de um leve favorecimento para P1, não apresenta quantitativo de menções significativas que possam distinguir os *perfis sociais* investigados. Chama a atenção, no entanto, o fato de nenhum professor atribuir essa característica a qualquer um dos *perfis sociais*.

A característica de personalidade *certinha*, como em outras 4 características positivas, apresenta um favorecimento para os *perfis sociais* que representam professores. Nessa característica, P2 é mencionado por 32 (40%) alunos e 6 (15%) professores, P4 recebe 25 (31,3%) menções de alunos e 6 (15%) menções de professores. Já P1 e P3 recebem, cada um, 10 menções. A característica de personalidade *bagunceira* é a segunda característica de personalidade com alta discrepância entre os *perfis sociais*, Enquanto P2 e P4 recebem, juntos, apenas 11 menções à essa característica, P1 recebe 15 (18,8%) menções de alunos e 1 (2,5%) menção de professores. Já P3 é o *perfil social* com maior quantitativo de menções nessa característica; são 33 (41,3%) menções feitas por alunos e 8 (20%) menções feitas por professores.

O alto índice de atribuição da característica *bagunceira* a P3 pode, de certa maneira, estar relacionada à exclusão social dos homens jovens. Os números relativos à violência que esse grupo específico sofre e de que é também autor apontam para um cenário de alta vulnerabilidade e baixa expectativa de ascensão social. A taxa de homicídio de jovens no Ceará em 2019 foi de 54,4 mortes por 100 mil habitantes. No mesmo ano, a média brasileira foi de 45,8 mortes de jovens de 15 a 29 anos por 100 mil habitantes (CERQUEIRA; FERREIRA; BUENO, 2021). Em 2021, o Ceará registrou 3299 crimes violentos letais e intencionais (CVLI), desses, 92,1% das vítimas são homens. Com isso, pode-se ver que os dados apontam que o risco de ser vítima de homicídio “não está igualmente distribuído entre todos os jovens do país. A característica mais marcante desse grupo é o sexo: os homens representaram 93,9% do total de jovens vítimas em 2019” (CERQUEIRA; FERREIRA; BUENO, 2021, p.30).

Outro dado relevante quanto aos índices de violência juvenil, refere-se à questão racial. Dados disponíveis de 2013 apontam que 49,4% das vítimas de homicídio no Ceará são pretas e pardas e outras 44,7% não têm identificação de cor/raça/etnia. “A tragédia da juventude perdida continua se apresentando como um problema endêmico do país. Ainda que com variações periódicas para mais ou para menos nas taxas de mortalidade juvenil” (CERQUEIRA; FERREIRA; BUENO, 2021, p.31). Esses dados relativos à vulnerabilidade social se refletem na caracterização do *perfil social* 3 pelos participantes. P3 é o *perfil social* que mais se diferencia dos demais na caracterização sociodemográfica, de personalidade e nas atribuições linguísticas.

A palavra *nativo* atribuída espontaneamente por um professor participante a P3 também traz indícios da posição social desse *perfil social* dentro da comunidade de prática. Na macrorregião do Vale do Jaguaribe, onde estão localizados 64,34% dos participantes da pesquisa, a palavra *nativo* é usada para se referir pejorativamente especialmente às pessoas originárias das comunidades pescadoras e quilombolas. A escolha dessa palavra por um dos participantes e a atribuição dela a P3 reforça o perfil constituído no imaginário da comunidade de prática quanto ao que representa ser cearense, homem, estudante de ensino médio.

Os dados sobre a dimensão de personalidade *aceitação social* indicam a percepção dos participantes sobre as interações sociais no ambiente escolar. Por um lado, esses dados revelam papel de destaque (mesmo que negativo) dos alunos homens sobre as alunas mulheres na comunidade de prática. Por outro, indicam que as características da *aceitação social* também podem revelar a percepção dos participantes sobre a formalidade adotada pelos *perfis sociais* no ambiente escolar. Os professores são menos divertidos e mais certinhos – os mais formais, os alunos homens são muito bagunceiros e divertidos – os menos formais. Já as alunas mulheres estão em um lugar intermediário; elas são mais divertidas e menos bagunceiras que os meninos (e também mais tímidas) e mais divertidas e menos certinhas que os professores. Considerando-se também as demais dimensões de personalidade, é possível supor que, dentro dessa comunidade de prática, as alunas mulheres assumam simbolicamente um papel de transição que também se manifesta na linguagem.

5.4 Variáveis linguísticas – os *quartetos*

Aos participantes foram apresentados três pares de *quartetos*, que deveriam ser relacionados à maneira de falar de quatro *perfis sociais*. Para a discussão dos dados, como forma de organização, etiquetas de identificação foram atribuídas aos *perfis sociais*, aos *quartetos* e às frases que compõem esses *quartetos*. Assim, para os *perfis sociais*, optou-se por utilizar a etiqueta P seguida de um número segundo a ordem que os *perfis sociais* foram apresentados aos participantes.

Quadro 6 – Etiqueta *perfis sociais*

ETIQUETA	DESCRIÇÃO
P1	<i>Perfil social 1</i> – Cearense, mulher, estudante do Ensino Médio.
P2	<i>Perfil social 2</i> – Cearense, mulher, professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio.
P3	<i>Perfil social 3</i> – Cearense, homem, estudante do Ensino Médio.
P4	<i>Perfil social 4</i> – Cearense, homem, professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os três pares de *quartetos* foram identificados com a letra Q seguida do número da ordem de apresentação acrescido das letras *a* e *b* que identificam o primeiro e o segundo conjunto de frases que compõem os pares de *quartetos*. Já para a identificação das frases que compõem cada *quarteto* foi utilizada a letra F acrescida do número referente à ordem de apresentação das frases aos participantes. Tem-se, portanto:

Quadro 7 – Etiqueta frases

QUARTETO	ETIQUETA	FRASE
Q1a	F1	Nós terminamos se não me engano foi em setembro.
	F2	A gente terminou acho que foi no meio do ano.
	F3	Nós terminou se não me engano foi em março.
	F4	A gente terminamos acho que foi em 2018.
Q1b	F1	A gente pensa nos amigos de vez em quando.
	F2	Nós pensa nos parentes às vezes.
	F3	Nós pensamos nos vizinhos às vezes.
	F4	A gente pensamos nos colegas de vez em quando.
Q2a	F1	Nós tivemos um comércio naquela rua ali.
	F2	A gente teve uma lojinha uma vez.
	F3	Nós teve um mercantil naquela rua lá.
	F4	A gente tivemos uma mercearia uma vez.
Q2b	F1	Nós somos daqui da região mesmo.
	F2	A gente é daqui da comunidade mesmo.
	F3	Nós é daqui da cidade mesmo.
	F4	A gente somos daqui da vizinhança mesmo.
Q3a	F1	A gente morava aqui já naquela época.
	F2	Nós morava nessa rua em 2018.
	F3	Nós morávamos naquela rua desde 2018.
	F4	A gente morávamos aqui desde aquela época.
Q3b	F1	Se a gente precisasse de um hospital, era um problema.
	F2	Se nós precisasse de alguma coisa, não tinha nada por perto.
	F3	Se nós precisássemos de qualquer coisa, só lá no centro.
	F4	Se a gente precisássemos de um socorro, era bem difícil.

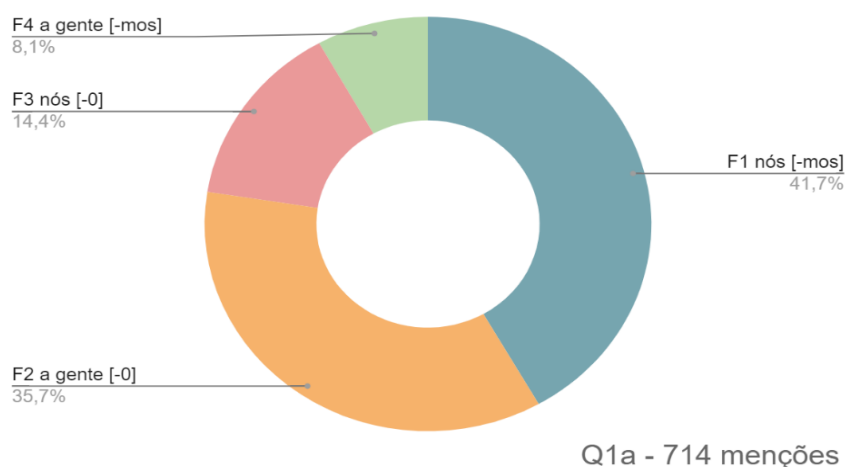
Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Assim, por exemplo, a etiqueta Q1aF2 deve ser entendida como atribuições feitas à frase 2 do *quarteto* 1a e refere-se à frase *A gente terminou acho que foi no meio do ano*.

5.4.1 Quarteto 1a (Q1a)

As quatro frases que compõem o *quarteto* Q1a apresentam sujeito expreso e referência específica, mantém a ordem canônica e o paralelismo sintático, apresentam tempo verbal no pretérito perfeito do indicativo com verbos de ação de alta saliência fônica e formas idênticas no pretérito perfeito e presente do indicativo (nós terminamos [pretérito] / nós terminamos [presente]) – a composição do *quarteto* Q1a tende a favorecer o emprego de *nós* [-mos] (LOPES, 1998, 2002; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; OMENA, 2003; RUBIO, 2012a; ARAÚJO, 2016; 2020; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020). Assim, espera-se que os participantes atribuam, majoritariamente aos 4 *perfis sociais* a frase 1 (Q1aF1) do quarteto: *Nós terminamos se não me engano foi em setembro*. Secundariamente, as atribuições devem ser feitas para a frase (Q1aF2) *A gente terminou acho que foi no meio do ano* que contém a variante inovadora com a concordância em terceira pessoa (*a gente* [-0]). Para as outras duas possibilidades de concordância – as não padrão – espera-se que a Q1aF3, composta por *nós* [-0] (*Nós terminou se não me engano foi em março*) receba mais atribuições que a Q1aF4 composta por *a gente* [-mos] (*A gente terminamos acho que foi em 2018*) tendo em vista a baixíssima ocorrência dessa covariação registrada em estudos de produção no Brasil (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018) e no Ceará (CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020). O Gráfico 15 apresenta a distribuição geral das menções para Q1a:

Gráfico 15 – Q1a – Quantitativo total de menções



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A observação dos dados gerais de menções ao Q1a confirma as expectativas de atribuições que favorecem a concordância *nós [-mos]*. Das 714 atribuições feitas às frases que compõem o Q1a, 299 (41,7%) foram feitas para Q1aF1 (*nós [-mos]*), 255 (35,7%) para Q1aF2 (*a gente [-0]*), 103 (14,4%) para Q1aF3 (*nós [-0]*) e 58 (8,1%) para Q1aF4 (*a gente [-mos]*). Esses dados gerais demonstram a tendência indicada de pouca frequência de uso das variantes não padrão (*nós [-0]* e *a gente [-mos]*) nos estudos de produção e evidenciam que a percepção dos falantes também segue essa tendência.

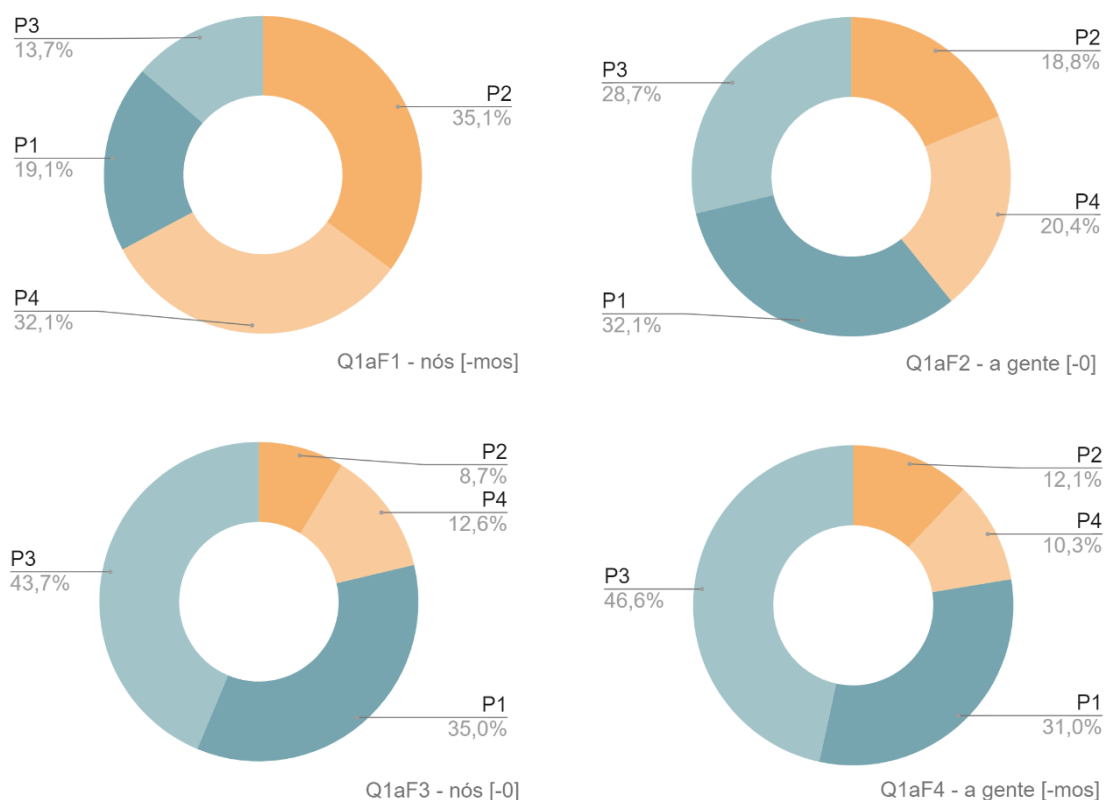
No entanto, para além dos dados gerais, é necessário, principalmente, se observar a distribuição das atribuições entre os *perfis sociais*. A expectativa é que os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) tenham maior percentual de atribuição à variante padrão prestigiada (*nós [-mos]*), enquanto os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) tenham maior percentual de atribuições referentes à variante inovadora (*a gente [-0]*). Já quanto às variantes não padrão (*nós [-0]* e *a gente [-mos]*), a expectativa é que o maior percentual de atribuições seja referente aos *perfis sociais* que representam os alunos (P1 e P3).

A análise dos dados mostra que essa expectativa se cumpre. Das 299 menções feitas para Q1aF1 (*nós [-mos]*), 201 (67,2%) referem-se aos *perfis sociais* que representam professores. Assim, P2 recebeu 105 (35,1%) menções para Q1aF1 (*nós [-mos]*); P4 recebeu 96 (32,1%) das 299 menções para Q1aF1 (*nós [-mos]*) e P1 e P3 que representam alunos receberam 98 (32,8%) menções, sendo 57 (19,1%) para P1 e 41 (13,7%) menções para P3. A frase com a variante inovadora do Q1aF2 (*a gente [-0]*) recebeu um total de 255 menções, sendo 155 (60,8%) para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) e 100 (39,2%) menções para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). Para o Q1aF2 (*a gente [-0]*), P1 recebeu 82 (32,1%) das menções; P3 recebeu 73 (28,7%); os *perfis sociais* que representam os professores (P2 e P4), receberam, respectivamente 48 (18,8%) e 52 (20,4%) do total de 255 menções.

Em relação às atribuições feitas pelos participantes quanto às variantes não padrão (*nós [-0]* e *a gente [-mos]*), os *perfis sociais* que representam os alunos receberam o maior quantitativo de atribuições. Quanto à Q1aF3 (*nós [-0]*), das 103 menções, 81 (78,6%) foram para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) e 22 menções (21,3%) para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). P1 recebeu 36 (35%) delas, P3 recebeu 45 (43,7%) atribuições; os *perfis sociais* que

representam professores (P2 e P4), receberam, respectivamente, 9 (8,7%) e 13 (12,6%) menções. Por fim, a Q1aF4 (*a gente [-mos]*) recebeu um total de 58 menções, 45 delas (77,6%) para os *perfis sociais* que representam alunos e 13 (22,4%) para os *perfis sociais* que representam professores. Em relação ao Q1aF4 (*a gente [-mos]*), P1 recebeu 18 (31%) menções, P3 recebeu 27 (46,6%), P2 recebeu 7 menções (12,1%) e P4 recebeu 6 menções (10,3%). O Gráfico 16 apresenta a distribuição do quantitativo de menções das 4 frases de Q1a entre os 4 *perfis sociais*.

Gráfico 16 – Q1a – Menções para as 4 frases



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os dados de quantitativo total de atribuições (Gráfico 15) e distribuição das menções entre os *perfis sociais* (Gráfico 16) indicam que a percepção dos participantes quanto ao emprego das formas prestigiadas (*nós [-mos]* e *a gente [-0]*) pode estar relacionada à escolarização e à faixa etária. Enquanto os *perfis sociais* que representam professores - percebidos como mais velhos e com maior escolarização - o maior quantitativo de menções se dá na forma *nós [-mos]*, os *perfis sociais* que

representam alunos – percebidos como mais jovens e com menor escolarização – o maior quantitativo de atribuições se dá para a forma *a gente* [-0].

Em Q1a a variante *a gente* [-0] é majoritariamente atribuída aos *perfis sociais* que representam alunos. Esses dados indicam que os participantes da pesquisa percebem a tendência apontada em estudos de produção (LOPES, 1998; RUBIO, 2012a; ARAÚJO, 2016, 2020) de maior frequência de uso da variante inovadora entre os falantes mais jovens. Essa variante, no entanto, também é atribuída aos *perfis sociais* que representam professores o que indica que, mesmo entre falantes mais velhos, escolarizados e percebidos como mais formais, os participantes percebem o uso da variante inovadora. Essa percepção reforça o apontamento feito de que a variante “a gente está ocupando espaço em contextos mais formais, em que canonicamente haveria a ocorrência da forma nós” (FREITAG *et al.*, 2016) e pode ser considerada do tipo marcador nos termos de Labov (1972 [2008]).

Quanto às formas não padrão (*nós* [-0] e *a gente* [-mos]), o maior quantitativo de atribuições também ocorre para os *perfis sociais* que representam alunos. Para essas variantes, os fatores faixa etária e escolarização também são relevantes, mas há, no entanto, uma outra variável que merece atenção: o gênero do *perfil social*. P3 (homem, aluno do Ensino Médio) apresenta o maior valor percentual de atribuições para as duas variantes não padrão (43,7% para *nós* [-0] e 46,6% para *a gente* [-mos]). Nenhum outro *perfil social*, em nenhuma das frases de Q1a apresenta uma porcentagem tão alta de atribuições. O contraste é ainda maior se comparado ao menor percentual de atribuições nesse quarteto, 8,7% das menções de Q1aF3 (*nós* [-0]) para P2 (mulher, professora do Ensino Médio). Esses dados de percepção quanto ao emprego das variantes podem corroborar com resultados apresentados por Coelho (2006), que apontam que o emprego da forma não padrão tende a ocorrer entre os moradores de menor prestígio com menores expectativas de ascensão social. A análise dos dados dos demais *quartetos* deverá reforçar ou refutar esse primeiro resultado.

A última estratificação feita dos dados referentes a Q1a leva em conta o quantitativo de menções feitas por participantes professores e participantes alunos. Considerando-se a diferença numérica dos dois grupos de participantes (professores

e alunos) calculou-se a expectativa proporcional³⁹ do quantitativo de menções. Assim, caso haja discrepância entre a expectativa proporcional e o quantitativo de atribuições, isso significa que um dos grupos de participantes favorece a percepção geral da comunidade. Essa expectativa proporcional foi comparada com as atribuições feitas de fato por professores e alunos para cada um dos *perfis sociais*.

A Tabela 5 apresenta a distribuição desses dados. As células em destaque indicam discrepância superior a 5 pontos percentuais entre as menções recebidas pelos *perfis sociais* e a expectativa proporcional.

Tabela 5 – Estratificação dos Dados Q1a

	TOTAL	ALUNOS			PROFESSORES		
		EXPEC.	MENÇÕES	%	EXPEC.	MENÇÕES	%
Q1aF1							
P1	57	38	43	75,4%	19	14	26,6%
P2	105	70	67	63,8%	35	38	36,2%
P3	41	27	28	68,3%	14	13	31,7%
P4	96	64	60	62,5%	32	36	37,5%
Total	299	199	198	66,2%	99	101	33,8%
Q1aF2							
P1	82	55	50	61%	27	32	39%
P2	48	32	25	52,1%	16	23	47,9%
P3	73	49	38	52,1%	24	35	47,9%
P4	52	35	29	55,8%	17	23	44,2%
Total	255	170	142	55,7%	85	113	44,3%
Q1aF3							
P1	36	24	25	69,4%	12	11	30,6%
P2	9	6	9	100%	3	0	0%
P3	45	30	31	68,9%	15	14	31,1%
P4	13	9	13	100%	4	0	0%
Total	103	69	78	75,7%	34	25	24,3%
Q1aF4							
P1	18	12	8	44,4%	6	10	55,6%
P2	7	5	7	100%	2	0	0
P3	27	18	18	66,7%	9	9	33,3%
P4	6	4	6	100%	2	0	0
Total	58	39	39	66,7%	19	19	33,3%

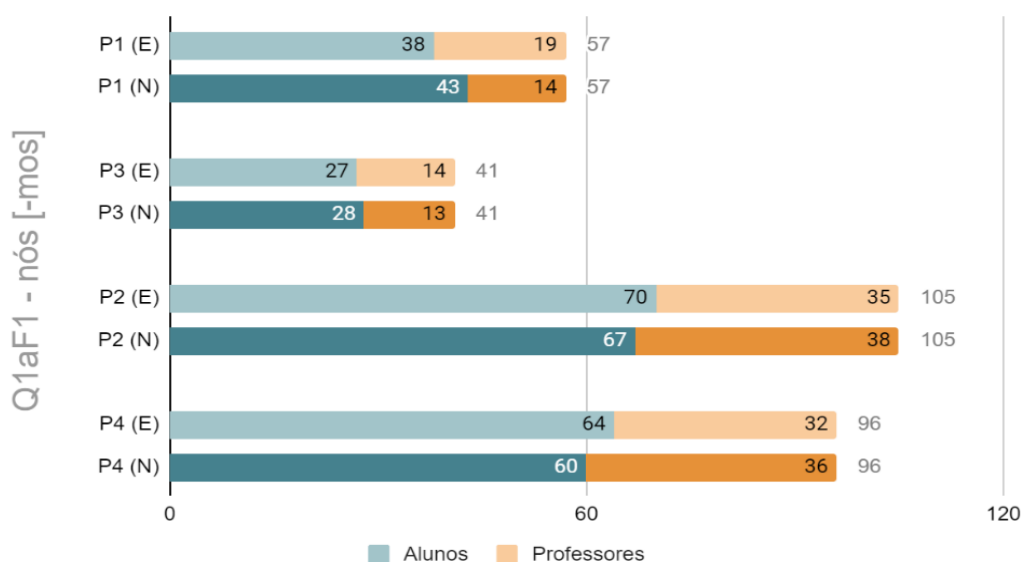
Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os resultados de frequência mostram que houve 57 menções para a Q1aF1 (*nós [-mos]*) para P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 38 menções fossem feitas por alunos e 19 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 57 menções ao Q1a para P1, 43 delas (75,4%)

³⁹ A expectativa proporcional refere-se ao número de participantes na amostra, 80 alunos e 40 professores, que correspondem a 66,7% para alunos e 33,3% para professores, proporcionalmente, em termos percentuais.

foram feitas por alunos e 14 (24,6%) por professores. Já para P2, das 105 menções ao Q1aF1 (*nós [-mos]*), 67 (63,8%) foram feitas por alunos e 38 (36,2%) por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 70 menções feitas por alunos e 35 menções feitas por professores. Em relação ao *perfil social* 3, a expectativa proporcional era de 27 menções feitas por alunos e 14 menções feitas por professores. No entanto, das 40 menções recebidas pelo *perfil social* 3, 28 delas (68,3%) foram feitas por alunos e 13 (31,7%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q1aF1 (*nós [-mos]*), ao *perfil social* 4 recebeu 96 menções sendo, 60 (62,2%) das atribuições feitas por alunos e 36 (37,8%) das atribuições feitas por professores.

Gráfico 17 – Q1aF1 (*nós [-mos]*) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)

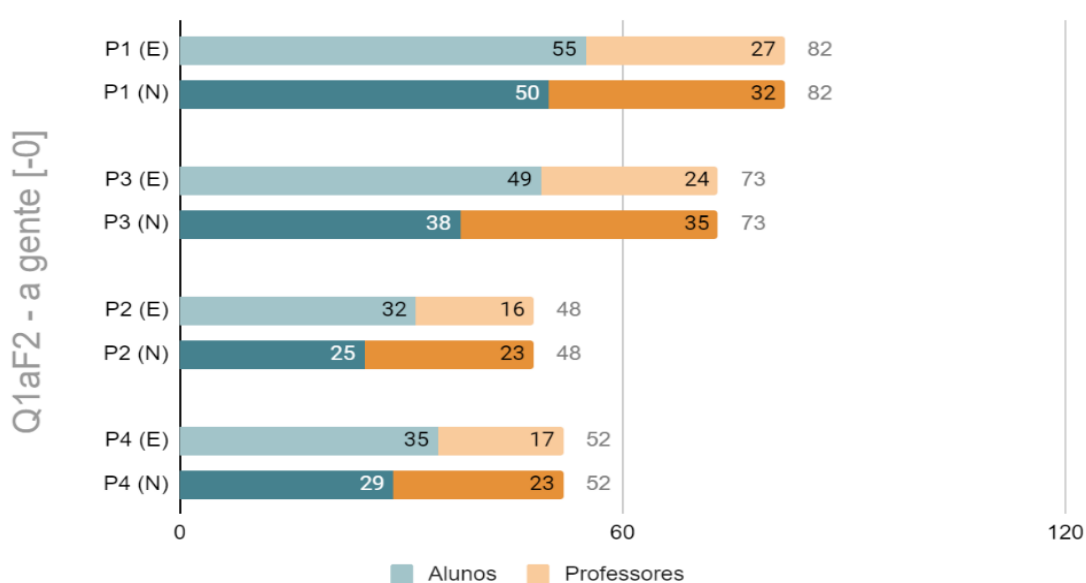


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que se refere à Q1aF2 (*a gente [-o]*), houve 82 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 55 menções fossem feitas por alunos e 27 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 82 menções ao Q1aF2 (*a gente [-o]*) para P1, 50 delas (61%) foram feitas por alunos e 32 (39%) por professores. Já para o *perfil social* 2, das 48 menções ao Q1aF2 (*a gente [-o]*), 25 (52,1%) foram feitas por alunos e 23 (47,9%) por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 32 menções feitas por alunos e 16 menções feitas por professores.

Em relação a P3, a expectativa proporcional era de 27 menções feitas por alunos e 14 menções feitas por professores. No entanto, das 73 menções recebidas por P3, 38 delas (52,1%) foram feitas por alunos e 35 (47,9%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q1aF2 (*a gente [-0]*), P4 recebeu 52 menções, sendo 29 (55,8%) de atribuições feitas por alunos e 23 (44,2%) das atribuições feitas por professores, proporcionalmente, a expectativa era de 49 menções feitas por alunos e 24 menções feitas por professores.

Gráfico 18 – Q1aF2 (*a gente [-0]*) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)



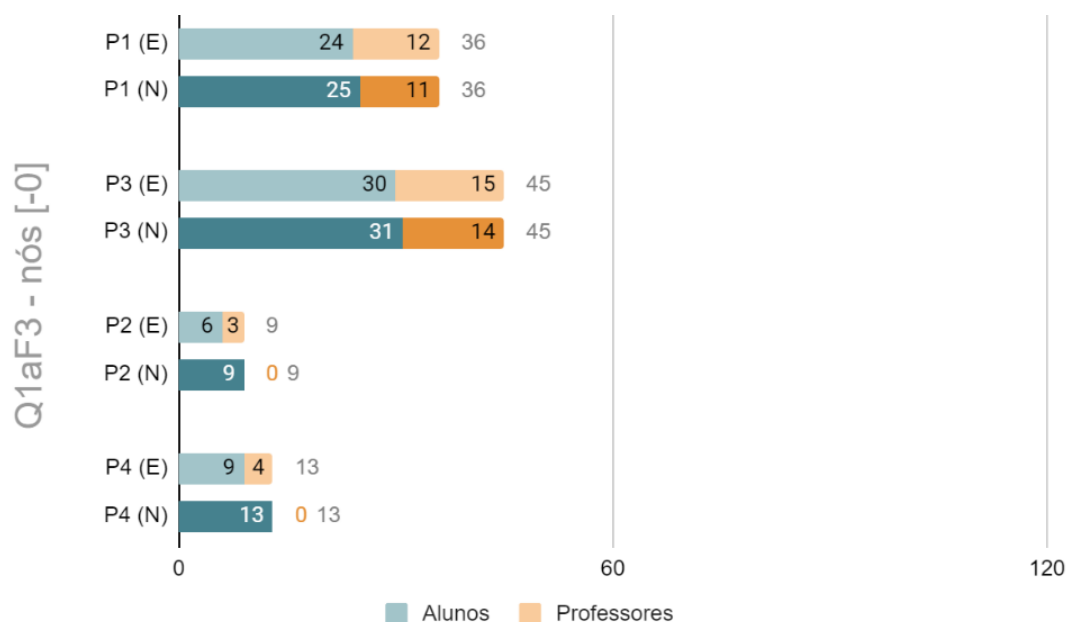
Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Já em relação a Q1aF3 (*nós [-0]*), houve 36 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 24 menções fossem feitas por alunos e 12 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela que, das 36 menções ao Q1aF3 (*nós [-0]*) para P1, 25 delas (69,4%) foram feitas por alunos e 11 (30,6%) por professores. Já para P2, as 9 menções (100%) ao Q1aF3 (*nós [-0]*) foram feitas por alunos.

A expectativa proporcional para esse número de menções era de 6 menções feitas por alunos e 3 menções feitas por professores. Em relação a P3, a expectativa proporcional era de 30 menções feitas por alunos e 15 menções feitas por professores. Das 45 menções recebidas por P3, 31 delas (68,9%) foram feitas por alunos e 14 (31,1%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q1aF3 (*nós [-0]*), P4 recebeu 13 menções sendo todas elas (100%) feitas por alunos.

Proporcionalmente a expectativa era de 9 menções feitas por alunos e 4 menções feitas por professores.

Gráfico 19 – Q1aF3 (nós [-0]) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)



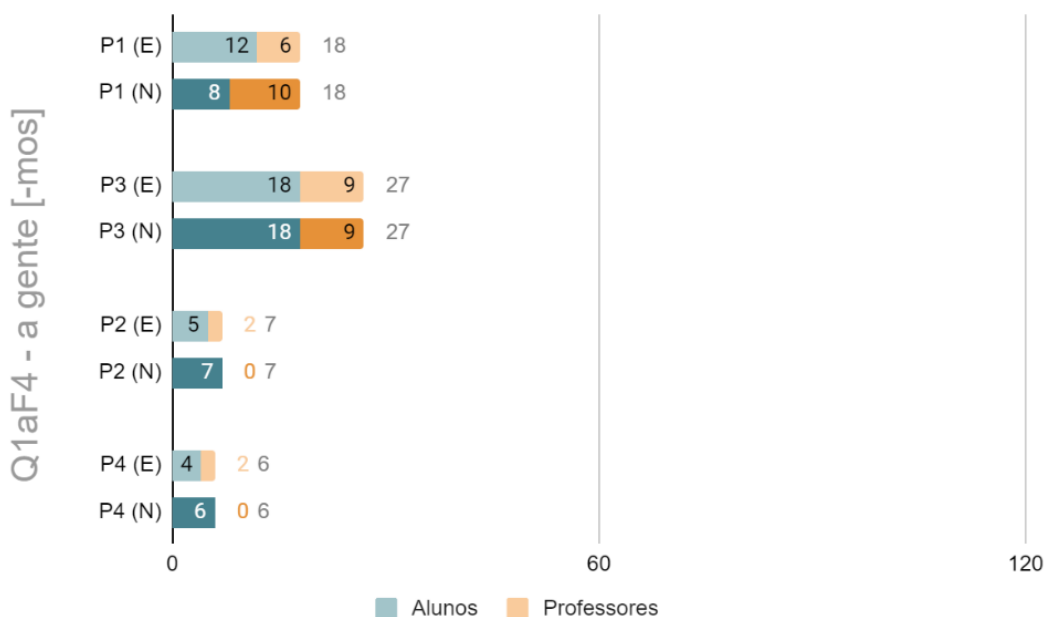
Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Por fim, no que se refere a Q1aF4 (*a gente [-mos]*), houve 18 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 12 menções fossem feitas por alunos e 6 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 18 menções ao Q1aF4 (*a gente [-mos]*) para P1, 8 delas (44,4%) foram feitas por alunos e 10 (55,6%) por professores.

Para P2, as 7 menções (100%) foram feitas por alunos. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 5 menções feitas por alunos e 2 menções feitas por professores.

Em relação a P3, o número de menções segue a expectativa proporcional com 18 (66,7%) menções feitas por alunos e 9 (33,3%) menções feitas por professores. Ainda quanto ao Q1aF4 (*a gente [-mos]*), P4 recebeu 6 menções, sendo todas elas (100%) feitas por alunos. Proporcionalmente a expectativa era de 4 menções feitas por alunos e 2 menções feitas por professores.

Gráfico 20 – Q1aF4 (*a gente [-mos]*) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Alguns dados relevantes dessa distribuição de menções entre os *perfis sociais* merecem destaque. Primeiro, é necessário se observar que, para a Q1aF2 (*a gente [-o]*) com a variante inovadora, o quantitativo de menções feitas por alunos, para todos os *perfis sociais* fica abaixo da expectativa proporcional. Já o quantitativo de atribuições feitas por professores fica acima da expectativa proporcional para todos os *perfis sociais*. Esse dado pode indicar que os alunos parecem ser menos conscientes da frequência de uso da variante, enquanto os professores são mais conscientes desse uso.

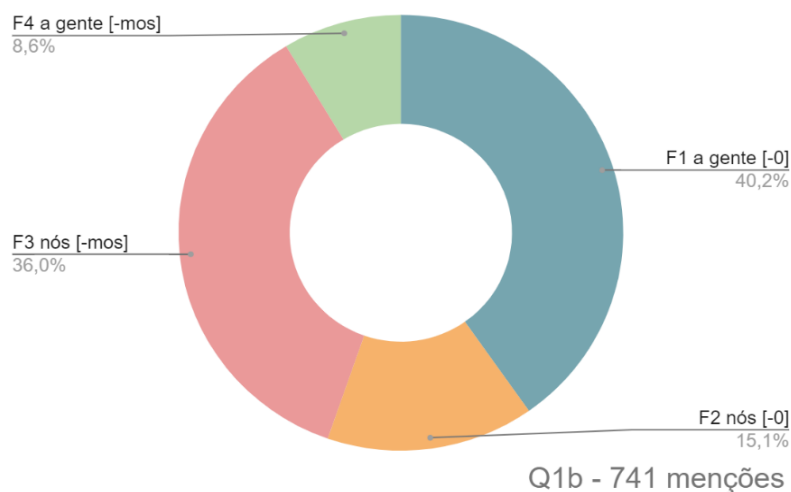
Outro ponto relevante que deve ser destacado para o Q1a é a não atribuição, por professores, das frases que contém as variantes não padrão Q1aF3 (*nós [-o]*) e Q1aF4 (*a gente [-mos]*), para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). Todas as atribuições feitas a esses dois *perfis sociais* foram feitas por alunos. Essa discrepância de atribuições pode indicar que, na percepção dos professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio da rede pública do Estado do Ceará, o uso das variantes não padrão está relacionado à baixa escolarização e à falta prestígio social dos falantes. Para além disso, o sexo/gênero do falante também parece ser fator importante. P3, o *perfil social* que representa *aluno do ensino médio* recebeu, respectivamente, para Q1aF3 (*nós [-o]*) e Q1aF4 (*a gente [-mos]*), 43,7% e 46,6% do quantitativo total de menções, indicando que há relação entre *status social*

do falante dentro da comunidade de prática e as formas linguísticas atribuídas a ele, mesmo que nos dados de produção (ARAÚJO, 2016, 2020; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020) a realização dessas formas seja quase insignificante.

Essas constatações preliminares são confirmadas e reforçadas pelos demais quartetos. A tendência apontada em Q1a de que os professores são percebidos como os que mais utilizam a variante padrão não prestigiada *nós* [-*mos*], de que a variante *a gente* [-*0*] é mais utilizada pelos alunos e de que as variantes não padrão *nós* [-*0*] e *a gente* [-*mos*] é majoritariamente utilizada por alunos, especialmente os alunos homens, repete-se nos demais quartetos.

5.4.2 Quarteto 1b (Q1b)

As quatro frases que compõem o *quarteto* Q1b apresentam sujeito exposto e referência específica, mantêm a ordem canônica e o paralelismo sintático, apresentam tempo verbal no presente do indicativo com verbo epistêmico de baixa saliência fônica e formas idênticas no pretérito perfeito e presente do indicativo (*nós* pensamos [pretérito] / *nós* pensamos [presente]). A composição do *quarteto* Q1b tende a favorecer o emprego de *a gente* [-*0*] (LOPES, 1998, 2002; OMENA, 2003; RUBIO, 2012a; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; ARAÚJO; 2016, 2020; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020). Assim, espera-se que os participantes atribuam, majoritariamente, aos quatro *perfis sociais* a frase 1 (Q1bF1) do quarteto: *A gente pensa nos amigos de vez em quando*. Secundariamente, as atribuições devem ser feitas para a frase 3 (Q1bF3) *Nós pensamos nos vizinhos às vezes* que contém a variante padrão (*nós* [-*mos*]). Para as outras duas possibilidades de concordância – as não padrão – espera-se que a Q1bF2, composta por *nós* [-*0*] (*Nós pensa nos parentes às vezes*) receba mais atribuições que a Q1bF4 composta por *a gente* [-*mos*] (*A gente pensamos nos colegas de vez em quando*). O Gráfico 21 apresenta a distribuição geral das menções para Q1b.

Gráfico 21 –Q1b – Quantitativo total de menções

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A observação dos dados gerais de menções ao Q1b, confirmam as expectativas de atribuições que favorecem a concordância *a gente* [-0]. Das 741 atribuições feitas às frases que compõem o Q1b, 298 (40,2%) foram feitas para Q1bF1 (*a gente* [-0]), 267 (36%) para Q1bF3 (*nós* [-mos]), 112 (15,1%) para Q1bF2 (*nós* [-0]) e 64 (8,6%) para Q1aF4 (*a gente* [-mos]). Esses dados gerais da percepção dos falantes corroboram com a tendência indicada pelos estudos pelo viés da produção de pouca frequência de uso das variantes não padrão (*nós* [-0] e *a gente* [-mos]).

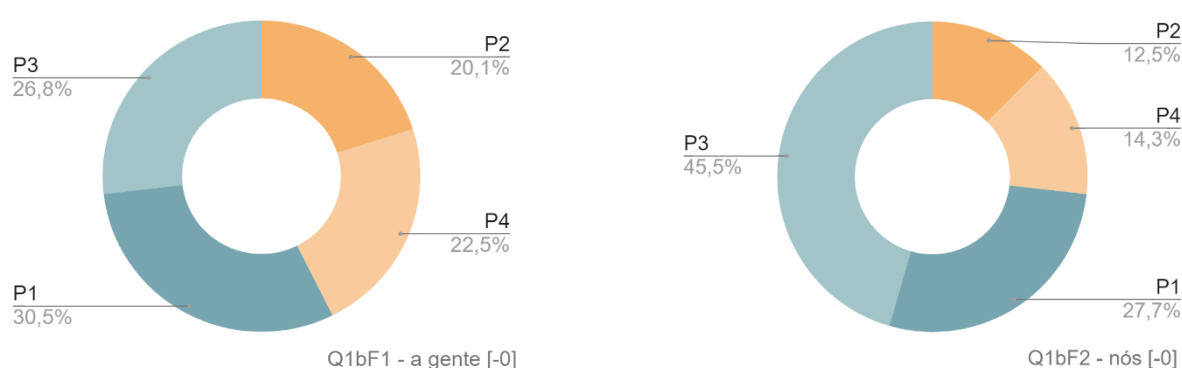
Quanto à distribuição das atribuições entre os *perfis sociais*, a expectativa é que os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) tenham maior quantitativo de atribuição à variante padrão (*nós* [-mos]), enquanto os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) tenham maior quantitativo de atribuições referentes à variante inovadora (*a gente* [-0]). Já quanto às variantes não padrão (*nós* [-0] e *a gente* [-mos]), a expectativa é que o maior quantitativo de atribuições seja referente aos *perfis sociais* que representam os alunos (P1 e P3).

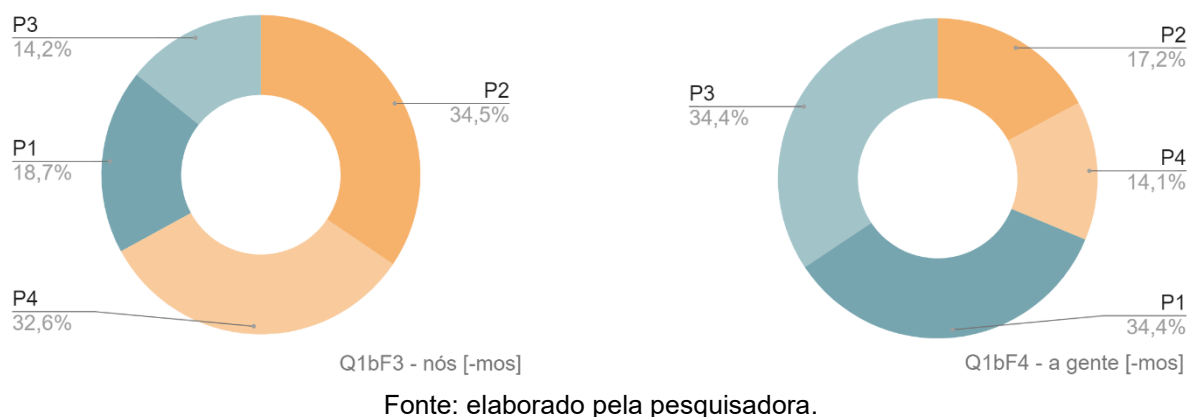
A análise dos dados mostra que essa expectativa se cumpre. Das 298 menções feitas para Q1bF1 (*a gente* [-0]), os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) receberam 171 (57,4%) menções, sendo 91 (30,5%) para P1 e 80 (26,8%) menções para P3. Já os *perfis sociais* que representam professores, (P2 e P4), receberam 127 (42,6%) menções; P2 recebeu 60 (20,1%) menções e P4 recebeu 67 (22,5%) das 298 menções para Q1bF1 (*a gente* [-0]). A frase com a variante padrão do Q1bF3 (*nós* [-mos]) recebeu um total de 267 menções, sendo 179 (67%) menções

para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) e 88 (33%) menções para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3). Para o Q1bF3 (*nós [-0]*), os *perfis sociais* que representam os professores (P2 e P4) receberam, 92 (34,5%) e 87 (32,6%) do total de 267 menções, enquanto P1 recebeu 50 (18,7%) e P3 recebeu 38 (14,2%) do total de 267 atribuições.

Em relação às atribuições feitas pelos participantes quanto às variantes não padrão (*nós [-0]* e *a gente [-0]*), os *perfis sociais* que representam os alunos receberam o maior quantitativo de atribuições. Quanto à Q1bF2 (*nós [-0]*), das 112 menções, 82 (73,2%) foram para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) e 30 menções (26,8%) para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). P1 recebeu 31 (27,7%) delas, P3 recebeu 51 (45,5%) atribuições. Os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) receberam, respectivamente, 14 (12,5%) e 16 (14,3%) menções. Por fim, a Q1bF4 (*a gente [-0]*) recebeu um total de 64 menções, dessas 44 (68,8%) foram para os *perfis sociais* que representam alunos e 20 (31,2%) para os *perfis sociais* que representam professores. Em relação ao Q1bF4 (*a gente [-0]*), tanto P1 quanto P3 receberam 22 menções (34,4% cada), P2 recebeu 11 menções (17,2%) e P4 recebeu 9 menções (14,1%). O Gráfico 22 apresenta a distribuição do quantitativo de menções das 4 frases de Q1b entre os quatro *perfis sociais*.

Gráfico 22 –Q1b – Menções para as 4 frases





A ordem de apresentação das frases em Q1b foi pensada de forma a verificar se as escolhas dos participantes estavam sendo feitas de maneira consciente. Assim, diferente da organização na construção de Q1a, em que as duas frases com formas privilegiadas foram apresentadas nas primeiras opções, em Q1b a frase com a variante padrão (*nós [-mos]*) foi alocada como terceira opção. Os dados de quantitativo total de atribuições (Gráfico 18) e distribuição das menções entre os *perfis sociais* (Gráfico 19) indica que as respostas dos participantes não são aleatórias, pois Q1bF2 (*nós [-0]*) recebeu um volume menor de atribuições que Q1bF3 (*nós [-mos]*). Esses dados estão em consonância com a percepção dos participantes apresentada para Q1a e reforçam o indício de que o emprego das formas prestigiadas (*nós [-mos]* e *a gente [-0]*) pode estar relacionada à escolarização e faixa etária; já as formas não padrão (*nós [-0]* e *a gente [-mos]*), além da escolarização e faixa etária, também sofrem influência do fator sexo/gênero na percepção dos participantes.

A última estratificação feita dos dados referentes a Q1b leva em conta o quantitativo de menções feitas por participantes professores e participantes alunos. A Tabela 6 apresenta a distribuição proporcional desses dados. As células em destaque indicam discrepância superior a 5 pontos percentuais entre as menções recebidas pelos *perfis sociais* e a expectativa proporcional.

Tabela 6 – Estratificação dos Dados Q1b

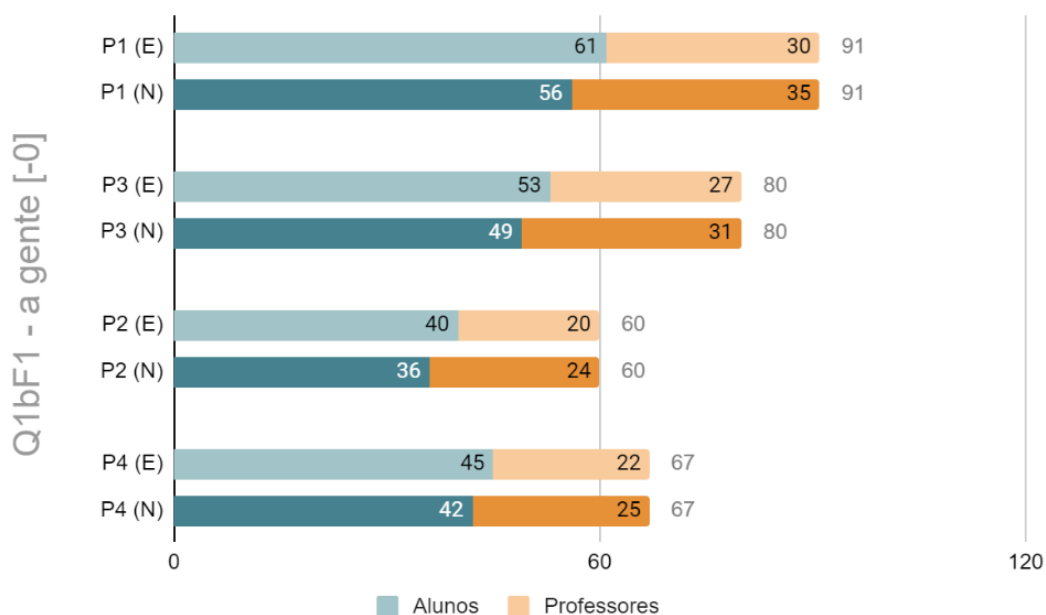
	TOTAL	ALUNOS			PROFESSORES		
		EXPEC.	MENÇÕES	%	EXPEC.	MENÇÕES	%
Q1bF1							
P1	91	61	56	61,5%	30	35	38,5%
P2	60	40	36	60%	20	24	40%
P3	80	53	49	61,2%	27	31	38,8%
P4	67	45	42	62,7%	22	25	37,3%
Total	298	154	183	61,4%	77	90	30,2%

Q1bF2							
P1	31	21	17	54,8%	10	14	45%
P2	14	9	13	92,9%	5	1	7,1%
P3	51	34	28	54,9%	17	23	45,1%
P4	16	11	15	93,8%	5	1	6,2%
Total	112	75	73	65,2%	37	39	34,8%
Q1bF3							
P1	50	33	35	70%	17	15	30%
P2	92	61	56	60,9%	31	36	39,1%
P3	38	25	26	68,4%	13	12	31,6%
P4	87	58	52	59,8%	29	35	40,2%
Total	267	177	169	63,3%	90	98	36,7%
Q1bF4							
P1	22	15	15	68,2%	7	7	31,8%
P2	11	7	11	100%	4	0	0%
P3	22	15	16	72,7%	7	6	27,3%
P4	9	6	9	100%	3	0	0%
Total	64	43	51	79,7%	21	13	20,3%

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os resultados de frequência mostram que houve 91 menções para a Q1bF1 (*a gente [-0]*) para P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 61 menções fossem feitas por alunos e 30 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 91 menções ao Q1bF1 (*a gente [-0]*) para P1, 56 delas (61,5%) foram feitas por alunos e 35 (38,5%) por professores. Já para P2, das 60 menções ao Q1bF1 (*a gente [-0]*), 36 (60%) foram feitas por alunos e 24 (40%) por professores; a expectativa proporcional para esse número de menções era de 40 menções feitas por alunos e 20 menções feitas por professores.

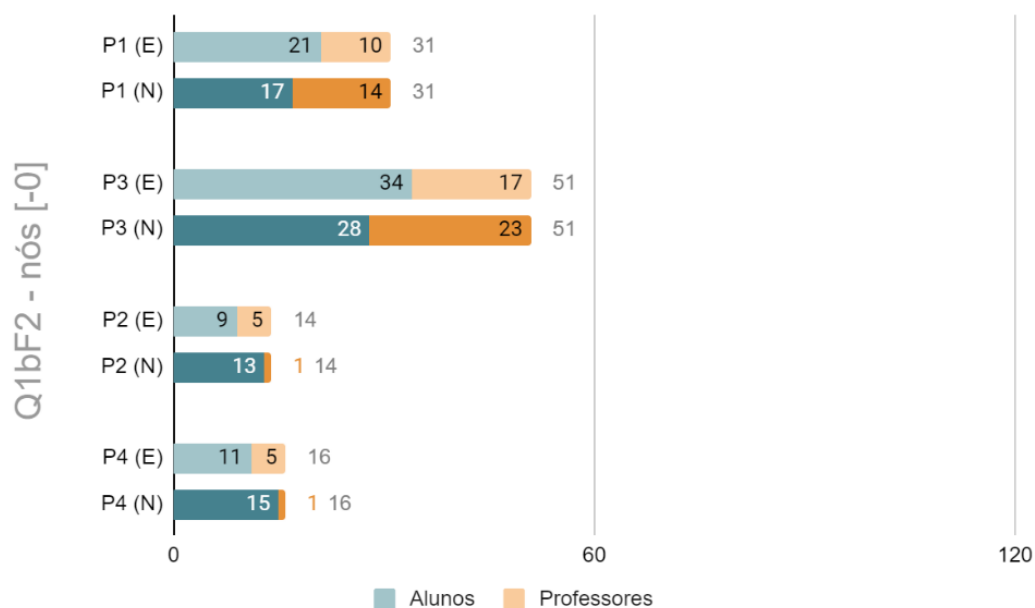
Em relação ao *perfil social 3*, a expectativa proporcional em Q1bF1 (*a gente [-0]*) era de 53 menções feitas por alunos e 27 menções feitas por professores. No entanto, das 80 menções recebidas pelo *perfil social 3*, 49 delas (61,2%) foram feitas por alunos e 31 (38,8%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q1bF1 (*a gente [-0]*), o *perfil social 4* recebeu 67 menções, sendo 42 (62,7%) das atribuições feitas por alunos e 25 (37,3%) das atribuições feitas por professores e a expectativa proporcional para este *perfil social* era 45 menções feitas por alunos e 22 menções feitas por professores.

Gráfico 23 – Q1bF1 (*a gente [-0]*) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que se refere à Q1bF2 (*nós [-0]*), houve 31 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 21 menções fossem feitas por alunos e 10 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 31 menções ao Q1bF2 (*nós [-0]*) para P1, 17 delas (54,8%) foram feitas por alunos e 14 (45%) por professores. Já para o *perfil social 2*, das 14 menções ao Q1bF2 (*nós [-0]*), 13 (92,9%) foram feitas por alunos e 1 (7,1%) por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 9 menções feitas por alunos e 5 menções feitas por professores.

Em relação a P3, a expectativa proporcional era de 34 menções feitas por alunos e 17 menções feitas por professores. No entanto, das 51 menções recebidas por P3, 28 delas (54,9%) foram feitas por alunos e 23 (45,1%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q1bF2 (*nós [-0]*), P4 recebeu 16 menções sendo, 15 (93,8%) de atribuições feitas por alunos e 1 (6,2%) das atribuições feitas por professores, proporcionalmente a expectativa era de 11 menções feitas por alunos e 5 menções feitas por professores.

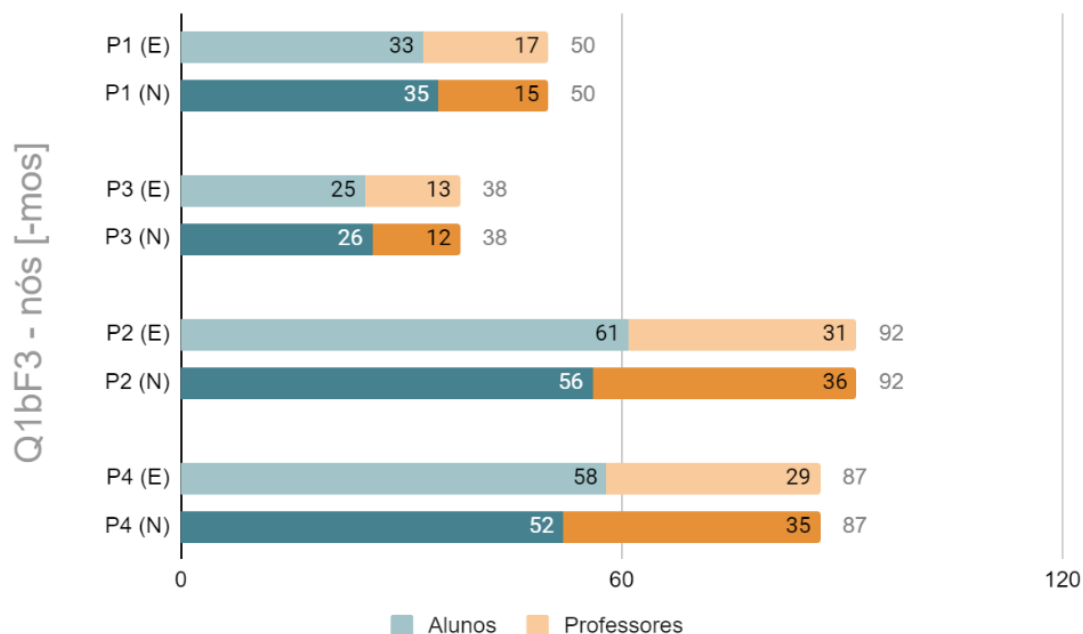
Gráfico 24 – Q1bF2 (*nós [-o]*) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Já em relação a Q1bF3 (*nós [-mos]*), houve 50 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 33 menções fossem feitas por alunos e 17 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela que, das 50 menções ao Q1bF3 (*nós [-mos]*) para P1, 35 delas (70%) foram feitas por alunos e 15 (30%) por professores. Já para P2, das 92 menções ao Q1bF3 (*nós [-mos]*), 56 (60,9%) foram feitas por alunos e 36 (39,1%) foram feitas por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 61 menções feitas por alunos e 31 menções feitas por professores.

Em relação a P3, a expectativa proporcional era de 25 menções feitas por alunos e 13 menções feitas por professores. Das 38 menções recebidas por P3, 26 delas (68,4%) foram feitas por alunos e 12 (31,6%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q1bF3 (*nós [-mos]*), P4 recebeu 87 menções, sendo 52 (59,8%) feitas por alunos e 35 (40,20%) feitas por professores. Proporcionalmente a expectativa para P4 referente a Q1bF3 (*nós [-mos]*) era de 58 menções feitas por alunos e 29 menções feitas por professores.

Gráfico 25 – Q1bF3 (*nós [-mos]*) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)

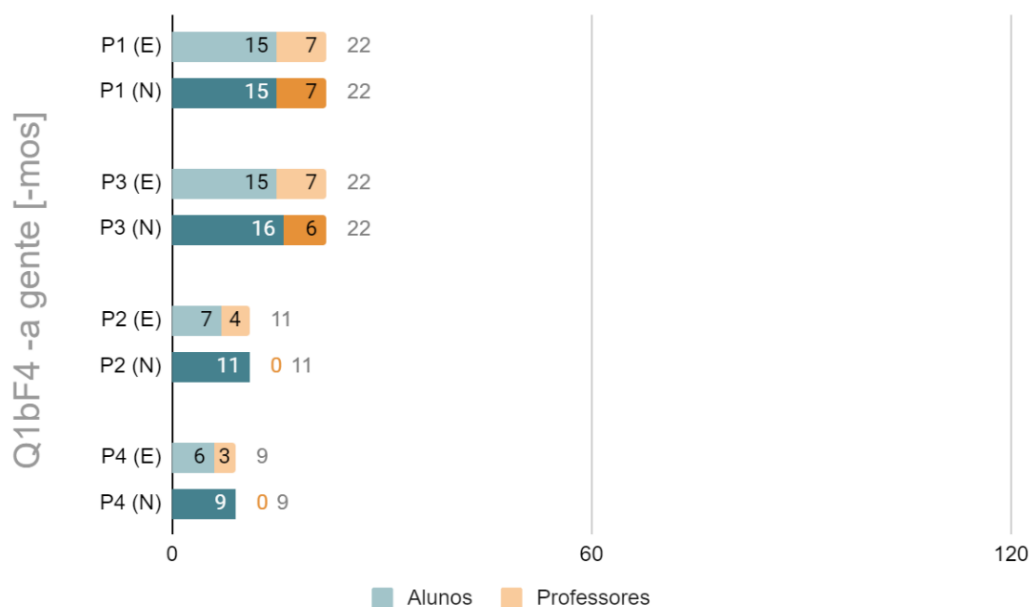


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Por fim, no que se refere ao Q1bF4 (*a gente [-mos]*), houve 22 menções a P1. Dessas, 15 (68,2%) menções foram feitas por alunos e 7 (31,8%) menções feitas por professores, exatamente a expectativa proporcional para P1. Já para P2, as 11 menções (100%) foram feitas por alunos. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 7 menções feitas por alunos e 4 menções feitas por professores.

Em relação a P3, das 21 menções, 16 (72,7%) foram feitas por alunos e 6 (27,3%) por professores. A expectativa proporcional para esse *perfil social* era de 15 menções feitas por alunos e 7 por professores. Ainda quanto ao Q1bF4 (*a gente [-mos]*), P4 recebeu 9 menções sendo todas elas (100%) feitas por alunos. Proporcionalmente a expectativa era de 6 menções feitas por alunos e 3 menções feitas por professores.

Gráfico 26 – Q1bF4 (*a gente* [-mos]) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Alguns dados relevantes dessa distribuição de menções entre os *perfis sociais* merecem destaque. Primeiro, é necessário se observar que, para o Q1bF1 variante inovadora (*a gente* [-0]), o quantitativo de menções feito por alunos, para todos os *perfis sociais*, fica abaixo da expectativa proporcional. Já o quantitativo de atribuições feitas por professores fica acima da expectativa proporcional para todos os *perfis sociais*, assim como acontece em Q1aF2, frase do Q1a composta pela mesma variante. Esse dado reforça os indícios de que os alunos percebem menos a frequência de uso da variante *a gente* [-0], enquanto os professores são mais conscientes desse uso.

Outro ponto relevante que deve ser destacado para o Q1b é o baixíssimo quantitativo de menções feitas por professores nas frases que contém as variantes não padrão Q1bF2 (*nós* [-0]) e Q1bF4 (*a gente* [-mos]), para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). Com exceção de Q1bF2 (*nós* [-0]) em que houve uma menção para P2 e outra para P4 feitas por professores, todas as atribuições a esses dois *perfis sociais* foram feitas por alunos. Essa discrepância reforça os indícios apontados por Q1a de que, na percepção dos professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio da rede pública do Estado do Ceará, o uso das variantes não padrão está relacionado à baixa escolarização e à falta de prestígio social dos falantes. Em Q1b, o sexo/gênero do falante também parece ser fator importante. P3, o *perfil social*

que representa *aluno do ensino médio*, sobre quem pesa grande vulnerabilidade social, recebeu para Q1bF4 (*a gente [-mos]*) 34,4% das menções, mesmo índice de P1, já para Q1bF2 (*nós [-0]*) o índice foi de 45,5% do total de 112 menções.

Considerando-se a caracterização estabelecida pelos participantes sobre os alunos homens do Ensino Médio como sendo mais velhos que as alunas, mais pretos que todos os outros *perfis sociais*, os menos dedicados, os menos inteligentes, os menos certinhos e os mais desinteressados, tolos, confusos e bagunceiros da comunidade de prática, o grande quantitativo de atribuições feitas a P3 da variante *nós[-0]* reforçam algo que já foi identificado por Coelho (2006) e Oushiro (2015, 2019): a variante *nós [-0]* pode ser usada e percebida como uma marca de identidade de grupo entre falantes homens, jovens, periféricos, socialmente vulneráveis e com baixas perspectivas de ascensão social.

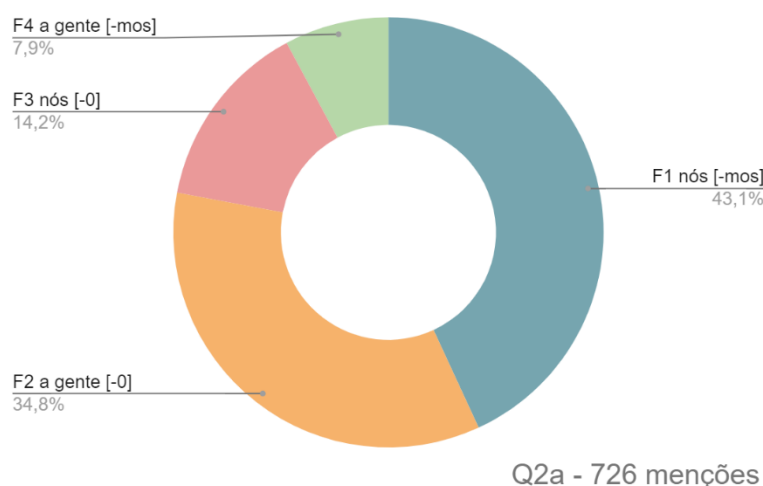
Além disso, a comparação entre esse primeiro par de quartetos aponta no mesmo sentido dos estudos de produção (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020) e corrobora com a afirmação de que “é possível prever um período futuro em que (–mos) pode ser categoricamente pretérito e zero categoricamente não pretérito na primeira pessoa do plural” (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p. 210, tradução nossa). Os dados de percepção de Q1a e Q1b indicam que, intuitivamente, os falantes percebem o favorecimento de *nós [-mos]*, quando os verbos são idênticos em frases construídas com verbo no passado (*Nós terminamos se não me não me engano foi em setembro*) e o favorecimento de *a gente [-0]* em frases construídas com verbo no presente (*A gente pensa nos amigos de vez em quando*).

5.4.3 Quarteto 2a (Q2a)

As quatro frases que compõem o *quarteto* Q2a apresentam sujeito expresso e referência específica, mantêm a ordem canônica e o paralelismo sintático, apresentam tempo verbal no pretérito perfeito do indicativo com verbos de alta saliência fônica e formas diferentes no pretérito perfeito e presente do indicativo (*nós tivemos [pretérito] / nós temos [presente]*) – a composição do *quarteto* Q2a tende a favorecer o emprego de *nós [-mos]* (LOPES, 1998, 2002; OMENA, 2003; RUBIO, 2012a; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; ARAÚJO, 2016, 2020; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; ARAÚJO, M.;

ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020). Assim, espera-se que os participantes atribuam, majoritariamente, aos quatro *perfis sociais* a frase 1 (Q2aF1) do quarteto: *Nós tivemos um comércio naquela rua ali*. Secundariamente, as atribuições devem ser feitas para a frase (Q2aF2): *A gente teve uma lojinha uma vez* que contém a variante inovadora com a concordância em terceira pessoa (*a gente [-0]*). Para as outras duas possibilidades de concordância – as não padrão – espera-se que a Q2aF3, composta por *nós [-0]* (*Nós teve um mercantil naquela rua lá*) receba mais atribuições que a Q2aF4 composta por *a gente [-mos]* (*A gente tivemos uma mercearia uma vez*). O Gráfico 27 apresenta a distribuição geral das menções para Q2a:

Gráfico 27 – Q2a – Quantitativo total de menções



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A observação dos dados gerais de menções ao Q2a confirma as expectativas de atribuições que favorecem a concordância *nós [-mos]*. Das 726 atribuições feitas às frases que compõem o Q2a, 313 (43,1%) foram feitas para Q2aF1 (*nós [-mos]*), 253 (34,8%) para Q2aF2 (*a gente [-0]*), 103 (14,2%) para Q2aF3 (*nós [-0]*) e 57 (7,9%) para Q2aF4 (*a gente [-mos]*). Esses dados gerais demonstram a tendência indicada de pouca frequência de uso das variantes não padrão (*nós [-0]* e *a gente [-mos]*) nos estudos de produção e evidenciam que a percepção dos falantes, para este quarteto, também segue essa tendência.

Quanto à distribuição das atribuições entre os *perfis sociais*, a expectativa é que os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) tenham maior volume de atribuição à variante padrão e prestigiada (*nós [-mos]*), enquanto os *perfis sociais*

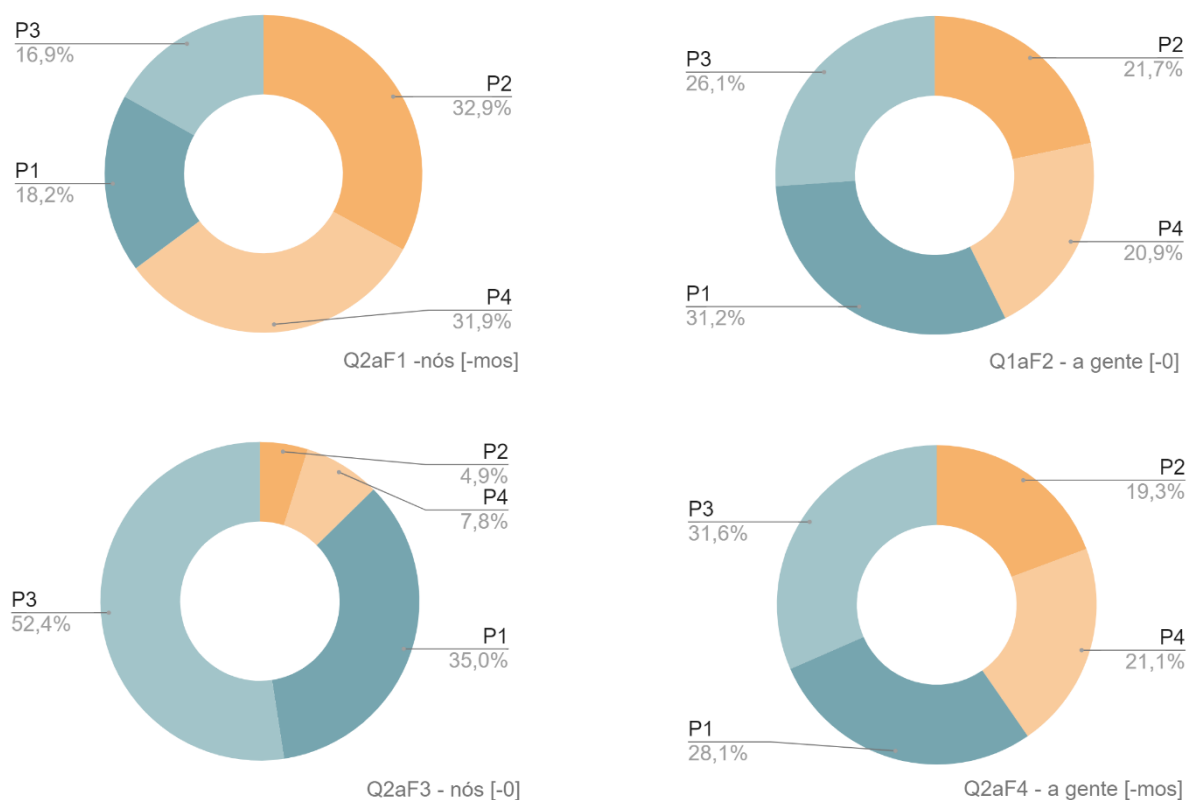
que representam alunos (P1 e P3) tenham maior quantitativo de atribuições referentes à variante inovadora (*a gente* [-0]). Já quanto às variantes não padrão (*nós* [-0] e *a gente* [-mos]), a expectativa é que o maior quantitativo de atribuições seja referente aos *perfis sociais* que representam os alunos (P1 e P3).

A análise dos dados mostra que essa expectativa se cumpre. Das 313 menções feitas para Q2aF1 (*nós* [-mos]), 203 (64,9%) referem-se aos *perfis sociais* que representam professores. Assim, P2 recebeu 103 (32,9%) menções para Q2aF1 (*nós* [-mos]); P4 recebeu 100 (31,9%) das 313 menções para Q2aF1 (*nós* [-mos]). Os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) receberam 110 (35,1%) menções, sendo 57 (18,2%) para P1 e 53 (16,9%) menções para P3. A frase com a variante inovadora do Q2aF2 (*a gente* [-0]) recebeu um total de 253 menções, sendo 145 (57,3%) para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) e 108 (42,7%) menções para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). Para o Q2aF2 (*a gente* [-0]), P1 recebeu 79 (31,2%) das menções; P3 recebeu 66 (26,1%); os *perfis sociais* que representam os professores (P2 e P4), receberam, respectivamente, 79 (31,2%) e 66 (26,1%) do total de 253 menções.

Em relação às atribuições feitas pelos participantes quanto às variantes não padrão (*nós* [-0] e *a gente* [-mos]), os *perfis sociais* que representam os alunos receberam o maior quantitativo de atribuições. Quanto à Q2aF3 (*nós* [-0]), das 103 menções, 90 (97,4%) foram para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) e 13 menções (12,6%) para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). P1 recebeu 36 (35%) delas, P3 recebeu 54 (52,4%) atribuições; os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) receberam, respectivamente 5 (4,4%) e 8 (7,8%) menções.

Por fim, a Q2aF4 (*a gente* [-mos]) recebeu um total de 57 menções, 34 delas (59,6%) para os *perfis sociais* que representam alunos e 23 (40,4%) para os *perfis sociais* que representam professores. Em relação ao Q2aF4 (*a gente* [-mos]), P1 recebeu 16 (28,1%) menções, P3 recebeu 18 (31,6%), P2 recebeu 11 menções (19,3%) e P4 recebeu 12 menções (21,1%). O Gráfico 28 apresenta a distribuição do quantitativo de menções das 4 frases de Q1a entre as os quatro *perfis sociais*.

Gráfico 28 – Q2a – Menções para as 4 frases



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os dados de quantitativo total de atribuições (Gráfico 27) e distribuição das menções entre os *perfis sociais* (Gráfico 28) reforçam os indícios de que, na percepção dos participantes, as formas prestigiadas (*nós [-mos]* e *a gente [-0]*) podem estar relacionadas à escolarização, faixa etária e prestígio social. Enquanto para os *perfis sociais* que representam professores o maior quantitativo de menções se dá na forma *nós* com concordância de primeira pessoa do plural, os *perfis sociais* que representam alunos – percebidos como mais jovens, com menor escolarização e consequentemente com menor prestígio social – o maior quantitativo de atribuições se dá para a forma *a gente [-0]*.

Quanto às formas não padrão (*nós [-0]* e *a gente [-mos]*), em Q2a o maior quantitativo de atribuições também ocorre para os *perfis sociais* que representam alunos. Também neste *quarteto* a variável sexo/gênero parece ser relevante, além dos fatores faixa etária e escolarização. P3 apresenta o maior valor percentual de atribuições para as duas variantes não padrão (52,4% para *nós [-0]* e 31,6% para *a gente [-mos]*). Nenhum outro *perfil social*, em nenhuma das frases de Q2a apresenta uma porcentagem tão alta de atribuições. O contraste é ainda maior se comparado

ao quantitativo de atribuições da variante padrão prestigiada (*nós [-mos]*) para P2 (mulher, professora de Ensino Médio), o *perfil social* que mais se distancia de P3. Neste *quarteto*, em Q2aF1 (*nós [-mos]*), P2 recebe 32,9% de atribuições, o segundo maior quantitativo de menções no *quarteto*. Esses dados de percepção quanto ao emprego das variantes podem corroborar com resultados já amplamente descritos na sociolinguística de que mulheres tendem a favorecer a variante padrão. Essa tendência, no entanto, precisa ser analisada conforme com características e particularidades de cada comunidade.

A última estratificação feita dos dados referentes a Q2a leva em conta o quantitativo de menções feitas por participantes professores e participantes alunos. Do total de atribuições para cada um dos *perfis sociais*, calculou-se a expectativa proporcional, considerando-se o número de participantes. Essa expectativa proporcional foi comparada com as atribuições feitas, de fato, por professores e alunos para cada um dos *perfis sociais*. A Tabela 7 apresenta a distribuição desses dados. As células em destaque indicam discrepância superior a 5 pontos percentuais entre as menções recebidas pelos *perfis sociais* e a expectativa proporcional.

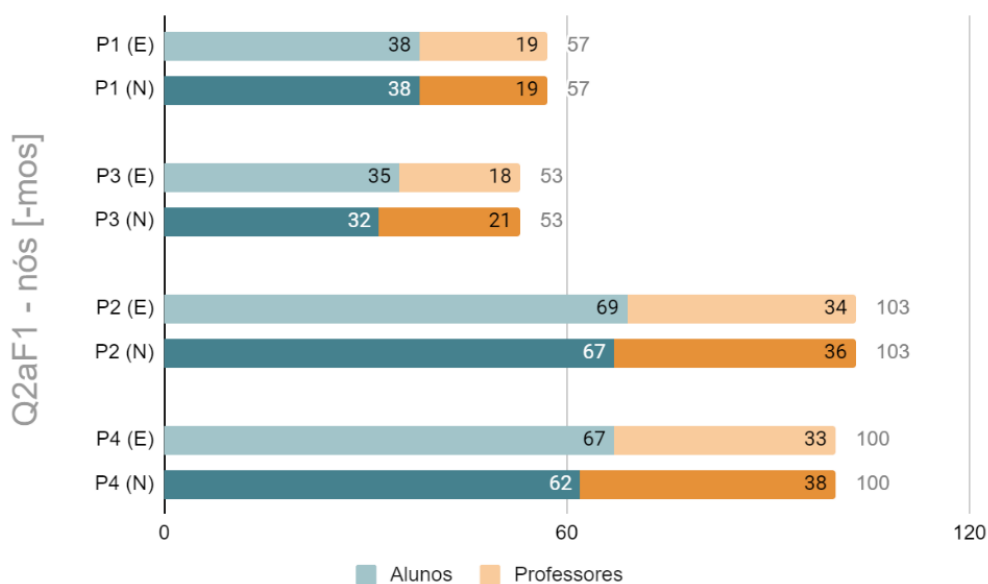
Tabela 7 – Estratificação dos Dados Q2a

	TOTAL	ALUNOS			PROFESSORES		
		EXPEC.	MENÇÕES	%	EXPEC.	MENÇÕES	%
Q2aF1							
P1	57	38	38	66,7	19	19	33,3
P2	103	69	67	65	34	36	35
P3	53	35	32	60,4	18	21	39,6
P4	100	67	62	62	33	38	38
Total	313	142	199	63,58	71	76	24,3
Q2aF2							
P1	79	53	46	58,2	26	33	42
P2	55	37	31	56,4	18	24	43,6
P3	66	44	37	56,1	22	29	43,9
P4	53	35	31	58,5	18	22	41,5
Total	253	169	145	57,3	84	108	42,7
Q2aF3							
P1	36	24	26	72,2	12	10	27,8
P2	5	3	4	80	2	1	20
P3	54	36	36	66,7	18	18	33,3
P4	8	5	8	100	3	0	0
Total	103	68	74	71,8	35	29	28,2
Q2aF4							
P1	16	11	10	62,5	5	6	37,5
P2	11	7	11	100	4	0	0
P3	18	12	13	72,2	6	5	27,8
P4	12	8	12	100	4	0	0
Total	57	38	46	80,7	19	11	19,3

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os resultados de frequência mostram que houve 57 menções para a Q2aF1 (*Nós tivemos um comércio naquela rua ali*) para P1, sendo 38 (66,7%) menções feitas por alunos e 19 (33,3%) menções feitas por professores, exatamente a expectativa proporcional para esse *perfil social*. Já para P2, das 103 menções ao Q2aF1 (*nós [-mos]*), 67 (65%) foram feitas por alunos e 36 (35%) por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 69 menções feitas por alunos e 34 menções feitas por professores. Em relação ao *perfil social* 3, a expectativa proporcional era 35 menções feitas por alunos e 18 menções feitas por professores. No entanto, das 53 menções recebidas pelo *perfil social*, 32 delas (60,4%) foram feitas por alunos e 21 (39,6%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q2aF1 (*nós [-mos]*), o *perfil social* 4 recebeu 100 menções sendo, 62 (62%) das atribuições feitas por alunos e 38 (38%) das atribuições feitas por professores. A expectativa proporcional para esse *perfil social* era de 67 menções feitas por alunos e 33 menções feitas por professores.

Gráfico 29 – Q2aF1 (*nós [-mos]*) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)

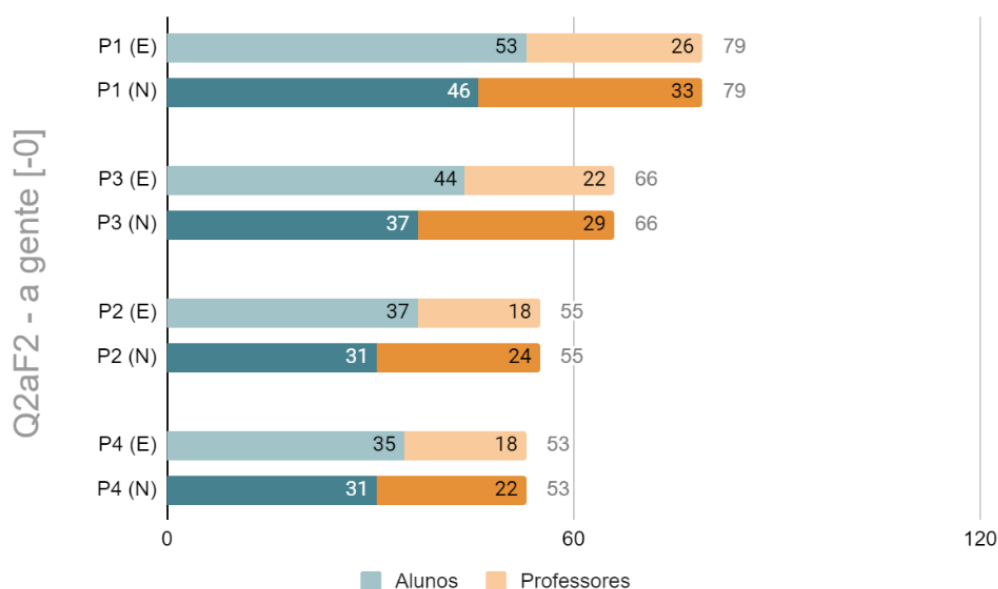


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que se refere à Q2aF2 (*A gente teve uma lojinha uma vez*), houve 79 menções para P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 53 menções fossem feitas por alunos e 26 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 79 menções ao Q2aF2 (*a gente [-o]*) para P1, 46 delas (58,2%) foram feitas por alunos e 33 (42%) por professores. Já para o *perfil social* 2,

das 55 menções ao Q2aF2 (*a gente [-0]*), 31 (56,4%) foram feitas por alunos e 24 (43,6%) por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 37 menções feitas por alunos e 18 menções feitas por professores. Em relação a P3, a expectativa proporcional era de 44 menções feitas por alunos e 22 menções feitas por professores. No entanto, das 66 menções recebidas por P3, 37 delas (56,1%) foram feitas por alunos e 29 (43,9%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q2aF2 (*a gente [-0]*), P4 recebeu 53 menções, sendo 31 (58,5%) de atribuições feitas por alunos e 22 (41,5%) das atribuições feitas por professores. Proporcionalmente a expectativa era de 35 menções feitas por alunos e 18 menções feitas por professores.

Gráfico 30 – Q2aF2 (*a gente [-0]*) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)

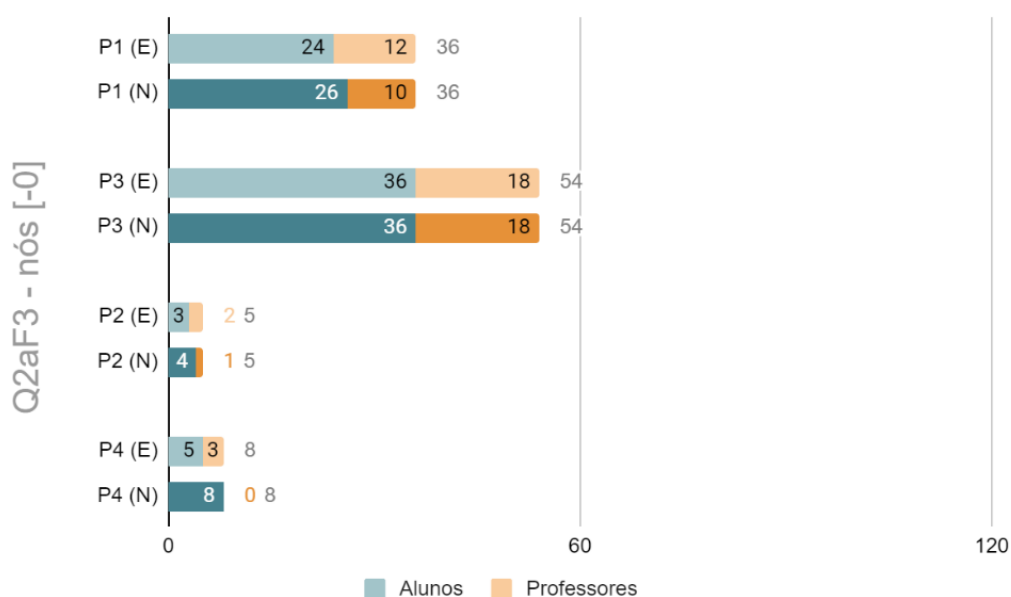


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quanto às atribuições à F2 em Q2a, é interessante observar como são os participantes professores os que mais contribuem para o aumento no quantitativo de menções. Para todos os *perfis sociais*, são os professores que superam a expectativa proporcional. Como já demonstrado nos demais quartetos analisados até aqui, os professores provavelmente são mais conscientes do emprego da variante inovadora (*a gente [-0]*). O maior contato com a norma padrão e o fato de trabalharem diretamente com a linguagem pode ser um fator relevante para essa maior percepção. Já os alunos parecem ser menos conscientes do emprego da variante o que pode indicar que, nessa faixa etária e nesse nível de escolarização, a variação linguística esteja abaixo do nível de consciência.

Já em relação a Q2aF3 (*Nós teve um mercantil naquela rua lá*), houve 36 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 24 menções fossem feitas por alunos e 12 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela que, das 36 menções ao Q2aF3 (*nós [-0]*) para P1, 26 delas (72,2%) foram feitas por alunos e 10 (27,8%) por professores. Já para P2, das 5 menções, 4 (80%) foram feitas por alunos e 1 (20%) menção foi feita por professor. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 4 menções feitas por alunos e 2 menções feitas por professores. Em relação a P3, a expectativa proporcional 36 (66,7%) menções feitas por alunos e 18 (33,3%) menções feitas por professores foi cumprida. Ainda quanto ao Q2aF3 (*nós [-0]*), P4 recebeu 8 menções sendo todas elas (100%) feitas por alunos. Proporcionalmente, a expectativa era de 5 menções feitas por alunos e 3 menções feitas por professores.

Gráfico 31 – Q2aF3 (*nós [-0]*) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)

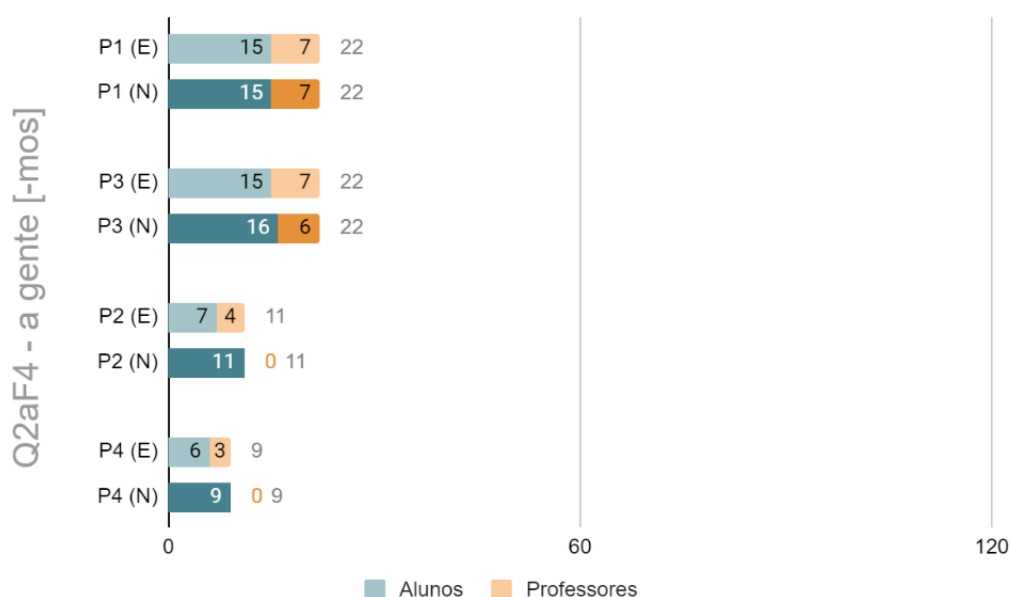


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Por fim, no que se refere a Q2aF4 (*A gente tivemos uma mercearia uma vez*), houve 16 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 11 menções fossem feitas por alunos e 5 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 16 menções ao Q2aF4 (*a gente [-mos]*) para P1, 10 delas (62,5%) foram feitas por alunos e 6 (37,5%) por professores. Já para P2, as 11 menções (100%) foram feitas por alunos. A expectativa proporcional para esse número de menções era 7 menções feitas por alunos e 4 menções feitas por

professores. Em relação a P3, a expectativa proporcional 12 menções feitas por alunos e 6 menções feitas por professores. O quantitativo de menções, no entanto, foi de 13 (72,2%) menções feitas por alunos e 5 (27,8%) menções feitas por professores. Ainda quanto ao Q2aF4 (*a gente [-mos]*), P4 recebeu 12 menções sendo todas elas (100%) feitas por alunos. Proporcionalmente a expectativa era 8 menções feitas por alunos e 4 menções feitas por professores.

Gráfico 32 – Q2aF4 (*a gente [-mos]*) – Expectativa proporcional (E) versus Quantitativo de menções (N)



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

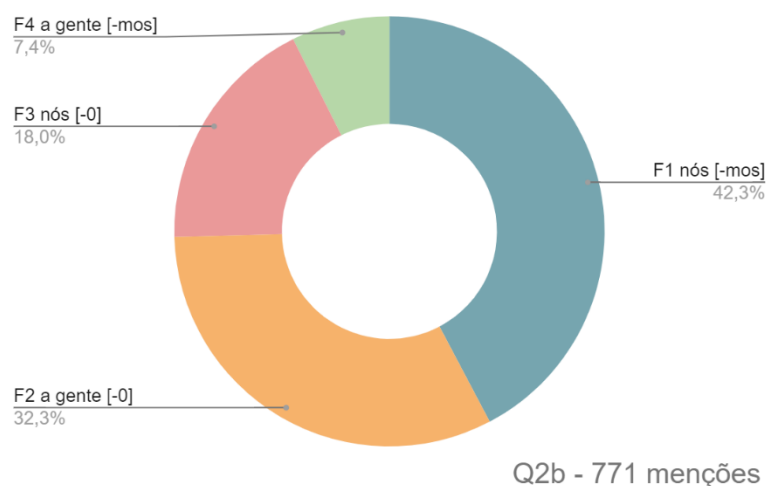
Um ponto relevante que deve ser destacado para o Q2a é a discrepância no quantitativo de atribuições quando se compara as duas variantes não padrão (*nós [-0]* e *a gente [-mos]*). Mesmo que o número dessas atribuições seja significativamente menor que as atribuições feitas às variantes padrão e majoritariamente tenham sido feitas para os *perfis sociais* que representam alunos, como aconteceu nos demais quartetos, em Q2a há um quantitativo maior de atribuições à variante com menor registro de frequência nos estudos de produção (*a gente [-mos]*) aos *perfis sociais* que representam professores do que à variante *nós [-0]* para P2 e P4. Esse dado pode indicar que, para além do favorecimento de *[-mos]* no pretérito perfeito do indicativo com verbos diferentes do tempo presente, como apontado por Naro, Görski e Fernandes (1999) e confirmado por Scherre, Yacovenco e Naro (2018) e Carvalho, Freitas e Favacho (2020), na percepção dos alunos, o valor social da variante esteja

associado ao emprego do verbo em primeira pessoa do plural, como um indício de hipercorreção.

5.4.4 Quarteto 2b (Q2b)

As quatro frases que compõem o *quarteto* Q2b apresentam sujeito expresso e referência específica, mantém a ordem canônica e o paralelismo sintático, apresentam tempo verbal no presente do indicativo com verbos de alta saliência fônica e formas diferentes no pretérito perfeito e presente do indicativo (*nós fomos* [pretérito]/*nós somos* [presente]) – a composição do *quarteto* Q2b tende a favorecer o emprego de *nós* [-mos] (LOPES, 1998, 2002; OMENA, 2003; RUBIO, 2012a; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; ARAÚJO, 2016, 2020; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020). Assim, espera-se que os participantes atribuam, majoritariamente, aos quatro *perfis sociais* a frase 1 (Q2bF1) do quarteto: *Nós somos daqui da região mesmo*. Secundariamente, as atribuições devem ser feitas para a frase 2 (Q2bF2): *A gente é daqui da comunidade mesmo* que contém a variante inovadora com a concordância em terceira pessoa (*a gente* [-0]). Para as outras duas possibilidades de concordância – as não padrão – espera-se que a Q2bF3, composta por *nós* [-0] (*Nós é daqui da cidade mesmo*) receba mais atribuições que a Q2bF4 composta por *a gente* [-mos] (*A gente somos daqui da vizinhança mesmo*). O Gráfico 33 apresenta a distribuição geral das menções para Q2b:

Gráfico 33 – Q2b – Quantitativo total de menções



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A observação dos dados gerais de menções ao Q2b confirma as expectativas de atribuições que favorecem a concordância *nós [-mos]*. Das 771 atribuições feitas às frases que compõem o Q2b, 326 (42,3%) foram feitas para Q2bF1 (*nós [-mos]*), 249 (32,3%) para Q2bF2 (*a gente [-0]*), 139 (18%) para Q2aF3 (*nós [-0]*) e 57 (7,4%) para Q2aF4 (*a gente [-mos]*). Esses dados gerais demonstram que, também para este quarteto, a percepção dos participantes quanto ao emprego das variáveis segue a tendência indicada pelos estudos de produção.

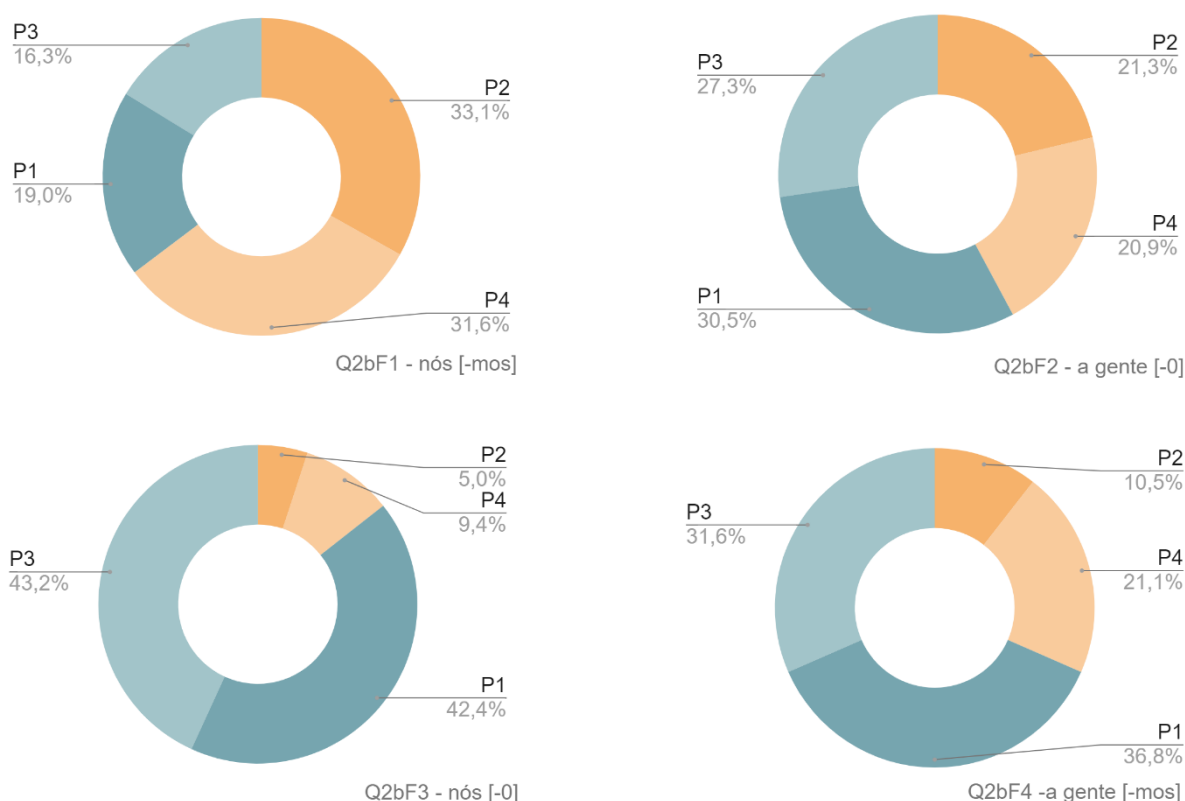
Quanto à distribuição das atribuições entre os *perfis sociais*, a expectativa é que os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) tenham maior volume de atribuição à variante padrão (*nós [-mos]*), enquanto os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) tenham maior quantitativo de atribuições referentes à variante inovadora (*a gente [-0]*). Quanto às variantes não padrão (*nós [-0]* e *a gente [-mos]*), a expectativa é que o maior quantitativo de atribuições seja referente aos *perfis sociais* que representam os alunos (P1 e P3).

A análise dos dados mostra que essa expectativa se cumpre. Das 326 menções feitas para Q2bF1 (*nós [-mos]*), 211 (64,7%) referem-se aos *perfis sociais* que representam professores. Assim, P2 recebeu 108 (33,1%) menções para Q2bF1 (*nós [-mos]*); P4 recebeu 103 (31,6%) das 326 menções para Q2bF1 (*nós [-mos]*). Os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) receberam 115 (35,3%) menções, sendo 62 (19%) para P1 e 53 (16,3%) menções para P3. A frase com a variante inovadora do Q2bF2 (*a gente [-0]*) recebeu um total de 249 menções, sendo 144 (57,8%) para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) e 105 (42,2%) menções para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). Para o Q2bF2 (*a gente [-0]*), P1 recebeu 76 (30,5%) das menções; P3 recebeu 68 (27,3%); os *perfis sociais* que representam os professores (P2 e P4), receberam, respectivamente 53 (21,3%) e 52 (20,9%) do total de 249 menções.

Em relação às atribuições feitas pelos participantes quanto às variantes com não padrão (*nós [-0]* e *a gente [-mos]*), os *perfis sociais* que representam os alunos receberam o maior quantitativo de atribuições. Quanto à Q2bF3 (*nós [-0]*), das 139 menções, 119 (85,6%) foram para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) e 20 menções (14,4%) para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). P1 recebeu 59 (42,4%) delas, P3 recebeu 60 (43,2%) atribuições; os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4), receberam, respectivamente 7 (5%) e 13 (9,4%) menções. Por fim, a Q2bF4 (*a gente [-mos]*) recebeu um total de 57

menções, 39 delas (68,4%) para os *perfis sociais* que representam alunos e 18 (31,6%) para os *perfis sociais* que representam professores. Em relação ao Q2bF4 (*a gente [-mos]*), P1 recebeu 21 (36,8%) menções, P3 recebeu 18 (31,6%), P2 recebeu 6 menções (10,5%) e P4 recebeu 12 menções (21,1%). O Gráfico 34 apresenta a distribuição do quantitativo de menções das 4 frases de Q2b entre os quatro *perfis sociais*.

Gráfico 34 –Q2b – Menções para as 4 frases



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

O total de atribuições (Gráfico 33) e distribuição das menções entre os *perfis sociais* (Gráfico 34) reforçam os indícios de que, na percepção dos participantes, as formas (*nós [-mos]* e *a gente [-0]*) podem estar relacionadas à escolarização, faixa etária e prestígio social. Enquanto para os *perfis sociais* que representam professores, o maior quantitativo de menções se dá na forma *nós* com concordância de primeira pessoa do plural, para os *perfis sociais* que representam alunos – percebidos como mais jovens, com menor escolarização e conseqüentemente com menor prestígio social – o maior quantitativo de atribuições se dá para a forma *a gente [-0]*.

Na estratificação dos dados referentes a Q2b que leva em conta o quantitativo de menções feitas por participantes professores e participantes alunos, o

quantitativo total de atribuições para cada um dos *perfis sociais*, foi calculada a expectativa proporcional, considerando-se o número de participantes. Essa expectativa proporcional foi comparada com as atribuições feitas de fato por professores e alunos para cada um dos *perfis sociais*. A Tabela 8 apresenta a distribuição desses dados. As células em destaque indicam discrepância superior a 5 pontos percentuais entre as menções recebidas pelos *perfis sociais* e a expectativa proporcional.

Tabela 8 – Estratificação dos Dados Q2b

	TOTAL	ALUNOS			PROFESSORES		
		EXPEC.	MENÇÕES	%	EXPEC.	MENÇÕES	%
Q2bF1							
P1	62	41	43	69,4	21	19	30,6
P2	108	72	68	63	36	40	37
P3	53	35	36	67,9	18	17	32,1
P4	103	69	65	63,1	34	38	36,9
Total	326	148	212	65,03	75	76	23,3
Q2bF2							
P1	76	51	43	56,6	25	33	43
P2	53	35	30	56,6	18	23	43,4
P3	68	45	35	51,5	23	33	48,5
P4	52	35	28	53,8	17	24	46,2
Total	249	166	136	54,6	83	113	45,4
Q2bF3							
P1	59	39	35	59,3	20	24	40,7
P2	7	5	7	100	2	0	0
P3	60	40	38	63,3	20	22	36,7
P4	13	9	13	100	4	0	0
Total	139	93	93	66,9	46	46	33,1
Q2bF4							
P1	21	14	14	66,7	7	7	33,3
P2	6	4	6	100	2	0	0
P3	18	12	12	66,7	6	6	33,3
P4	12	8	12	100	4	0	0
Total	57	38	44	77,2	19	13	22,8

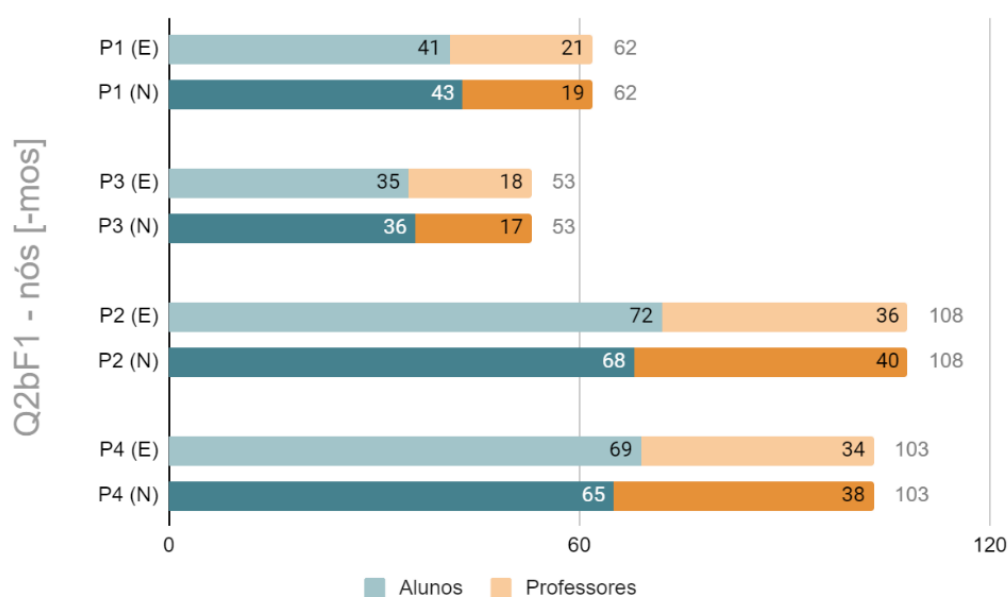
Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os resultados de frequência mostram que houve 62 menções para a Q2bF1 (*Nós somos daqui da região mesmo*) para P1, sendo 43 (69,4%) menções feitas por alunos e 19 (30,6%) menções feitas por professores. A expectativa proporcional para esse *perfil social* era de 41 menções feitas por professores e 21 menções feitas por alunos.

Já para P2, das 108 menções ao Q2bF1 (*nós [-mos]*), 68 (63%) foram feitas por alunos e 40 (37%) por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 72 menções feitas por alunos e 36 menções feitas por professores. Em relação ao *perfil social* 3, a expectativa proporcional era de 35 menções feitas por

alunos e 18 menções feitas por professores. No entanto, das 53 menções recebidas pelo *perfil social* 3, 36 delas (67,9%) foram feitas por alunos e 17 (32,1%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q2bF1 (*nós [-mos]*), o *perfil social* 4 recebeu 103 menções, sendo 65 (63,1%) das atribuições feitas por alunos e 38 (36,9%) das atribuições feitas por professores. A expectativa proporcional para esse *perfil social* era de 69 menções feitas por alunos e 34 menções feitas por professores.

Gráfico 35 – Q2bF1 (*nós [-mos]*) – Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)



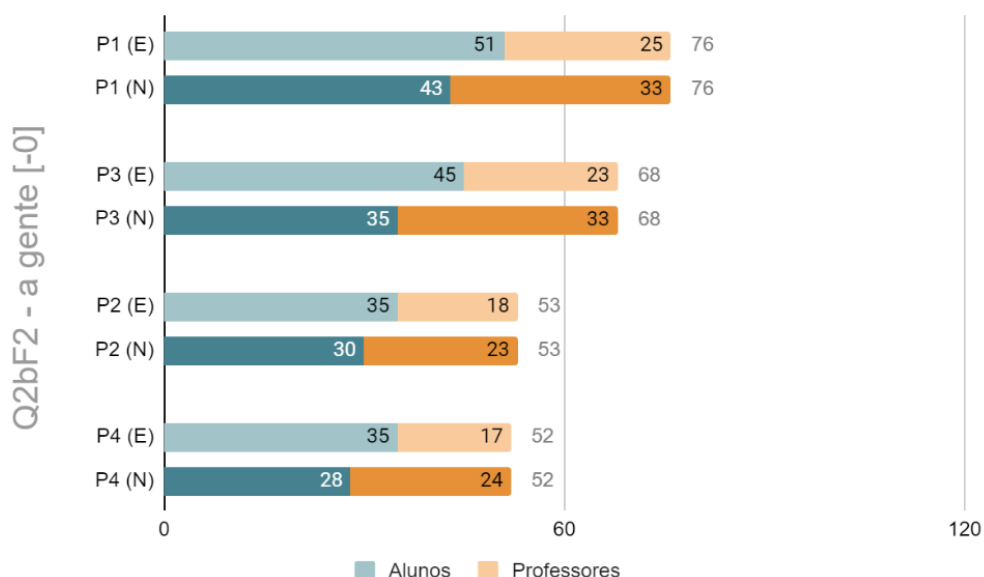
Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que se refere ao Q2bF2 (*A gente é daqui da comunidade mesmo*), houve 76 menções para P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 51 menções fossem feitas por alunos e 25 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 76 menções ao Q2bF2 (*a gente [-0]*) para P1, 43 delas (56,6%) foram feitas por alunos e 33 (43%) por professores. Já para o *perfil social* 2, das 53 menções ao Q2bF2 (*a gente [-0]*), 30 (56,6%) foram feitas por alunos e 23 (43,4%) por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 35 menções feitas por alunos e 18 menções feitas por professores.

Em relação a P3, a expectativa proporcional era de 45 menções feitas por alunos e 33 menções feitas por professores. No entanto, das 68 menções recebidas por P3, 35 delas (51,1%) foram feitas por alunos e 29 (42,6%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q2bF2 (*a gente [-0]*), P4 recebeu 52 menções, sendo

28 (53,8%) de atribuições feitas por alunos e 24 (46,2%) das atribuições feitas por professores, proporcionalmente a expectativa era de 35 menções feitas por alunos e 17 menções feitas por professores.

Gráfico 36 – Q2bF2 (*a gente [-0]*) – Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

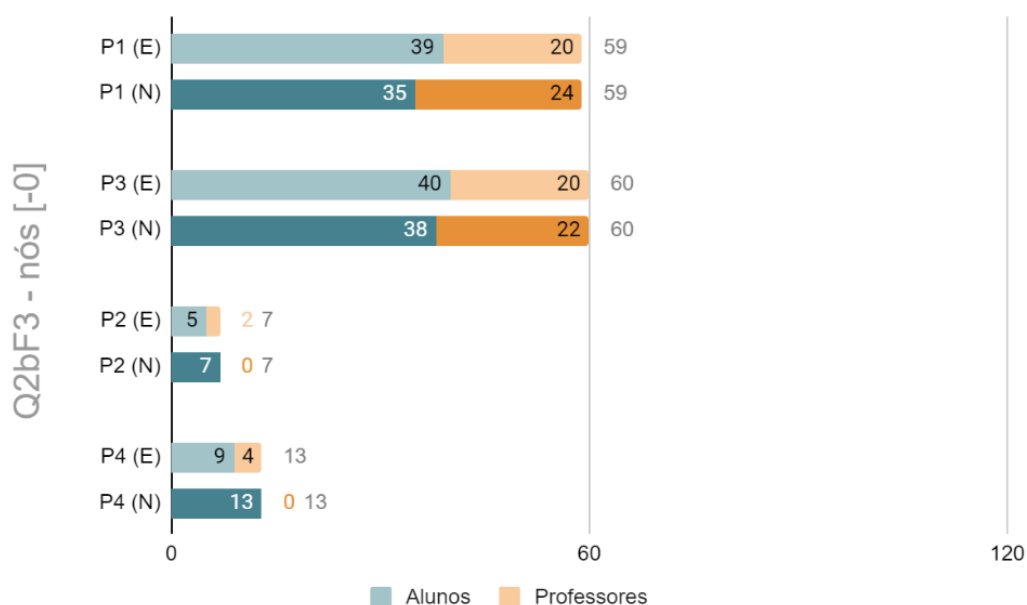
Quanto às atribuições à F2 em Q2b, novamente são os participantes professores os que mais contribuem para o aumento no quantitativo de menções. Para todos os *perfis sociais*, são os professores que superam a expectativa proporcional. Como já demonstrado nos demais quartetos analisados até aqui, os professores provavelmente são mais conscientes do emprego da variante inovadora (*a gente [-0]*).

Em relação a Q2bF3 (*Nós é daqui da cidade mesmo*), houve 59 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 39 menções fossem feitas por alunos e 20 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela que, das 59 menções ao Q2bF3 (*nós [-0]*) para P1, 35 delas (59,3%) foram feitas por alunos e 24 (40,7%) por professores. Já para P2, todas as 7 menções (100%) foram feitas por alunos. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 5 menções feitas por alunos e 2 menções feitas por professores.

Em relação a P3, a expectativa proporcional 40 menções feitas por alunos e 20 menções feitas por professores foi cumprida, no entanto, houve 38 (63,3%) menções feitas por alunos e 22 (36,7%) menções feitas por professores. Ainda quanto

ao Q2bF3 (*nós [-0]*), P4 recebeu 13 menções, sendo todas elas (100%) feitas por alunos. Proporcionalmente a expectativa era de 9 menções feitas por alunos e 4 menções feitas por professores.

Gráfico 37 – Q2bF3 (*nós [-0]*) – Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)

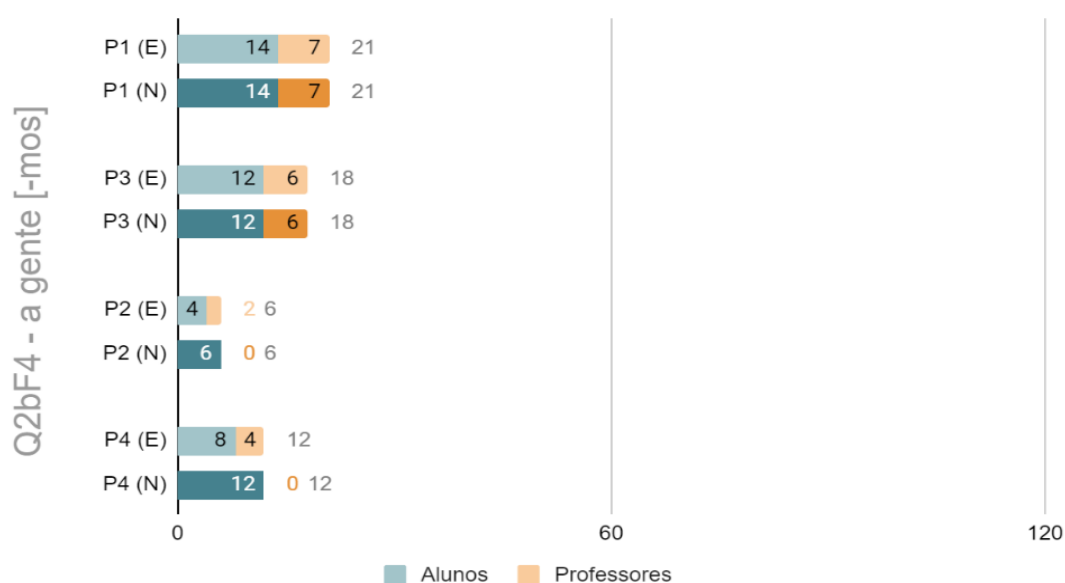


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que se refere ao Q2bF4 (*A gente somos daqui da vizinhança mesmo*), houve 21 menções a P1. A distribuição das menções entre participantes alunos e participantes professores cumpre a expectativa proporcional de 14 (66,7%) das menções feitas por alunos e 7 (33,3%) das menções feitas por professores. Já para P2, as 6 menções (100%) foram feitas por alunos. A expectativa proporcional para esse número era de 4 menções feitas por alunos e 2 menções feitas por professores.

Em relação a P3, a expectativa proporcional de 12 menções (66,7%) feitas por alunos e 6 (33,3%) menções feitas por professores se cumpre. Ainda quanto ao Q2bF4 (*a gente [-mos]*), P4 recebeu 12 menções, sendo todas elas (100%) feitas por alunos. Proporcionalmente a expectativa era de 8 menções feitas por alunos e 4 menções feitas por professores.

Gráfico 38 – Q2bF4 (*a gente [-mos]*) – Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Um ponto relevante que deve ser destacado para o Q2b é a discrepância no quantitativo de atribuições, quando se comparam as duas variantes não padrão (*nós [-o]* e *a gente [-mos]*) entre os *perfis sociais* que representam professores. Mesmo que o número de atribuições para essas frases seja significativamente menor que as atribuições feitas às variantes prestigiadas e majoritariamente tenham sido feitas para os *perfis sociais* que representam alunos, como aconteceu nos demais quartetos, em Q2b, P4 apresenta o dobro de menções que P2. Até aqui, em F4 (*a gente [-mos]*) de todos os *quartetos*, P2 e P4 receberam um número de atribuições semelhantes, com leve favorecimento para P2. Em Q2bF4 (*a gente [-mos]*), essa tendência se inverte.

Assim como demonstrado em Q2a, os dados de F4, que apresentam um número discrepante de atribuições aos *perfis sociais* que representam professores, podem reforçar a afirmação de Naro, Görski e Fernandes (1999) sobre a tendência de emprego de *[-mos]* em frases construídas no presente do indicativo com verbos de formas diferentes no pretérito. É possível supor que, na percepção dos alunos, os professores homens por serem mais velhos, menos desinteressados e menos tolos que todos os demais *perfis sociais*, sejam os que mais empreguem, ainda que com características de hipercorreção, as variantes de prestígio.

Por fim, a comparação dos dados do segundo par de quartetos (Q2a e Q2b) que a percepção dos falantes segue a mesma tendência que os estudos de produção

já apontaram: em caso de pretérito perfeito e presente do indicativo, quando os verbos têm formas diferentes nos dois tempos verbais (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020), com verbos de alta saliência fônica (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; RUBIO, 2012a), com os verbos *ter*, *ir* e verbos de estado, há o forte favorecimento do emprego de [-mos] que se reflete na percepção de que professores poderiam utilizar a concordância plural com o pronome *a gente*. Essa percepção pode, inclusive, ter relação com a noção de hipercorreção.

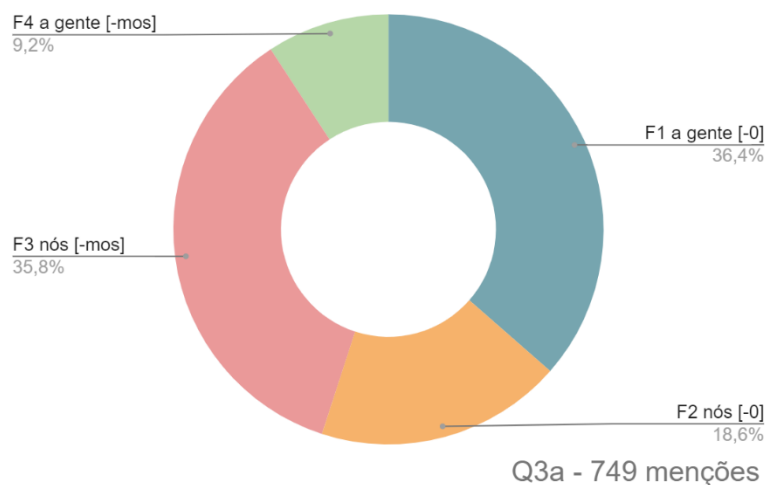
5.4.5 Quarteto 3a (Q3a)

As quatro frases que compõem o Q3a apresentam sujeito exposto e referência específica, mantém a ordem canônica e o paralelismo sintático, apresentam tempo verbal no pretérito imperfeito do indicativo com verbo de ação de alta saliência fônica com formação de proparoxítona.

A composição de *quarteto* Q3a tende a favorecer o emprego de *a gente* [-0] (LOPES, 1998; 2002; OMENA, 2003; RUBIO, 2012a; ARAÚJO, 2016, 2020; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020). Assim, espera-se que os participantes atribuam, majoritariamente, aos quatro *perfis sociais* a frase 1 (Q3aF1) do quarteto: *A gente morava aqui já naquela época*. Secundariamente, as atribuições devem ser feitas para a frase 3 (Q3aF3) - *Nós morávamos naquela rua desde 2018*, que contém a variante padrão com a concordância padrão (*nós* [-mos]).

Para as outras duas possibilidades de concordância – as não padrão – espera-se que a Q3aF2, composta por *nós* [-0] (*Nós morava nessa rua em 2018*) receba mais atribuições que a Q3aF4, composta por *a gente* [-mos] (*A gente morávamos aqui desde aquela época*).

O Gráfico 39 apresenta a distribuição geral das menções para Q3a:

Gráfico 39 – Q3a – Quantitativo total de menções

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A observação dos dados gerais de menções ao Q3a confirma as expectativas de atribuições que favorecem a concordância *a gente* [-0]. Das 749 atribuições feitas às frases que compõem o Q3a, 273 (36,4%) foram feitas para Q3aF1 (*a gente* [-0]), 268 (35,8%) para Q3aF3 (*nós* [-mos]), 139 (18,6%) para Q3aF2 (*nós* [-0]) e 69 (9,2%) para Q3aF4 (*a gente* [-mos]). Esses dados gerais da percepção dos falantes corroboram com os dados dos estudos pelo viés da produção quanto à tendência de o falante empregar *a gente* [-mos] como forma de evitar a proparoxítona.

Quanto à distribuição das atribuições entre os *perfis sociais*, a expectativa é que os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) tenham maior volume de atribuição à variante padrão prestigiada (*nós* [-mos]), enquanto os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) tenham maior quantitativo de atribuições referentes à variante inovadora (*a gente* [-0]). Já quanto às variantes não padrão (*nós* [-0] e *a gente* [-mos]), a expectativa é que o maior quantitativo de atribuições seja referente aos *perfis sociais* que representam os alunos (P1 e P3).

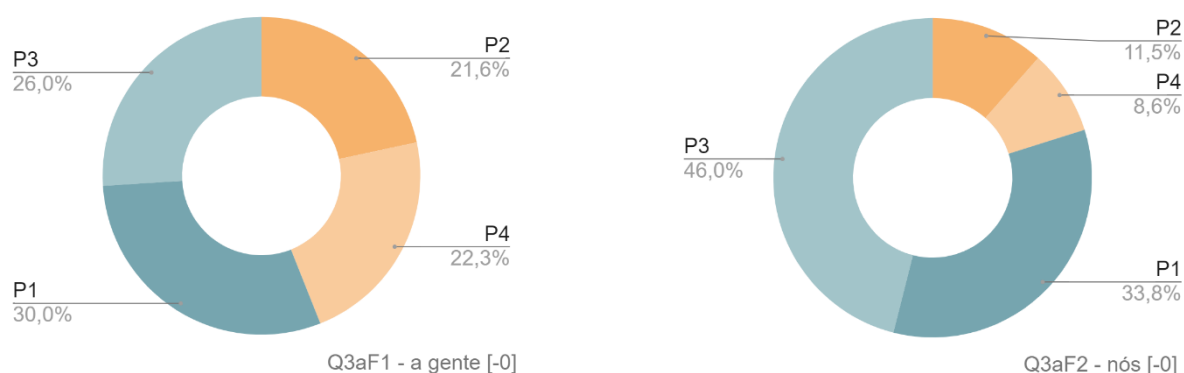
A análise dos dados mostra que essa expectativa se cumpre. Das 273 menções feitas para Q3aF1 (*a gente* [-0]), os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) receberam 173 (56%) menções, sendo 82 (30%) para P1 e 71 (26%) menções para P3. Já os *perfis sociais* que representam professores, (P2 e P4), receberam 120 (44%) menções; P2 recebeu 59 (21,6%) menções e P4 recebeu 61 (22,3%) das 273 menções para Q3aF1 (*a gente* [-0]). A frase com a variante padrão prestigiada do Q3aF3 (*nós* [-mos]) recebeu um total de 268 menções, sendo 180

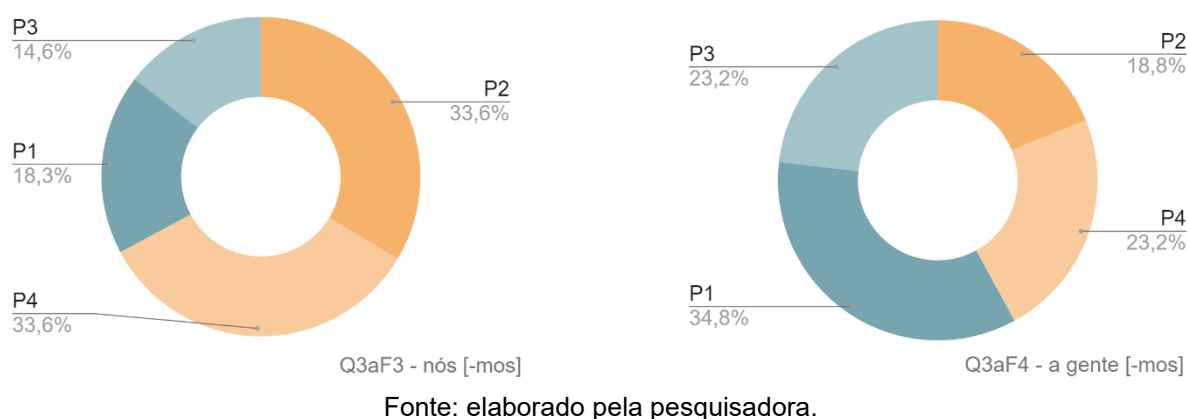
(67,2%) menções para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) e 88 (32,8%) menções para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3). Para o Q3aF3 (*nós [-mos]*), os *perfis sociais* que representam os professores (P2 e P4) receberam, cada um, 90 (33,6%) do total de 268 menções, enquanto P1 recebeu 49 (18,3%) e P3 recebeu 39 (14,6%) do total de 268 atribuições.

Em relação às atribuições feitas pelos participantes quanto às variantes não padrão (*nós [-o]* e *a gente [-mos]*), os *perfis sociais* que representam os alunos receberam o maior quantitativo de atribuições. Quanto ao Q3aF2 (*nós [-o]*), das 139 menções, 111 (79,9%) foram para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) e 28 menções (20,1%) para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). P1 recebeu 47 (33,8%) delas, P3 recebeu 64 (46,1%) atribuições. Os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4), receberam, respectivamente 16 (11,5%) e 12 (8,6%) menções.

Por fim, o Q3aF4 (*a gente [-mos]*) recebeu um total de 69 menções, dessas 40 (58%) foram para os *perfis sociais* que representam alunos e 29 (42%) para os *perfis sociais* que representam professores. Em relação ao Q3aF4 (*a gente [-mos]*), P1 recebeu 24 (34,8%) menções, P3 recebeu 16 menções (23,2%). Entre os *perfis sociais* que representam professores, P2 recebeu 13 menções (18,8%) e P4 recebeu 16 menções (23,2%). O Gráfico 40 apresenta a distribuição do quantitativo de menções das 4 frases de Q1b entre os quatro *perfis sociais*.

Gráfico 40 – Q3a – Menções para as 4 frases





A ordem de apresentação das frases em Q3a foi pensada de forma a verificar se as escolhas dos participantes estavam sendo feitas de maneira consciente. Assim como na organização de Q1b, a frase com a variante padrão e prestigiada (*nós [-mos]*) foi alocada como terceira opção. O total de atribuições (Gráfico 36) e distribuição das menções entre os *perfis sociais* (Gráfico 37) indicam que as respostas dos participantes não são aleatórias, pois Q3aF2 (*nós [-o]*) recebeu um volume menor de atribuições que Q3aF3 (*nós [-mos]*).

A última estratificação feita dos dados referentes a Q3a leva em conta o quantitativo de menções feitas por participantes professores e participantes alunos. A Tabela 9 apresenta a distribuição proporcional desses dados. As células em destaque indicam discrepância superior a 5 pontos percentuais entre as menções recebidas pelos *perfis sociais* e a expectativa proporcional.

Tabela 9 – Estratificação dos Dados Q3a

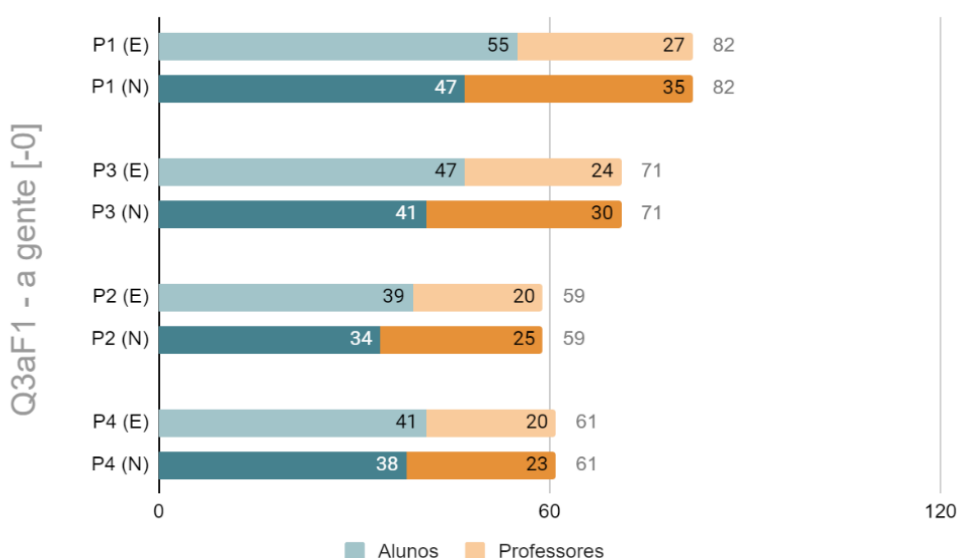
	TOTAL	ALUNOS			PROFESSORES		
		EXPEC.	MENÇÕES	%	EXPEC.	MENÇÕES	%
Q3aF1							
P1	82	55	47	57,3%	27	35	42,7%
P2	59	39	34	57,6%	20	25	42,4%
P3	71	47	41	57,7%	24	30	42,3%
P4	61	41	38	62,3%	20	23	37,7%
Total	273	141	160	58,6%	71	90	33,0%
Q3aF2							
P1	47	31	27	57,4%	16	20	43%
P2	16	11	15	93,8%	5	1	6,2%
P3	64	43	40	62,6%	21	24	37,5%
P4	12	8	11	91,7%	4	1	8,3%
Total	139	93	93	66,9%	46	46	33,1%
Q3aF3							
P1	49	33	37	75,5%	16	12	24,5%
P2	90	60	54	60%	30	36	40%
P3	39	26	29	74,4%	13	10	25,6%
P4	90	60	54	60%	30	36	40%

Total	268	179	174	64,9%	89	94	35,1%
Q3aF4							
P1	24	16	18	75%	8	6	25%
P2	13	9	13	100%	4	0	0%
P3	16	11	10	62,5%	4	6	37,5%
P4	16	11	16	100%	4	0	0%
Total	69	47	57	82,6%	20	12	17,4%

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os resultados de frequência mostram que houve 81 menções para a Q3aF1 (*a gente [-0]*) para P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 55 menções fossem feitas por alunos e 27 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 81 menções ao Q3aF1 (*a gente [-0]*) para P1, 47 delas (57,3%) foram feitas por alunos e 35 (42,7%) por professores. Já para P2, das 59 menções ao Q3aF1 (*a gente [-0]*), 34 (57,6%) foram feitas por alunos e 25 (42,4%) por professores; a expectativa proporcional para esse número de menções era de 39 menções feitas por alunos e 20 menções feitas por professores. Em relação ao *perfil social 3*, a expectativa proporcional em Q3aF1 (*a gente [-0]*) era de 47 menções feitas por alunos e 24 menções feitas por professores. No entanto, das 71 menções recebidas pelo *perfil social 3*, 41 delas (57,7%) foram feitas por alunos e 30 (42,3%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q3aF1 (*a gente [-0]*), o *perfil social 4* recebeu 61 menções, sendo 38 (62,3%) das atribuições feitas por alunos e 23 (37,7%) das atribuições feitas por professores, a expectativa proporcional para este *perfil social* era 41 menções feitas por alunos e 20 menções feitas por professores.

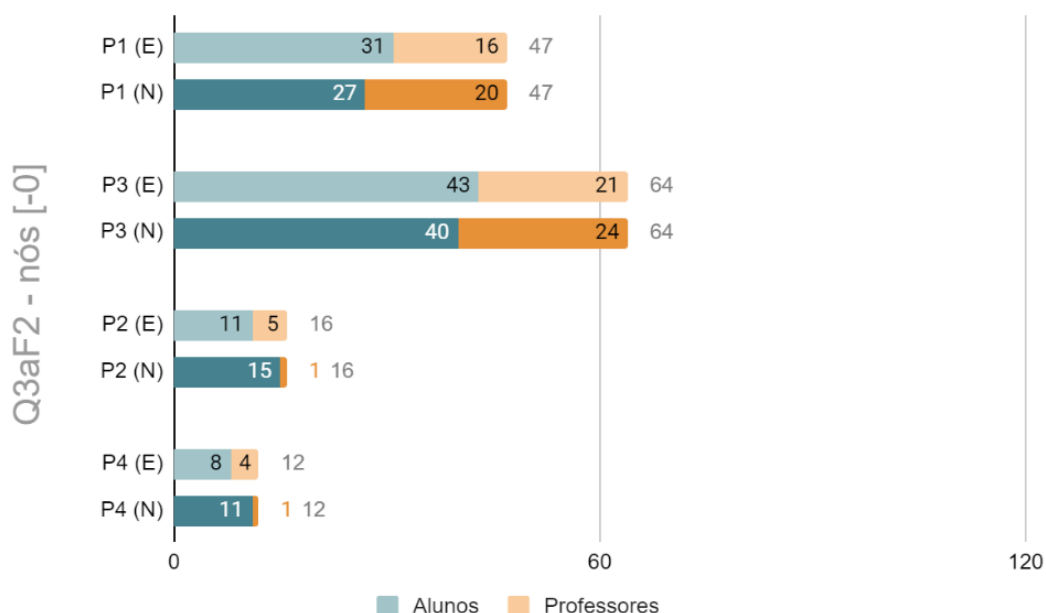
Gráfico 41 – Q3aF1 (*a gente [-0]*) – Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que se refere ao Q3aF2 (*nós [-0]*), houve 47 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 31 menções fossem feitas por alunos e 16 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 47 menções ao Q3aF2 (*nós [-0]*) para P1, 27 delas (57,4%) foram feitas por alunos e 20 (43%) por professores. Já para o *perfil social 2*, das 16 menções ao Q3aF2 (*nós [-0]*), 15 (93,8%) foram feitas por alunos e 1 (6,2%) por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 11 menções feitas por alunos e 5 menções feitas por professores. Em relação a P3, a expectativa proporcional era de 43 menções feitas por alunos e 21 menções feitas por professores. No entanto, das 64 menções recebidas por P3, 40 delas (62,2%) foram feitas por alunos e 24 (37,5%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q3aF2 (*nós [-0]*), P4 recebeu 12 menções, sendo 11 (91,7%) de atribuições feitas por alunos e 1 (8,3%) das atribuições feitas por professores, proporcionalmente a expectativa era de 8 menções feitas por alunos e 4 menções feitas por professores.

Gráfico 42 – Q3aF2 (*nós [-0]*) – Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)

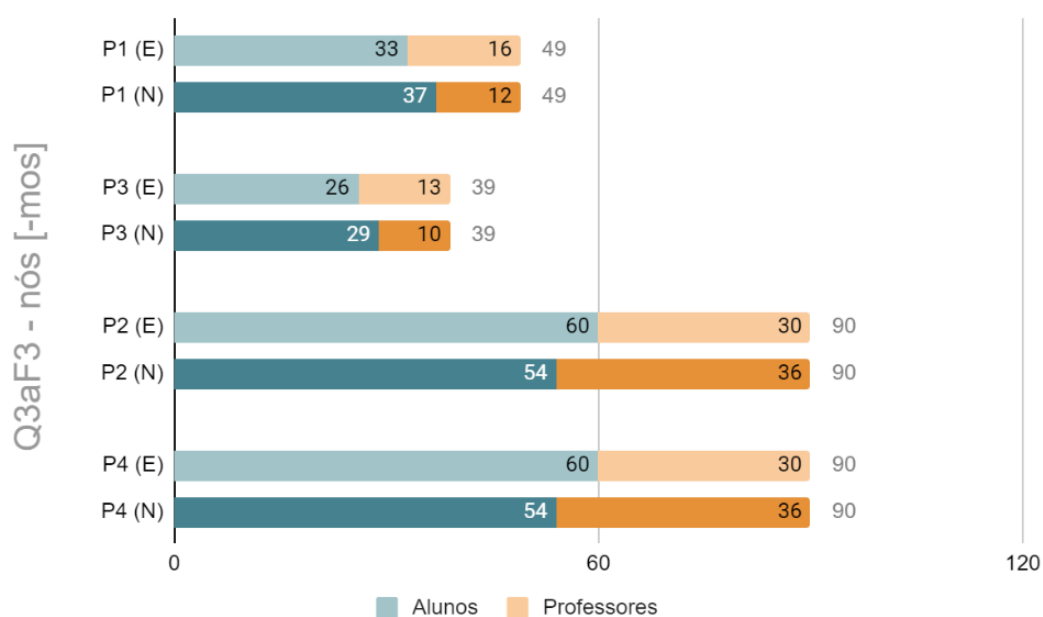


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Já em relação ao Q3aF3 (*nós [-mos]*), houve 49 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 33 menções fossem feitas por alunos e 16 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela que, das 49 menções ao Q3aF3 (*nós [-mos]*) para P1, 37 delas (75,5%) foram feitas por alunos e

12 (24,5%) por professores. Já para P2, das 90 menções ao Q3aF3 (*nós [-mos]*), 54 (60%) foram feitas por alunos e 36 (40%) foram feitas por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 60 menções feitas por alunos e 30 menções feitas por professores. Em relação a P3, a expectativa proporcional era de 26 menções feitas por alunos e 13 menções feitas por professores. Das 39 menções recebidas por P3, 29 delas (74,4%) foram feitas por alunos e 10 (25,6%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q3aF3 (*nós [-mos]*), P4 recebeu 90 menções sendo 54 (60%) delas feitas por alunos e 36 (40%) feitas por professores. Proporcionalmente, a expectativa para P4 referente a Q3aF3 (*nós [-mos]*) era de 60 menções feitas por alunos e 30 menções feitas por professores.

Gráfico 43 – Q3aF3 (*nós [-mos]*) – Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)

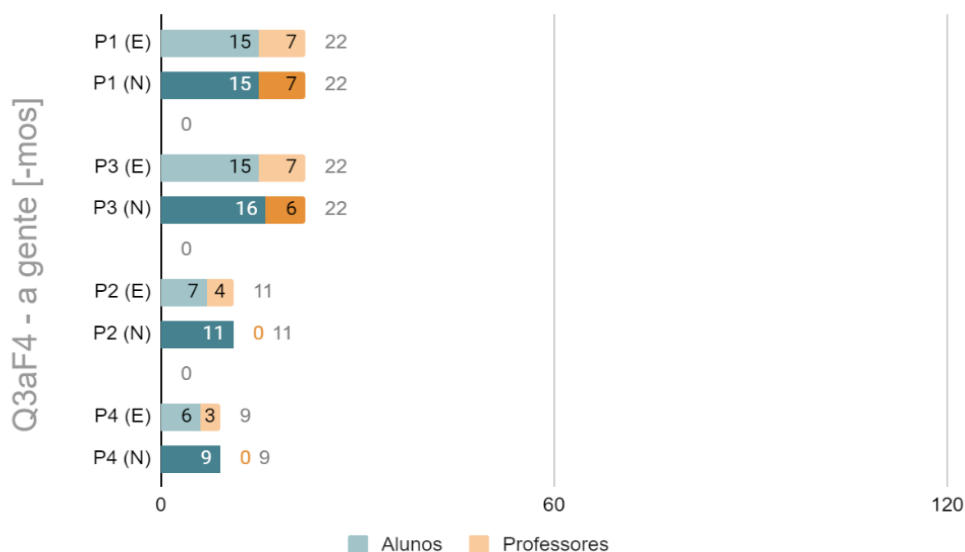


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Por fim, no que se refere a Q3aF4 (*a gente [-mos]*), houve 24 menções a P1. Dessas, 18 (75%) menções foram feitas por alunos e 6 (25%) menções feitas por professores. A expectativa proporcional para P1 em Q3aF4 (*a gente [-mos]*) era de 16 menções feitas por alunos e 8 menções feitas por professores. Já para P2, as 13 menções (100%) foram feitas por alunos. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 9 menções feitas por alunos e 4 menções feitas por professores. Em relação a P3, das 16 menções, 10 (62,5%) foram feitas por alunos e 6 (37,5%) por professores. A expectativa proporcional para este *perfil social* era de 11

menções feitas por alunos e 4 por professores. Ainda quanto ao Q3aF4 (*a gente* [-mos]), P4 recebeu 16 menções, sendo todas elas (100%) feitas por alunos. Proporcionalmente, a expectativa era de 11 menções feitas por alunos e 4 menções feitas por professores.

Gráfico 44 – Q3aF4 (*a gente* [-mos]) – Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Em Q3a, o dado que merece destaque é o grande quantitativo de atribuições às variantes com verbos na terceira pessoa do singular. Ao todo, foram 412 menções às frases construídas com essas duas variantes (273 para *a gente* [-0] e 139 para *nós* [-0]), número inferior apenas às menções feitas a Q3b (425). Esses dois apresentam estrutura que favorece o emprego de *a gente* [-0], ou seja, a estrutura desses três quartetos, segundo os dados de produção, desfavorece o uso de [-mos] devido ao “efeito estrutural do padrão fonológico do português brasileiro de evitar proparoxítonas” (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018 p. 22). Assim, é possível afirmar que os participantes da pesquisa são capazes de perceber os recursos linguísticos, seja empregar a variante pronominal *a gente*, seja não fazer a concordância verbal com o pronome [-mos] como estratégia para se evitar as proparoxítonas.

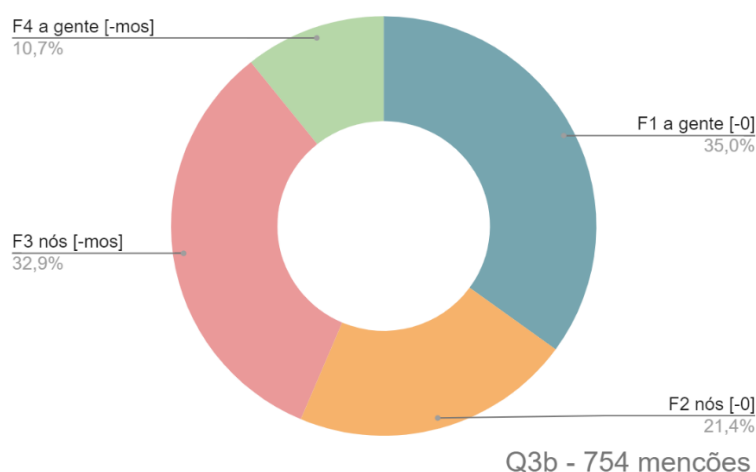
Outro dado de destaque de Q3aF3 (*nós* [-mos]) refere-se à frase composta por *a nós* [-0]. Nesse *quarteto*, P3 recebe o segundo maior quantitativo de menções da pesquisa com 40 menções feitas por alunos e 24 feitas por professores, novamente

número inferior apenas à Q3b. Esse dado destaca a relação entre o *status* social de P3 e as variantes linguísticas não padrão e pode apontar para a percepção de uma identidade de grupo que perpassa pela linguagem como fator de diferenciação dentro da comunidade.

5.4.6 Quarteto 3b (Q3b)

As quatro frases que compõem o Q3b apresentam sujeito exposto e referência específica, mantém a ordem canônica e o paralelismo sintático, apresentam tempo verbal no pretérito imperfeito do subjuntivo com verbo de ação regular de alta saliência fônica com formação de proparoxítona. A composição de *quarteto* Q3b tende a favorecer o emprego de *a gente* [-0] (LOPES, 1998, 2002; OMENA, 2003; RUBIO, 2012a; ARAÚJO, 2016, 2020; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020; ARAÚJO, M.; ARAÚJO, A.; PEREIRA, 2020). Assim, espera-se que os participantes atribuam, majoritariamente, aos quatro *perfis sociais* a frase 1 (Q3bF1) do *quarteto*: *Se a gente precisasse de um hospital, era um problema*. Secundariamente, as atribuições devem ser feitas para a frase 3 (Q3bF3) - *Se nós precisássemos de qualquer coisa, só lá no centro* - que contém a variante padrão com a concordância prestigiada (*nós* [-mos]). Para as outras duas possibilidades de concordância – as não padrão – espera-se que a Q3bF2, composta por *nós* [-0] (*Se nós precisasse de alguma coisa, não tinha nada por perto*) receba mais atribuições que a Q3aF4 composta por *a gente* [-mos] (*Se a gente precisássemos de um socorro, era bem difícil*). O **Gráfico 45** apresenta a distribuição geral das menções para Q3b:

Gráfico 45 – Q3b – Quantitativo total de menções



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A observação dos dados gerais de menções ao Q3b confirma as expectativas de atribuições que favorecem a concordância *a gente* [-0]. Das 754 atribuições feitas às frases que compõem o Q3b, 264 (35%) foram feitas para Q3bF1 (*a gente* [-0]), 248 (32,9%) para Q3bF3 (*nós* [-mos]), 161 (21,4%) para Q3bF2 (*nós* [-0]) e 81 (10,7%) para Q3bF4 (*a gente* [-mos]). Esses dados gerais da percepção dos falantes corroboram com os dados dos estudos pelo viés da produção apresentados por Naro, Görski e Fernandes (1999), Scherre, Yacovenco e Naro (2018) e Carvalho, Freitas e Favacho (2020) de tendência dos falantes de empregar *a gente* [-0] como forma de evitar a proparoxítona.

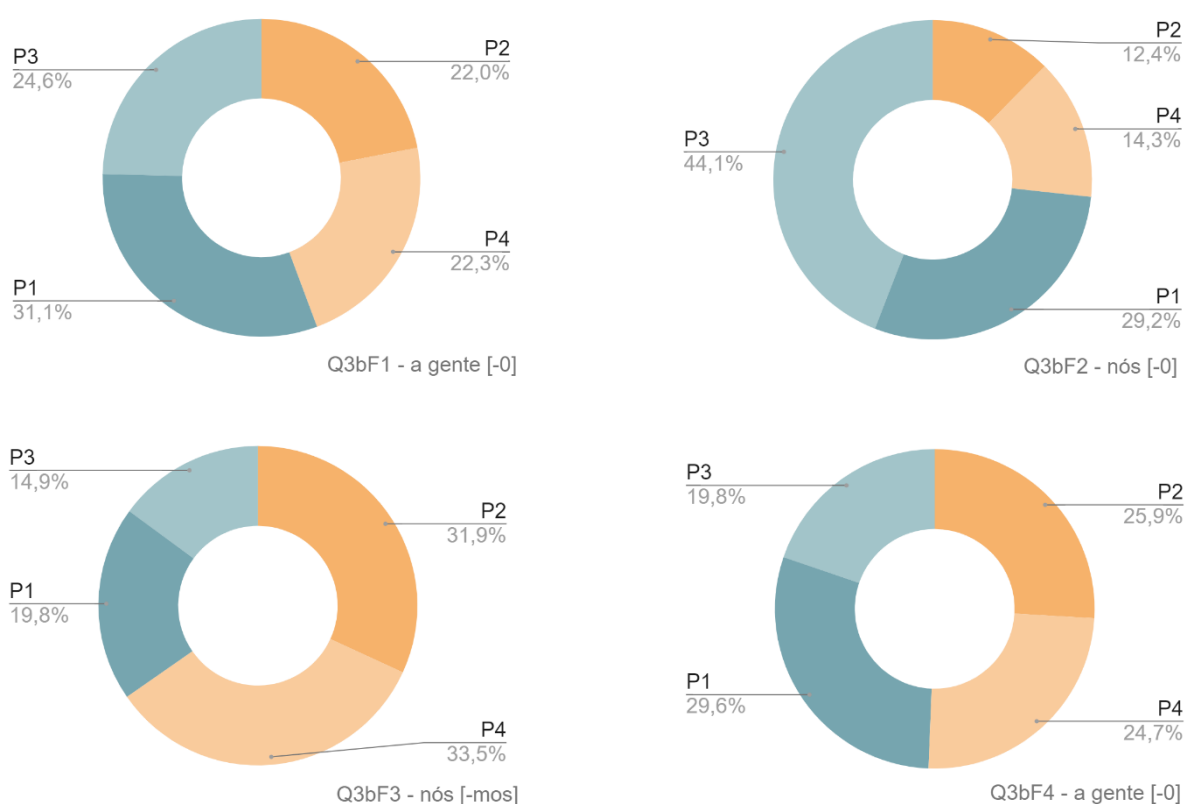
Quanto à distribuição das atribuições entre os *perfis sociais*, a expectativa é que os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) tenham maior volume de atribuição à variante padrão prestigiada (*nós* [-mos]), enquanto os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) tenham maior quantitativo de atribuições referentes à variante inovadora (*a gente* [-0]). Já quanto às variantes não padrão (*nós* [-0] e *a gente* [-mos]), a expectativa é que o maior quantitativo de atribuições seja referente aos *perfis sociais* que representam os alunos (P1 e P3).

A análise dos dados mostra que essa expectativa se cumpre. Das 264 menções feitas para Q3bF1 (*a gente* [-0]), os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) receberam 147 (55,7%) menções, sendo 82 (31,1%) para P1 e 65 (24,6%) menções para P3. Já os *perfis sociais* que representam professores, (P2 e P4), receberam 117 (44,3%) menções; P2 recebeu 58 (22%) menções e P4 recebeu 59 (22,3%) das 264 menções para Q3bF1 (*a gente* [-0]). A frase com a variante padrão prestigiada do Q3bF3 (*nós* [-mos]) recebeu um total de 248 menções, sendo 162 (65,3%) menções para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4) e 86 (34,7%) menções para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3). Para o Q3bF3 (*nós* [-mos]), P2 recebeu 79 (31,9%) menções, P4 recebeu 83 (33,5%) menções, P1 recebeu 49 (19,8%) e P3 recebeu 37 (14,9%) do total de 264 atribuições.

Em relação às atribuições feitas pelos participantes quanto às variantes não padrão (*nós* [-0] e *a gente* [-mos]), os *perfis sociais* que representam os alunos receberam o maior quantitativo de atribuições. Quanto ao Q3bF2 (*nós* [-0]), das 161 menções, 118 (73,3%) foram para os *perfis sociais* que representam alunos (P1 e P3) e 43 menções (26,7%) para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). P1 recebeu 47 (29,2%) delas, P3 recebeu 71 (44,1%) atribuições. Os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4), receberam, respectivamente 20 (12,4%) e 23

(14,3%) menções. Por fim, o Q3bF4 (*a gente [-mos]*) recebeu um total de 81 menções, dessas 41 (50,6%) foram para os *perfis sociais* que representam alunos e 40 (49,4%) para os *perfis sociais* que representam professores. Em relação ao Q3bF4 (*a gente [-mos]*), P1 recebeu 24 (29,6%) menções, P3 recebeu 16 menções (19,8%). Entre os *perfis sociais* que representam professores, P2 recebeu 21 menções (25,9%) e P4 recebeu 20 menções (24,7%). O Gráfico 46 apresenta a distribuição do quantitativo de menções das 4 frases de Q3b entre os quatro *perfis sociais*.

Gráfico 46 – Q3b – Menções para as 4 frases



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os dados gerais de atribuições a Q3b reforçam aquilo que já vinha sendo indicado nos demais quartetos analisados: P3 é o *perfil social* que é percebido como base na variação linguística, especialmente de *a gente [-mos]*, variante com forte marca estereotípica. É a ela que se atribuem as formas mais estigmatizadas, os estereótipos linguísticos e sociais. Exceto em Q2b, em todos os outros quartetos, foi P3 quem recebeu o maior quantitativo de menções para as frases compostas por nós [-0]. Esse dado reforça o que já foi demonstrado por Coelho (2006) e Oushiro (2015, 2019): a forma nós [-0] parece ser um valor de distinção social incorporado e atribuído

aos homens jovens, especialmente os residentes em regiões menos centrais, inclusive no Ceará como apontaram Carvalho, Freitas e Favacho (2020).

A última estratificação feita dos dados referentes a Q3b leva em conta o quantitativo de menções feitas por participantes professores e participantes alunos. A Tabela 10 apresenta a distribuição proporcional desses dados. As células em destaque indicam discrepância superior a 5 pontos percentuais entre as menções recebidas pelos *perfis sociais* e a expectativa proporcional.

Tabela 10 – Estratificação dos Dados Q3b

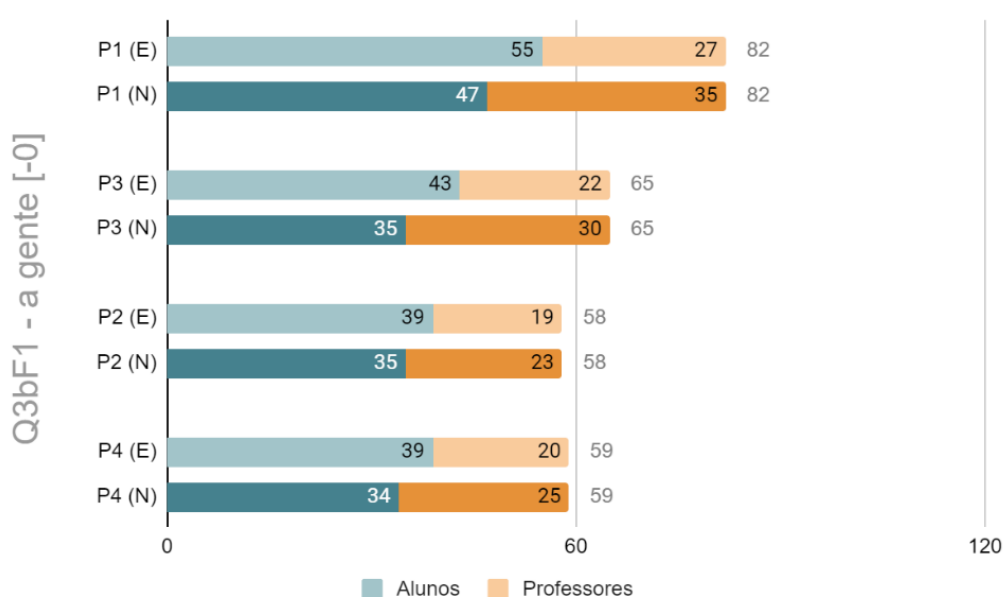
	TOTAL	ALUNOS			PROFESSORES		
		EXPEC.	MENÇÕES	%	EXPEC.	MENÇÕES	%
Q3bF1							
P1	82	55	47	57,3%	27	35	42,7%
P2	58	39	35	60,3%	19	23	39,7%
P3	65	43	35	53,8%	22	30	46,2%
P4	59	39	34	57,6%	20	25	42,4%
Total	264	137	151	57,2%	68	88	33,3%
Q3bF2							
P1	47	31	27	57,4%	16	20	43%
P2	20	13	18	90%	7	2	10%
P3	71	47	45	63,4%	24	26	36,6%
P4	23	15	21	91,3%	8	2	8,7%
Total	161	106	111	68,9%	55	50	31,1%
Q3bF3							
P1	49	33	37	75,5%	16	12	24,5%
P2	79	53	44	55,7%	26	35	44,3%
P3	37	25	30	81,1%	12	7	18,9%
P4	83	55	47	56,6%	28	36	43,4%
Total	248	166	158	63,7%	82	90	36,3%
Q3bF4							
P1	24	16	18	75%	8	6	25%
P2	21	14	21	100%	7	0	0%
P3	16	11	11	68,8%	5	5	31,2%
P4	20	13	19	95%	7	1	5%
Total	81	54	69	85,2%	27	12	14,8%

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os resultados de frequência mostram que houve 82 menções para a Q3bF1 (*a gente [-0]*) para P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 55 menções fossem feitas por alunos e 27 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 82 menções ao Q3bF1 (*a gente [-0]*) para P1, 47 delas (57,3%) foram feitas por alunos e 35 (42,7%) por professores. Já para P2, das 58 menções ao Q3bF1 (*a gente [-0]*), 35 (60,3%) foram feitas por alunos e 23 (39,7%) por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 39 menções feitas por alunos e 19 menções feitas por professores. Em relação ao *perfil*

social 3, a expectativa proporcional em Q3bF1 (*a gente [-0]*) era de 43 menções feitas por alunos e 22 menções feitas por professores. No entanto, das 65 menções recebidas pelo *perfil social 3*, 35 delas (53,8%) foram feitas por alunos e 30 (46,2%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q3bF1 (*a gente [-0]*), o *perfil social 4* recebeu 59 menções, sendo 34 (57,6%) das atribuições feitas por alunos e 25 (42,4%) das atribuições feitas por professores, a expectativa proporcional para este *perfil social* era 39 menções feitas por alunos e 20 menções feitas por professores.

Gráfico 47 – Q3bF1 (*a gente [-0]*) – Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)

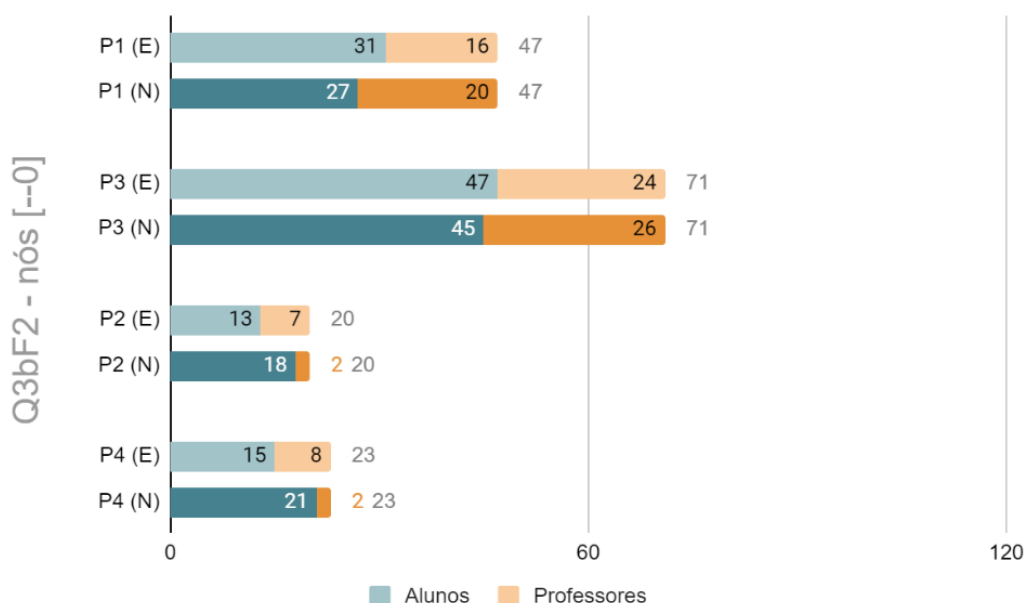


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que se refere ao Q3bF2 (*nós [-0]*), houve 47 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 31 menções fossem feitas por alunos e 16 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela, no entanto, que, das 47 menções ao Q3bF2 (*nós [-0]*) para P1, 27 delas (57,4%) foram feitas por alunos e 20 (43%) por professores. Já para o *perfil social 2*, das 20 menções ao Q3bF2 (*nós [-0]*), 18 (90%) foram feitas por alunos e 2 (10%) por professores. A expectativa proporcional para esse número de menções era de 13 menções feitas por alunos e 7 menções feitas por professores. Em relação a P3, a expectativa proporcional era de 47 menções feitas por alunos e 24 menções feitas por professores. No entanto, das 71 menções recebidas por P3, 45 delas (63,4%) foram feitas por alunos e 26 (36,6%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q3bF2 (*nós [-0]*), P4 recebeu 23

menções, sendo 21 (91,3%) de atribuições feitas por alunos e 2 (8,7%) das atribuições feitas por professores, proporcionalmente a expectativa era de 15 menções feitas por alunos e 8 menções feitas por professores.

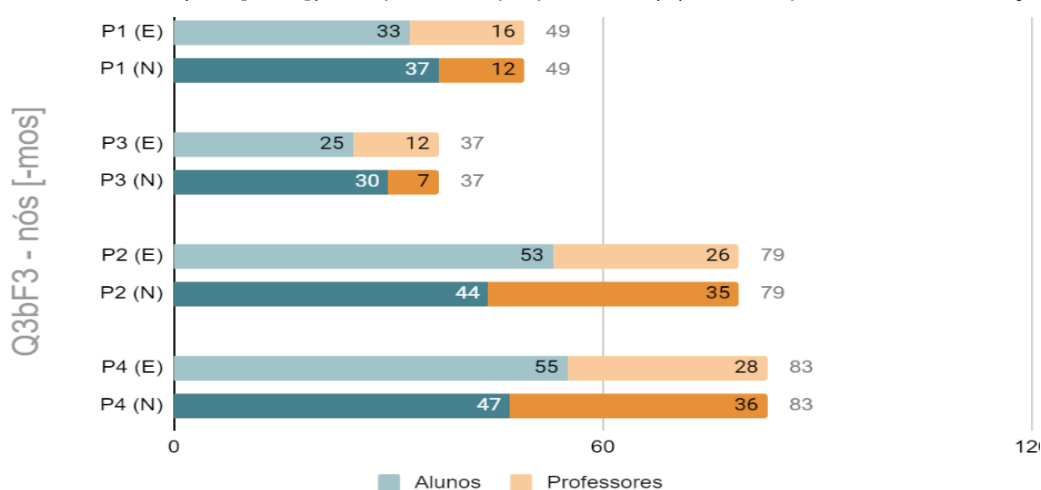
Gráfico 48 – Q3bF2 (nós [-0]) – Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Já em relação a Q3bF3 (nós [-mos]), houve 49 menções a P1. Proporcionalmente, a expectativa era que 33 menções fossem feitas por alunos e 16 menções fossem feitas por professores. A análise dos dados revela que, das 49 menções ao Q3bF3 (nós [-mos]) para P1, 37 delas (75,5%) foram feitas por alunos e 12 (24,5%) por professores. Já para P2, das 79 menções ao Q3bF3 (nós [-mos]), 44 (55,7%) foram feitas por alunos e 35 (44,3%) foram feitas por professores.

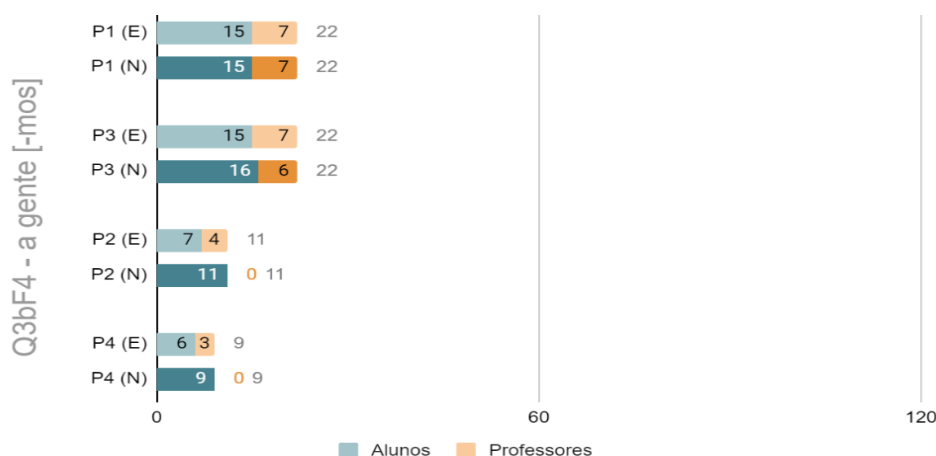
A expectativa proporcional para esse número de menções era de 53 menções feitas por alunos e 26 menções feitas por professores. Em relação a P3, a expectativa proporcional era de 25 menções feitas por alunos e 12 menções feitas por professores. Das 37 menções recebidas por P3, 30 delas (81,1%) foram feitas por alunos e 7 (18,9%) foram feitas por professores. Ainda quanto ao Q3bF3 (nós [-mos]), P4 recebeu 83 menções, sendo 47 (56,6%) delas feitas por alunos e 36 (43,4%) feitas por professores. Proporcionalmente, a expectativa para P4 referente a Q3bF3 (nós [-mos]) era de 55 menções feitas por alunos e 28 menções feitas por professores.

Gráfico 49 – Q3bF3 (*nós [-mos]*) – Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que se refere ao Q3bF4 (*a gente [-mos]*), houve 24 menções a P1. Dessas, 18 (75%) menções foram feitas por alunos e 6 (25%) menções feitas por professores. A expectativa proporcional para P1 no Q3bF4 (*a gente [-mos]*) era de 16 menções feitas por alunos e 8 menções feitas por professores. Já para P2, as 21 menções (100%) foram feitas por alunos.

A expectativa proporcional para esse número de menções era de 14 menções feitas por alunos e 7 menções feitas por professores. Em relação a P3, a expectativa proporcional se cumpriu, das 16 menções, 11 foram feitas por alunos e 6 por professores. Ainda quanto ao Q3bF4 (*a gente [-mos]*), P4 recebeu 20 menções, sendo 19 (95%) menções feitas por alunos e 1 (5%) feitas por professores. Proporcionalmente, a expectativa era de 13 menções feitas por alunos e 7 menções feitas por professores.

Gráfico 50 – Q3bF4(*a gente [-mos]*)–Expectativa proporcional (E) versus quantitativo de menções (N)

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Em relação ao Q3b, é necessário se observar algumas questões relevantes quanto às menções feitas pelos participantes. A primeira observação refere-se ao número de menções feitas às frases construídas com a concordância em terceira pessoa (*a gente* [-0] e *nós* [-0]). Das 754 atribuições às frases desse quarteto, 425 (56,4%) foram feitas para as variantes sem [-mos]. Além disso, é nesse *quarteto* que a variante padrão prestigiada *nós* [-mos] recebe o menor número de menções de toda a pesquisa, apenas 32,9% dos participantes relacionam essa variante aos *perfis sociais*. Esse dado indica que, de maneira geral, para além dos dados de produção, os dados de percepção indicam que o padrão fonológico do português brasileiro de se evitar as proparoxítonas (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020) é captado, mesmo que abaixo do nível da consciência pelos participantes da pesquisa.

Considerando-se a caracterização dos quatro *perfis sociais* construídos pelos participantes e os dados dos outros cinco *quartetos*, é possível supor que a percepção dos participantes para enunciados no imperfeito do indicativo (Q3a) e no imperfeito do subjuntivo (Q3b) tendem a uma maior aceitação do emprego de *a gente* [-mos] nesse tempo verbal. Essa percepção pode caracterizar um valor social atribuído ao “falar correto”, mesmo que se trate de um caso de hipercorreção. A percepção da hipercorreção relacionada ao emprego das variáveis pesquisadas neste estudo é um caminho possível para novas investigações.

Por fim, os dados referentes aos três pares de quartetos revelam o baixíssimo quantitativo de menções feitas por professores nas frases que contém as variantes não padrão *nós* [-0] e *a gente* [-mos], para os *perfis sociais* que representam professores (P2 e P4). Juntos, em todos os quartetos, P2 e P4 receberam apenas 8 menções feitas por professores para as frases construídas com *nós* [-0] e nenhuma menção feita por professores para as frases que apresentam *a gente* [-mos]. Mais do que indicar o domínio da norma pelos docentes, esse dado revela uma prática que permite a manutenção do *status* social e das formas de diferenciação e identidade (BOURDIEU, 2007) dentro dessa comunidade. A ideia de comunidade sempre envolve uma estrutura de preservação do poder e dos papéis sociais. Assim, os membros da comunidade de prática são capazes, mais que identificar o que é o ‘correto’ para esse grupo, também negociar constantemente aquilo que se julga ‘correto’ (WENGER, 2010). Nessa dinâmica de manutenção das relações de poder da comunidade, os

professores tendem a associar as variantes não padrão aos alunos e diferenciar-se desses *perfis sociais* pela não atribuição a si dessas variantes.

Essa negociação constante fica evidente nos dados de percepção referentes à alternância pronominal. O emprego de *nós* ou *a gente* não é saliente para esta comunidade, visto que todos os *perfis sociais* recebem percentuais muito próximos para as frases construídas com *a gente*. O valor distintivo entre as variantes ocorre na combinação com o verbo e no continuum de formalidade e monitoramento (VIANNA, 2006; BRUSTOLIN, 2015). A própria natureza das interações linguísticas dessa comunidade de prática pode favorecer essa percepção e constituição de valor das variantes.

No ambiente escolar, os alunos ouvem os professores falando em um contexto - a sala de aula – que exige uma postura formal e monitorada da linguagem, já os professores partilham de momentos de interação com seus pares fora da sala de aula, o que permite menos formalidade e monitoramento de suas falas. Essa dinâmica das interações entre os membros da comunidade pode ser uma das explicações para o fato de os participantes professores serem os que mais atribuem a variante *a gente* [-0] aos *perfis sociais* que os representam, ao mesmo tempo em que são os participantes que mais atribuem aos *perfis sociais* que representam alunos as variantes não padrão.

Assim, o imaginário constituído dos membros que integram a comunidade de prática escolar no Ceará percebe os professores como os detentores e mantenedores das variantes prestigiadas dentro da comunidade. De maneira oposta, os alunos homens são percebidos, tanto por professores quanto por alunos, como aqueles com menor prestígio social, os membros do grupo que trazem consigo as características demográficas, de personalidade e linguística mais estigmatizadas e estereotipadas socialmente.

Nesse sentido, as alunas mulheres (P1) parecem ser o ponto chave para se compreender os níveis de prestígio social atribuídos aos membros dessa comunidade. Em todos os quesitos analisados, P1 está sempre em um entremeio; ora se aproximando dos alunos homens, ora se aproximando dos professores (homens e mulheres). As alunas mulheres parecem ser o *perfil social* de “passagem”; uma representação comportamental e linguística que não recebe o estereótipo de exclusão associado aos alunos homens, mas também não carrega o prestígio associado aos professores. Aprofundar os estudos acerca dos traços que constituem a percepção

sobre o *perfil social cearense, mulher, estudante de ensino médio*, pode desvelar crenças sociais e linguísticas inerentes à comunidade de prática escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação social das variantes é fator relevante para o progresso ou barramento da mudança linguística, conforme Labov ([1972] 2008). As formas avaliadas positivamente tendem a ser incorporadas ao vernáculo, já as variantes avaliadas negativamente podem a ser barradas na mudança linguística ou ficarem restritas a determinados estratos sociais. Esta pesquisa buscou investigar quais as percepções e os significados sociais atribuídos pelos participantes às variantes linguísticas *nós* [-mos], *a gente* [-0], *nós* [-0] e *a gente* [-mos].

Dos 186 questionários aplicados, 120 foram validados, conforme os critérios de inserção e exclusão dos participantes da pesquisa. Assim, o recorte amostral para a análise foi constituído por 80 alunos e 40 professores do Ensino Médio da rede pública cearense distribuídos nas 8 macrorregiões administrativas do Estado.

Os resultados da pesquisa permitiram traçar um perfil sociodemográfico e de personalidade de quatro *perfis sociais* que representam os membros da comunidade de prática escolar. O *perfil social* que representa as alunas mulheres do Ensino Médio (P1) foi caracterizado pelos participantes como sendo a mais jovem, a mais parda e menos preta, a mais tímida, a mais divertida e a mais chata dos quatro *perfis sociais*. A caracterização do *perfil social* que representa os alunos homens do Ensino Médio (P3) foi caracterizado como sendo mais velho que as alunas, o mais preto, o mais desinteressado, mais tolo, mais confuso, mais bagunceiro e o menos dedicado, o menos inteligente, o menos chato e o menos certinho dos quatro *perfis sociais* investigados.

Já entre os *perfis sociais* que representam os professores, as professoras mulheres do Ensino Médio (P2) foram caracterizadas como sendo mais jovens que os professores homens, as mais brancas, as mais dedicadas, as mais inteligentes, as mais comunicativas, as mais articuladas, as mais certinhas e as menos confusas, as menos tímidas e as menos bagunceiras dos quatro *perfis sociais*. Os professores homens do Ensino Médio (P4) foram classificados como os mais velhos, mais pretos que as professoras, os menos pardos, os menos desinteressados, os menos tolos e os menos divertidos dentre os quatro *perfis sociais*.

Em relação às variantes linguísticas, a pesquisa foi capaz de identificar que a percepção dos participantes quanto ao emprego da forma padrão (*nós* [-mos]) e da forma inovadora (*a gente* [-0]) está relacionada à escolarização, à faixa etária e ao

contexto de formalidade/informalidade. Enquanto para os *perfis sociais* que representam professores, o maior quantitativo de menções se dá para a forma *nós* [-mos], para os *perfis sociais* que representam alunos o maior quantitativo de atribuições se dá para a forma *a gente* [-0]. No entanto, a variante *a gente* [-0] também é amplamente atribuída aos *perfis sociais* que representam professores, o que indica que a alternância pronominal é amplamente difundida na comunidade de prática e essa variante pode ser considerada do tipo marcador nos termos de Labov (1972 [2008]).

Já quanto às formas não padrão *nós* [-0] e *a gente* [-mos], o maior quantitativo de atribuições também ocorre para os *perfis sociais* que representam alunos. Para essas variantes, os fatores faixa etária, escolarização e sexo são os mais relevantes. Para as formas *nós* [-0] e *a gente* [-mos], P3 é o *perfil social* que mais recebe atribuições, em contraste com P2, o *perfil social* que menos recebe atribuições para essas duas variantes. Esses dados de percepção que relacionam as formas não padrão aos *perfis sociais* que representam os membros da comunidade com menor prestígio e com menores expectativas de ascensão social, como é o caso dos alunos homens, indicam que as variantes podem ser consideradas do tipo estereótipo Labov (1972 [2008]). Além disso, os dados da pesquisa reforçam constatações já apontadas em estudos anteriores (COELHO, 2006; OUSHIRO, 2015, 2019) de que a variante *nós* [-0] pode estar relacionada à identidade de grupo de homens jovens e periféricos.

Os dados da pesquisa também indicam que, proporcionalmente, o número de menções para a variante *a gente* [-0] feitas por alunos para todos os *perfis sociais* fica abaixo da expectativa proporcional, o que pode indicar que os alunos são menos conscientes da frequência de uso da variante, enquanto os professores, pela própria natureza do papel que exercem na comunidade de prática, percebem mais esse uso.

Outro fator relevante indicado pela pesquisa é a baixíssimo número de atribuições feitas por participantes professores para P2 e P4 às frases que contém as variantes não padrão *nós* [-0] e *a gente* [-mos], o que revela, além de um significado social atribuído à variante que a relaciona com a baixa escolarização, com o sexo do falante, com a falta de prestígio de perspectivas de ascensão social, também um fator de diferenciação – aquilo que não se é – dos professores dentro da comunidade de prática. Em contraste a isso, os participantes alunos são os que, de forma quase majoritária, associam a variantes *a gente* [-mos] aos *perfis sociais* que representam

professores, indicando que o valor social da variante possa estar associado ao emprego do verbo em primeira pessoa do plural, como um indício de hipercorreção.

Os estudos de produção consultados para esta pesquisa indicam o favorecimento da variante *nós* [-mos] para enunciados que apresentem verbos de ação de alta saliência fônica, no pretérito perfeito do indicativo com forma igual à do presente (*nós terminamos/nós terminamos*), para construções com os verbos *ir* e *ter* e em casos em que as formas verbais são diferentes no pretérito e no presente (*nós tivemos/nós temos*). Já os enunciados compostos por verbos epistêmicos e *dicendi* no presente do indicativo com forma igual à do pretérito (*nós pensamos/nós pensamos*) e os verbos no imperfeito do indicativo e do subjuntivo favorecem a variante *a gente* [-0].

Os dados da pesquisa revelam que os participantes, de maneira inconsciente, tendem a fazer maior número de menções às frases que contêm *nós* [-mos] quando essas são construídas com as variáveis linguísticas que favorecem essa variante. Da mesma maneira, o quantitativo de menções é maior para as frases compostas por *a gente* [-0] quando essas são construídas com as variantes que a favorece. Essa constatação revela que, na percepção de alunos e professores do Ensino Médio do Estado do Ceará, a tendência apontada por Naro, Görski e Ferandes (1999), reforçada por Scherre, Yacovenco e Naro (2018) e Carvalho, Freitas e Favacho (2020) sobre a possibilidade de *nós* [-mos] ser empregado como referência ao tempo passado e *a gente* [-0] como referência ao tempo presente já está abaixo do nível da consciência dos falantes e pode, assim como a alternância pronominal, ser classificada como um marcador Labov (1972 [2008]) da mudança linguística.

Os resultados desta pesquisa, a partir do teste aplicado aos participantes, que constrói uma caracterização dos *perfis sociais* que representam membros da comunidade e que relaciona esses *perfis sociais* às variantes linguísticas investigadas, mostram que a alternância pronominal não é saliente nessa comunidade e que o valor distintivo entre as variantes ocorre na combinação com o verbo. Esta pesquisa também demonstra que as percepções e significados sociais atribuídos aos *perfis sociais* que representam professores e alunos do Ensino Médio da rede pública de educação do Estado do Ceará e às variantes linguísticas investigadas e contrasta com os resultados de estudos realizados pelo viés da produção.

Assim, as possibilidades de investigação sobre a saliência, as percepções e os significados sociais relacionados às variantes não se encerram neste trabalho.

Outros testes podem ser formulados a fim de coletar dados acerca de variáveis que não fizeram parte do escopo desta pesquisa. A inserção de dados de áudio no questionário, além da investigação das percepções quanto à região de moradia e ao nível socioeconômico dos *perfis sociais* parece ser um caminho bastante promissor para se aprofundar os entendimentos sobre os fatores sociais relevantes na avaliação dos participantes e no processamento da variação linguística.

É possível ainda que o formato do teste desenvolvido e aplicado neste trabalho seja adaptado para se investigar as percepções acerca das variantes *nós* e *a gente* e suas possibilidades de covariação em outras comunidades de prática. Os resultados desses estudos podem corroborar ou refutar os indícios aqui apresentados. Além disso, este modelo de teste pode, com as devidas adaptações, ser aplicado em investigações acerca de outras variantes linguísticas.

Um tratamento estatístico mais robusto e aprofundado dos dados desta pesquisa pode revelar nuances que apenas a análise de frequência não foi capaz de captar. Trabalhos futuros devem se dedicar a submeter esses dados a testes de Qui-Quadrado de Pearson, Teste t de Mann-Whitney ou Teste de Friedman a fim de estabelecer se há relação entre as características sociodemográficas dos participantes e as atribuições que fazem aos *perfis sociais*. Outra possibilidade é utilizar o modelo de árvores de distâncias mínimas a fim de se identificar o campo indexical das variáveis e a quais *clusters* de significados elas são associadas (OUSHIRO, 2015, 2019).

Investigar os fatores envolvidos na avaliação social dos falantes, quanto ao emprego das formas *nós* [-mos], *a gente* [-0], *nós* [-0] e *a gente* [-mos], é fundamental para se compreender o processo de mudança ou barramento dessas variantes. A comunidade de prática escolar é muito importante nesse processo, porém não é a única, considerando que seus membros também participam de outras comunidades de prática que estão constantemente negociando seus valores e suas identidades por meio das relações de poder dentro e fora desses grupos. Essa intrincada rede de relações sociais e de significados e a diversidade sociolinguística do Ceará ainda tem muitos pontos a serem explorados.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Aluíza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza – CE**. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2020. 211p. ISBN: 978-65-86445-28-2.
- ARAÚJO, Aluíza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. O Projeto de Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT. **Web Revista SOCIODIALETO**, [s.l.], v. 8, n. 24, p. 174-198, 2018.
- ARAÚJO, Andréia Silva. BORGES, Damiana Karina Vieira. Atitudes linguísticas de estudantes universitários: o fenômeno da monotongação em foco. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12, n. 03, p. 98-113, dez. 2018. ISSN: 2176-5782.
- ARAÚJO, Marden Alyson Matos de. **Será que a gente usa mais o nós?** Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.
- ARAÚJO, Marden Alyson Matos de. Nós e a gente no falar dos fortalezenses. In: ARAÚJO, Aluíza Alves de; VIANA, Rakel de Bezerra Macedo; PEREIRA, Lidiane de Sousa Pereira (Orgs). **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza – CE**. EdUECE: Fortaleza, 2020, p. 143-172.
- ARAÚJO, Marden Alyson Matos de; ARAÚJO, Aluíza Alves de; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. A competição entre nós e a gente no falar popular de Fortaleza. In: VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; RODRIGUES, Lorena da Silva; PONTES, Valdecy de Oliveira; CARVALHO, Hebe Macedo de. (Orgs). **Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 104-123.
- BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014, p. 79-98.
- BECHARA, Evenildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico: versão 4.0**. Tradução de André Storlaski. São Paulo: Ubu, 2018.
- BRUSTOLIN, Ana Kelly Barbosa da Silva. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis**. 2009. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) -

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2009.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)**. 2006. 282 f. Tese (Doutorado em filosofia) - Departamento de linguística. Stanford University, Palo Alto, 2006.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. The effect of speaker information on attitudes toward (ING). **Journal of Language and Social Psychology**. v. 29, n. 2, p. 214-223, jun. 2010.

CANEVER, Fernanda. **Infinitivo flexionado em português brasileiro: frequência e percepções sociolinguísticas**. 2017. 140f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CARVALHO, Hebe Macedo de; FREITAS, Maylle Lima; FAVACHO, Larissa de Lima. **A variação dos pronomes sujeitos nós e a gente a fala culta de Fortaleza em cena**. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 14, n. 27, p. 30-45, 2020. e-ISSN 1982-291X | ISSN 2317-3475.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEARÁ. Governo do Estado. **Crimes violentos letais e intencionais**. Fortaleza: SUPESP-CE, 2022. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiaOTI3NjMyYmUtYjQxMi00MjJkLWJhZTctNDE4YjM3NDEwYzVmIiwidCI6ImI1OTFhZTU0LTMzYzltNDU4OS1iZTY2LTkwMjFhNDE5NmM3YyJ9>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CEARÁ. Governo do Estado. **O cenário da violência e da criminalidade no Estado do Ceará: Análise Comparativa**. Fortaleza: Ceará Pacífico, 2015. Disponível em: https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/CP_Livro2_O-Cena%CC%81rio-da-Viole%CC%82ncia-e-da-Criminalidade-no-Brasil-e-no-Ceara%CC%81.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CERQUEIRA, Daniel; FERREIRA, Helder; BUENO, Samira (Coords.). **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021. ISSN 2764-0361. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/atlas-violencia-2021-v7.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2022.

COAN, Marluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Lingu@gem** - Revista Eletrônica de Linguística, [s.l.], v.4, n.2, jul./dez. 2010. ISSN 1980-5799.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, Rafael. **É nós na fita!** Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana. O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação do plural no verbo. 2006. 182 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). São Paulo: FFLCH-USP, 2006.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. 1995. 151f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

ECKERT, Penelope. **Jocks and burnouts: Social categories and identity in the high school**. Nova Iorque: Teachers College Press, 1989.

ECKERT, Penelope. The meaning of style. **Proceedings of the Eleventh Annual Symposium about Language and Society**, University of Texas, Austin, v. 47, p. 41-53, 2004.

ECKERT, Penelope. **Variation, convention and Social Meaning**. In: Annual Meeting of the Linguistic Society of America, Oakland, jan. 2005.p. 1-33.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, Penelope; LABOV, William. Phonetics, phonology and social meaning. **Journal of Sociolinguistics**, v. 21, n.4, p. 467-496, 2017. doi: 10.1111/josl.12244.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Orgs.). **Linguagem, gênero, sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. p. 93-108.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no português brasileiro. **DELTA**, São Paulo, v. 32, n.4, p. 889-917, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. **Acta Scientiarum: Language and Culture**, v. 40, n. 2, 2018. doi: 10.4025/actascilangcult.v40i2.41173.

FREITAG, Raquel Meister Ko. MARTINS, Marcos Antônio. TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SANTANA, Cristiane; ANDADE, Thaís; SANTOS SOUSA, Valéria. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. SEVERO, Cristiane Gorski. Gorski, Edair Maria (Orgs). **Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos**. São Paulo: Blucher Open Access, 2016.p.139-159.

FREITAG, Raquel Meister Ko. SEVERO, Cristine Gorski. ROST-SNICHELOTTO, Cláudia Andréa. TAVARES, Maria Alice. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 64-84, mai./ago. 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; CARDOSO, Paloma Batista; PINHEIRO, Bruno Felipe Marques. Saliência na conservação de /d/ no segmento /ndo/: efeitos sociais e estilísticos. **Gragoatá**, Niterói, v. 23, n. 46, p. 654-678, mai./ago. 2018.

FREITAS, Maylle Lima; CARVALHO, Hebe Macedo de. Quem somos nós e quem é a gente?: uma abordagem de avaliação linguística e social da variável de primeira pessoa plural. In: VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; RODRIGUES, Lorena da Silva; PONTES, Valdecy de Oliveira; CARVALHO, Hebe de Macedo. (Orgs). **Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 124-143.

FREITAS, Maylle Lima; RODRIGUES, Lorena da Silva; SANTOS, Hugo Leonardo dos. Nós e agente no falar culto de Fortaleza: variação ou mudança linguística? In: VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; RODRIGUES, Lorena da Silva; PONTES, Valdecy de Oliveira; CARVALHO, Hebe Macedo de (Orgs.). **O falar culto de Fortaleza em foco**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 139-171.

HELLER, Eva. **Psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HENRIQUE, Pedro Felipe de Lima; HORA, Dermeval Da. Estudo sobre percepção da fricativa coronal pós vocálica em João Pessoa. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n.2, p.147-164, mai./ago., 2016.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O Português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Cidades e estados**. Brasília: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce.html>. Acesso em: 2 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio de 2019 (PNAD)**. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101707>. Acesso em: 2 fev. 2022.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO. **O impacto da pandemia na juventude cearense**. Fortaleza: IDT, 2021. Disponível em:

<https://www.idt.org.br/content/arquivos/publicacoes/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMIA%20NA%20JUVENTUDE%20CEARENSE.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Indicadores Sociais do Ceará**. Fortaleza: IPECE, 2021. ISSN: 1983-4934 Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/45/2022/01/Indicadores_Sociais_2019.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Informe nº 193**: Relatório Anual sobre Condições Socioeconômicas e de Mercado da Juventude no Ceará em 2020. Fortaleza: IPECE, 2021. ISSN: 2594-8717. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2021/09/ipece_informe_193_20_set2021.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Brasil). **Resumo Técnico**: Censo da Educação Básica Estadual 2019. Brasília: INEP, 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_do_estado_do_ceara_censo_da_educacao_basica_2019.pdf. Acesso em: 03 set. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Brasil). **Resumo Técnico**: Censo da Educação Básica Estadual/Ceará 2020. Brasília: INEP, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumotecnico_do_estado_do_ceara_censo_da_educacao_basica_2020.pdf. Acesso em: 03 set. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Brasil). **Microdados da Educação Básica 2020**. Brasília: INEP, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dadosabertos/microdados>. Acesso em: 02 fev. 2022.

KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. **Gramática do português falado culto no Brasil**. v. 3. A construção da sentença. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001.

LAMBERT, Wallace; HODGSON, Richard; GARDNER, Robert; FILLENBAUM, Stanley. Evaluational reactions to spoken languages. **The Journal of Abnormal and Social Psychology**, [S.l.], v. 60, p. 44-51, 1960.

LARA, Cláudia Camila. **Varição fonológica, redes e práticas sociais em uma comunidade bilingue português-alemão do Brasil meridional**. 2013. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-graduação em Letras. Área de Estudos da Linguagem. Porto Alegre, 2013.

LINDWELL, Willian; BUTLER, Jill; HOLDEN; Kristina. **Princípios universais do design**. Tradução de Francisco Araújo da Costa. Porto Alegre: Bookman: 2011.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998.

LOPES, Célia Regina dos Santos. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKIMIN, Tânia (Org). **Para a história do português brasileiro**. v. 3, p.25-46 São Paulo: FLP/USP, 2002.

MENDES, Ronald Beline. **Percepção e performance de masculinidades**. 2018. 225f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

NARO, Anthony Julius.; GÖRSKI, Edair; FERNANDES, Eulália. Change without change. **Language Variation and Change**, [S.l.], v. 11, p. 197-211, 1999.

NASCIMENTO, Daniele Francisca Martins do. Percepções do fenômeno da variação linguística: pesquisa com revisores de textos. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 14, n. 9, 2018.

OMENA, Nelize Pires de. “A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural”. In: NARO, Anthony Julius *et al.* **Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação**. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 2, 1986. p. 286-319.

OMENA, Nelize Pires de. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira Scherre. **Padrões Sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 183-215.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 63-80.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade. Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Artes. Departamento de Linguística. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. São Paulo, 2015.

OUSHIRO, L. A computational approach for modeling the indexical field. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 27, n. 4, p. 1737-1786, 2019.

OUSHIRO, Livia. **A importância dos estudos de avaliação e percepções sociolinguísticas**. Vídeo (81 minutos). Fortaleza: V FÓRUM LINGUÍSTICO DO CEARÁ (FELCE) - UFC, Conferência de encerramento, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8WUxd_qJebQ&t=170s. Acesso em: 07 jan. 2022.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. 2012. 392 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012(a).

RUBIO, Cássio Florêncio. Saliência fônica e tempo verbal na concordância de primeira pessoa do plural do português brasileiro e europeu. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 765-778, mai./ago. 2012(b).

SANTOS, Wendel Silva dos. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo**. 2020. 241f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SCHERRE, Maria Marta Pereira, YACOVENCO, Lilian, NARO, Anthony. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. **Estudos de Linguística Galega**, Santiago de Compostela, Volume especial I, p. 13-27, 2018. ISSN 1889-2566.

VELOSO, Rafaela. **As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de prática**. In: XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL). **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2014. p. 1740-1749.

VIANNA, Juliana Segada. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2006.

VIANNA, Juliana Segada; LOPES, Celia Regina dos Santos. Variação dos pronomes nós e a gente. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes nós e a gente na cidade de Maceió/AL. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 24, n.40, p.67-91, jan./abr. 2017(a).

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Linguística e Ensino: crenças e atitudes linguísticas. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, v. 20, n.3, p. 118-146, dez. 2017(b).

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). **Introdução à Sociolinguística: O tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, [1968] 2006.

WENGER, Etienne. Communities of practice and social learning systems: the career of a concept. In: BLACKMORE, Chris (Org.). **Social Learning Systems and communities of practice**. Springer Verlag and the Open University: [S.], 2010. p. 179-198.

ZILLES, Ana Maria S. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of “a gente” in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, [S.], n.17, p. 19-53, 2005.

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007.

ZILLES, Ana Maria S.; BATISTA, Hires Héglan. A concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação, mudança e contato linguístico no Português da Região Sul**. Pelotas: Educat, 2006. p. 99-124.

APÊNDICE A – PRÉ-TESTE 1 – APLICADO A ALUNOS DE LETRAS DA UNILAB

25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

Este formulário busca coletar dados acerca de crenças e de atitudes sobre usos linguísticos

***Obrigatório**

Você está sendo convidado(a) a participar de uma coleta de dados acerca de crenças e atitudes sobre usos linguísticos. Esta coleta faz parte do Projeto de Pesquisa desenvolvido por Kelli Schmitz, aluna do Mestrado em Estudos da Linguagem da Unilab, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres. Os resultados deste estudo serão publicados assim que o trabalho for concluído. A pesquisadora principal deste estudo pode ser contatada em: sgbmouei@gmail.com

Este estudo é completamente anônimo. Em nenhum momento serão solicitados dados de contato ou que permitam a identificação do participante. Você tem plena liberdade de recusar-se a participar ou interromper as respostas a qualquer momento sem que isso acarrete penalização alguma ao seu desempenho acadêmico. O tempo médio para responder este questionário é de aproximadamente 10 minutos. Caso deseje participar, marque a opção "Aceito participar" e você será encaminhado para as questões. Caso não deseje participar, marque a opção "Não aceito participar" e este formulário será fechado.

Agradeço sua disponibilidade.

1. *

Marcar apenas uma oval.

Aceito participar
 Não aceito participar

Dados sociodemográficos

2. Você é estudante *

Marcar apenas uma oval.

Brasileiro (a)
 Estrangeiro (a) *Pular para a pergunta 4*

3. Em qual Estado e Cidade você nasceu? *

Pular para a pergunta 6

4. Em qual país e cidade você nasceu? *

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuwTbNn8T_SCYzhyzXV1p6GBVWpHnTn7w80Kz8/edit

25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

9. Você é estudante da Unilab? *

Marcar apenas uma oval.

Sim *Pular para a pergunta 11*
 Não

10. Qual é a sua Instituição de ensino? *

11. Você é estudante do curso de Letras? *

Marcar apenas uma oval.

Sim *Pular para a pergunta 13*
 Não

12. Qual é seu curso? *

Conforme estudo conduzido por Freitag et. al., 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Gorski; ROST-SNICHELOTTO, Cláudia Andréa; TAVARES, Maria Alice. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. Todas as Letras, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 64-84, maio/ago., 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-4914/letras.v18n2p64-84>. Acesso: 18 de out. 2020

13. "Como você descreve a língua que você usa no dia a dia? Que nome você dá a ela?" *

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuwTbNn8T_SCYzhyzXV1p6GBVWpHnTn7w80Kz8/edit

25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

5. Há quanto tempo você mora no Brasil? *

Seção sem título

6. Onde você mora atualmente? *

Marcar apenas uma oval.

Acarape
 Água Verde
 Fortaleza
 Gaiúba
 Redenção
 Outro: _____

7. Quanto ao gênero, você se identifica como? *

Marcar apenas uma oval.

Feminino
 Masculino
 Não binário
 Outro

8. Qual sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

Até 17 anos
 18 a 22 anos
 23 a 27 anos
 28 a 34 anos
 35 a 49 anos
 50 a 64 anos
 acima de 65 anos
 Outro: _____

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuwTbNn8T_SCYzhyzXV1p6GBVWpHnTn7w80Kz8/edit


25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

14. Que características você acha que permitem reconhecer a forma de falar da sua região? *

Conforme estudo conduzido por Oushiro (2015)

OUSHIRO, Livia. Identidade na pluralidade. Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Artes. Departamento de Linguística. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. São Paulo, 2015. 394f. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tdc-15062015-104952/publico/2014_LiviaoOushiro_VCorr.pdf. Acesso: 01 out. de 2020.

Ouça o falante abaixo:



<http://youtube.com/watch?v=YkVVSyREoso>


15. Você já respondeu sobre este áudio?

Marcar apenas uma oval.

Sim, já respondi sobre este áudio. *Pular para a pergunta 21*
 Não, ainda não respondi sobre este áudio. *Pular para a pergunta 16*

Seção sem título

Ouça o áudio quantas vezes julgar necessário para responder às perguntas:



<http://youtube.com/watch?v=YkVVSyREoso>

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuwTbNn8T_SCYzhyzXV1p6GBVWpHnTn7w80Kz8/edit

4/17

25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

16. Em qual região do Ceará esta pessoa deste áudio mora? *

Marcar apenas uma oval.

- Fortaleza
 Região Metropolitana de Fortaleza
 Litoral Leste
 Litoral Oeste
 Região de Baturité
 Região do Jaguaribe
 Região do Cariri
 Região do Sertão Central
 Região de Sobral

17. Você acha que esta pessoa está em qual faixa etária? *

Marcar apenas uma oval.

- Adolescência
 Por volta dos 20 anos
 Por volta dos 30 anos
 Por volta dos 40 anos
 Por volta dos 50 anos
 Acima de 60 anos

18. Você acha que esta pessoa estudou? *

Marcar apenas uma oval.

- Até o Ensino Fundamental I
 Até o Ensino Fundamental II
 Até o Ensino Médio
 Até o Ensino Superior
 Até a Pós-graduação

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuuTbNn8T_5CYzhyzXV1p6GBvVWpHtN7w8dXz8/edit

25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

Leia o texto abaixo:

Se não fosse a terra,
a gente pisaria onde?

Se não fosse a terra, a gente
construiria nossa casa onde?

E as cidades? E as estradas?
E os campinhos de futebol?

Sem a terra a gente não iria
jogar bola nunca mais!

21. Você já respondeu sobre este texto?

Marcar apenas uma oval.

- Sim, já respondi sobre este texto. *Pular para a pergunta 27*
 Não, ainda não respondi sobre este texto. *Pular para a pergunta 22*

Seção sem título

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuuTbNn8T_5CYzhyzXV1p6GBvVWpHtN7w8dXz8/edit

25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

19. Você acha que esta pessoa pertence à? *

Marcar apenas uma oval.

- Classe baixa
 Classe média baixa
 Classe média
 Classe média alta
 Classe alta

20. Do que você ouviu, você acha que (assinale quantas quiser) *

Marque todas que se aplicam.

	Alta	Articulada	Baixa	Bonita	Branca	Caipira	Confiável	Conservadora	Deprimi
Esta pessoa é	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Esta pessoa não é	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Conforme estudo conduzido por Oushiro (2015)

OUSHIRO, Livia. Identidade na pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Artes. Departamento de Linguística. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. São Paulo, 2015. 394f. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/publico/2014_LiviaOushiro_VCorr.pdf>. Acesso: 01 out. de 2020.

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuuTbNn8T_5CYzhyzXV1p6GBvVWpHtN7w8dXz8/edit

25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

Leia o texto quantas vezes julgar necessário para responder às perguntas:

Se não fosse a terra,
a gente pisaria onde?

Se não fosse a terra, a gente
construiria nossa casa onde?

E as cidades? E as estradas?
E os campinhos de futebol?

Sem a terra a gente não iria
jogar bola nunca mais!

22. Em qual região do Ceará a pessoa que escreveu este texto mora? *

Marcar apenas uma oval.

- Fortaleza
 Região Metropolitana de Fortaleza
 Litoral Leste
 Litoral Oeste
 Região de Baturité
 Região do Jaguaribe
 Região do Cariri
 Região do Sertão Central
 Região de Sobral

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuuTbNn8T_5CYzhyzXV1p6GBvVWpHtN7w8dXz8/edit

6/17

8/17

25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

23. Você acha que a pessoa que escreveu este texto está em qual faixa etária? *

Marcar apenas uma oval.

Adolescência

Por volta dos 20 anos

Por volta dos 30 anos

Por volta dos 40 anos

Por volta dos 50 anos

Acima de 60 anos

24. Você acha que a pessoa que escreveu este texto estudou? *

Marcar apenas uma oval.

Até o Ensino Fundamental I

Até o Ensino Fundamental II

Até o Ensino Médio

Até o Ensino Superior

Até a Pós-graduação

25. Você acha que a pessoa que escreveu este texto pertence à? *

Marcar apenas uma oval.

Classe baixa

Classe média baixa

Classe média

Classe média alta

Classe alta

25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

26. Do que você leu, você acha que (assinale quantas quiser) *

Marque todas que se aplicam.

	Alta	Articulada	Baixa	Bonita	Branca	Caipira	Confiável	Conservadora	Deprim
A pessoa que escreveu este texto é	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A pessoa que escreveu este texto não é	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Conforme estudo conduzido por Oushiro (2015)

OUSHIRO, Livia. Identidade na pluralidade. Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Artes. Departamento de Linguística. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. São Paulo, 2015. 394f. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/1de-15062015-104952/publico/2014_LiviaOushiro_VCorr.pdf> Acesso: 01 out. de 2020.

Ouça o falante abaixo:



<http://youtube.com/watch?v=57q5GdQmCNs>

27. Você já respondeu sobre este áudio?

Marcar apenas uma oval.

Sim, já respondi sobre este áudio. *Pular para a pergunta 33*

Não, ainda não respondi sobre este áudio *Pular para a pergunta 28*

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuwTnN8T_5CYzhyzXV1p6GBvWpHhTn7wd8dKz8/edit 9/17

25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

Seção sem título

Ouça o áudio quantas vezes julgar necessário para responder às perguntas:

<http://youtube.com/watch?v=57q5GdQmCNs>

28. Em qual região do Ceará a pessoa deste áudio mora? *

Marcar apenas uma oval.

Fortaleza

Região Metropolitana de Fortaleza

Litoral Leste

Litoral Oeste

Região de Baturité

Região do Jaguaribe

Região do Cariri

Região do Sertão Central

Região de Sobral

29. Você acha que esta pessoa está em qual faixa etária? *

Marcar apenas uma oval.

Adolescência

Por volta dos 20 anos

Por volta dos 30 anos

Por volta dos 40 anos

Por volta dos 50 anos

Acima de 60 anos

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuwTnN8T_5CYzhyzXV1p6GBvWpHhTn7wd8dKz8/edit 10/17

25/04/2021 Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

30. Você acha que esta pessoa estudou? *

Marcar apenas uma oval.

Até o Ensino Fundamental I

Até o Ensino Fundamental II

Até o Ensino Médio

Até o Ensino Superior

Até a Pós-graduação

31. Você acha que esta pessoa pertence à? *

Marcar apenas uma oval.

Classe baixa

Classe média baixa

Classe média

Classe média alta

Classe alta

32. Do que você ouviu, você acha que (assinale quantas quiser) *

Marque todas que se aplicam.

	Alta	Articulada	Baixa	Bonita	Branca	Caipira	Confiável	Conservadora	Deprim
Esta pessoa é	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Esta pessoa não é	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Conforme estudo conduzido por Oushiro (2015)

OUSHIRO, Livia. Identidade na pluralidade. Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Artes. Departamento de Linguística. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. São Paulo, 2015. 394f. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/1de-15062015-104952/publico/2014_LiviaOushiro_VCorr.pdf> Acesso: 01 out. de 2020.

25/04/2021

Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

Leia o texto abaixo:

Se não fosse a terra,
nós pisaríamos onde?

Se não fosse a terra, nós
construiríamos nossa casa onde?

E as cidades? E as estradas? E os
campinhos de futebol?

Sem a terra nós não iríamos
jogar bola nunca mais!

33. Você já respondeu sobre este texto?

Marcar apenas uma oval.

- Sim, já respondi sobre este texto. *Pular para a pergunta 39*
- Não, ainda não respondi sobre este texto. *Pular para a pergunta 34*

Seção sem título

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuwT8N8T_5CYzhyzXV1p6GBVWpHtTn7wd8dKz8/edit

13/17

25/04/2021

Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

Leia o texto quantas vezes julgar necessário para responder às perguntas:

Se não fosse a terra,
nós pisaríamos onde?

Se não fosse a terra, nós
construiríamos nossa casa onde?

E as cidades? E as estradas? E os
campinhos de futebol?

Sem a terra nós não iríamos
jogar bola nunca mais!

34. Em qual região do Ceará a pessoa que escreveu este texto mora? *

Marcar apenas uma oval.

- Fortaleza
- Região Metropolitana de Fortaleza
- Litoral Leste
- Litoral Oeste
- Região de Baturité
- Região do Jaguaribe
- Região do Cariri
- Região do Sertão Central
- Região de Sobral

25/04/2021

Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

35. Você acha que a pessoa que escreveu este texto está em qual faixa etária? *

Marcar apenas uma oval.

- Adolescência
- Por volta dos 20 anos
- Por volta dos 30 anos
- Por volta dos 40 anos
- Por volta dos 50 anos
- Acima de 60 anos

36. Você acha a pessoa que escreveu este texto pessoa estudou? *

Marcar apenas uma oval.

- Até o Ensino Fundamental I
- Até o Ensino Fundamental II
- Até o Ensino Médio
- Até o Ensino Superior
- Até a Pós-graduação

37. Você acha que a pessoa que escreveu este texto pertence à? *

Marcar apenas uma oval.

- Classe baixa
- Classe média baixa
- Classe média
- Classe média alta
- Classe alta

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuwT8N8T_5CYzhyzXV1p6GBVWpHtTn7wd8dKz8/edit

15/17

25/04/2021

Crenças e atitudes sobre usos linguísticos

38. Do que você leu, você acha que (assinale quantas quiser) *

Marque todas que se aplicam.

	Alta	Articulada	Baixa	Bonita	Branca	Caipira	Confiável	Conservadora	Deprin
A pessoa que escreveu este texto é	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A pessoa que escreveu este texto não é	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Questões sobre o uso da língua nas redes sociais

39. Você acha que a gente pode usar gírias nas redes sociais ou a gente deve usar um vocabulário polido? Você pode explicar sua resposta, por favor? *

Seção sem título

40. Você acha que nós devemos respeitar a norma padrão nas redes sociais ou nós podemos escrever de maneira mais informal? Você pode explicar sua resposta, por favor? *

https://docs.google.com/forms/d/1sH1VuwT8N8T_5CYzhyzXV1p6GBVWpHtTn7wd8dKz8/edit

16/17

APÊNDICE B – PRÉ-TESTE 2 – APLICADO A PÓS-GRADUANDOS

25/04/2021

Qualtrics Survey Software

Bloco de perguntas padrão

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar de um pré-teste do formulário que compõe a coleta de dados da pesquisa de mestrado de Kelli Schmiguel, aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Unilab, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres.

Este pré-teste pretende coletar informações relevantes sobre a estrutura do formulário, a formulação das perguntas e eficiência da plataforma escolhida. Por favor, escolha uma das opções abaixo:

- Concordo e aceito participar
- Não concordo e não aceito participar.

Bloco 1

Neste bloco, você será apresentado(a) a uma pessoa, um cearense comum, não famoso e anônimo. Você verá seis vezes a foto dessa pessoa. Cada vez que uma foto aparecer para você, haverá quatro frases ao lado dessa foto. Você deverá clicar nas frases que considera que a pessoa da foto poderia falar.

Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:

25/04/2021

Qualtrics Survey Software



Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:

https://gfreeaccounts@1.az1.qualtrics.com/Q/E/Edt/Section/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJzgg0uyMF&Cont... 1/16

25/04/2021

Qualtrics Survey Software



Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:

https://gfreeaccounts@1.az1.qualtrics.com/Q/E/Edt/Section/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJzgg0uyMF&Cont... 2/16

25/04/2021

Qualtrics Survey Software



Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:

https://gfreeaccounts@1.az1.qualtrics.com/Q/E/Edt/Section/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJzgg0uyMF&Cont... 3/16

https://gfreeaccounts@1.az1.qualtrics.com/Q/E/Edt/Section/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJzgg0uyMF&Cont... 4/16



Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:



Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:

https://freeaccounts1.a1.qualtrics.com/Q/E/dt/Section/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJszg0uyMFeu&Cont... 5/16

https://freeaccounts1.a1.qualtrics.com/Q/E/dt/Section/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJszg0uyMFeu&Cont... 6/16



Bloco 2

Neste bloco, você será apresentado(a) a uma outra pessoa, outro cearense comum, não famoso e anônimo. Você verá seis vezes a foto dessa pessoa. Cada vez que uma foto aparecer para você, haverá quatro frases ao lado dessa foto. Você deverá clicar nas frases que considera que a pessoa da foto poderia falar.

Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:



Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:

https://freeaccounts1.a1.qualtrics.com/Q/E/dt/Section/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJszg0uyMFeu&Cont... 7/16

https://freeaccounts1.a1.qualtrics.com/Q/E/dt/Section/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJszg0uyMFeu&Cont... 8/16



Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:



Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:

https://freeaccounts.jc1.a21.qualtrics.com/Q/EditSection/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJsg0uyMFeu&Cont... 9/16

https://freeaccounts.jc1.a21.qualtrics.com/Q/EditSection/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJsg0uyMFeu&Co... 10/16



Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:



Para a pessoa abaixo, clique nas frases que você considera que ela poderia falar:

https://freeaccounts.jc1.a21.qualtrics.com/Q/EditSection/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJsg0uyMFeu&Co... 11/16

https://freeaccounts.jc1.a21.qualtrics.com/Q/EditSection/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJsg0uyMFeu&Co... 12/16

25/04/2021

Qualtrics Survey Software



Bloco 3

Neste bloco, você será apresentado a seis conjuntos de frases. Para cada conjunto de frases, você deverá clicar em cima das palavras que mais chamam sua atenção e pintar de verde as palavras que chamam sua atenção de forma positiva e de vermelho as palavras que chamam sua atenção de forma negativa.

Para as frases abaixo, pinte de verde as palavras que chamam sua atenção de forma positiva e de vermelho as palavras que chamam sua atenção de forma negativa. Você pode pintar quantas palavras julgar necessário.

A gente ganha uns presentes de vez em quando, né?

https://freeaccounts1.lz1.qualtrics.com/Q/EditSection/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJsg0uyMFeu&Co... 13/16

25/04/2021

Qualtrics Survey Software

Nós tivemos um comércio naquela rua ali.

A gente teve um lojinha uma vez.

Nós teve um mercantil naquela rua lá.

A gente tivemos uma vendinha uma vez.

Para as frases abaixo, pinte de verde as palavras que chamam sua atenção de forma positiva e de vermelho as palavras que chamam sua atenção de forma negativa. Você pode pintar quantas palavras julgar necessário.

A gente morava aqui já naquela época.

Nós morávamos naquela rua em 2015.

A gente morávamos lá naquela época.

Nós morava nessa rua em 2018.

Para as frases abaixo, pinte de verde as palavras que chamam sua atenção de forma positiva e de vermelho as palavras que chamam sua atenção de forma negativa. Você pode pintar quantas palavras julgar necessário.

Se a gente precisasse de um hospital, era um problema.

Se nós precisássemos de qualquer coisa, só lá no centro.

Se a gente precisássemos de um socorro, era bem difícil conseguir.

Se nós precisasse de alguma coisa à noite, não tinha nada aberto aqui.

Bloco 4

https://freeaccounts1.lz1.qualtrics.com/Q/EditSection/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJsg0uyMFeu&Co... 15/16

25/04/2021

Qualtrics Survey Software

Nós ganhamos uma partida ou outra, mas não é sempre.

A gente ganhamos uns dinheirinhos de vez em quando, né?

Nós ganha um jogo ou outro, mas não é sempre, sabe?

Para as frases abaixo, pinte de verde as palavras que chamam sua atenção de forma positiva e de vermelho as palavras que chamam sua atenção de forma negativa. Você pode pintar quantas palavras julgar necessário.

Nós temos um vizinho paraense que ele inclusive vai agora para o Pará.

A gente tem assim o contato de um ou de outro, sabe?

Nós tem um vizinho de Pernambuco que ele inclusive está lá agora.

A gente temos o telefone de quase todo mundo aqui, sabe?

Para as frases abaixo, pinte de verde as palavras que chamam sua atenção de forma positiva e de vermelho as palavras que chamam sua atenção de forma negativa. Você pode pintar quantas palavras julgar necessário.

Nós terminamos se não me engano foi em setembro.

A gente terminou acho que foi no meio do ano.

Nós terminou se não me engano foi em março.

A gente terminamos acho que foi em 2018.

Para as frases abaixo, pinte de verde as palavras que chamam sua atenção de forma positiva e de vermelho as palavras que chamam sua atenção de forma negativa. Você pode pintar quantas palavras julgar necessário.

https://freeaccounts1.lz1.qualtrics.com/Q/EditSection/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJsg0uyMFeu&Co... 14/16

25/04/2021

Qualtrics Survey Software

Muito obrigada por responder este questionário.

Você gostaria de deixar algum comentário, dica, sugestão ou fazer alguma observação? A sua opinião é muito importante nesta fase da minha pesquisa. O seu feedback vai me ajudar a aprimorar e melhorar o formulário, as perguntas, a diagramação dos materiais, a disposição dos textos e os recursos utilizados. Todas as contribuições são bem-vindas!

Desenvolvido por Qualtrics

https://freeaccounts1.lz1.qualtrics.com/Q/EditSection/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_9HPVJsg0uyMFeu&Co... 16/16

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA – APLICADO A PROFESSORES DE PORTUGUÊS E REDAÇÃO E ALUNOS DA REDE PÚBLICA DO CEARÁ

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

Olá! Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada "Nós e a gente: saliência, percepções e significados sociais no Estado do Ceará" que tem como objetivo investigar as avaliações e percepções dos falantes sobre variantes linguísticas no nosso estado. Esta pesquisa é conduzida por Kelli Schimiguel, aluna do Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), sob orientação do Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres.

Antes de começarmos, você será apresentado ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para isso, precisamos saber se você é aluno ou professor. Por favor, assinale abaixo:

*Obrigatório

1. Você é: *

Marcar apenas uma oval.

- Aluno (a), menor de 18 anos.
- Aluno (a), maior de 18 anos. *Pular para a pergunta 5*
- Professor (a). *Pular para a pergunta 5*

Aluno menor de 18 anos

Se você é aluno menor de 18 anos, antes de começar essa pesquisa, precisamos ter certeza que seus pais ou responsáveis autorizaram sua participação.

Por isso, por favor, assinale abaixo se ao menos um dos seus pais e/ou responsáveis autorizaram sua participação e se foi um deles eles que te enviou o link desta pesquisa:

2. *

Marcar apenas uma oval.

- Ao menos um dos meus pais e/ou responsáveis autorizou minha participação nesta pesquisa e foi ele (a) que me enviou o link desta pesquisa.
- Nenhum dos meus pais e/ou responsáveis autorizou minha participação nesta pesquisa e não foi ele (a) que me enviou o link desta pesquisa.

https://docs.google.com/forms/d/1JRW_MaRlygQ8bnWcLJF2H26-MpGk8MWV6hN5b6MT8/edit

1/32

https://docs.google.com/forms/d/1JRW_MaRlygQ8bnWcLJF2H26-MpGk8MWV6hN5b6MT8/edit

2/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MENORES DE 18 ANOS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Vínculo: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Título da pesquisa: "NÓS E A GENTE": SALIÊNCIA, PERCEPÇÃO E SIGNIFICADOS SOCIAIS NO ESTADO DO CEARÁ

Pesquisador Responsável: Kelli Schimiguel

E-mail: kcschimiguel@gmail.com

Matrícula: 201920402

Celular: (+55) 85 9 9690-2985

Endereço: Av. da Abolição, nº 03, Centro, Redenção-CE

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada "NÓS E A GENTE": SALIÊNCIA, PERCEPÇÃO E SIGNIFICADOS SOCIAIS NO ESTADO DO CEARÁ que tem como objetivo: Verificar a saliência, as percepções e os significados sociais atribuídos às variantes "nós" e "a gente" em posição de sujeito e de suas covariações com as possibilidades de concordância verbal em textos orais e escritos no português brasileiro por alunos e professores do Ensino Médio da rede pública de educação básica do estado do Ceará.

Este estudo é necessário para que os pesquisadores possam compreender as percepções e crenças atribuídas aos usos linguísticos no Estado do Ceará. Ao aceitar o convite, você receberá informações sobre um falante imaginário. Em seguida, você irá responder a algumas perguntas sobre esse falante. Por fim, serão solicitadas algumas informações que possibilitem caracterizar o perfil sociodemográfico dos participantes. Algumas dessas informações sociodemográficas são consideradas sensíveis (sexo/gênero e raça/etnia) e o participante tem o direito de optar por não respondê-las. Sua participação é completamente anônima e sigilosa. Em nenhum momento desta pesquisa serão solicitadas informações que possam identificar o participante. Ao assinar este termo, o você declara estar ciente que:

* As informações coletadas somente serão utilizadas para os objetivos da pesquisa;

* Apesar de mínimos, esta pesquisa apresenta alguns riscos ao participante, a saber: (i) risco de se sentir cansado enquanto responde ao questionário devido à quantidade de itens – você precisará dispor em torno de 7 minutos para resolução e (ii) risco de senti-se ansioso frente à possibilidade de estigmatização de suas respostas.

* Visando reduzir os riscos da pesquisa, os pesquisadores tomaram as seguintes medidas: (i) com relação ao cansaço e tempo despendido para as respostas, os pesquisadores buscaram incluir apenas as questões e variáveis de maior relevância para o estudo a fim de reduzir o tempo empregado nas respostas; também visando a praticidade e rapidez, os pesquisadores optaram pelo uso da ferramenta digital Google forms; há ainda a possibilidade de o participante suspender imediatamente o preenchimento do formulário, se assim desejar e (ii) com relação à possibilidade de estigmatização das respostas, salientamos o questionário não tem por objetivo obter respostas corretas ou incorretas, certas ou erradas, mas avaliações acerca dos fenômenos investigados, sobre os quais não se mensuram conhecimentos formais e/ou acadêmicos, e todas as questões propostas no questionário respeitam os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos;

* Os benefícios sociais coletivos desta pesquisa incluem: a expansão dos estudos acerca da avaliação e percepção dos falantes quanto ao uso dos pronomes "nós" e "a gente", contribuindo para o avanço científico e a indicação de possibilidades de estudos futuros por pesquisadores da área.

* A qualquer momento, você pode solicitar as suas respostas ao formulário;

* O acesso às respostas do formulário não será autorizado a terceiros, exceto à equipe da pesquisa;

* O pesquisador assegura a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo utilização acadêmica específica das informações sem prejuízo das pessoas envolvidas;

* Você terá acesso a qualquer tempo às informações sobre procedimentos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para retirar eventuais dúvidas;

* Você tem o direito e a liberdade de negar-se a participar da pesquisa ou dela retirar-se quando assim desejar, sem que isto traga prejuízo moral, físico, social ou escolar;

* As informações e dados coletados serão divulgados, porém sua identidade será mantida no anonimato, bem

https://docs.google.com/forms/d/1JRW_MaRlygQ8bnWcLJF2H26-MpGk8MWV6hN5b6MT8/edit

3/32

https://docs.google.com/forms/d/1JRW_MaRlygQ8bnWcLJF2H26-MpGk8MWV6hN5b6MT8/edit

4/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (alunos menores de 18 anos).

Agora que seus pais já autorizaram sua participação, é a sua vez de dizer se concorda em participar desta pesquisa.

Por favor, leia atentamente todos os itens abaixo:

como qualquer informação que possa identificá-lo (a);

* Enquanto participante, você não receberá nenhum pagamento para participar da pesquisa, mas também não terá custos ou prejuízos;

* Você deve guardar em seus arquivos uma cópia eletrônica deste documento, que será enviado por e-mail. Opcionalmente, você pode obtê-lo clicando aqui: <https://bit.ly/3v6JLJF>

* Para qualquer outro esclarecimento, eu, Kelli Schimiguel, mestrande do Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e pesquisadora principal deste projeto estarei disponível no endereço Av. da Abolição, nº03, Centro, Redenção-CE, Campus Liberdade, E-mail: kcschimiguel@gmail.com; Telefone para contato: (85) 9 9690-2985;

* Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unilab (CEP/UNILAB). O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação às questões éticas desta pesquisa podem ser esclarecidas em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira no seguinte endereço: Sala 303 - 3º Andar, Bloco D - Campus das Auroras - Rua José Franco de Oliveira, s/n - CEP: 62.790-970, Redenção - Ceará - Brasil. Telefone para Contato: 3332.6190 - E-mail: cep@unilab.edu.br

Como a pesquisa está sendo disponibilizada em meio eletrônico, após o aceite em participar da pesquisa, o participante receberá em seu e-mail este termo assinado pelos pesquisadores para guarda pessoal, a fim de relembrar os objetivos da pesquisa e cancelar sua participação a qualquer momento, caso assim desejar.

3. Declaro que li o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo em participar da pesquisa. *Pular para a pergunta 7*
- Não concordo e não gostaria de participar da pesquisa.

4. Por favor, digite seu e-mail para que possamos enviar uma cópia deste Termo de Assentimento. *

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (professores e alunos maiores de 18 anos).

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - MAIORES DE 18 ANOS**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Instituição de Vínculo: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
 Título da pesquisa: "NÓS" E "A GENTE": SALIÊNCIA, PERCEÇÃO E SIGNIFICADOS SOCIAIS NO ESTADO DO CEARÁ

Pesquisador Responsável: Kelli Schmiguel

E-mail: kschmiguel@gmail.com

Matrícula: 2019200402

Celular: (+55) 85 9 9690-2985

Endereço: Av. da Abolição, nº 03, Centro, Redenção - CE

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres

O (A) Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada "NÓS" E "A GENTE": SALIÊNCIA, PERCEÇÃO E SIGNIFICADOS SOCIAIS NO ESTADO DO CEARÁ que tem como objetivo: Verificar a saliência, as percepções e os significados sociais atribuídos às variantes "nós" e "a gente" em posição de sujeito e de suas covariações com as possibilidades de concordância verbal em textos orais e escritos no português brasileiro por alunos e professores do Ensino Médio da rede pública de educação básica do estado do Ceará.

Este estudo é necessário para que os pesquisadores possam compreender as percepções e crenças atribuídas aos usos linguísticos no Estado do Ceará. Ao aceitar o convite, o (a) senhor (a) receberá informações sobre um falante imaginário. Em seguida, o (a) senhor (a) irá responder a algumas perguntas sobre esse falante. Por fim, serão solicitadas algumas informações que possibilitem caracterizar o perfil sociodemográfico dos participantes. Algumas dessas informações sociodemográficas são consideradas sensíveis (sexo/gênero e raça/etnia) e o participante tem o direito de optar por não respondê-las. Sua participação é completamente anônima e sigilosa. Em nenhum momento desta pesquisa serão solicitadas informações que possam identificar o participante. Ao assinar este termo, o (a) senhor (a) declara estar ciente que:

* As informações coletadas somente serão utilizadas para os objetivos da pesquisa;

* Apesar de mínimos, esta pesquisa apresenta alguns riscos ao participante, a saber: (i) risco de se sentir cansado enquanto responde ao questionário devido à quantidade de itens – você precisará dispor em torno de 7 minutos para resolução e (ii) risco de sentir-se ansioso frente à possibilidade de estigmatização de suas respostas

* Visando reduzir os riscos da pesquisa, os pesquisadores tomaram as seguintes medidas: (i) com relação ao cansaço e tempo despendido para as respostas, os pesquisadores buscaram incluir apenas as questões e variáveis de maior relevância para o estudo a fim de reduzir o tempo empregado nas respostas; também visando a praticidade e rapidez, os pesquisadores optaram pelo uso da ferramenta digital Google forms; há ainda a possibilidade de o participante suspender imediatamente o preenchimento do formulário, se assim desejar e (ii) com relação à possibilidade de estigmatização das respostas, salientamos o questionário não tem por objetivo obter respostas corretas ou incorretas; certas ou erradas, mas avaliações acerca dos fenômenos investigados, sobre os quais não se mensuram conhecimentos formais e/ou acadêmicos, e todas as questões propostas no questionário respeitam os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos;

* Os benefícios sociais coletivos desta pesquisa incluem: a expansão dos estudos acerca da avaliação e percepção dos falantes quanto ao uso dos pronomes "nós" e "a gente", contribuindo para o avanço científico e a indicação de possibilidades de estudos futuros por pesquisadores da área.

* A qualquer momento, o(a) senhor(a) pode solicitar as suas respostas ao formulário;

* O acesso às respostas do formulário não será autorizado a terceiros, exceto à equipe da pesquisa;

* O pesquisador assegura a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo utilização acadêmica específica das informações sem prejuízo das pessoas envolvidas;

* O (a) senhor (a) terá acesso a qualquer tempo às informações sobre procedimentos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para retirar eventuais dúvidas;

* O (a) senhor (a) tem o direito e a liberdade de negar-se a participar da pesquisa ou dela retirar-se quando assim desejar, sem que isto traga prejuízo moral, físico, social ou profissional;

* As informações e dados coletados serão divulgados, porém sua identidade será mantida no anonimato, bem como qualquer informação que possa identificá-lo (a);

https://docs.google.com/forms/d/1RW_MsRlygQ8bmWcl_JF2H26-MpGk3MWWdR6NSb0MT8/edit

5/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

* Enquanto participante, o(a) senhor(a) não receberá nenhum pagamento para participar da pesquisa, mas também não terá custos ou prejuízos;

* O (a) senhor(a) deve guardar em seus arquivos uma cópia eletrônica deste documento, que será enviado por e-mail. Opcionalmente, o(a) senhor(a) pode obtê-lo clicando aqui: <https://bit.ly/3f5vFXI>

* Para qualquer outro esclarecimento, eu, Kelli Schmiguel, mestrande do Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e pesquisadora principal deste projeto estarei disponível no endereço Av. da Abolição, nº03, Centro, Redenção-CE, Campus Liberdade, E-mail: kschmiguel@gmail.com. Telefone para contato: (85) 9 9690-2985;

* Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unilab (CEP/UNILAB). O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação às questões éticas desta pesquisa podem ser esclarecidas em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira no seguinte endereço: Sala 303 - 3º Andar, Bloco D - Campus das Auroras – Rua José Franco de Oliveira, s/n – CEP: 62.790-970, Redenção – Ceará – Brasil. Telefone para Contato: 3332.6190 - E-mail: cep@unilab.edu.br

Como a pesquisa será disponibilizada em meio eletrônico, após o aceite em participar da pesquisa, o participante receberá em seu e-mail este termo assinado pelos pesquisadores para guarda pessoal, a fim de relembrar os objetivos da pesquisa e cancelar sua participação a qualquer momento, caso assim desejar.

5. Declaro que li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo em participar da pesquisa.
 Não concordo e não gostaria de participar da pesquisa.

6. Por favor, digite seu e-mail para que possamos enviar uma cópia deste Termo de Consentimento. *

Formulário construído segundo Campbell_Kibler (2006); Freitag (2016); Freitas e Carvalho (2020); Oshiro (2015); Araújo (2016); Araújo (2020); Araújo, Araújo e Pereira (2020); Carvalho, Freitas e Favacho (2020); Naro, Górski e Fernandes (1999); Scherrie, Yacovenko e Naro (2018).

https://docs.google.com/forms/d/1RW_MsRlygQ8bmWcl_JF2H26-MpGk3MWWdR6NSb0MT8/edit

6/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

Pessoa 1

Considere uma pessoa com as seguintes características:

**Cearense
Mulher
Estudante do Ensino Médio**

7. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós terminamos se não me engano foi em setembro.
 A gente terminou acho que foi no meio do ano.
 Nós terminamos se não me engano foi em março.
 A gente terminamos acho que foi em 2018.

https://docs.google.com/forms/d/1RW_MsRlygQ8bmWcl_JF2H26-MpGk3MWWdR6NSb0MT8/edit

7/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

8. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- A gente pensa nos amigos de vez em quando.
 Nós pensa nos parentes às vezes.
 Nós pensamos nos vizinhos às vezes.
 A gente pensamos nos colegas de vez em quando.

9. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós tivemos um comércio naquela rua ali.
 A gente teve uma loja numa vez.
 Nós teve um mercantil naquela rua lá.
 A gente tivemos uma mercearia uma vez.

10. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós somos daqui da região mesmo.
 A gente é daqui da comunidade mesmo.
 Nós é daqui da cidade mesmo.
 A gente somos daqui da vizinhança mesmo.

https://docs.google.com/forms/d/1RW_MsRlygQ8bmWcl_JF2H26-MpGk3MWWdR6NSb0MT8/edit

8/32

11. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- A gente morava aqui já naquela época.
 Nós morava nessa rua em 2018.
 Nós morávamos naquela rua desde 2018.
 A gente morávamos aqui desde aquela época.

12. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Se a gente precisasse de um hospital, era um problema.
 Se nós precisasse de alguma coisa, não tinha nada por perto.
 Se nós precisássemos de qualquer coisa, só lá no centro.
 Se a gente precisássemos de um socorro, era bem difícil.

13. Essa pessoa tem: *

Marcar apenas uma oval.

- menos de 15 anos.
 de 15 a 18 anos.
 de 19 a 24 anos.
 de 25 a 49 anos.
 mais de 50 anos.

14. Essa pessoa é: *

Marcar apenas uma oval.

- Branca
 Preta
 Amarela
 Parda
 Indígena
 Outro: _____

15. Essa pessoa mora: *

Marcar apenas uma oval.

- em uma cidadezinha bem pequena no interior do Ceará.
 em uma cidade pequena do Ceará.
 em uma cidade média do Ceará.
 em uma cidade grande no interior do Ceará.
 em uma cidade da região metropolitana.
 em Fortaleza (capital).

16. Essa pessoa é: *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Dedicada
 Inteligente
 Desinteressada
 Tola
 Comunicativa
 Articulada
 Tímida
 Confusa
 Divertida
 Certinha
 Chata
 Bagunceira

Outro: _____

Formulário construído segundo Campbell_Kibler (2006); Freitag (2016); Freitas e Carvalho (2020); Oushiro (2015); Araújo (2016); Araújo (2020); Araújo, Araújo e Pereira (2020); Carvalho, Freitas e Favacho (2020); Naro, Górski e Fernandes (1999); Scherre, Yacovenko e Naro (2018).

Pessoa 2

Considere uma pessoa com as seguintes características:

**Cearense
Mulher
Professora de Português**

17. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós terminamos se não me engano foi em setembro.
 A gente terminou acho que foi no meio do ano.
 Nós terminou se não me engano foi em março.
 A gente terminamos acho que foi em 2018.

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

18. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- A gente pensa nos amigos de vez em quando.
 Nós pensa nos parentes às vezes.
 Nós pensamos nos vizinhos às vezes.
 A gente pensamos nos colegas de vez em quando.

19. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós tivemos um comércio naquela rua ali.
 A gente teve uma loja numa vez.
 Nós teve um mercantil naquela rua lá.
 A gente tivemos uma mercearia uma vez.

20. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós somos daqui da região mesmo.
 A gente é daqui da comunidade mesmo.
 Nós é daqui da cidade mesmo.
 A gente somos daqui da vizinhança mesmo.

https://docs.google.com/forms/d/1RW_MsRlygQ8bmWcLjFZH26-MpGk9MWKd8N5b6MT8/edit

13/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

21. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- A gente morava aqui já naquela época.
 Nós morava nessa rua em 2018.
 Nós morávamos naquela rua desde 2018.
 A gente morávamos aqui desde aquela época.

22. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Se a gente precisasse de um hospital, era um problema.
 Se nós precisasse de alguma coisa, não tinha nada por perto.
 Se nós precisássemos de qualquer coisa, só lá no centro.
 Se a gente precisássemos de um socorro, era bem difícil.

23. Essa pessoa tem: *

Marcar apenas uma oval.

- menos de 18 anos.
 de 18 a 24 anos.
 de 25 a 34 anos.
 de 35 a 44 anos.
 de 45 a 54 anos.
 55 anos ou mais.

https://docs.google.com/forms/d/1RW_MsRlygQ8bmWcLjFZH26-MpGk9MWKd8N5b6MT8/edit

14/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

24. Essa pessoa é: *

Marcar apenas uma oval.

- Branca
 Preta
 Amarela
 Parda
 Indígena
 Outro: _____

25. Essa pessoa mora: *

Marcar apenas uma oval.

- em uma cidadezinha bem pequena no interior do Ceará.
 em uma cidade pequena do Ceará.
 em uma cidade média do Ceará.
 em uma cidade grande no interior do Ceará.
 em uma cidade da região metropolitana.
 em Fortaleza (capital).

https://docs.google.com/forms/d/1RW_MsRlygQ8bmWcLjFZH26-MpGk9MWKd8N5b6MT8/edit

15/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

26. Essa pessoa é: *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Dedicada
 Inteligente
 Desinteressada
 Tola
 Comunicativa
 Articulada
 Tímida
 Confusa
 Divertida
 Certinha
 Chata
 Bagunceira

Outro: _____

Formulário construído segundo Campbell_Kibler (2006); Freitag (2016); Freitas e Carvalho (2020); Oushiro (2015); Araújo (2016); Araújo (2020); Araújo, Araújo e Pereira (2020); Carvalho, Freitas e Favacho (2020); Naro, Gorski e Fernandes (1999); Scherre, Yacovenco e Naro (2018).

https://docs.google.com/forms/d/1RW_MsRlygQ8bmWcLjFZH26-MpGk9MWKd8N5b6MT8/edithttps://docs.google.com/forms/d/1RW_MsRlygQ8bmWcLjFZH26-MpGk9MWKd8N5b6MT8/edit

16/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

Pessoa 3

Considere uma pessoa com as seguintes características:

**Cearense
Homem
Estudante do Ensino Médio**

27. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós terminamos se não me engano foi em setembro.
 A gente terminou acho que foi no meio do ano.
 Nós terminou se não me engano foi em março.
 A gente terminamos acho que foi em 2018.

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MeRlygQ8bmWclJFZH26-MpGk9MWKt8N5b9MT8/edit

17/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

28. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- A gente pensa nos amigos de vez em quando.
 Nós pensa nos parentes às vezes.
 Nós pensamos nos vizinhos às vezes.
 A gente pensamos nos colegas de vez em quando.

29. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós tivemos um comércio naquela rua ali.
 A gente teve uma lojinha uma vez.
 Nós teve um mercantil naquela rua lá.
 A gente tivemos uma mercearia uma vez.

30. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós somos daqui da região mesmo.
 A gente é daqui da comunidade mesmo.
 Nós é daqui da cidade mesmo.
 A gente somos daqui da vizinhança mesmo.

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MeRlygQ8bmWclJFZH26-MpGk9MWKt8N5b9MT8/edit

18/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

31. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- A gente morava aqui já naquela época.
 Nós morava nessa rua em 2018.
 Nós morávamos naquela rua desde 2018.
 A gente morávamos aqui desde aquela época.

32. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Se a gente precisasse de um hospital, era um problema.
 Se nós precisasse de alguma coisa, não tinha nada por perto.
 Se nós precisássemos de qualquer coisa, só lá no centro.
 Se a gente precisássemos de um socorro, era bem difícil.

33. Essa pessoa tem: *

Marcar apenas uma oval.

- menos de 15 anos.
 de 15 a 18 anos.
 de 19 a 24 anos.
 de 25 a 49 anos.
 mais de 50 anos.

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MeRlygQ8bmWclJFZH26-MpGk9MWKt8N5b9MT8/edit

19/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

34. Essa pessoa é: *

Marcar apenas uma oval.

- Branca
 Preta
 Amarela
 Parda
 Indígena
 Outro: _____

35. Essa pessoa mora: *

Marcar apenas uma oval.

- em uma cidadezinha bem pequena no interior do Ceará.
 em uma cidade pequena do Ceará.
 em uma cidade média do Ceará.
 em uma cidade grande no interior do Ceará.
 em uma cidade da região metropolitana.
 em Fortaleza (capital).

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MeRlygQ8bmWclJFZH26-MpGk9MWKt8N5b9MT8/edit

20/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

36. Essa pessoa é: *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Dedicada
 Inteligente
 Desinteressada
 Tola
 Comunicativa
 Articulada
 Tímida
 Confusa
 Divertida
 Certinha
 Chata
 Bagunceira

Outro: _____

Formulário construído segundo Campbell, Kibler (2006); Freitag (2016); Freitas e Carvalho (2020); Oushiro (2015); Araújo (2016); Araújo (2020); Araújo, Araújo e Pereira (2020); Carvalho, Freitas e Favacho (2020); Naro, Górski e Fernandes (1999); Scherre, Yacovenco e Naro (2018).

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MsRlygQ8bmWcLJFZH26-MpGk9MWKtR8N5b9MT8/edit

21/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

Pessoa 4

Considere uma pessoa com as seguintes características:

**Cearense
Homem
Professor de Português**

37. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós terminamos se não me engano foi em setembro.
 A gente terminou acho que foi no meio do ano.
 Nós terminou se não me engano foi em março.
 A gente terminamos acho que foi em 2018.

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MsRlygQ8bmWcLJFZH26-MpGk9MWKtR8N5b9MT8/edit

22/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

38. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- A gente pensa nos amigos de vez em quando.
 Nós pensa nos parentes às vezes.
 Nós pensamos nos vizinhos às vezes.
 A gente pensamos nos colegas de vez em quando.

39. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós tivemos um comércio naquela rua ali.
 A gente teve uma loja numa vez.
 Nós teve um mercantil naquela rua lá.
 A gente tivemos uma mercearia uma vez.

40. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Nós somos daqui da região mesmo.
 A gente é daqui da comunidade mesmo.
 Nós é daqui da cidade mesmo.
 A gente somos daqui da vizinhança mesmo.

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MsRlygQ8bmWcLJFZH26-MpGk9MWKtR8N5b9MT8/edit

23/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

41. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- A gente morava aqui já naquela época.
 Nós morava nessa rua em 2018.
 Nós morávamos naquela rua desde 2018.
 A gente morávamos aqui desde aquela época.

42. Essa pessoa fala qual ou quais das frases abaixo? *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Se a gente precisasse de um hospital, era um problema.
 Se nós precisasse de alguma coisa, não tinha nada por perto.
 Se nós precisássemos de qualquer coisa, só lá no centro.
 Se a gente precisássemos de um socorro, era bem difícil.

43. Essa pessoa tem: *

Marcar apenas uma oval.

- menos de 18 anos.
 de 18 a 24 anos
 de 25 a 34 anos.
 de 35 a 44 anos.
 de 45 a 54 anos
 55 anos ou mais.

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MsRlygQ8bmWcLJFZH26-MpGk9MWKtR8N5b9MT8/edit

24/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

44. Essa pessoa é: *

Marcar apenas uma oval.

- Branca
 Preta
 Amarela
 Parda
 Indígena
 Outro: _____

45. Essa pessoa mora: *

Marcar apenas uma oval.

- em uma cidadezinha bem pequena no interior do Ceará.
 em uma cidade pequena do Ceará.
 em uma cidade média do Ceará.
 em uma cidade grande no interior do Ceará.
 em uma cidade da região metropolitana.
 em Fortaleza (capital).

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MaRlygQ8bmWcLjFZH26-MpGk9MWKd8N5b8MT8/edit

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

48. Você tem: *

Marcar apenas uma oval.

- menos de 15 anos.
 de 15 a 18 anos.
 de 19 a 24 anos.
 de 25 a 49 anos.
 acima de 50 anos.

49. Você estuda: *

Marcar apenas uma oval.

- no Ensino Fundamental.
 no 1º ano do Ensino Médio.
 no 2º ano do Ensino Médio.
 no 3º ano do Ensino Médio.
 no Ensino Superior.

50. Qual é sua identificação de gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
 Masculino.
 Outro.
 Prefiro não responder.

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MaRlygQ8bmWcLjFZH26-MpGk9MWKd8N5b8MT8/edit

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

46. Essa pessoa é: *

(Assinale quantas julgar necessário)

Marque todas que se aplicam.

- Dedicada
 Inteligente
 Desinteressada
 Tola
 Comunicativa
 Articulada
 Tímida
 Confusa
 Divertida
 Certinha
 Chata
 Bagunceira

Perfil sociodemográfico dos participantes

As questões a seguir buscam coletar alguns dados para estabelecer um perfil social e demográfico dos participantes deste estudo. Vale ressaltar novamente que esta pesquisa é anônima e sigilosa. Nenhum dos dados a seguir permite identificar ou contatar o participante.

47. Você é *

Marcar apenas uma oval.

- Aluno (a) de escola pública do Ceará
 Professor (a) de escola pública do Ceará *Pular para a pergunta 57*
 Aluno (a) de escola particular do Ceará. *Pular para a pergunta 48*
 Professor (a) de escola particular do Ceará. *Pular para a pergunta 57*
 Aluno (a) de fora do Ceará. *Pular para a pergunta 48*
 Professor (a) de fora do Ceará. *Pular para a pergunta 57*

Dados sociodemográficos - aluno(a).

25/32

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MaRlygQ8bmWcLjFZH26-MpGk9MWKd8N5b8MT8/edit

26/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

51. Qual é sua cor / raça / etnia? *

Marcar apenas uma oval.

- Branca.
 Preta.
 Amarela.
 Parda.
 Indígena.
 Outra.
 Prefiro não responder.

52. Você mora no Ceará: *

Marcar apenas uma oval.

- Há 15 anos ou mais.
 Entre 10 e 14 anos.
 Entre 5 e 9 anos.
 Há menos de 5
 Eu não moro no Ceará.

53. Em qual cidade você mora? *

54. Você acha que no seu dia a dia você fala mais *

Marcar apenas uma oval.

- "nós" (nós vamos / nós estudamos).
 "a gente" (a gente vai / a gente estuda).

https://docs.google.com/forms/d/1jRW_MaRlygQ8bmWcLjFZH26-MpGk9MWKd8N5b8MT8/edit

27/32

28/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

55. Você acha que na escrita você usa mais *

Marcar apenas uma oval.

- "nós" (nós vamos / nós estudamos).
 "a gente" (a gente vai / a gente estuda).

56. Se você deseja consultar as referências completas utilizadas para a construção deste formulário, assinale a opção "Desejo consultar as referências". Caso julgue desnecessário, assinale a opção "Desejo finalizar a pesquisa sem consultar as referências". *

Marcar apenas uma oval.

- Desejo consultar as referências. *Pular para a seção 12 (Referências)*
 Desejo finalizar a pesquisa sem consultar as referências.

Dados sociodemográficos - professor (a).

57. Você tem: *

Marcar apenas uma oval.

- menos de 18 anos.
 de 18 a 24 anos.
 de 25 a 34 anos.
 de 35 a 44 anos.
 de 45 a 54 anos.
 55 anos ou mais.

58. Você é professor (a) de Português ou Redação para o Ensino Médio? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim.
 Não.

https://docs.google.com/forms/d/1JRW_MsRlygQ8bmWcLJFZH26-MpGk9MWK0t8N5b9MT8/edit

29/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

59. Qual é sua identificação de gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
 Masculino.
 Outro.
 Prefiro não responder.

60. Qual é sua cor / raça / etnia? *

Marcar apenas uma oval.

- Branca.
 Preta.
 Amarela.
 Parda.
 Indígena.
 Outra.
 Prefiro não responder.

61. Você mora no Ceará? *

Marcar apenas uma oval.

- Há 15 anos ou mais.
 Entre 10 e 14 anos.
 Entre 5 e 9 anos.
 Há menos de 5.
 Eu não moro no Ceará.

62. Em qual cidade você mora? *

https://docs.google.com/forms/d/1JRW_MsRlygQ8bmWcLJFZH26-MpGk9MWK0t8N5b9MT8/edit

30/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

63. Você acha que no seu dia a dia você fala mais *

Marcar apenas uma oval.

- "nós" (nós vamos / nós estudamos).
 "a gente" (a gente vai / a gente estuda).

64. Você acha que na escrita você usa mais *

Marcar apenas uma oval.

- "nós" (nós vamos / nós estudamos).
 "a gente" (a gente vai / a gente estuda).

65. Se você deseja consultar as referências completas utilizadas para a construção deste formulário, assinale a opção "Desejo consultar as referências". Caso julgue desnecessário, assinale a opção "Desejo finalizar a pesquisa sem consultar as referências". *

Marcar apenas uma oval.

- Desejo consultar as referências. *Pular para a seção 12 (Referências)*
 Desejo finalizar a pesquisa sem consultar as referências.

https://docs.google.com/forms/d/1JRW_MsRlygQ8bmWcLJFZH26-MpGk9MWK0t8N5b9MT8/edit

31/32

27/07/2021

Pesquisa sobre percepções e crenças linguísticas no Estado do Ceará.

ARAÚJO, Marden Alyson Matos de. Será que a gente usa mais o nós? Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. 148 f.

_____. Marden Alyson Matos de. Nós e a gente no falar dos fortalezenses. In: ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakele de Bezerra Macedo; PEREIRA, Lidiane de Sousa Pereira (Orgs). Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza – CE. EdUECE: Fortaleza, 2020, p. 143-172.

ARAÚJO, Marden Alyson Matos de; ARAÚJO, Aluiza Alves de; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. A competição entre nós e a gente no falar popular de Fortaleza. VIANA, Rakele Beserra de Macedo; RODRIGUES, Lorena da Silva; PONTES, Valdecy de Oliveira; CARVALHO, Hebe de Macedo. (Orgs). Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 104-123.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. Listener perceptions of the sociolinguistic variables: the case of (ing). Tese (doutorado). Stanford University, Palo Alto, 2006. 282f.

CARVALHO, Hebe Macedo de; FREITAS, Maylle Lima; FAVACHO, Larissa de Lima. A variação dos pronomes sujeitos nós e a gente: a fala culta de Fortaleza em cena. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 14, n. 27, 2020, p. 30-45. | e-ISSN 1982-291X | ISSN 2317-3475.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. Delta, 32.4, 2016, p. 889-917.

FREITAS, Maylle Lima; CARVALHO, Hebe Macedo de. Quem somos nós e quem é a gente?: uma abordagem de avaliação linguística e social da variável de primeira pessoa plural. VIANA, Rakele Beserra de Macedo; RODRIGUES, Lorena da Silva; PONTES, Valdecy de Oliveira; CARVALHO, Hebe de Macedo. (Orgs). Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 124-143.

NARO, A. J.; GÓRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. Language Variation and Change, v. 11, p. 197-211, 1999.

OUSHIRO, Livia. Identidade na pluralidade. Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Artes. Departamento de Linguística. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. São Paulo, 2015. 394p.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C.; NARO, A. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. Estudos de Linguística Galega, v. especial I, ed. F. Cidrás, F. Dubert and X. L. Regueira, 2018, p. 13-27.

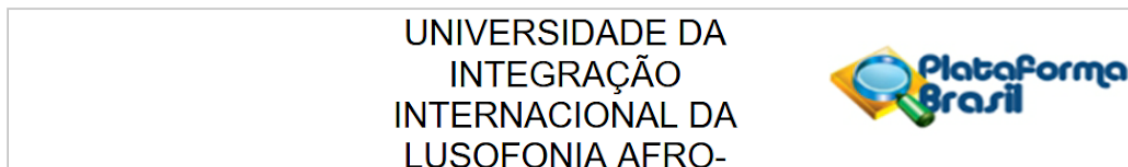
Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

https://docs.google.com/forms/d/1JRW_MsRlygQ8bmWcLJFZH26-MpGk9MWK0t8N5b9MT8/edit
https://docs.google.com/forms/d/1JRW_MsRlygQ8bmWcLJFZH26-MpGk9MWK0t8N5b9MT8/edit

32/32

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "NÓS" E "A GENTE": SALIÊNCIA, PERCEPÇÃO E SIGNIFICADOS SOCIAIS NO ESTADO DO CEARÁ.

Pesquisador: KELLI SCHMIGUEL

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 46600121.2.0000.5576

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DA INTEGRACAO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.889.203

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa (nível mestrado) submetido tem como foco o estudo da recepção subjetiva (que considera a reação do informante sobre a variável pesquisada, com o menor índice de interferências possíveis), de estudantes e professores do Ensino Médio da rede pública de educação básica do Estado do Ceará, mediante exposição a diferentes situações e emissores que expressam o “uso das variantes “nós” e “a gente” em posição de sujeito e de suas covariações com as possibilidades de concordância verbal em textos orais e escritos no português brasileiro”.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisadora destaca como objetivo primário:

Verificar a saliência, as percepções e os significados sociais atribuídos às variantes “nós” e “a gente” em posição de sujeito e de suas covariações com as possibilidades de concordância verbal em textos orais e escritos no português brasileiro por alunos e professores do Ensino Médio da rede pública de educação básica do estado do Ceará.

Como objetivos secundários constam:

- a) Fazer o levantamento dos estudos de frequência de uso das variantes “nós” e “a gente” e da covariação das formas com a concordância verbal no estado do Ceará a fim de obter dados sobre a distribuição sociodemográfica das variantes no estado.
- b) Verificar por meio de estudos de reação subjetiva a saliência, a percepção e os significados

Endereço: Avenida da Abolição, 3 ,Sala 303, 3º Andar, Bloco D, Campus das Auroras , Rua José Franco de Oliveira, s/n	
Bairro: Centro Redenção	CEP: 62.790-970
UF: CE	Município: REDENCAO
Telefone: (85)3332-6190	E-mail: cep@unilab.edu.br

UNIVERSIDADE DA
INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-



Continuação do Parecer: 4.889.203

sociais atribuídos ao uso das variáveis “nós” e “agente” em posição de sujeito por alunos e professores do Ensino Médio da rede pública de educação básica do estado do Ceará em textos orais e escritos nos diversos níveis de formalidade.

c) Verificar por meio de estudos de reação subjetiva a saliência, a percepção e os significados sociais atribuídos ao uso das variáveis “nós” e “a gente” em posição de sujeito em covariação com a presença ou ausência de marca morfêmica na concordância verbal por alunos e professores do Ensino Médio da rede pública de educação básica do estado do Ceará em textos orais e escritos nos diversos níveis de formalidade.

d) Comparar os dados dos estudos de frequência de uso e de covariação com a presença ou ausência de marca morfêmica na concordância verbal das variantes “nós” e “a gente” no estado do Ceará com os dados de saliência, percepção e significados sociais obtidos no estudo de reação subjetiva realizado com alunos e professores do Ensino Médio da rede pública de educação básica do estado do Ceará em textos orais e escritos nos diversos níveis de formalidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Como riscos relativos à participação na pesquisa e as medidas de minimização dos mesmos, a pesquisadora informa, nos termos de consentimento e assentimento:

"Apesar de mínimos, esta pesquisa apresenta alguns riscos ao participante, a saber: (i) risco de se sentir cansado enquanto responde ao questionário devido à quantidade de itens – você precisará dispor em torno de 7 minutos para resolução e (ii) risco de sentir-se ansioso frente à possibilidade de estigmatização de suas respostas.

Visando reduzir os riscos da pesquisa, os pesquisadores tomaram as seguintes medidas: (i) com relação ao cansaço e tempo despendido para as respostas, os pesquisadores buscaram incluir apenas as questões e variáveis de maior relevância para o estudo a fim de reduzir o tempo empregado nas respostas; também visando a praticidade e rapidez, os pesquisadores optaram pelo uso da ferramenta digital Google forms; há ainda a possibilidade de o participante suspender imediatamente o preenchimento do formulário, se assim desejar e (ii) com relação à possibilidade de estigmatização das respostas, salientamos que o questionário não tem por objetivo obter respostas corretas ou incorretas; certas ou erradas, mas avaliações acerca dos fenômenos investigados, sobre os quais não se mensuram conhecimentos formais e/ou acadêmicos, e todas as questões propostas no questionário respeitam os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos".

Como benefícios do estudo a pesquisadora destaca:

Endereço: Avenida da Abolição, 3 ,Sala 303, 3º Andar, Bloco D, Campus das Auroras ç, Rua José Franco de Oliveira, s/n
Bairro: Centro Redenção **CEP:** 62.790-970
UF: CE **Município:** REDENCAO
Telefone: (85)3332-6190 **E-mail:** cep@unilab.edu.br

UNIVERSIDADE DA
INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-



Continuação do Parecer: 4.889.203

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória estão presentes e com adequação, inclusive, TCLEs (para professores e pais ou responsáveis) e TALE (para estudantes menores de 18 anos).

A pesquisadora atendeu às recomendações constantes no último parecer e, conforme as “Orientações para a redação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e/ou Termo de Fiel Depositário (TFD) e/ou Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE)” e Resoluções da CONEP 510/2016 e 466/2012, foram incluídos:

- título da pesquisa, local e data;
- esclarecimento de que o convidado não receberá nenhum pagamento por participar da pesquisa;
- está assegurada no texto a garantia de que as informações coletadas serão usadas apenas para a realização da pesquisa e a possibilidade de que a qualquer momento o participante terá acesso às informações sobre os procedimentos e benefícios relacionados ao estudo, inclusive para resolver dúvidas que possam surgir;
- esclarecimento de que, em caso de dúvidas, o participante deve contatar o responsável pela pesquisa, com o nome completo, instituição, endereço e telefone para contato indicados nos termos;
- informação de que, em caso de dúvida sobre a participação na pesquisa, o participante poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNILAB.

As medidas de minimização dos riscos estimados quanto à participação na pesquisa foram reelaboradas no texto, conforme solicitação anterior.

Está presente nos TCLEs e TALE o esclarecimento a respeito da importância do participante de pesquisa guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico.

Como a pesquisa em ambiente virtual envolve também a participação de menores de 18 anos, a pesquisadora informa que o primeiro contato para consentimento será realizado com os pais e/ou responsáveis e, a partir da sua concordância, buscar-se-á o assentimento do menor de idade. A pesquisadora esclarece que os participantes da pesquisa menores de 18 anos só terão acesso ao questionário após prévia autorização dos pais e/ou responsáveis.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não constam pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Avenida da Abolição, 3 ,Sala 303, 3º Andar, Bloco D, Campus das Auroras ı Rua José Franco de Oliveira, s/n
Bairro: Centro Redenção **CEP:** 62.790-970
UF: CE **Município:** REDENCAO
Telefone: (85)3332-6190 **E-mail:** cep@unilab.edu.br

UNIVERSIDADE DA
INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-

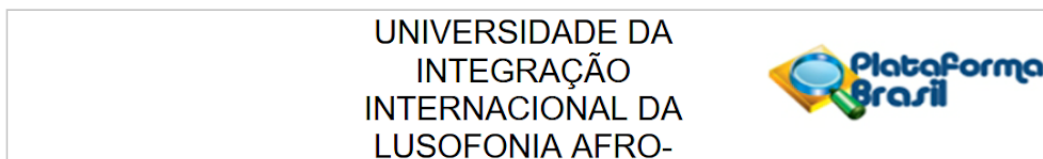


Continuação do Parecer: 4.889.203

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1741837.pdf	28/07/2021 11:40:32		Aceito
Outros	Formulario_TCLE_pais_menores18anos.pdf	28/07/2021 11:38:28	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Outros	Questionario_Percepcoes_crenças_linguísticas_Pendencias_versao2.pdf	28/07/2021 11:35:28	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Outros	Carta_resposta_Pendencias_versao2.pdf	28/07/2021 11:34:14	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_pais_responsaveis_Pendencias_versao2.pdf	28/07/2021 11:33:39	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_maiores18anos_Pendencias_versao2.pdf	28/07/2021 11:33:01	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_menores18anos_Pendencias_versao2.pdf	28/07/2021 11:32:40	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPesquisa_Pendencias_versao2.pdf	28/07/2021 11:32:02	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	09/07/2021 16:18:56	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_Concordancia_Institucional.pdf	09/07/2021 16:07:16	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_08_07_21.pdf	09/07/2021 16:00:15	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Outros	9_2_Curriculo_Fabio_Fernandes_Torres.pdf	06/05/2021 17:12:37	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Outros	9_1_Curriculo_Lattes_Kelli_Schmiguel.pdf	06/05/2021 17:11:10	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Orçamento	8_Declaracao_ausencia_onus.pdf	06/05/2021 17:09:54	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Outros	6_2_Declaracao_.pdf	06/05/2021 17:04:22	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	6_1_Carta_de_concordancia_Coordenacao.pdf	06/05/2021 17:03:18	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Declaração de Pesquisadores	4_Carta_Concordancia_Pesquisadores.pdf	06/05/2021 17:01:44	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
Solicitação	1_Carta_encaminhamento_CEP.pdf	06/05/2021	KELLI SCHMIGUEL	Aceito

Endereço: Avenida da Abolição, 3 ,Sala 303, 3º Andar, Bloco D, Campus das Auroras ç Rua José Franco de Oliveira, s/n
Bairro: Centro Redenção **CEP:** 62.790-970
UF: CE **Município:** REDENCAO
Telefone: (85)3332-6190 **E-mail:** cep@unilab.edu.br



Continuação do Parecer: 4.889.203

Assinada pelo Pesquisador Responsável	1_Carta_encaminhamento_CEP.pdf	16:54:40	KELLI SCHMIGUEL	Aceito
---------------------------------------	--------------------------------	----------	-----------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

REDENCAO, 06 de Agosto de 2021

Assinado por:
EMANUELLA SILVA JOVENTINO MELO
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida da Abolição, 3 ,Sala 303, 3º Andar, Bloco D, Campus das Auroras e Rua José Franco de Oliveira, s/n Bairro: Centro Redenção CEP: 62.790-970 UF: CE Município: REDENCAO Telefone: (85)3332-6190 E-mail: cep@unilab.edu.br
